

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

QUEBRANGULO, TERRA E GENTE

QUEBRANGULO • ALAGOAS • 2022

Realização

Prefeitura Municipal de Quebrangulo

Prefeito - Marcelo Ricardo Vasconcelos Lima

Vice-prefeito - Emanuel Cardoso de Albuquerque

Projeto gráfico e diagramação

Ronaldo Pontes

Imagens

Fototeca do Arquivo Público de Alagoas
e Acervo Pessoal de Marcelo Lima

Gráfica

Grafmarques

R672q Rocha, José Maria Tenório 1944-
Quebrangulo, Terra e Gente José Maria Tenório Rocha-
Maceió-AL : Gráfica, 2022
384p.: il.; 21 cm.

Bibliografia.

1. Cultura popular 2. História de Quebrangulo Alagoas
I. Título.

CDD 981.35
CDU 930.85(813.5)

Sumário

| | |
|---|----|
| PALAVRAS DO PREFEITO MARCELO LIMA | 7 |
| A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO HISTÓRICO | 9 |
| APRESENTAÇÃO | 11 |
| 1 - QUEBRANGULO - CERTAS ORIGENS | 15 |
| Para Quebrangulo, Outra Versão Toponímica | 16 |
| Théo Brandão - Autor do Brasão e Bandeira de Quebrangulo | 19 |
| Pedro Teixeira de Vasconcelos - Um dos autores do Hino de Quebrangulo | 21 |
| Juvenal Lópes - Um Dos Autores Do Hino De Quebrangulo | 22 |
| À Terra do Meu Pai | 25 |
| 2 - ASPECTOS HISTÓRICOS GERAIS | 33 |
| A Praça da Independência | 34 |
| A Cadeia Pública em Quebrangulo | 36 |
| Dia de Quebrangulo | 37 |
| O Fundador da Família Maia, de Viçosa | 40 |
| Apolinário Rabelo Pereira Torres | 42 |
| Frederico Rabelo Maia | 46 |
| 3 - FIGURAS ILUSTRES | 51 |
| João Leão Feitosa, o Empreendedor | 52 |
| José Horácio construtor de Prédios e Pontes | 55 |
| Lourencinho, Simples e Amigo | 58 |
| Dr. Amarílio, entre Leis e Poesias | 60 |

| | |
|--|-----|
| Paulo Jacinto Tenório - Barão de Palmeira Dos Índios | 62 |
| Dr. Alfredo Prímola | 68 |
| Dra. Eleusa Passos Tenório Teixeira | 69 |
| Dr. José Rosalvo Costa | 71 |
| Tenório Cavalcanti | 74 |
| Edmundo Ramires Saldanha | 77 |
| Dr. Jerônimo da Cunha Lima | 79 |
| Os Cem Anos de D. Maria Soares Tenório | 81 |
| João Teixeira Cavalcante | 83 |
| Manuel Fiel Filho | 86 |
| Luiz B. Torres - Entre o Sentimento Telúrico e o Respeito pelos Deserdados da Sorte, A Construção de Obra Sólida e Multifacetada | 94 |
| Julita Leão e suas histórias vividas | 108 |
| Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque | 147 |
| Lilite, A Memória Histórica de Quebrangulo | 150 |
| Filomena Goette: Uma Alemã em Quebrangulo! | 152 |
| 4 - O CONHECIMENTO POPULAR | 155 |
| Lá vem Zé Miúdo! | 156 |
| Dona Glória | 158 |
| Salve o Nêgo Duda! | 159 |
| O Boi de Zé Lica | 160 |
| A Marujada de João Honório | 164 |

| | |
|---|-----|
| Mestre Paulo Gouveia | 166 |
| A Macaíba da Negra da Costa | 169 |
| Negras da Costa, uma Bibliografia | 171 |
| Manoel do Açúcar e Dona Anália | 173 |
| Bila, a Oráculo de Quebrangulo | 175 |
| Dona Maria do Aprígio | 176 |
| Água na Rodagem | 178 |
| Carestia | 179 |
| Os Abecês de Guacheba e de João Cego | 181 |
| Seu Bilu, Mestre Ferreiro | 193 |
| Dona Filó e seus Bolinhos Maravilhosos! | 195 |
| A Dona do Cinema, o Pum e as Crianças | 197 |
| Flandileiro na Praça | 201 |
| João Três Dias | 203 |
| Vaneuso, de Quebrangulo para o Mundo! | 207 |
| 5 - EDUCAÇÃO E CULTURA | 209 |
| Ginásio de Quebrangulo | 210 |
| Salve Zezé Menande! Salve! | 214 |
| O Teatro em Quebrangulo | 216 |
| Cantor Kara Véia e suas Raízes em Quebrangulo: Quando a Arte se Transmuda em Tragédia! | 219 |
| Mano Walter, Compositor, Cantor, Engenheiro: O Fenômeno das Vaquejadas! | 227 |

| | |
|---|-----|
| Vandete José e Dija | 231 |
| 6 - ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE | 233 |
| Padre Moisés Dos Anjos | 234 |
| João Sacristão | 236 |
| Natalício Medeiros e Dona Conceição | 237 |
| 7 - MESTRE GRACILIANO - DE QUEBRANGULO PARA O MUNDO! | 239 |
| 8 - UMA LEITURA DESCOMPROMISSADA NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS | 269 |
| 9 - PRAZER EM CONHECER: PACÍFICO PACATO CORDEIRO MANSO | 295 |
| 10 - PÁGINA DE SAUDADE | 341 |
| Lourenço Lima | 344 |
| Pedro de Barros Lima | 346 |
| Geraldo Passos Lima | 348 |
| Rosival Medeiros | 350 |
| Maria José de Barros Lima | 351 |
| 11 - UMA PRINCESINHA EM QUEBRANGULO POSFÁCIO | 353 |
| DOCUMENTÁRIO FOTOGRÁFICO | 365 |
| REFERÊNCIAS | 377 |

PALAVRAS DO PREFEITO MARCELO LIMA

O que leva um homem a dedicar sua vida inteira pesquisando e desvendando a história da sua terra natal e da sua gente?

Esta determinação não é movida por nenhum interesse material, pois se o fosse não teria acontecido, já que não haveria a menor possibilidade de auferir qualquer recompensa material por este trabalho.

Eu e o José Maria tivemos em comum a mesma professora do curso primário, Ana Maria Vasconcelos. Como ele revela em um dos seus livros, foi através dela que surgiu o estímulo necessário para querer descobrir as nossas origens. Esta busca nos leva a querer saber mais e mais sobre a nossa terra e a nossa gente e trazer respostas para as nossas dúvidas e indagações.

José Maria se transformou no guardião da nossa história. Tudo que se relaciona com Quebrangulo é imediatamente estudado e arquivado pelo nosso historiador. As conversas com os conterrâneos logo se transformam em texto e motivo de pesquisa.

No início da década de 70, presenciei na sala de jantar da minha casa as longas reuniões e conversas do escritor com a sua professora sobre as pesquisas que o mesmo estava empreendendo em Maceió, na biblioteca pública, nos arquivos dos jornais, no Instituto Histórico e onde necessário fosse para desvendar as nossas origens e a nossa história.

Destas reuniões, surgia o caderno de História de Quebrangulo da professora Ana Maria, com as informações básicas da nossa origem e de fatos importantes da nossa história. Tudo era transferido para o quadro negro e por seus alunos copiados em cadernos escolares, aproximava-se

a data do centenário de Quebrangulo (1972) e na visão da professora seus alunos tinham a obrigação de conhecer a história da sua terra natal.

O que seria de nós se não tivéssemos em nossas comunidades pessoas assim? A vida ficaria pequena e cheia de perguntas sem respostas.

A história é motivo de orgulho ou do repensar de um povo, de uma forma ou de outra ela nos preenche e nos leva a um caminho melhor.

Neste segundo livro, José Maria continua a nos brindar, resgatando a história e imortalizando tantos personagens que contribuíram com a nossa sociedade, desde os mais simples e pitorescos como: Carestia e Guacheba, até os mais influentes e responsáveis pelo desenvolvimento econômico e cultural do nosso município.

A nossa geração está completando a jornada, deixando este legado histórico. Acredito que a nova geração está pronta e dará continuidade a esta tarefa de amor e dedicação ao seu torrão natal. Serão eternamente reconhecidos como os guardiões das nossas memórias coletivas.

Que este livro venha servir aos nossos professores para estimular os seus alunos a pesquisar e aumentar o seu amor pela sua terra, foi assim que nossa geração aprendeu.

Obrigado professora Ana Maria!

Obrigado meu querido Amigo e Guardião da nossa história Jose Maria Tenório Rocha!

Boa leitura a todos!

Marcelo Ricardo Vasconcelos Lima

A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO HISTÓRICO

O município de Quebrangulo mantém, em várias áreas do saber, uma tradição acentuadamente cultural a partir da Literatura de Graciliano Ramos, reconhecido como um dos melhores escritores da língua portuguesa de todos os tempos. No item Folclore também é forte, com seus folguedos e tipos regionais que somados à memória dos engenhos de açúcar e de seu entorno sociocultural aumentam o elenco dos principais elementos formadores da sociedade local.

O professor doutor José Maria Tenório Rocha, também nascido em Quebrangulo, vem registrando a vida cotidiana de seus conterrâneos, bem como fatos importantes da história deste Município, com seu agudo poder de observação e sua experiência de pesquisador atento e grande conhecedor da memória alagoana.

Em 1996, à frente da Prefeitura do Município, o então prefeito Marcelo Lima publicou o livro *Quebrangulo, Quebrangulo, Sempre Serás*, da autoria de José Maria, abrindo uma série de caminhos informativos sobre a participação de Quebrangulo na vida alagoana. Apesar da consistência e da abordagem do texto, novamente Marcelo Lima, à frente da prefeitura local, sentiu que muito ainda se tinha a registrar para que os quebrangulenses tivessem um panorama da importância do Município e das diversas personalidades que contribuíram com o seu desenvolvimento social, político e econômico.

Ninguém melhor do que o próprio professor José Maria Tenório

para dar continuidade à pesquisa e estender o raio de informações. Procurado pelo prefeito, de imediato aceitou o convite e trouxe o texto que agora sai publicado sob o título Quebrangulo, Terra e Gente. Com seu estilo coloquial e familiar, gostoso de ser lido, a nova publicação é a cara dos quebrangulenses. A intensão foi exatamente esta: livro para os quebrangulenses nele se reconhecerem.

Que cada um se identifique, relembre os personagens, ria, chore, atice as lembranças e tenha nele uma espécie de diário comunitário, como se todos tivessem participado desta escrita, porque todos vão se encontrar em seu conteúdo. Que as professoras e professores tenham nele uma ferramenta capaz de transmitir à juventude traços da história local, de forma leve, agradável e consistente.

A iniciativa do prefeito Marcelo Lima é digna de nosso reconhecimento, porque só acreditamos no real desenvolvimento de um Município, de um Estado ou de um País, pelo caminho da Educação e do Conhecimento. Neste percurso, entendemos que o respeito às tradições, registrado neste livro, serve de alicerce ao avanço das novas gerações com vistas a um futuro mais humanizado.

Assim, vemos esta publicação como um atestado de amor à Terra e tributo de gratidão do prefeito Marcelo a todos e todas que acreditaram na sua capacidade de conduzir, mais uma vez, o destino do seu Quebrangulo tão amado.

Cármem Lúcia Dantas

APRESENTAÇÃO

Revisar, repensar deveriam ser palavras de ordem quando se fala em pesquisa. De fato, o ato de pesquisar nunca termina. Encarar essa realidade é a coisa mais importante, pois aquele que acha que terminou a prática da pesquisa está completamente equivocado, uma vez que nossas verdades são verdades provisórias; daqui há pouco outras verdades aparecerão desfazendo daquelas, e nem por isso devemos parar de pesquisar!

Quando demos por terminada a pesquisa que resultou na alentada publicação que foi intitulada “Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás!” (Prefeitura Municipal de Quebrangulo, 1996, 602 p. Ilustr.), ou quando terminamos a tese de doutoramento de título: “As Bandas-de-Pífanos do Nordeste do Brasil, em uma perspectiva histórico-cultural”, Universidade de São Paulo-USP, 2002, sabíamos que ainda muita coisa precisava ser feita.

Na hora de falarmos terminamos a pesquisa, é hora de afirmar: está na hora de começar tudo de novo. Poucos meses depois de publicado o livro, estávamos encontrando brechas que poderiam ser preenchidas. E de fato, o volume de informações é muito grande, não poderia ser feito apenas por um só indivíduo, que até hoje, infelizmente trabalha sem equipe.

A organização dessa monografia e as respostas dadas por ela correspondem a um trabalho individual e, seriam dadas outras respostas, se a equipe funcionasse com vontade e gosto, pretendendo dar bons fru-

tos; muito ao contrário do trabalho pachorrento individual, descompromissado, que traz a marca da solidão, da falta de verbas e, sobretudo, a falta de compromisso daqueles que poderiam ajudar nas tarefas.

Em todas as pesquisas que realizamos, chegamos a contar com má vontade daqueles que entendemos que, poderiam nos dar dados ou informações, que enriqueceriam o trabalho; tal informe prestado poderia levar o pesquisador a desfazer quantas dúvidas ou inseguranças. Certos possíveis informantes entendem que se nos desse tal informe, o pesquisador poderia ficar milionário!

O conhecimento pelo conhecimento, a verdade pela verdade é coisa não levada em consideração por certas pessoas que dizem: “Deixa ele se virar!” ou “Ele que procure a resposta...”.

A presente monografia é uma espécie de continuação da primeira e longe, muito longe está de esgotar o tema. São, aliás, achegas que trazem uma continuidade, complementando certos informes, que serão repensados proximamente.

Quantos relatos poderiam estar aqui, e quanta gente se esconde, com acanhamento de mostrar as suas produções, entendendo que o que produziu não tem a menor importância.

Esse fato é semelhante aquele que foi processado em minha sala de aula, há anos passados. A aula era ministrada no Curso de Educação Artística do Cesmac. Tudo ia sendo processado normalmente, como deveriam ser todas as aulas, quando de repente chega uma aluna com uma caixa de sapato meio rota e diz: “A minha avó estava fazendo uma

limpeza em casa e pretende jogar no lixo esse amontoado de folhetos. Eu disse: “Não, vó. Deixe eu levar para o meu professor que gosta dessas coisas que ninguém mais gosta”.

Abri a caixa ali mesmo e comecei a examinar cada folheto e depois de ter visto uns vinte deles, descobri o folheto Despedidas e adeus. Meu último livro, livreto de autoria do poeta quebrangulense Cordeiro Manso, que eu procurava há mais de trinta anos! Fiquei boquiaberto. Não sabia o que dizer, olhava o folheto com olhos bem arregalados. A aluna disse: “O que foi professor? Não quer os folhetos?”

É. É duro! Quando esse pessoal vai resolver valorizar a cultura nordestina?

Aqui está mais um esforço, que como diz a música: Você só vai entender, quando chegar em casa, muito tempo depois...

José Maria Tenório Rocha

QUEBRANGULO - CERTAS ORIGENS

1

Para Quebrangulo, outra versão Toponímica

O pesquisador e biógrafo Ruy Castro, na obra *Estrela solitária*, um brasileiro chamado Garrincha, São Paulo: Companhia das Letras, 1995:11, tenta provar ser José Francisco dos Santos, avô do jogador Garrincha, índio fulniô, de Águas Belas, e ter nascido em Quebrangulo, a terra então chamada pelos índios de Laí- E e fá, dada diáspora existente a partir de 1860, quando os índios, obrigados, saíram das suas terras, e andaram em procura de um lugar aprazível para viver.

Para Ruy Castro: “A diáspora fulniô espalhou descendentes mestiços pelo Brasil inteiro. Os bisavós de Garrincha estavam provavelmente entre os primeiros que saíram de Águas Belas, por volta de 1865, desceram 45 quilômetros seguindo o curso do rio Ipanema e tentaram fixar-se em Santana do Ipanema, já em Alagoas.

“Chegaram até a formar uma aldeia, mas, talvez por uma nova dispersão, muitos dobraram à esquerda e atingiram as proximidades de União dos Palmares, na Serra da Barriga. Ali foram finalmente capturados e levados para os engenhos e fazendas de um lugar vizinho, do qual não mais saíram. A esse lugar os fulniôs (sic) deram o nome de Laí- E efá - significando aproximadamente: ‘quebro e engulo’. Era como eles entendiam o nome pelo qual os brancos o chamavam: Quebrangulo”.

“A dispersão só seria estancada quase cinquenta anos depois, em 1914, quando o governo de Pernambuco devolveu parte das terras de Águas Belas aos fulniôs (sic) remanescentes. Mas a essa altura, muitos

daqueles primeiros desaldeados já haviam morrido. E os filhos deles - um dos quais José Francisco dos Santos, que viria a ser o avô de Garrincha - já eram então fulniôs (sic) de meia idade, nascidos nas fazendas e, eles próprios, pais de filhos adultos e capazes, distantes de sua origem”.

No caso de José Francisco dos Santos e seus filhos, mais distantes que os meros cem quilômetros que separavam Quebrangulo de Águas Belas:

“José (ou Xirê, em iatê) deve ter nascido entre 1865 e 1875, talvez na própria Quebrangulo, filho daquela primeira leva de fulniôs (sic) apanhados na Serra da Barriga. Não se conhece o registro de seu nascimento ou de como se chamavam seus pais. Sabe-se que estes ganharam como sobrenome o nome do seu captor, Francisco dos Santos. Era de praxe dar aos índios o nome do apresador, para mais fácil identificação em caso de extravio”. CASTRO, 1995:11).

CONSIDERAÇÕES NOSSAS EM TORNO DE TAL VERSÃO

Em nossas exaustivas pesquisas sobre antiguidades de Quebrangulo ou a respeito de etnias formadoras da sociedade quebrangulense, nunca encontramos a menor referência à denominação proposta do LAI-E FA dos fulniô!

Também não estamos a negar a existência de tal denominação, afinal, a ida e vinda de povos, de um lado para o outro, em busca de melhores condições de vida, é um fenômeno natural e muito antigo; desde o parco conhecimento que temos da pré-história, partindo de outras eta-

pas, o fato é notório.

O que entendemos estranho é que tanto a história oficial, tão atenta, como os relatos orais, não tiveram condição de falar ou registrar tal fato. Afinal, 1860, 1870, já era tempo dos registros de existência de uma comunidade que tinha progresso! Em 1801, nas Antigas Referências à Quebrangulo, a pequena sociedade dá provas de vida e de trabalho duro.

No estudo exaustivo, já clássico, desenvolvido pelo antropólogo alagoano-pernambucano Estevão Pinto, de título Etnologia brasileira (Fulniô - os últimos tapuias). São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1956. Coleção Brasileira n. 285, o pesquisador não faz a menor referência a diáspora fulniô, fato que se estivesse presente na memória dos remanescentes índios no período da pesquisa de campo, sairia sem dúvidas; estamos - repetamos - não a negar o fato, mas buscando provas cabíveis, que esperamos apareçam!

É muito interessante a proposta toponímica dos fulniô contidas em CASTRO, mas é sumamente necessário e urgente que consigamos dados concretos para nos dar força, certeza e credibilidade, afinal, de grosso modo se diz, amiúde: tudo no Brasil está para ser repensado; refeito e redescoberto!

Théo Brandão - Autor do Brasão e Bandeira de Quebrangulo

Théo Brandão é a abreviatura de Theotônio Vilela Brandão, que nasceu em Viçosa (AL) e desenvolveu suas atividades profissionais em Maceió. Graduiu-se como médico pela Faculdade de Medicina da Bahia e na do Rio de Janeiro, nesta graduando-se em Farmácia. Pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, doutorou-se em 1930.

Por seus estudos de antropologia e folclore, recebeu o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras (1950) e o Prêmio Mário de Andrade, da Prefeitura Municipal de São Paulo (1949 e 1958); Prêmio - Cidade de Maceió, da ACADEMIA Alagoana de Letras (1961).

Sócio efetivo do Instituto Histórico de Alagoas, membro da Academia Alagoana de Letras e presidente da Comissão Alagoana de Folclore e profundo conhecedor da História de Alagoas, sendo o autor do Brasão de Armas do Estado e do Brasão do município de Quebrangulo, devido aos seus conhecimentos heráldicos. Com a criação do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), recebeu o título de Professor Emérito da dita Universidade.

Publicou: Folclore de Alagoas, 1949; O Reisado Alagoano, 1954; Trovas Populares de Alagoas, 1951; a obra de Ricarte, Revista Douro Litoral, Porto, Portugal, 1959; La Condessa, na Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, Madrid, 1956; Cantos e Ritos Funerários de Alagoas, Nápolis, 1956; Mouros e Cristãos nas Alagoas, Madrid, 1960; Folguedos

Natalinos de Alagoas, 1962, 2ª edição 1973; Cavalhadas de Alagoas, 1978.

Vale lembrar a aproximação territorial e administrativa entre o município onde nasceu Graciliano Ramos e o município berço de Théó Brandão, uma vez que só em 1872 Quebrangulo foi desmembrado de Viçosa, antiga Assembleia. Daí também a aproximação cultural e social entre os nascidos nos dois municípios.

Esse estudioso humanista, um dos maiores que Alagoas já produziu, faleceu em Maceió no dia 29 de setembro de 1981.

Pedro Teixeira de Vasconcelos - Um dos autores do Hino de Quebrangulo

Nasceu na casa grande do Engenho Bom Sucesso, na Chapada do Alto, Chã Preta (AL), no dia 12 de outubro de 1916. É o primogênito do casal Aureliano Teixeira de Vasconcelos, proprietário agrícola, e de Dona Maria Alzira Rebelo de Vasconcelos. Ao garoto deram o nome do avô paterno - coronel da Guarda Nacional.

No ano de 1929, segue para Maceió indo enfrentar o curso no seminário católico, mas a vocação foi cortada pelos meigos olhos de uma certa criatura chamada Olívia que depois usaria o nome artístico de Neusa Moreno, sendo cantora de largos recursos.

Depois do seminário vai ser escrevente de tabelião, em Viçosa. Em seguida, nomeado professor municipal na localidade Cigana, Viçosa (AL), passando de 1935 até 1942. Em 1960 chega a Maceió, trazido pelo Secretário de Educação, Jorge Assunção, integrando-se aos estudos extra classe; é aí que começa a ensaiar folguedo e danças folclóricas.

Foi poeta, teatrólogo, ator, compositor e folclorista, publicando alguns livros, dentre os quais "Folclore, Danças, Músicas e Torneio". Fez a composição dos hinos dos seguintes municípios alagoanos: Quebrangulo; Chã Preta, Santa Luzia do Norte e de Paripueira. "Aos 84 anos, no dia 12 de junho de 2000, falecia o incansável trabalhador...".

Juvenal Lópes - Um dos Autores do Hino de Quebrangulo

O futuro compositor / cantor Juvenal Lópes nasceu no dia 6 de junho de 1930, no Rio de Janeiro, sendo filho do casal Elias Lópes e Dona Juvina da Rocha Lópes. Logo cedo o garoto chega a Maceió, onde passa a viver e adotar a condição de alagoanidade.

É casado com Doca Janete da Graça Lópes e tem como filhos Roberto Antonio da Graça Lópes e Kleberson da Graça Lópes. Da sua parceria com Pedro Teixeira veio o hino do município de Quebrangulo.

HINO DA CIDADE DE QUEBRANGULO

Implantada no pé da colina,
Sob um céu todo cheio de luz,
És a estrela que sempre ilumina
O caminho que os filhos conduz,

QUEBRANGULO, TEU NOME É VITÓRIA!
ESPERANÇA DE UM GRANDE PORVIR!
TEU PASSADO É UM MODELO DE GLÓRIA,
TEU PRESENTE É CANTEIRO A FLORIR!

Nos teus campos de eterna verdura,
Nos teus rios de suma beleza,

Tu revelas, com tanta ternura,
Que é dos montes excelsa PRINCESA!

**QUEBRANGULO, TEU NOME É VITÓRIA!
ESPERANÇA DE UM GRANDE PORVIR!
TEU PASSADO É UM MODELO DE GLÓRIA,
TEU PRESENTE É CANTEIRO A FLORIR!**

**ÉS A TERRA DE VULTOS FAMOSOS
A quem hinos tão belos entoas,
Na passagem dos dias ditosos
Vais levando, em triunfo, Alagoas.**

**QUEBRANGULO, TEU NOME É VITÓRIA!
ESPERANÇA DE UM GRANDE PORVIR!
TEU PASSADO É UM MODELO DE GLÓRIA,
TEU PRESENTE É CANTEIRO A FLORIR!**

Mercê de excelentes composições como “Pisei no Lírio”, “Aproveita Pessoal” e “Sinha Dona”, o compositor inscreve seu nome no Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro.

Em 1950, Juvenal começa a cantar na ZYO4, Rádio Difusora de Alagoas, tomando-se o intérprete preferido do compositor Antônio Paúrílio, nos concursos de músicas carnavalescas. Com o afastamento de Pau-

rílio, passa a concorrer com seus próprios sambas, como fez com “Jandira”, com “Cabelos Brancos”, que foi defendido por Ernande Silva, obtendo o primeiro lugar.

Em 1970, Marcondes Costa, que era universitário, fez parceria com Juvenal para concorrer em festivais e compuseram “Entre a Cidade e o Sertão”. Com Sabino Romariz compôs “Cidade Sorriso”, samba exaltação.

Acometido de paralisia facial, escreveu “Brinquedo acabado” inspirando-se nas brincadeiras de seu filho Roberto; assim como fizera com “Carnavais da Minha Terra”, que venceu festival.

Em 1963, grava com Marinês e sua gente a música “Pisei no Lírio”, que fez enorme sucesso no norte-nordeste e se constituiu uma verdadeira obra-prima do nosso cancioneiro. Para a Escola de Samba 13 de maio, do bairro do Poço, Maceió, escola do coração de Juvenal, ele escreveu o samba-enredo “Jogo da Vida”.

Parceiro de Juvenal e amigo fiel foi Reynaldo Costa, que gravou com Marinês o “Xaxado da Paraíba” e “Viúva Nova”. Outra música que fez tremendo sucesso foi “Chuva Pedida”, quando o compositor demonstra as características do sertão.

Um outro parceiro, o compositor Cavalcante Barros, compôs com Juvenal “Sereia do Pratygy”.

Marinês e sua Gente; Luiz Wanderley; Jacinto Silva; Clemilda; Gerson Filho, Noite Ilustrada; Zetinha, Cláudia Barroso, Marinalva, Grupo Som de Terra; Cleonice; Gilberto Silva; Ibernnon Tenório, Marlene Vidal,

Nerise Paiva são alguns dos intérpretes que lançaram com sucesso músicas desse compositor.

Só depois de muitas batalhas, Juvenal Lópes conseguiu gravar um LP, com o título “Carnaval de Juvenal”, Maceió, Secretaria de Comunicação Social, 1995. O disco só foi gravado graças à alagoanidade do saudoso secretário, Rosival Wanderley.

À Terra do Meu Pai

**Breno Holanda*

1

Seu dotô

Tô mei tristonho

Pois tirá dum hôme o sonho

É mermo que le matá

O sonho de:

Nacê, vive

Crecê e depois morre

Na sua terra natá

Pois comigo
Seu dotô
Tá se assucedendo o fato
Desse hôme qui tá vendo
Está por dentro sofrendo
Qui nem bezerro apartado
Qui nem vaqueiro alejado
Sem num mais pudê muntá

Pois desde que sai de lá
Sinto sodade dotô
E tenho que sempre vortá

Lá é um arruado
Mais é tão bunito dotô
Qui vejo e fico feliz
E num troco a terrinha
Por Japão China ou Paris

Tem uma igrejinha no meio
Duas fileira de casa
Um riachinho pra pesca
E mais inriba dotô
Tem inté grupo escolá

Num é grande coisa não
Mais eu vou le confessá
Saí daquele torrão
Sai daquele lugá
Foi uma facada nos peito
Qui num tem dotô pra curá

2

O sinhô precisa vê
É a gente do lugar
Gente boa; de palavra
Gente qui sabe tratá
Não esse povo zoró
Dessa tá de capitá
Qui num olha nem pro caboco
Quando começa a fala

E pra compretá dotô
O sinhô nem acredita
Da saudade que eu sinto
Dos festejo qui tem lá

Tem festa de santo e reis
Qui dexa a vista molhada
Da boniteza qui é
Assisti a cavalhada
E isso tudo animado
O lugá todo infeitado
Ameninada correndo
O povo no disse-me-disse
E a noite toda dotô
Ouvindo a banda de pife

Banda de pife mermo
Coisa qui num sê vê mais
Cum pife, bombo e tarô
Qui quanto mais toca dotô
Aí é qui fica mió
Sim dotô
Já ia me esquecendo
Saber da cavalhada
É o que o sinhô tá querendo
São duas fileira de hôme
Muntado nos seus cavalo
Dividido em dois cordão
Como é no pastoril

Um incarnado dotô
E o outro azul-anil

3

Cada hôme cum cavalo
Carrega consigo uma lança
Infeitada cunhas fita
Do cordão de cada cô

Lá na frente uma armação
Feita de pau com um veio
E uma argola no meio
Como se fosse um gô
Se o cavalêro tirá
É aplauso na certa dotô

A banda de pife toca
E intão o cavaleiro
Metete a espora no cavalo
Qui já sai indiabrado
Ligero disibestado
E o povo na apreensão
De saber se a argola

Vai na lança ou cai no chão
E o cavaleiro sorrindo

A argola tá na lança
Cai ligeira vai caindo
Prá tocá na sua mão
Ai o cordão azul
É de novo o campeão

As banda de pife toca
É linda a festa dotô

4

É por isso seu dotô
Qui me bate essa vontade
De vortá vê a igreja
Vê a rua infeitada
Ouvi a banda de pife
Tomá uma talagada
Assisti na Rua Nova
A festa da cavalhada

Mais já abusei dotô
Da paciência de vormicê
E quiria pedí ao sinhô
Antes de me arrependê
Qui quando morrê dotô
Num quero caixão nem choro
Nem missa de sétimo dia
E pelo amor de virge Maria
Me enterre naquele chão
Pra minha alma passear
E meu corpo descasar
Bem dentro de uma cova
Mais no meu torrão dotô
No meu torrão Rua Nova

*** É médico nascido em Garanhuns/Pe. Residente em Fortaleza /CE**

Obs.: Esta poesia foi feita em homenagem à terra natal de meu pai, o povoado Rua Nova, pertencente à Quebrangulo-AL.

Gazeta de Alagoas, Maceió, 23 fevereiro 2000. Cad.B: 3.

ASPECTOS HISTÓRICOS GERAIS

2

A Praça da Independência

Jerônimo da Cunha Lima

Existe, na cidade de Quebrangulo-AL pequena praça arborizada, centro da atividade cívico-social dos seus habitantes, denominada de Praça da Independência. Independência, porque construída oficialmente, arborizada, ajardinada, dotada de monumento público erigido para a festa comemorativa dos primeiros 100 anos da emancipação política do Brasil, em 1922.

Anteriormente, desde 1913, dizia-se Praça Cel. Clodoaldo da Fonseca, em honra do oficial do Exército, nomeado chefe do governo alagoano, no período chamado de renovação política, com o Marechal Hermes da Fonseca (tio de Clodoaldo), no governo da República.

No princípio do século, aquele local era Pátio da Feira, ou dos Tamarindos, ou Largo das Festas, por ser defronte à igreja Matriz de Bom Jesus, padroeiro da freguesia. Sempre foi o espaço público destinado aos parques de diversão infantil, circos de cavalinhos, barracas de toda ordem, retetas, comícios, folias de entrudo, reisados, criações populares, coisas do folclore regional, como a famosa a marujada do “almirante” José Mariano Dias.

Em 1922, foi construída a Coluna da Independência, monumento histórico, trabalho do notável construtor conterrâneo, José Horário de Lima, mais tarde danificado em seu conjunto.

A praça foi iluminada e decorada caprichosamente, no ano festivo de 1922, por Edmundo Ramires Saldanha, fecunda imaginação de

artista. Era irregular o seu traçado geométrico. Os jardins existentes percorriam-se através de passagens sinuosas de terra batida.

A “Coluna da Independência”, com onze metros de altura, era encimada pelo busto do Imperador Pedro I e protegida por um gradil de ferro na altura de dois metros, ligando quatro colonatas em forma de quadrado.

Conservam-se ainda as placas de mármore, colocadas em cada uma das suas faces com as seguintes inscrições: na 1ª “Erigido na administração do Intendente João Honório de Carvalho”; na 2ª “Iniciativa e direção de Edmundo Ramires Saldanha”; na 3ª o registro do século “1822-1922”; na 4ª a referência à data histórica “1º centenário da Independência do Brasil”.

O desenho atual não é o mesmo do ano de 1922. Foi alterado em 1932 e em 1957.

Há duas urnas de vidro e madeira colocadas quando se construiu a grande Coluna, uma no alicerce, ao ser lançada a pedra fundamental (foi lavrada ata de fundação), a outra no centro, contendo documentos, lembranças, jornais, etc.

A Cadeia Pública em Quebrangulo

Em crônica onde verdadeiramente se propõe mudanças, o jornalista José Rebelo, chega a ir de encontro às mazelas encontradas em um “pardieiro”, que se chama de cadeia, e pede urgentemente ao Sr. Governador, que mande construir uma cadeia decente; infelizmente o seu pedido não surtiu o efeito desejado, e veja que o artigo é datado de 1963!

A seguir, trechos da crônica:

“Nesse velho pardieiro que, aliás, ao que parece, foi construído na primeira metade do século passado, estão situados nos cárceres (...) “Tais compartimentos não contam com instalações sanitárias, não possuem janelas, senão as grades de segurança. Os seus ocupantes dormem em esteiras miseráveis. Tudo isso é desolador! (...) Culpados ou inocentes, não podem os prisioneiros serem conservados em lugares abertos às chuvas e aos ventos, dormindo em esteiras imundas lançados ao chão lamacento, quase pantanoso (...)

“Apelo, pois, para o Senhor Governador de Alagoas, a fim de que Sua Exa. mande construir uma nova cadeia (...)

Dia de Quebrangulo

José Rebelo

Dá-me ânimo e alento servir-me, neste dia das colunas amigas desta Gazeta de Alagoas, para lembrar ao Estado que hoje é Dia de Quebrangulo. E por que aqui o faço? Fiel ao seu apoio incondicional que sempre a Organização Arnon de Mello dispersou aos grandes momentos da nossa coletividade, disposição esta tornada um quase dever de ofício esperado e desejado por todos os que a respeitam como a nossa mais verdadeira trincheira dos anseios populares. E que Quebrangulo vive, hoje, um passado de glórias, na festa do seu centenário.

Quando a primeira salva de cem tiros, sob o repicar festivo dos sinos, anunciarem o alvorecer da cidade que cresce na zona fisiográfica engastada entre a mata e o sertão de Alagoas, estaremos todos, sentindo a têmpera daquela gente heroica que, se outrora se fez grande pelo punho e pela raça, pela dignidade e pela esperança sob imensa crença em Deus e nos atributos leais da melhor liberdade, hoje, dá continuidade ao primado dessa mesma lealdade, fazendo da próspera terra o repositório feliz dos melhores amanhã.

Vejo no convite que me foi enviado pelos amigos que há tantas décadas ali fiz e até hoje conservo, o que será o marco a ser plantado nos festejos a terem lugar na passagem dos cem anos de libertação e afirmação constantes.

Mesmo impossibilitado de comparecer por sobejas razões particulares, não me esquivo de acenar aqueles que merecerão o reconheci-

mento das homenagens, naturalmente válidas e meritórias pelo que realizaram em proveito da terra comum.

E vem aí o título de Cidadão Honorário que se outorgará ao governador Afrânio Lages. Alguém, decerto, indagará por que a distinção do reconhecimento. E eu o indico que faz muitos anos, o jovem bacharel que hoje comanda os destinos da nossa gente, ali já se punha na defesa do bom e do justo, exercitando os princípios da ciência e arte de Ulpiano, quando, no verdor da sua existência conquistava as primeiras e esplendentes vitórias advocatícias. Lembro-me bem dos seus pronunciamentos nos feitos cíveis daquela época, onde a coragem às vezes era mais requisitada que as próprias razões da justiça.

Enxergo, também, a lembrança que os ilustres daquele Município devotaram ao meu velho amigo professor Osman Policarpo, mestre da mais larga nomeada, educador de várias gerações. Formador dos cultos de hoje, sacerdotes, médicos e advogados, que nas diversas nuances da vida agora exercitam os seus misteres, como liberais amantes do grau que receberam, ou mesmo como mentores de novos doutos, como o não menos amigo João Teixeira, cuja folha de serviços em nossa Universidade Federal é o atestado mais lídimo e fiel da sua educação basilar, não apenas para a escola, mas para a vida.

E como me emociona saber que os motivos aqui já declinados me impossibilitarão de assistir a essas e outras homenagens como a Luiz Sávio (há de muito, quebrangulense honorário, adotivo pela terra e pelo amor que seu genitor dedica àquela comuna), a Napoleão Barbosa, Carlos

Breda e Ary Lages.

Mas, o que mais alto me comove é a presença marcante, nos maiores momentos do grande dia do Município, de Jerônimo da Cunha Lima, homem de profundo e imenso amor à terra; de um patriotismo exageradamente brasileiro; quebrangulense dos quatro costados, de um profundo senso de amor e arraigamento ao solo que o viu nascer e do qual nunca se separou por honra e graça de sua determinação de querer bem e servir.

Neste dia de festa, o que fazer quando Quebrangulo completa seus cem anos de autonomia e prosperidade, daqui do meu canto, senão pedir a Deus que ampare a sua gente e cada vez mais introduza nos mais claros caminhos da independência, onde o desenvolvimento e a paz são palavras de ordem, de vitalidade, de entusiasmo criador.

IN: RABELO, José. Cadeia Pública de Quebrangulo. Gazeta de Alagoas, Maceió, 4 ago. 1963:3.

O Fundador da Família Maia, de Viçosa

Aproximadamente no ano de 1827, Manuel Alberto Maia, o fundador da família Maia, de Viçosa, era senhor da propriedade Boa Esperança, localizada geograficamente na parte denominada Boa Vista.

Tempos depois, seu filho Manuel Alberto Maia Júnior, além de ser proprietário da Boa Esperança, torna-se comerciante em Viçosa, negociando na Rua do Comércio, a esquina com a Rua do Joazeiro, com tecidos e miudezas.

No ano de 1862, o Cel. FIRMINO REBELO TORRES MAIA, neto de Manuel Alberto e primo do famoso Epaminondas Gracindo e grande pecuarista, funda o Engenho Boa Esperança, movido nos primeiros anos pelo sistema de roda d'água, passando depois a ser acionado por máquina a vapor.

Em 10 de janeiro de 1870, o Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, em viagem oficial de inspeção à província, vindo de Imperatriz, atual União dos Palmares, pernoita no engenho e de lá, sai às 18 horas do outro dia, para a cidade de Viçosa.

No ano de 1895, o engenho continuava em pleno funcionamento. Em 1900, Firmino Maia, junto a Ismael Elpidio Brandão chefiavam juntos o Partido Conservador, em Viçosa. No ano seguinte; devido a desentendimentos políticos, passa para o Partido Democrático, para em seguida entregar o poder a Manuel Firmino.

Cel. Firmino é Intendente de Viçosa no ano de 1910, quando

ainda pertencia ao Partido Democrata. Após a morte de Firmino, acontecida na década de dez do século XX, o engenho passa para a administração do seu filho Eduardo Rebelo Maia, que posteriormente adquiriu as partes dos demais herdeiros. Por suas instalações modernas o engenho passou a ser um dos mais importantes do município

Na safra de 1918/19 o Almanaque de Viçosa registra no Engenho Boa Esperança uma produção de 2500 sacos de açúcar, na época apenas superado pelo Engenho Boa Sorte, de José Aprígio Vilela e pelo Engenho Bananal, de Manuel Fernandes.

O ofício de moagem estendeu-se por quase oitenta anos, extinguindo-se no ano de 1940 quando era dirigido por Guilherme Duarte de Barros, genro de Eduardo Maia, que substituiu o velho Banguê, por uma pequena usina que teve vida muito breve.

Em homenagem ao grande empreendedor que fora Firmino Maia, seu nome foi posto em uma das principais avenidas de Viçosa, o largo onde se situa a Estação de Rede Ferroviária.

Do governo brasileiro, Firmino recebeu o título de Comendador da Rosa. Homem de uma visão muito ampla preocupava-se demais com a educação dos filhos, ao ponto de adquirir, por compra, um palacete que seria posteriormente o Palácio do Arcebispado, situado em frente sede da rede Ferroviária Federal, onde os filhos pudessem ficar muito bem alojados durante o período de estudos.

Firmino é pai, dentre outros, de Frederico Rebelo Maia, cirurgião dentista.

Apolinário Rabelo Pereira Torres

Um dos vultos da maior importância no cenário político alagoano durante o Segundo Reinado foi o advogado e senhor de engenho do município de Viçosa, Apolinário Rabelo Pereira Torres. Inteligente, humanitário, defensor das causas nobres.

O menino Apolinário nasceu no Sítio Lages, em Viçosa, no dia 28 de outubro de 1832, sendo filho do Capitão Manuel Rabelo Brasil e de Dona Maria Joaquina de Barros Rabelo.

Fez seus primeiros estudos em sua terra natal, depois estudou no Liceu Alagoano em Maceió, de onde seguiu para o Seminário de Olinda, mas não conseguiu se ordenar sacerdote, por falta de recursos, pois com a morte do pai e em seguida a morte de seu protetor Inácio H. Gracindo ficou impossibilitado de continuar estudando, por isso volta para sua terra natal.

Por ter acumulado um vasto conhecimento, adquirido na excelente biblioteca do seminário, abre escritório de advocacia em Assembleia, (atual Viçosa).

Em 31 de março de 1856, casa-se com Dona Iria Alexandrina de Vasconcelos Rabelo. O ano de 1862 é o de sua iniciação política, carreira que o levou a ser tanto na era monárquica, como no período republicano, deputado, intendente, Juiz de Paz e Comandante do Estado Maior da Guarda Nacional em Assembleia.

Como deputado ocupou as seguintes legislaturas: 20ª (1874-

1875), 21^a (1876-1877), 22^a (1878-1879); não participa da 23^a legislatura, mas integra-se a 24^a (1882-1883), 25^a (1884-1885), 26^a (1886-1887) e 27^a (1888-1889).

Membro do Partido Conservador, foi Presidente da Câmara de Vereadores de Viçosa, depois eleito intendente, na época republicana, assumindo o poder em 23 de fevereiro de 1890, indo até maio de 1892. No ano seguinte deixa de ser chefe político de Viçosa e foi eleito Senador Estadual na 2^o Legislatura (1893-1894) e na Legislatura (1898-1899).

Com a revolução que teve como consequência a deposição do governador Gabino Besouro, os políticos alagoanos pretenderam colocar no poder o vice-governador Barão de Traipu, mas antes desejavam que ficasse no alto cargo Apolinário Rabelo, então vice-presidente do Senado Estadual.

Numa manhã de verão, chega a Viçosa um trem especial, carregado de políticos, oficiais e outras autoridades, com a finalidade de levar o Cel. Apolinário para tomar conta do poder. Mas por ser amigo pessoal do Gal. Gabino Besouro, Apolinário não aceita, entende que o natural seria o Barão de Traipu no poder. Mesmo exercendo a carreira política, advogava tanto em Alagoas como em Pernambuco. Sua verbosidade e convencimento dialético levava sempre a liberdade, a quem defendia.

O SENHOR DE ENGENHO...

Gereba é a denominação de diversos engenhos de açúcar, inclusive de propriedade de Manuel Marques Padilha, possivelmente o mais anti-

go de Viçosa, de quem não se sabe ao certo o ano de fundação; talvez tenha sido na primeira década de 1850, pois em 1859, já possuía produção de 450 a 500 pães de açúcar.

No século XX, esse engenho foi adquirido por Sebastião Cardoso Torres, que depois vendeu a Luiz de Albuquerque, que em 1925 levantou outro engenho denominado igualmente de Gereba, movido a roda d'água.

Mas o Gereba que passou à história econômica de Viçosa, foi fundado em 1880 pelo Cel. Apolinário Rabelo, que em 1870, já era proprietário agrícola da localidade. No ano de 1871, mês de março, o Cel. Apolinário sofre grande abalo com a morte de sua esposa, Dona Irina. Meses depois, a 2 de dezembro já refeito, casa-se em segundas núpcias com Dona Anna de Vasconcellos Rabelo.

Em 1873, foi agraciado pelo governo com a patente de Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional.

O ano de 1910, 9 de fevereiro é dia de luto em Viçosa, pois o operoso político falecia e seria enterrado no seu Engenho Gereba. Em sua terra foi homenageado, quando deram seu honrado nome a uma das principais praças da cidade.

PARENTES PRÓXIMOS?

Temos uma série de informes que imaginamos serem parentes próximos de Apolinário Rabelo, os registros que seguem abaixo:

Frederico Neto Rabelo Maia - seria irmão de Apolinário Rabelo

Pereira Torres? Pelo sim pelo não, trazemos informes sobre seus trabalhos:

Empreendedor e político com carreira ascendente na política viçosense. Vereador em Viçosa, no ano de 1875. Intendente interino de Viçosa em 1896 e intendente por direito e votação em 1897. Deputado na 5ª Legislatura (1899-1900) e na 6ª Legislatura (1901-1902). Intendente de Viçosa entre 1907 e 1908. Juiz de Paz e Juiz de Direito.

Seu nome foi empregado para designar a antiga Rua do Juazeiro, em sua terra.

Publicou Relatório apresentado ao Conselho Municipal, referente a 1897. IN: Intendências e Conselhos Municipais – Viçosa, 1898-1900.

Frederico Maia Sobrinho - seria filho de Frederico Neto Rabelo Maia? Se for filho, como quer parecer, herdou a prática das lides políticas do pai, pois foi Intendente de Viçosa em 1917 até maio de 1918. Em seu município possuía bolandeira de algodão.

José Rabelo Pereira Torres - seria irmão de Apolinário Rabelo? De suas atividades contam-se a de agente de rendas, dos mais antigos de Viçosa; juiz substituto, nomeado em 20 de junho de 1902.

Olegário Rabelo - que possuía por antonomásia Deco, era proprietário de empreendimentos rurais em Viçosa. Seria filho ou irmão de Apolinário?

Manoel Rabelo Maia - Seria irmão ou primo de Apolinário? Manoel era senhor da propriedade Santo Antônio, depois denominada Valparaíso, onde construiu um engenho de açúcar.

Frederico Rabelo Maia

Conhecido por Dr. Frederico Maia, um dos vultos de grande destaque no município de Quebrangulo, não nasceu na terra, mas em um município próximo —Viçosa- na Fazenda Boa Esperança. Era filho de proprietário próspero e de família tradicionalíssima daquele município.

Firmino Maia era seu genitor. Dr. Frederico estudou as primeiras letras em Viçosa, fez o Curso de Humanidades em Maceió, terminando-o no Rio de Janeiro. Dalí seguiu para estudar em Salvador, recebendo o grau de Doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia, mas, seguindo o Curso de Odontologia.

Após a sua formatura, exerceu a profissão em Palmeira dos Índios e em Viçosa, de onde vinha fazer tratamento dentário em Quebrangulo, chegando ao município em 1926, contraindo núpcias com Dona Ester Tenório, filha do famosíssimo Cel. Rodrigo Jacinto Tenório, que residia na Fazenda Riachão, neta do Cel. Paulo Jacinto Tenório, que deu nome ao município; Dona Ester, inclusive, possuía uma irmã, de nome Iracema, que fora casada com o Cel. Felino.

Depois de casado residiu nove anos em Viçosa. Nessa época foi intendente do município, realizando obras de vulto. Dessa época ainda é lembrado o discurso que proferiu por ocasião da solenidade de inauguração do hospital daquela cidade.

De Viçosa transportou-se a Quebrangulo, abandonando a profissão de cirurgião dentista, pois a mesma não mais o agradava. No municí-

pio que adotara como terra natal, permaneceu dando assistência dentária apenas a sua família e aos trabalhadores de sua fazenda, o Riachão.

Recebeu convite do importante político alagoano Ismar de Góis Monteiro, para candidatar-se a Deputado Federal, mas não aceitou, preferindo o retiro sossegado e as lides campestres, no entanto, no município em datas que não conseguimos encontrar, chegou a ser prefeito substituto por alguns meses, mesmo a contragosto.

A paz bucólica o permitia fazer longos exercícios de leitura sadia. A literatura tinha lugar de destaque em sua vida, dizendo sempre que o melhor amigo do homem são os livros! Lia em francês corretamente, o que permitia tomar conhecimento das notícias do velho mundo. Nunca desprezou o bom jornal e a boa revista informativa, de bom gosto, dos quais fazia assinatura.

Nas discussões travadas com amigos e conhecidos, todos reconheciam seu conhecimento sólido de assuntos gerais e específicos. Ao falar em Quebrangulo, lamentava não poder contribuir para a industrialização que trouxesse rentabilidade para o município, bem como para os desempregados.

Essa figura admirável deixou dez filhos, dentre os quais destacam-se: Frederico Maia Filho, Remy Tenório Maia, Ary Tenório Maia, Lígia Maia, Araní Tenório Maia.

Em 19 de fevereiro de 1959, já cansado, falecia o nobre senhor!

Alguns dos filhos:

FREDERICO MAIA FILHO, conhecido por Maínha, foi prefeito de

Quebrangulo nos períodos de 1966 a 1970 e 1983 a 1988, as marcas de sua boa administração está no nome da ponte entre o comércio e a rua Cícero de Góis Monteiro.

De sua vida é preciso relatar um fato dramático ocorrido, felizmente com um final feliz. Em um certo final de semana, toda a sua família estava reunida para o almoço na Fazenda. Era muita gente! De repente, chega esbaforido Mainha, que estava fazendo revisão na boiada e tinha sido mordido por uma cobra cascavel.

Todos ficaram apavorados, tresloucados, sem ter o que fazer, pois a sequência do acontecido seria a morte certa! Marcelo Lima, seu genro, aperreado, procurou uma seringa para imediatamente aplicar soro antiofídico, mas não existia seringa na casa. Logo Marcelo viu uma seringa grossa de aplicar injeções no gado. Pensou: “Se eu aplicar com esta seringa grossa, será um estrago danado! Pior é Mainha morrer!” Preparou a seringa e disse: “pode gritar à vontade, vai doer muito, mas vou aplicar assim mesmo”. E aplicou!

O grito foi forte, lancinante, mas o soro fez efeito e o líder político ficou vivo, mas com uma séria consequência: ficou manco de uma perna, tendo que andar constantemente com uma bengala! Mas sem dúvida, se salvou! Eita Marcelo danado!

REMYTENÓRIO MAIA médico de bons méritos e deputado estadual em várias legislaturas. O futuro médico e parlamentar alagoano Remy Tenório Maia, nasceu no Engenho Riachão, na Fazenda de seus pais, em 24 de março de 1920, sendo filho dileto do casal Frederico e Ester. Fez

os estudos iniciais em sua terra natal e ao terminar o curso colegial, fez o vestibular de medicina na Universidade Federal de Pernambuco, onde consegue tirar o primeiro lugar. Estuda o primeiro e o segundo anos em Recife, depois consegue transferência para a Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro, onde conclui o curso.

Depois de formado, chega a Palmeira dos Índios onde passa a clinicar e a fazer principalmente obstetrícia. Trabalhou tanto que as pessoas diziam que poucos eram os jovens que não chegaram ao mundo pelas mãos do Dr. Remy.

Muito tempo depois de estabelecido, começa a ingressar na política e a angariar votos principalmente da pobreza. É eleito deputado estadual, e passa várias legislaturas trabalhando no Palácio Tavares Bastos. Depois desse tempo como deputado, não mais conseguiu se eleger, para sua grande decepção!

Seu tempo de parlamentar pode assim ser descrito: deputado estadual pelo PSD, legislatura 1951-52, pela ARENA, legislatura 1967-71, suplente de deputado federal pela UDN em 1954 e suplente de deputado estadual nas eleições de 1958, 1962, 1970 e 1978.

MAIA, Remilda Caparica. Remy Maia, O homem, o político, o médico, *Jornal de Alagoas*, Maceió, 13 jan.1977:4

FIGURAS ILUSTRES

3



João Leão Feitosa, o Empreendedor

João Leão Feitosa, nascido em Quebrangulo, no ano de 1872, era conhecido pelo nome de Paizinho Leão, e casado com Dona Amélia, chamada carinhosamente de Mãezinha, pelos parentes mais próximos.

O casal teve quatorze filhos, sendo nove mulheres e cinco homens, desses só sobreviveram dez, que são: ONIAS, nascido em 1904, jornalista dos mais expressivos, participou ativamente da organização e redação de jornais tais como, “O Quebrangulo” e “O Ideal”, sempre escrevendo com muito brilho. Foi nomeado promotor interino em Viçosa (AL), mesmo sem ser formado em Direito. Faleceu prematuramente aos trinta e três anos de idade; de LISBINA não consegui maiores informações; ROSA, casada com Arthur Cassiano, moço muito instruído, de Paulo Jacinto; AFRÂNIO, de feição austera, mas feliz, animado, festeiro, boêmio, cantava valsas apaixonadas e participava de folguedos dançando na Marujada, na casa de Júlio Cláudio e de carnavais. Trabalhou, certo tempo, como oficial de alfaiate, com o mestre Israel Saldanha. Esposou a gentil senhora, Dona Francisquinha e pai da inteligente Sônia Leão; de OSIRIS e MANUEL não conseguimos mais informações; JUANITA, esposa de Antenor Fernandes, fazendeiro e mãe do inteligentíssimo músico e artista Antenor Filho, conhecido como Antenorzinho e Sílvio Fernandes, médico; NILDA, também não obtive informes; JULITA, a eterna “Amazona”, amor de Mário Teixeira, dedicou toda a sua vida ao amor à família e a Fazenda Carrapateira, seu refúgio; BETE, mãe de inúmeros filhos dentre

os quais Alexandre e Alberto Leão Maia, artista plástico, poeta, compositor; passou parte de sua vida trabalhando no Sistema Brasileiro de Televisão, depois disso foi Secretário de Cultura de Alagoas, no governo de Ronaldo Lessa.

Leão Feitosa foi comerciante de tecidos e igualmente de secos e molhados desde 1901. O seu estabelecimento comercial, a Loja Perseverança “A única que não explora o freguês”, como dizia em propaganda, era situada na Rua do Comércio, n.110. Cuidava ainda, com muito destemor da fazenda situada nas Manivas.

Além de todos os afazeres, em 1909 era membro do Conselho de Intendência, que corresponderia atualmente à posição de vereador.

Leão foi prefeito de 1919 a 1921; de 1923 a 1924; de 1929 a 1930, quando foi deposto pela Revolução de 30. Em sua época não existiam quotas federais para ajudar no orçamento municipal, tudo tinha que ser feito com a verba da arrecadação do município; apesar disso, sua administração foi muito progressista. Assim podemos assinalar o novo prédio da Prefeitura de linhas clássicas, edificada na Rua Nova, atual Praça Getúlio Vargas, pelo notável mestre José Horácio; o Açougue, edificado em uma antiga casa que pertencia a Francisco Felino Tenório, na Praça da Independência, no local do açougue atual. A chegada da Luz Elétrica foi muito festejada. A empresa de eletricidade foi entregue no ano de 1919 a Manuel Garcia de Almeida, que iria explorar o benefício em até o prazo de vinte anos; várias pontes, dentre as quais a ponte de cimento armado, situada entre o Comércio e a Av. Cícero de Góis Monteiro. A ponte recebeu o

nome de Governador Clodoaldo da Fonseca. Inúmeras estradas de rodagem, que antes de sua administração, de estrada só possuía o nome!

Os inúmeros afazeres o levaram a ser acometido de um fulminante ataque de coração, um poderoso infarto do miocárdio, no dia 4 de setembro de 1949, aos sessenta e sete anos de idade.

José Horácio construtor de Prédios e Pontes

O Prefeito João Leão Feitosa, na década de vinte, do século XX, entregou à comunidade de Quebrangulo o novo e moderno prédio da Prefeitura Municipal construído por José Horácio. Para tal edificação a prefeitura adquiriu o prédio da residência do “finado Costa”, que custou a quantia de trinta e dois contos de réis.

José Horácio, o construtor, seria engenheiro? Arquiteto? Não creio, pois a profissão é muito nova; Mestre de Obras? Não sabemos; infelizmente a história não nos oferece os necessários e preciosos informes. Mas a prefeitura tem algo de linhas greco-romanas, como era muito comum na época; esta admiração, ainda persiste até os dias de hoje! Já o Palacete de Lourencinho, também construído por ele, possui linhas arquitetônicas entre o rocó e as linhas art nouveau.

O Palacete (1924) e o Banco Agrícola de Quebrangulo (1929), atual sede da secretaria de Agricultura do município, foram construídos a mando do empresário, fazendeiro e banqueiro Paulo Jacinto Tenório Neto e sua esposa, Iracema Tenório, quando a família foi residir em Maceió. O Palacete foi vendido ao coronel Lourencinho e na década de 1950 foi adquirido pelo agropecuarista Luiz Barros Silva e sua esposa, Iracema Barros.

Além disso, Horácio construiu o obelisco da Independência, em 1922, na Praça da Independência, centro de Quebrangulo, o que assinala que o construtor possuía informações escolares sérias, seguras e impor-

tantes e domínio das técnicas de construção. Ou, nada disso, seria apenas simples curiosidade somada à vontade de fazer?

Em comentário inédito sobre a “Praça da Independência”, Jerônimo da Cunha Lima, cita textualmente: “... trabalho do notável construtor conterrâneo, JOSÉ HORÁCIO DE LIMA”. De uma só vez, aprendemos que José Horácio possuía o sobrenome LIMA, era quebrangulense, e na visão de CUNHA LIMA, que é, também a nossa, era construtor autodidata, ou como diz CUNHA LIMA “notável construtor”, dando condições dos acertos em nosso refletir.

Também construiu pontes, que foram: na administração de João Leão Feitosa, a ponte Governador Clodoaldo da Fonseca, que em 1995 tomaria o nome de ponte Frederico Maia Filho. Em 1925, na administração de João de Almeida Porangaba, era construída a ponte sobre o rio Quebrangulinho; ambas as pontes foram construídas sem as necessárias plantas de engenheiro e igualmente pelo “notável construtor”, na opinião de Jerônimo Lima, que além de tudo, o conheceu pessoalmente.

Pelas linhas de arquitetura da Coletoria, já existente na década de trinta, acreditamos que o prédio também fora construído por Horácio que igualmente construiu ou adaptou o Clube Monte Castelo, como construíra, em 1936 o prédio da SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil) na Rua 16 de setembro e projetado pelo engenheiro Alberto Hosner. É também de sua lavra o Palacete de Lourenço Tenório Cerqueira Cavalcante (4/10/1884 – 22/08/1952) e sua esposa Eulina Tenório (21/04/1889 -5/2/1976). O palacete na época da construção era chama-

do de PALÁCIO, era o espaço onde ocorreram bailes memoráveis, recebendo não apenas gente da alta sociedade, mas estadistas, dentre os quais num desses bailes teve o prazer em receber o governador Álvaro Pais.

O Palacete de Lourencinho, até que se prove o contrário, teria sido construído entre as décadas de vinte e trinta do século XX.

O prefeito de Quebrangulo, Marcelo Lima (2009-2012), após as enchentes de 2010, intercedeu junto ao Governo do Estado de Alagoas para desapropriar o Palacete, tornando-o a sede do governo municipal, em 16 de março de 2021, com o retorno de Marcelo Lima ao Poder Executivo da cidade.

Parabéns por mais esse tento desse jovem administrador, que já tem dado o que falar, não apenas em sua comunidade, pela sua larga visão de gestor público.

Na administração do Interventor João Felino Tenório, Horácio enfrentou a tarefa da construção da Barragem sobre o Rio Paraíba, elaborada sob a orientação de José Afonso de Carvalho, e inaugurada em 30 de junho de 1934.

Qualquer pessoa de bom senso pode avaliar a importância desse construtor, vendo-o não apenas como edificador importante, mas como pessoa autodidata, digno de todos os aplausos possíveis!

Lourencinho, Simples e Amigo

Costa Amazonas, Murici

Morreu um cidadão de bem. Todo o meu respeito e meu profundo sentimento por este homem que morreu: Lourenço Tenório de Cerqueira Cavalcante - O Lourencinho, como era mais conhecido entre os seus amigos, sua família e também os pobres.

Lourencinho foi um homem representativo da melhor estirpe do ruralismo dos antigos senhores alagoanos, um continuador das tradições da fidalguia dos Cavalcante e dos Tenório. Anadiense de nascença, mas quebrangulense de coração, embora haja quem diga que quando se muda da terra, leve consigo o corpo e não a alma.

Em Anadia, seu torrão natal, viveu ele uma boa parte de sua mocidade onde tornamo-nos excelentes amigos, e ali fomos partidários em campos opostos, porém tendo em mira o bem geral e a grandeza da nossa terra.

Era um homem de uma só peça, de quebrar, mas não dobrar “toitíço”, igualmente forte na luta, generoso na vitória.

Lourencinho era em nossas rodas o que se convencionou chamar- “Uma casa cheia”, casa de hospitalidade franca, jovialidade sincera, leal, cuja mesa acolhedora, fidalga era uma maravilha para o hóspede amigo e para estranho, que retornava arrebatado, cativo de tanta sinceridade e gentilezas. Era o tipo perfeito do Gentleman com as portas sempre abertas para receber os que se cercavam de sua mansão, com um sorriso modesto, simples, sorriso de homem de bem, do homem padrão, cuja

semente está lentamente descaracterizada ou desaparecendo.

Ruralista dos antigos padrões, homem que acima do êxito pessoal colocara a honra e o dever daquela velha guarda que dava um fio de barba o valor definitivo que milhares de selos e firmas reconhecidas não poderiam vencer, dentro dos princípios da cavalaria honrosa, que norteara com tanta beleza e dignidade os seus antepassados.

E porque ele era bom, e porque ele era justo, e porque ele era um espírito nobre, dotado de tantas virtudes, a morte não o quis mais entre nós nesta terra, levando-o para junto de Deus em cuja mão direita repousa eternamente o seu grande coração.

Dr. Amarílio, entre Leis e Poesias

Moreno claro, atarracado, cheio de tiques nervosos e dono de uma profunda miopia, sempre muito bem vestido e engravatado, como quase todos os juízes de Direito, promotores e advogados que conhecemos. Esse era o Dr. Amarílio Aloísio dos Santos, que trabalhou, entre as décadas de 50 ou 60 em Quebrangulo, fazendo amizade com todos, deixando uma quantidade imensurável de admiradores, como o velho Floro, meu pai, que o convidou para ser o meu padrinho. Mas o padrinho sempre viveu em Maceió, por isso, nunca existiu uma estreita amizade entre nós.

Na capital alagoana, passava todas as manhãs desfrutando as benesses da Pajussara, com o seu inesquecível mar esverdeado, constantemente convidando a todos para um mergulho e logo em seguida a degustação de uma cerveja geladíssima, tendo como tira-gosto frutos do mar. Quem iria querer outra coisa da vida?

À tarde, normalmente se juntava a políticos, jornalistas, escritores e outros intelectuais, para jogar conversa fora no bar do Relógio Oficial, da Rua do Comércio, de Maceió.

No ano de 1923, quando jovens intelectuais se juntavam para fundar um movimento literário, Amarílio estava presente para fazer a agitação literária. Assim, participou da fundação da Academia dos Dez Unidos. Tal associação teve uma vida muito curta, de 1923 a 1930. Sua ida para o Recife, ou outra atividade, possibilitou o rápido desligamento do grupo, e o poeta foi substituído pelo jovem intelectual César Sobrinho.

Quando juiz, trabalhando na terra que aprendeu a amar, publicou o poema “Quebrangulo”, que os arquivos da terra não conseguiram guardar, infelizmente.

Muito jovem, seguiu para o Recife, onde na tradicional Casa de Tobias Barreto, estudou o curso de Direito, onde assistiu aos momentos mais agudos do processo revolucionário que culminou com a Aliança Liberal de 1929 e a Revolução de 30, que participou, junto ao irmão, como oficial do Exército.

Em seu entender os parlamentares João Neves de Fontoura, Osvaldo Aranha, Batista Luzardo, foram os arautos da Revolução de Outubro. Pensava firmemente que tal revolução tivera a inspiração em José Ingenieros e Adolfo Taine.

No alto da discussão estava sempre a evocar os intelectuais alagoanos Ari Pitombo, Mendonça Braga e Mendonça Júnior.

Em sentida crônica sobre o amigo e admirador, o professor Medeiros Neto intitulou tal crônica de “Dr. Amarílio, juiz e poeta”, publicada nas páginas do Jornal de Alagoas, onde conclui: “levou a vida como o mais feliz dos mortais”; o que seria mais interessante para terminar uma crônica?

Paulo Jacinto Tenório - Barão de Palmeira Dos Índios

O Coronel Paulo Jacinto Tenório, o futuro Barão de Palmeira dos Índios, e denominação toponímica de município alagoano, vizinho a Quebrangulo, o qual lhe pertenceu econômica e politicamente, nasceu em Águas Belas (PE.) no ano de 1839, sendo filho de Paulo Caetano Tenório de Albuquerque e de Dona Joaquina do Espírito Santo Cavalcante.

Dona Joaquina Cavalcante era filha de João José Cavalcante de Araújo, também chamado de João José do Retiro e de Dona Maria dos Santos Tenório. Paulo Caetano e Dona Joaquina tiveram doze filhos, dos quais apenas um - Paulo Jacinto, o futuro Barão - sobreviveu.

Paulo Jacinto Tenório de Albuquerque fora Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional, em Palmeira dos Índios. Antes tinha ostentado a patente de Capitão Secretário Geral do Comando Superior do município de Assembleia (depois, Viçosa-AL). Casou-se com Dona Águeda Tenório de Albuquerque, filha de José Fernandes Tenório Luna e Maria Pastora Tenório.

Senhor de grandes propriedades rurais, em 1920 era proprietário das seguintes fazendas: Bálamo, Carrapateira, Lagoa Queimada e Trapiá. Nesse ano, Paulo Jacinto Tenório Neto era dono da fazenda Pé da Ladeira. Reuniu uma fortuna considerável para o seu tempo sendo apontado como o homem mais rico das Alagoas, a prova disto é que doou uma de suas propriedades a "Great Western", para que construíssem a Estrada de Ferro, por isso o seu nome foi doado aquelas terras que antes pertencia e

Quebrangulo, depois foi conseguido independência, tomando-se município autônomo.

O atual município de Paulo Jacinto foi inicialmente denominado de Lourenço, Lourenço de Cima, originado de uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, que foi levantada por Antonio de Souza Barbosa, o fundador do povoado. Souza era natural de Campina Grande (PB.), chegando à localidade em 1835.

Em 1911, com a construção da estrada de ferro pela Great Western, o povoado passou a ser chamado de Paulo Jacinto, como homenagem ao homem que havia doado à companhia uma parte das terras para os serviços na nova via férrea.

No ano de 1925, o povoado foi elevado à categoria de Vila; em 1953, foi elevado a município e cidade.

Para seus parentes deixou ao morrer, 127 propriedades rurais e 6.700 contos de réis, uma extraordinária fortuna para a época!

Dada a situação de ser um indivíduo bem sucedido economicamente, Jacinto pretendeu ser também bem sucedido politicamente, tanto é que no ano de 1879 foi escolhido para delegado de polícia, nesse mesmo ano, aproveitando a condição de ser eleitor, (pois não era todo o indivíduo que poderia votar, a primeira condição era ser alfabetizado, a segunda possuir bens) concorre às eleições para o Conselho Municipal (atual Câmara de Vereadores), obtendo 196 votos, quando o mais votado foi Pedro Cavalcante de Souza, com 247 votos.

Oito anos depois, em 1887, torna-se Capitão e Secretário da Guar-

da Nacional, cargo de enorme prestígio! Dez anos depois, em 1897, seu filho Rodrigo Jacinto Tenório assumiu a Intendência de Quebrangulo. Teria sido influência econômica do pai? Talvez sim, pois em 1905-1906, Paulo Jacinto tomava-se Intendente de Quebrangulo, posição que ocupou novamente no ano de 1911-1912.

Por seu espírito destemido e detentor de grande riqueza, foi agraciado com o título de “Barão de Palmeira dos Índios” pelo Decreto de 28 de agosto de 1889, como se pode observar, o título era de origem toponímica. Mas o seu título nobiliárquico, como se depreende pela data do Decreto, foi um dos últimos concebidos pela da monarquia; Jacinto não recebeu a comenda pois estávamos na época dos movimentos pró república e os ânimos não permitiriam a entrega do título pelo Imperador, que no mesmo ano foi exilado.

Informações orais nos dão conta que Paulo Jacinto, por saber que o título custava “Dez contos de Réis “, considerou uma fortuna, não aceitando-o.

Jacinto foi o único homem de Quebrangulo a receber, pelo menos em intenção, um título de nobreza!

Esse grande empreendedor morreu de morte natural, na terra que escolheu para ser sua, no dia 10 de julho de 1927, onde prestou grandes serviços como Intendente (prefeito) do município, sendo eleito por duas vezes.

Em toda a sua vida foi gentil e cooperador com os pobres, a eles fazia empréstimos de dinheiro a longos prazos. Ao falecer deixou vários

filhos dentre eles Dona Joaquina Tenório que era a esposa do deputado Natalício Camboim e Rodrigo Jacinto Tenório, proprietário da Fazenda Boa Vista, mas não somente estas, na década de vinte, do século XX, possuía as seguintes fazendas: Caçambinhas, Catolé, Creoulas, Guabiru, Paquevira, Riacho de Antonio Vermelho, Riacho do Carvalho, Riacho do Valentim, Serra Lisa e ainda o sítio Papafina.

Rodrigo nasceu em 20 de junho de 1870, quando seu pai possuía 31 anos de idade. Dedicou-se, como o genitor, às atividades rurais, mas em 1897 a 1898, contando vinte e sete anos de idade, tornou-se Intendente de Quebrangulo.

Dentre seus filhos contam-se Ester Tenório, que morava na Fazenda Riachão até casar com o Dr. Frederico Rebelo Maia; sua irmã: Iracema, casou-se com o Cel. Felino Tenório, que também governou sua terra. Contando 59 anos de idade, Rodrigo faleceu no dia 26 de janeiro de 1929.

Por sua vez, o Dr. Natalício Camboim foi uma figura de muita representação política na época, tendo sido embaixador do Brasil nos países ibéricos e deputado pelo partido Republicano Conservador. Destacamos entre suas falas a que pronunciou quando cogitado para ser governador de Alagoas: “Representante do Congresso Nacional, não conquistei a cadeira de deputado por meios menos dignos, tendo-a antes aceita por mera obediência e decisão do diretório do partido que me acolheu em seu seio. Essa distinção foi por mim sempre considerada um ponto de obrigações e de responsabilidades, e nunca um motivo para me envaidecer”.

OS DESCENDENTES DE PAULO JACINTO

FELINO TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

Negociante, agropecuarista e intendente de Quebrangulo, no período de 1898-1901 e 1907-1908. Proprietário das fazendas: Alto das Maricas, Brejo da Folha, Cafundó, João Francisco, Pedra Talhada, Poço Dantas, Toca do Urubu, Victória e do sítio Serrado.

JOÃO FELINO TENÓRIO

Deputado Estadual constituinte, na legislatura (1935-38). Foi interventor de Quebrangulo (1930-1935) e Prefeito (1939-1940).

FRANCISCO FELINO TENÓRIO (Cel. Chiquinho), proprietário do sítio Pernambuquinho.

FRANCISCO TENÓRIO DE ALBUQUERQUE, alferes da Guarda Nacional, em 1858.

MANOEL TENÓRIO DE ALBUQUERQUE, agropecuarista, proprietário das fazendas Cacau e Lagoa do João Francisco. Capitão da Guarda Nacional, em 1858, e candidato ao Conselho Municipal em 1890.

JOSÉ ALOÍSIO DE GÓIS, empreendedor ao extremo, sempre pretendeu realizar obras grandiosas, mesmo as que estivessem fora do alcance das condições econômicas do município; mas ia além, tentava, e às vezes conseguia, como fez com a inauguração do “Ginásio de Quebrangulo”, onde contou com o prestimoso auxílio do Prof. Antonio de Oliveira Santos e do político então chamado popularmente de Major Luiz Cavalcante.

Aloísio nasceu em 30 de outubro de 1929, no povoado Brejão, situado no município pernambucano de Garanhuns, com poucos anos de idade, veio com a família, que adquiriu a Fazenda Munguba, em Quebrangulo.

Tornou-se agropecuarista, tendo uma boa fazenda em Lagoa de Fora, Quebrangulo. Foi prefeito em sua terra do coração três vezes: 1970 - 1973; 1978 - 1982; 1989 - 1992, deixando uma larga folha de serviços prestados à comunidade.

Dr. Alfredo Prímola

No governo do Dr. Jerônimo Lima ou no 4º período administrativo Luiz Viana Gama, não sabemos ao certo, só lembramos que surgiu em Quebrangulo um indivíduo branco, de estatura baixa, sempre muito sério, a não esboçar o menor sorriso. De compleição forte, é o que podemos chamar de atarracado, de nome Alfredo Prímola, natural do aprazível município de Paripueira (AL.).

Chegara à terra para trabalhar na prefeitura municipal como guarda-livros, ocupação que atualmente corresponde a contador.

Dr. Alfredo sempre estava vestido com terno branco, completo; nunca o vimos de manga de camisa. Era casado com uma mulher forte, de nome Dona Maria, negra, alta, muito educada e adorava cozinhar comidas sofisticadas. Residiam em uma casa situada na Praça Desembargador Tenório, ao lado do rio Paraíba. Todas as tardes, com roupas finas, sentava-se em uma espreguiçadeira, na varanda, sempre a conversar com uma moça que criava, ou era sua secretária.

Não lembramos quando, mas de repente o Dr. Alfredo desaparece da terra, ao que parece para nunca mais voltar.

Dra. Eleusa Passos Tenório Teixeira

Conceituada como uma das melhores ginecologistas e obstetras do Nordeste do Brasil, Dra. Eleusa Tenório é quebrangulense de nascimento, tendo nascido no dia 3 de setembro de 1935, filha do casal Manoel Tenório de Holanda, proprietário de terras, e de Dona Luzinete Passos Tenório; irmã do prof. Elias Passos Tenório e Edvan Passos Tenório.

Toda a sua vida foi entregue ao sacerdócio da medicina, tendo iniciado tal meritória tarefa em 1960, quando é diplomada pela Universidade Federal de Alagoas; desde aí aderiu à prática da obstetrícia.

Antes da formatura, foi, de 1º de maio de 1958 a 31 de dezembro de 1959, auxiliar acadêmica, concursada, do Pronto Socorro de Maceió. Também foi auxiliar acadêmica da maternidade Sampaio Marques, de 1º de janeiro de 1959 a 31 de dezembro de 1960. Ainda foi auxiliar acadêmica do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (Samdu).

Sua carreira é prenhe de trabalhos vitoriosos. Inúmeras foram as tarefas meritórias e honrosas a que se submeteu com sucesso, assim como em junho de 1962, foi nomeada médica do Samdu. Em 1967 tornava-se membro da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia. Nessa época, tornava-se ginecologista e obstetra da Febrasgo, e recebia a qualificação em Patologia Cervical Uterina e Colposcopia, em 1971.

Em 2006, torna-se membro da Sociedade Brasileira de Climatério (Sobrac) e membro da Academia Alagoana de Medicina.

De 1961 a 1963, foi clínica cirúrgica e ginecológica da Santa Casa

de Misericórdia de Maceió. De 1963 a 1965 é médica adjunta da Clínica de Obstetrícia da Maternidade Sampaio Marques, na Santa Casa de Misericórdia de Maceió.

De 1965 a 1991, foi Ginecologista e Obstetra do antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Membro da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana.

Recebeu a comenda Arthur Ramos da Assembleia Legislativa de Alagoas, por excelentes trabalhos realizados ao Estado. Recebeu também em 1999 a comenda Nise da Silveira da Assembleia Legislativa.

Mesmo aposentada de diversos encargos, nunca se furtou a fazer o bem e a caridade até para desconhecidos, pois a religiosidade é uma de suas marcas fundamentais.

Dr. José Rosalvo Costa

Morávamos em uma casa no início da rua 15 de Novembro, o popular “Beco”. A casa ficava em uma posição tão baixa, em relação ao calçamento, que ao passar pela rua, as pessoas eram levadas a olhar, mesmo sem querer, o que estava acontecendo na sala.

Algumas poucas cadeiras, de cor preta, é o que via; algumas pessoas letradas descobriam rápido uma estante de ferro, onde eram acondicionados meus poucos livros e algumas revistas. Era o meu reino, meu consolo, minha inspiração, minha vida. Eu estava no primeiro ano do curso ginásial e um dia, uma professora olha para dentro e chama, batendo palmas. Era a professora Gleide Moreira de Almeida, professora novata em Quebrangulo, que se casara de maneira cinematográfica com o telegrafista Ribamar Lima de Almeida.

Professora Gleide não me encontrou em casa, mas falou para D. Maria, minha mãe, que ficara extasiada com a estante cheinha de livros. O mesmo ela fez no Ginásio, criando condições de todos os alunos desejarem ir lá em casa ver o tal acervo.

Esta abertura, este nariz de cera, é somente para lembrar que a referida estante era pequena, feita de ferro batido e constituía presente do Dr. José Rosalvo Costa. É que um dia, ao visitar sua casa nova, vi nos fundos da casa, uma estante daquelas usadas pelos antigos dentistas, abandonada. Falei com o dentista que disse: “se você quer, é sua, pode levar”! Fiquei doido de alegria, que até não sei quem me ajudou a levar

para casa para limpar, mudar divisórias, pintar e acondicionar os livros.

QUEM ERA JOSÉ ROSALVO COSTA?

Ao chegar à Rua da Matriz, ficando na Praça da Independência, logo você observa à direita uma casa de andar, de linhas sóbrias. É a casa que foi edificada pelo cirurgião-dentista, para ser a sua residência e seu consultório dentário: o mundo do Dr. José Rosalvo!

Nosso personagem estuda odontologia em Araraquara, São Paulo, voltou formado para sua terra, onde tomaria conta das fazendas e do consultório dentário. Naquela época, um dos únicos dentistas que existia em Quebrangulo. Era pessoa respeitadora, calma, prestadora de serviços a pessoas das mais diversas classes sociais.

Logo casara com Dona Clarice Costa, Coletora Federal, e pessoa das mais agradáveis no trato. Possuía dois filhos: Elisiário e Manoel, dois espíritos completamente diferentes um do outro, mas que se davam muito bem como irmãos e amigos.

Na falta de um estádio de futebol em Quebrangulo, o Dr. Rosalvo resolvera comprar, por conta própria, terras devolutas, situadas por trás da Rua da Palha (Rua 13 de Julho), ao lado do bairro do Triângulo, terras onde foi edificado o campo de Futebol José Rosalvo Costa, para alegria dos futebolistas.

As ligações dos meus pais com o Dr. Rosalvo e Dona Clarice eram tantas que ao terminar o meu curso de História, meu pai combinou comigo para chamar Dona Clarice, para que fosse a minha madrinha, o que foi

aceito com uma alegria muito grande, e no dia aprazado, Dona Clarice, na Faculdade de Filosofia, muito bem vestida, estava de braços, me conduzindo.

Muito tempo depois, o casal foi morar em Maceió, onde o cirurgião faleceu, deixando uma saudade enorme para os quebrangulenses.

Tenório Cavalcanti

Natalício Tenório Cavalcante de Albuquerque

Quando arregimentávamos materiais bibliográficos para escrever a nossa História de Quebrangulo (ROCHA, 1996), descobrimos, em viagem de estudos ao Rio de Janeiro, o livro das memórias de Tenório Cavalcanti, segundo narrativa de Arlindo Silva. (CAVALCANTI, 1954).

Nessa obra autobiográfica, Tenório afirma enfático: “Nasci em Bonifácio, município de Palmeira dos Índios, Estado de Alagoas, no ano de 1906. Quebrangulo foi, entretanto, a localidade onde me batizei”. (CAVALCANTI, 1954:13). Grifos nossos.

O fato da afirmação tácita de ter nascido em Bonifácio, “município de Palmeira dos Índios”, quis me parecer que Tenório não aceitava Quebrangulo como sua terra, apenas prezava ou escolhia sim, Palmeira dos Índios.

Nossa má querença com o focalizado, que fez não o ter enfileirado como as Figuras Ilustres da terra, ou como escritor quebrangulense na obra referida, vem desse mal entendido, que foi sensivelmente atenuado ao conhecer os dois livros de suas filhas, aqui nomeados.

Do Carmo Cavalcanti, uma dessas filhas, assinala que Antonio Januário Tenório Cavalcanti de Albuquerque, pai de Natalício Tenório, residia na localidade Bonifácio, município de Quebrangulo, próximo a Palmeira dos Índios. (FORTES, 1986:14)

Quebrangulo, cidade e município, não foi somente a localidade onde Tenório foi batizado, como afirmou; foi muito e muito mais, por exemplo, aos quatorze anos, pegou uma briga feroz com o assassino de seu pai e

foi à sua casa desacatá-lo e mata-lo. Golpeou-o com o “olho de enxada”, em seguida, desatinado, e com a orientação de sua genitora, correu para a casa do Coronel Felino, em Quebrangulo (CAVALCANTI, 1954:28). O coronel, chefe político importante, era seu parente próximo, e passara nesse momento a tomar conta de si. (FORTES, 1986:116)

Antonio Januário, pai de Natalício Tenório, era muito ligado ao deputado federal Natalício Camboim, amigo e protegido de Paulo Jacinto Tenório, figura importante de Quebrangulo, o homem mais rico e poderoso da região, parente próximo de Antonio. A amizade e admiração ao deputado é expressada quando colocou o nome do filho em sua homenagem. Então, Tenório Cavalcanti era sobrinho, não carnal, mas por afinidade, e afilhado de Camboim. CAVALCANTI, SANDRA(1986:116)

Sendo político já consagrado na Baixada Fluminense, já tendo casado e com filhas, Tenório volta a Quebrangulo, para “descansar”, ou para permitir que haja sensíveis mudanças políticas em Caxias. Em sua terra, passa cerca de seis ou sete meses com a esposa e filhas, para depois voltar à terra eleita. Ao chegar à cidade, o casal foi recepcionado por seus primos Lourenço e Eulina Tenório. Ele, fazendeiro próspero, proprietário de uma mansão próxima à estação de trens da cidade. CAVALCANTI, SANDRA (1986:114). ROCHA (1996, álbum fotográfico).

A ligação de Tenório com sua terra é tanta que, no filme O homem da capa preta, tratando a respeito de sua vida, obra realizada por Sérgio Rezende sob a supervisão de suas filhas Do Carmo e Sandra, tendo o próprio Tenório assistido a pré-estreia. Nele, em uma das primeiras cenas,

tendo recebido um pacote de sua mãe, por pessoa que chegara de Alagoas, afirma enfaticamente: isto é rapadura de Quebrangulo!

Em última análise, sendo a localidade Bonifácio pertencente político-administrativa a Palmeira dos Índios, ou a Quebrangulo, não importa, o fato é que do ponto de vista social, a vida ensinou a Tenório, na prática, que a sua terra era verdadeiramente Quebrangulo.

Em inúmeras páginas da narrativa autobiográfica, o focalizado traz a ideia religiosa-popular de ter nascido no dia 27 de setembro, por isso e por intersecção de sua mãe recebeu proteção dos “dois santinhos gêmeos, São Cosme e São Damião”. Até aí percebe-se fortemente sua veia populista, surgida de forma muito natural; é, pois aquele que é, que vem, assume e representa o povo. Um pouco do que pensa este que escreve, parece até praga de família.

Suas memórias autobiográficas foram ditadas a Arlindo Silva, onde demonstra, com uma grandiosa riqueza de detalhes, sua vida desde a chegada ao Rio de Janeiro, até a sua condição de deputado federal.

Em toda a sua vida e por suas ações que abalava as estruturas de pessoas hipócritas e de grupos de corruptos, que ocupavam o poder para se locupletar, foi “cabra marcado para morrer”, mas sempre e, por ajuda dos “santinhos”, soube se defender, embora contasse quarenta e sete marcas de bala no corpo.

Em sua obra demonstra a capacidade de ser poeta improvisador, com poesias simples, telúricas, como deve ter sido toda a sua existência.
CAVALCANTI (1954:12)

Edmundo Ramires Saldanha

Para Amaro da Rocha Guedes, o notável cronista da época, Edmundo, (*29/07/1865 + 02/02/1945) foi importante para a vida social e cultural de Quebrangulo. É o querido cronista quem o descreve como o homem dos sete instrumentos em sua obra *Águas do Paraíba*: "assemelhava-se a um tipo anglo-saxão, era alto, calmo, loquaz, fidalgo e sentimental, mas sobretudo, cheio de ideias, para transformar a sua cidade em festa e alegria".

Em sua oficina produzia fogos de artifício com grande criatividade. Nas festas, religiosas ou profanas, lá estava o Edmundo abrilhantando, contribuindo, brilhando.

No terreno da música, era exímio instrumentista no Bombardino. Não esquecia de engrandecer as figuras dos maestros Zeca Amorim e João Testa.

Em sua homenagem, foi composto um dobrado, "Edmundo Saldanha", sempre aplaudido por todos.

Tinha admirável capacidade de improvisação dando maior importância aos eventos da cidade, todos a dizer fortemente: Bravo!

Foi ele o idealizador do monumento aos cem anos da independência do Brasil, parte da revitalização da praça da independência, no centro da cidade, em 1922.

Foi casado com Dona Josefa Ramires Saldanha, com quem teve os filhos Rachel, Otacília, Otília, Israel, Josué, Jovelina, Anita e Hilda.

Com Rosa Maria dos Prazeres, teve Maria José dos Prazeres, depois de casada, Maria José de Barros Lima.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

1897 - É funcionário da Câmara Municipal e comissário de polícia.

1899 - Vereador

1901 - Junto com o irmão Linduarte, dirige uma escola de danças.

1910 - É músico e toca no baile da NATA, onde existiu a loja dos Laurindos.

1911 - É membro do Partido Democrata.

1915 / 1916 - Dirige dramas e peças teatrais.

1918 - É escrivão da coletoria estadual e presidente da Sociedade Musical Vitoriense.

Toca bombardino na Banda Musical Dois de Dezembro.

1922 - Idealiza a Praça da Independência, para os festejos do centenário da

Independência do Brasil. Em tais festejos são tocadas entre as músicas preferidas, o dobrado

“Edmundo Saldanha”

1923 - Assina o termo de posse do Pe. Cândido Ferreira Machado,

1926 - Organiza o carnaval de Quebrangulo e incentivando os blocos Batalhadores e Caradura.

1927 - É vice-presidente do Tiro de Guerra

Dr. Jerônimo da Cunha Lima

Natural de Quebrangulo, filho de Belisário da Cunha Lima Sobrinho, tabelião público desde 1898, e de Maria Dias da Cunha Lima. Interrompeu seus estudos na Faculdade de Direito do Recife, quando do falecimento do seu pai, assumindo o cartório e a família. Posteriormente, concluiu os estudos de direito em Maceió. Casou com Jovelina Ramires Saldanha, que foi vereadora em diversos mandatos e tabeliã substituta participando do trabalho do Cartório.

Além dos filhos Newton Saldanha da Cunha Lima (juiz de Direito) e Jerônimo da Cunha Lima Filho (arquiteto), criou, como filha, Maria José Ramires Saldanha, que assumiria posteriormente o tabelionato. Era casada com José de Barros Lima, com quem teve os filhos Alexandre César (Engenheiro) e Queops Quefren (Tabelião).

Tinha grande biblioteca, era leitor constante e incentivava a família e os alunos à leitura.

Além de tabelião, foi deputado estadual, prefeito, vereador e professor. Era músico (executava ao saxofone as partituras que acompanhavam as exposições do cinema mudo) e foi também pecuarista.

Solícito, sempre pronto a ajudar a todos que o procuravam, a qualquer hora, uma espécie de consultor para assuntos de direito ou da vida cotidiana.

No ano de 1946, juntamente com o Médico Fernando Figueira, Jefferson Maynard e outros da sociedade Quebrangulense, fundou o

Clube Monte Castelo, inaugurado em 22 de abril do mesmo ano. Uma das festas mais lembradas foi o “Baile da Primavera”, com traje a rigor quando foi eleita rainha da primavera a jovem Eunice Magalhães. Anos depois, a cantora Leureny Barbosa, especialmente querida na cidade, fez grandes apresentações naquela casa.

Os discursos de Dr. Jerônimo eram bem elaborados e despertavam interesse e emoção. Destacamos dois deles: o primeiro durante a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra a Alagoas, quando reforça a importância da implantação de hidrelétrica na cachoeira de Paulo Afonso. O segundo na outorga do título de cidadão honorário de Quebrangulo ao Pe. Moisés Vieira dos Anjos, pronunciado na Câmara de Vereadores em 15 de novembro de 1979. Trata a respeito do papel do pastor cujos sermões foram ouvidos por muitas gerações.

Como mestre, sempre estava a dizer, relembra Gaspar Bitu: "Vocês precisam ler, estudar atentamente os livros da aula primária. Só assim irão aprender mais, sempre mais e melhor".

O seu amor a literatura francesa expressa através de obras de Chateaubriand e Victor Hugo, o fazia quase declamar. O professor reverberava ao ponto de nós, alunos, ficarmos impressionados.

Assim era o meu caríssimo professor de língua portuguesa do curso ginasial, o Dr. Jerônimo da Cunha Lima.

Os Cem Anos de D. Maria Soares Tenório

Querida mamãe. Parece que foi ontem, eu estava em seus braços e você contava estórias, causos, aquilo que você sempre gostou de fazer e fazia alegremente, para ver o seu caçula rir de felicidade.

O caçula, então, quando chegava de férias de Maceió a Quebrangulo, era recebido com um lombo recheado, que papai gostava de comprar e você sabia, divina e pachorradamente, fazer. Eram dois dias de trabalho; lembra, mãe? E o caçula, guloso que só ele, às vezes nem agradecia o esforço, ia comendo, fazendo cara de muita alegria e você ficava muito feliz.

Depois do almoço, sentávamos na calçada e íamos falar sobre os nossos amigos, principalmente aqueles que já tinham ido prestar contas a Deus.

Agora que você completou cem anos e que está tão esquecida, será que ainda lembraria, pelo menos por alguns momentos deste filho ingrato, que não soube preza-la, como fazem todos os bons filhos? Será que poderia lembrar, por exemplo, de minhas saídas de casa para viajar, para tentar a vida, para aventurar-me no mundo? Será que teria lembranças de cada filho e das suas preocupações para com todos eles?

Sabe mamãe, agora que estamos contando sessenta e seis anos, longos tempos de trabalho nem sempre reconhecidos, nem recompensados e com três filhos e cinco netos, uma delas sendo nossa filha, que chama Iracilda de mãe, e eu de pai, a barra pesa a cada dia e ficamos a

pedir a Deus coragem para enfrentar os desafios.

Ficamos tão tristes, eu e Iracilda, ao vermos você prostrada naquela cama de hospital. Logo você que era tão forte, trabalhadora, curiosa, sempre pronta a levantar, sair, resolver aquilo que poderia ser resolvido e, conversar animadamente até com todos os desconhecidos que aparecessem!

Eita mamãe danada! Lembra das vezes que ia ao consultório médico e, com poucos minutos já estava sabendo da vida e dos trabalhos e dos parentescos de todos que estavam ali?

Queria voltar a vê-la, não prostrada nem desmemoriada, mas alegre, tranquila, feliz, contando as histórias que gostávamos de ouvir e eu poder, depois de dar um beijo em sua testa, afagar seus cabelos sedosos, qual manto puro do mais fino tecido já feito!

Até logo mamãe. Espero que Deus saiba como aumentar os seus dias, mas peço a ele que faça você ter de volta a lucidez de antes.

Um beijo dos filhos.

José Maria Tenório Rocha e Iracilda Cavalcante da Silva Rocha e dos netos: Alexandre, Arnaldo e Ronaldo.

Maria Soares Tenório, faleceu no Hospital Geral do Estado Prof. Oswaldo Brandão Vilela, no dia 14 de novembro de 2010, às 7h. Causa mortis: Falência múltipla dos órgãos. Enterrada no Cemitério de São José, Prado, Maceió-AL.

João Teixeira Cavalcante

Divaldo Suruagy

O trem da Great Western sai de Viçosa em direção a Quebrangulo. A paisagem é uma das mais belas do Estado de Alagoas. As águas do rio Paraíba, em busca do oceano Atlântico, fertilizam a região. A terra é igualmente privilegiada à agricultura e à engorda de gado. A velha “maria-fumaça” sopra ruidosamente no esforço de subir a Pedra Talhada.

O jovem estudante da Faculdade de Direito, em Maceió, embora tenha feito aquela viagem inúmeras vezes, é sempre com forte emoção que se reencontra com sua cidade. As recordações da infância e da adolescência são doces e profundas. As festas juninas, as novenas do mês de maio, na Igreja do Bom Jesus dos Pobres, os namoros à distância, as trocas de olhares, apertos de mãos mais prolongados, os banhos de rio, estão gravados na sua memória. O ruidoso apito, anunciando a chegada do trem, leva grande número de pessoas à estação. Era um grande ponto de encontro. Os mais velhos iam buscar notícias da Capital e a juventude, com suas melhores roupas, desfilava e flertava. Nove, dos dezesseis filhos do fazendeiro Sebastião Teixeira Cavalcante, viajam para passar o natal e o ano novo com os pais. A família costumava se reunir nas férias escolares. A estudantada, vinda de Recife, Maceió e Palmeira dos Índios, com sua alegria irreverente, anima Quebrangulo.

João Teixeira Cavalcante nasceu em 11 de outubro de 1907, na Fazenda Bonito, na fronteira com Pernambuco. Alto, possuindo mais de um metro e oitenta, bem apessoado, compleição atlética, corredor de vaqueja-

das, comunicativo, corajoso, bom orador, fazia um enorme sucesso junto às mulheres e conquistava facilmente o respeito dos homens.

A crise econômica oriunda dos reflexos negativos que se abateram sobre o mundo ocidental, após a “débâcle” da Bolsa de New York; a derrota eleitoral de Getúlio Vargas; a insatisfação da jovem oficialidade das Forças Armadas com as decisões oligárquicas da Primeira República; e a morte de João Pessoa foram os estopins da Revolução de 1930. João Teixeira, temperamento reformador e belicoso, é um dos mais ardentes entusiastas do movimento revolucionário.

Na década de quarenta, a inteligência nordestina tinha poucas alternativas de afirmação. Fiscal de consumo, oficial do Exército, funcionário do Banco do Brasil, eram sonhos da classe média. As faculdades de Medicina e Direito, praticamente as únicas existentes no Nordeste, eram estuários da elite. Os filhos dos donos da terra, os grandes proprietários e os ricos comerciantes eram os privilegiados, com raríssimas exceções, que exerciam a medicina e a advocacia, e através delas, a política, isto é, a condução dos rumos da comunidade.

João Teixeira escolheu a advocacia, especializando-se em direito penal, e o destino o conduziu à política partidária. Prefeito de Quebrangulo, em 1943, na Interventoria de Ismar de Góes Monteiro, com a queda do Estado Novo, deputado estadual constituinte, em 1947, exercendo a liderança da maioria e fundador do PSD, um dos partidos mais estáveis da história brasileira.

A projeção nacional do General Góes Monteiro, como líder militar

da Revolução de Trinta, faria com que a família assumisse o comando da política de Alagoas, que era chamada por alguns, no sul do país, de Alagóes. A referência jocosa era porque três dos irmãos governaram o Estado, um deles foi prefeito de Maceió e quatro foram senadores da República. O conflito entre os Góes Monteiro dividiu a sociedade alagoana. As consequências tiveram efeitos trágicos e multiplicadores.

Líder da bancada do governo Silvestre Pércles, na assembleia Legislativa, e secretário de Segurança Pública, no Governo Muniz Falcão, o professor de Processo Civil da Faculdade de Direito, João Teixeira, teve um papel muito importante nos acontecimentos políticos da época. O amadurecimento da idade domara o espírito apaixonado e transforma-se no conciliador. É escolhido pelo presidente Juscelino Kubistchek para mediar o impasse entre o governador Muniz Falcão e o Poder Legislativo estadual.

Faleceu aos oitenta anos. Viveu intensamente. Personalidade magnética, irradiava uma natural simpatia. Uma mesa de jogo, com sua presença, transformava-se em algo inesquecível. Gostava de um bom vinho, num jantar prolongado, onde conversava sobre os mais diversos assuntos. Adorava ouvi-lo falar sobre o passado alagoano, assumindo propositadamente um linguajar caboclo irônico e pitoresco. Costumava dizer, com uma gostosa gargalhada, que se sentia mais vaqueiro do que o professor universitário ou o líder político. A morte foi para ele o descanso do sono desejado, depois de um longo dia produtivo e útil, como foi sua vida. Permanece a saudade.

SURUAGY, Divaldo. Contemporâneos. Maceió: Igasa, 1981. pp.265-267.

Manuel Fiel Filho

“UM DOS MÁRTIRES DA DEMOCRACIA BRASILEIRA”

Depois do terrível, lamentável e sempre lembrado suplício e morte de Wladimir Herzog, jornalista experimentado e diretor da TV Cultura de São Paulo, em outubro de 1975, nos porões do DOI CODI do exército de São Paulo; após exatamente três meses, em janeiro de 1976, um simples operário, MANUEL FIEL FILHO, alagoano de nascimento, quebrangulense por naturalidade e de coração, sofreria tortura e morto na mesma sala do DOI-CODI paulista e na mesma situação de Herzog pela polícia ter tido conhecimento que o operário lia e distribuía o jornal *A voz operária*, do Partido Comunista Brasileiro.

A prática delituosa acarretou um grande vexame e enorme rebulição entre a classe política de esquerda e o poder central do Brasil, a ponto do então presidente Ernesto Geisel, ouvindo o governador de São Paulo, Paulo Egídio Martins, desligar e substituir o comandante do II Exército Ednaldo D'Ávila Mello, substituído pelo Gal. Dilermando Monteiro; lembremo-nos que o Brasil estava sob a vigência do AI-5. Para que tudo tentasse voltar à relativa “paz armada” daqueles dias cinzentos, enormemente conturbados. De fato, com a morte de Manuel Fiel Filho “a imprensa noticiou tortura pela primeira vez. (...) Aos poucos, as redações iam se livrando dos censores”. COUTO (2003:169)

A análise contida na pesquisa “Brasil nunca mais” (pp.92-93), é bastante enfática em afirmar: “Dentre essas prisões, causaram forte

impacto político até mesmo um despertar da consciência nacional contra a repressão, as mortes do jornalista Wladimir Herzog, em outubro de 1975, e do operário Manuel Fiel Filho, em janeiro de 1976, ambos ocorridos nas dependências do DOI-CODI do II Exército na Rua Tutóia, em São Paulo”.

O que faremos a seguir é um simples e desprezioso informe, mercê da falta de maiores e melhores dados requeridos para se fazer melhor juízo de valor que procure resolver ainda a má cuidada das questões que envolveram a chamada Revolução de 31 de março de 1964.

QUEM ERA MANUEL FIEL FILHO?

No pequeno município alagoano de Quebrangulo, dedicado à agricultura de subsistência e ao criatório de gado bovino para o corte e para a venda de leite para as fábricas de queijo, nasceu em 7 de janeiro de 1927 Manuel Fiel, filho de pequenos agricultores.

Como a terra é sempre avara, obrigando os seus filhos a praticar o êxodo, traduzido através da migração a São Paulo, o oásis de quase todos os nordestinos nascidos pobres, assim o pai de Manuel juntou os dezoito filhos e seguiu para o “sul maravilha”. Manuel então contava dezoito anos de idade. A ida da família foi apressada pela morte da mãe, deixando a grande família atordoada, a ponto de não pensar muito, subir em um pau-de-arara e ir embora; era o ano de 1945.

Em São Paulo, Manuel fez de tudo: depois de ter servido ao exército em Caçapava, começou um rosário de variados trabalhos em bares,

como cobrador de ônibus, em padaria, finalmente a profissão de metalúrgico, na empresa Metal Arte, em Belém, onde permaneceu durante dezoito anos, como encarregado de prensas hidráulicas, sempre trabalhando com carteira profissional assinada, embora a polícia tenha afirmado que era um simples desocupado, vagabundo.

Ao contar vinte e sete anos de idade, Manuel teve o prazer em conhecer a jovem Tereza de Lourdes Martins, que contava vinte anos de idade, e o encontrou morando em um pequeno quarto de fundos da casa da sogra da irmã de Tereza. Ao que tudo quer parecer, desse encontro nasceu o chamado “amor à primeira vista”, tanto que um ano depois, casam-se na Igreja Católica da Vila Formosa, na zona leste de São Paulo. O casório resultou no aparecimento de duas filhas: Márcia e Maria Aparecida.

VIDA, PRISÃO E MORTE

Não deve ter sido fácil para Manuel trabalhar como operário e manter uma pequena família; e isso é fácil de depreender, porquanto, sempre o grupo familiar estava a fazer mudanças. Outra prova das dificuldades é que em quarenta e nove anos de idade, nunca teve a possibilidade de voltar à sua terra, para matar as saudades dos seus. Talvez o mesmo se possa falar de dois de seus irmãos que ainda viveram na capital de São Paulo e em Santos.

A calma atribulada de operário começa quando em 17 de janeiro de 1976, numa sexta-feira, elementos da polícia do Exército seguem à empresa Metal Arte em busca de alguém de sobrenome FIORI. Depois de

vasculharem os arquivos, encontraram não o Fiori, mas o sobrenome FIEL, entenderam que era esse o alvo requerido, aquele que lia e distribuía o jornal A Voz Operária, do Partido Comunista Brasileiro.

Manuel foi preso para averiguações e levado da Vila Guilherme até o bairro de Belém, num percurso que seria de trinta minutos, demoraram duas horas e meia, finalmente chegaram na casa, situada na rua Coronel Rodrigues, 155.

Ao ver chegar o carro com o esposo, desconfiada Tereza disse: “se é que vocês são, como dizem, da Prefeitura, eu sei onde estão os documentos, eu procuro; não precisam vocês revirar a casa; se estão à procura dos jornais do sindicato, eu sei onde se encontram”.

Tereza e Márcia nunca souberam ou tiveram certeza que Fiel fosse do Partido Comunista, apenas diziam que ele frequentava ativamente as reuniões do sindicato. Possivelmente ele não comentava nada com a família, para que assim as protegesse.

Os policiais reviram toda a casa, depois um deles diz: “Deu sorte, não achamos nada!”

Saem, levando Manuel. Ao ser perguntado para onde o estavam levando! Disseram: “para reconhecer um preso. Ele volta logo. Não conte nada a ninguém!”

Apreensiva, Tereza avisa ao sobrinho de Manuel, Zé Fiel, que ainda mora na cidade de Quebrangulo, e com toda a razão não gosta de falar desse acontecimento!

Depois de muito procurar em inúmeras delegacias, um amigo

informou que Manuel estaria no DOI-CODI, mas de forma incomunicável. Tal repartição era a masmorra da ditadura militar paulista. Na noite seguinte, sábado, dia 18, às 22 horas, um carro Dodge D'Árt chega com dois desconhecidos; um deles sai do carro e joga um saco com os pertences de Fiel, dizendo que era funcionário do Instituto Médico Legal e que Manuel cometera suicídio. Tereza se desespera, grita e recebe ameaças.

Disseram que nenhuma mulher poderia ir ao IML, então no caso, Dona Tereza enviou o sobrinho Zé Fiel, que foi buscar o corpo para enterrar. O velório e o enterro acontecem no dia 23 de janeiro na Igreja de Belém e o enterro, no Cemitério da Quarta Parada. O corpo foi velado das 6h30 às 8 horas, de modo que nenhum dos amigos e familiares fosse informado. A quem perguntasse, deveria ser dito que Manuel teria morrido de ataque do coração e não que morrera em consequência de choques, porradas e enforcamento.

No enterro, a filha notou a presença de pessoas estranhas e disse berrando: "Vieram ver se está tudo feito? Ele foi executado!"

Dona Tereza ao chegar na empresa Metal Arte para comunicar a morte do esposo, encontrou dois policiais falando com o chefe do Departamento de Recursos Humanos. Perguntando por mais um operário. O chefe disse: "Você levou um operário que voltou morto, agora só leva outro se trouxerem o mandado".

Receosa, Dona Tereza foi para a casa da irmã e sua filha Márcia para a casa de uma prima em Água Rasa. Notícias da morte de Manuel saem nas TVs. Ansiosa, Tereza vende a casa residencial para a Metal Arte.

Vinte e dois dias depois foi chamada para depor no IML, onde Fiel fora morto. Mostraram a ela um par de meias, com as quais Manuel teria se estrangulado, para Dona Tereza afirmar se seriam dele. Ela disse que nunca vira tais meias, ademais ele fora preso de sandálias e sem meias. Abalada, assina o documento e assim o exército encerra o processo e o arquiva.

A DURA BUSCA DA VERDADE

Durante dois anos, mãe e filha estão à procura de advogados que tentassem pelo menos descobrir a “causa mortis” de Fiel, e algum reparo, em nível de indenização, para o caso fosse feito; mas dada a situação política do Brasil, nenhum advogado quis aceitar a tarefa, mas com a interferência de Dom Evaristo Arns, vários advogados assumiram a questão; pertenciam então a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, foram eles:

Marco Antonio Rodrigues Barbosa, Samuel Mac Dowell Figueiredo, Sérgio Bermudes, (este tratara do caso Herzog). Outros advogados também trabalharam no caso, são eles: Geraldo Tardelli, Lucimara de Moraes, Heleno Frago e José Gregori.

Referidos advogados iniciaram dois tipos de processos: um civil e outro criminal; este encerrado concluindo que Fiel fora morto POR ESTRANGULAMENTO, vez que o autoestrangulamento, é quase impossível em medicina. O médico legista que fez o laudo foi José Antonio de Melo.

Dona Tereza passou vinte e um anos para receber a verba conseguida através do processo por perdas e danos. Recebe então R\$ 296.141,72, e uma pensão de R\$ 800,00 durante dois anos, através da Caixa Econômica Federal. O ganho de causa foi em 1980, a sentença que deu ganho de causa a D. Tereza foi proferida pelo juiz da 5ª Vara Federal Jorge Flaquer Scartezzini, que afirmou que os carcereiros interrogados poderiam responder criminalmente. Mas os juízes engavetaram o processo e somente em 1995 é que recebem o dinheiro.

Durante o processo várias testemunhas foram ouvidas, alguns presos que estavam no DOI-CODI quando Fiel estava lá, entre eles Sebastião Almeida, bilheteiro que entregou Manuel aos militares.

Desde a abertura dos processos, Dona Tereza mudou-se para São Vicente, um ano depois, volta e passa a residir na Mooca e a trabalhar na Febem. Depois de treze anos de trabalho, aposenta-se.

Ao receber o dinheiro ganho nas ações do processo, passa a residir em Bragança Paulista, e nunca mais se casou!

Ao suspirar aliviada, certa do dever cumprido, D.Tereza afirma com convicção: “Tiradentes foi o mártir da Independência, meu marido foi o mártir da política!”

Em homenagem a esse mártir, a edilidade de Maceió colocou seu nome para denominar uma das ruas, que infelizmente não conseguimos localizar.

O cinegrafista brasileiro Jorge Oliveira da Silva, da firma Jorge Oliveira da Silva Comunicação Consultoria e Marketing, anunciou e pediu

permissão à esposa de Fiel, para realizar um documentário de título “Perdão Mister Fiel”, que ainda não sabemos se foi realizado.

O compositor e músico conterrâneo Gaspar Bitu, compôs em sua homenagem a música instrumental “Manuel era Fiel e Filho da liberdade”, contido no CD *Versos, Vialejos e Quebranguladas*, de 2005, dizendo no encarte:

“Alembro de Manuel Fiel Filho rosnando impropérios contra o capitalismo. Depois a notícia: fora assassinado pela ditadura...Nada em vão”. Manuel Fiel Filho da liberdade!

“Os raios do trovão levaram os sermões dos Padres Terto e Reginaldo Veloso e eles nunca mais se calaram...”

Luiz B. Torres - Entre o Sentimento Telúrico e o Respeito pelos Deserdados da Sorte,

A CONSTRUÇÃO DE OBRA SÓLIDA E MULTIFACETADA

1 - A OBRA

“*Estou baleado, me acudam!*”, é este o título da última obra de Luiz B. Torres, nela o autor não foge ao gênero instaurado em 1975, o do *romance histórico*, nem a temática concebida em 1970, quando trata dos miseráveis da terra, dos deserdados da fortuna, obra que dá, em certo sentido, continuidade no final dos oitenta e início de noventa com a obra *Visão Social do Evangelho*.

Mesmo quando escreve obra historiográfica, seu senso de ficcionista de aguçar a obra ganha um tanto de leveza própria da ficção, sem se descurar da linha de denúncia social que permeia toda a sua obra, nem há a menor traição do sentido de responsabilidade cristã que imprimiu em toda a sua existência.

Embora tratando da ação de um beato elevado à condição de santo, por seus seguidores, consegue sair da tessitura que começou a traçar, para inserir comentários nus e crus, onde o leitor é envolvido em seríssimas questões sociais e universais, sendo inclusive partícipe e conivente com a linha de raciocínio estabelecida pelo autor.

Ao invés de cometer obra piegas por se tratar da problemática que envolve um caridoso conselheiro, tido como um santo conselheiro, consegue afastar-se dessa linha um tanto quanto estéril, para estabelecer um retrato ampliado do caos em que os personagens estão inseridos.

Suas figuras possuem a força da razão que os fazem reagir perante a desalentadora situação e vencer o caos.

As contradições são resolvidas por artifícios sumamente materiais, porque a razão vai, a cada instante, superando ideologias nefastas anteriormente estabelecidas.

Livre de qualquer preconceito de “falsa santidade”, o autor, diferentemente de todas as suas obras anteriores, está cru, desnudado, permitindo que seus personagens, com a sua linguagem bastante terrivelmente popular, avessa a qualquer das regras de uma pretensa decência igual às aquelas estabelecidas pela academia, que procura, obstinadamente confundir homens com anjos.

Alguns linguistas mais exigentes, entretanto, poderão estranhar certos diálogos de alguns personagens, como os de Ticha de onze anos, analfabeta, e o de Conceição, que mesmo sendo semianalfabeta, possuem retóricas invejáveis; tal prática não vem, necessariamente destoar argumentos tão sabiamente sólidos e bem inspirados como a obra é preme deles.

Em sua obra, a tintura forte da palavra ganha dimensões acres, como acérrima é a situação social dos deserdados e malditos, aqueles que aparentemente nasceram para trampolim ou escada de uma classe pretensamente eleita por Deus para mandar, governar, até escarrar nas débeis figuras que sofrem, lutam, resignam-se, mas que podem ter o seu dia de desforra; e nesse dia eles poderão, verdadeiramente, dizer da igualdade, porquanto todos nasceram com o sagrado direito a ventura e a felicidade.

O que mais dizer desse livro forte, de ações contundentes, que nos leva a reflexionar e a tomar partido?

É uma obra que tem um pouco da marca das anteriores, portanto denota a estrutura mental de seu autor, sumamente envolvido e comprometido com ações que procuram transformar os trapos humanos em homens conscientes.

É dessas obras que necessitamos, por ter o poder de levar a todos uma séria reflexão e o desejo de tomar partido contra a miséria que teima em se arraigar e não permitir que homens exerçam o seu poder de uma consciência crítica que os afastem dos mesmismos, da pequenez, do chororô...

Pela importância de sua obra lítero-sócio-cultural, Luiz Torres foi agraciado, no dia 13 de maio de 1984 com a Medalha do Mérito Joaquim Nabuco, da Fundação Joaquim Nabuco, de Recife.

Recebeu o título de Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em 1974. O Prêmio Moinho Nordeste, da Academia Alagoana de Letras, obtido com a obra *Procissão dos Miseráveis*.

A Comenda da Ordem Xucuru, da Câmara Municipal de Palmeira dos Índios (AL.), “pelos relevantes serviços prestados ao município”.

Como escritor, perpetrou obra multifacetada como a sua vida e sua inserção nos movimentos socioculturais de seu município. Examinemos a sua Bibliografia.

a) ETNOLOGIA

----*Os índios Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios*. s.ed., 11 folhas mim. 1972.

----*Os índios Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios*. Ensaio.s.ed., 29 p., mim.1973.

----*Os índios Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios*. Palmeira dos Índios: Indusgraf Indiana, s.d., (1974), 49 p. ilustr.

----*Os índios Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios*. 4ª. ed. ampliada e revista. Maceió: Igasa, 1984, 97 p. ilustr.

----*Toré*. *Jornal de Alagoas*, Maceió 19 ago.1976. Cad.2:l.

b) HISTÓRIA

----*A Terra de Tilixí e Txiliá*. *Palmeira dos Índios*, século XVIII e XIX. Palmeira dos Índios: Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios, 1975.

----*Roteiro sentimental de Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Em parceria com o escritor Ivan Barros. Maceió: Instituto Arnon de Melo; Secretaria de Comunicação Social, 1992, 14 p. ilustr.

----Manoel Neném, o violeiro imbatível. Nunca levou desaforo para casa, resolvia-o logo que encontrava. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 30 mar. 1977:9.

c) INÉDITOS

----Socorro, não quero ser padre. 1987.

----O catolicismo e sua influência em Palmeira dos Índios, 1987.

----Jornais palmeirenses desde 1865. 1989.

----Roteiro histórico e turístico de antigas ruas de Palmeira dos Índios.1989.

----Veredores e prefeitos palmeirenses, desde 1938.1991

d) ROMANCES

----*Procissão dos miseráveis*. Rio de Janeiro: Edições Carajá,1970

----*Estou baleado, me acudam!* 1991, este que agora se publica!

Discorre a respeito do Beato Franciscano, de quem ainda publica: Místicos e beatos, esperança de libertação social. Jornal de Alagoas, Maceió, 22 jul. 1977.Cad.2:1

Analisa movimentos messiânicos a partir do episódio de Canudos, para depois tratar do caso ocorrido em Quebrangulo-AL, o do Franciscano.

e) FILOSOFIA SOCIAL - TEOLOGIA

----*Visão social do evangelho (Comunismo cristão)*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990. 97 p.

----*Jesus, o impostor?*. Brasília, 1995.275 p.

f) POESIAS

----Eu e o amor. Inédita, 1984.

2 - O HOMEM

Tem pessoas que por seu espírito altruísta, ou pela capacidade de reconhecer a validade de certos trabalhos, consegue, de bom gosto, estimular as pesquisas, os escritos, mesmo aqueles que sejam os primeiros ensaios altamente insípidos e vacilantes, por isso, cativam desde a primeira conversa, é o caso do escritor quebrangulense Luiz B.Torres.

Conheci Torres nos finais da década de sessenta, quando iniciávamos as pesquisas sobre a história de Quebrangulo, e por isso mesmo o livro futuro exigia um capítulo sobre escritores da terra e filhos ilustres, e como nada soubesse de sua biografia, segui a Palmeira dos Índios.

Fui recebido em seu escritório no estabelecimento comercial de nome Casa São Paulo, e ali em meio aos seus trabalhos de comércio e atendimento a um ou outro freguês, passava o dia a falar sobre sua vida e os seus inúmeros trabalhos.

Embora fosse ele nascido em 1926 e eu em 1944, parece que posuíamos a mesma idade. O homem vibrava intensamente ao contar suas aventuras no setor da arqueologia, deliciava-se ao comentar os personagens de suas obras; entristecia-se fartamente ao falar dos miseráveis de Palmeira dos Índios: de um lado os índios Xucuru-Kariri desamparados, do outro, a extrema pobreza cidadina.

Dos índios escreveu, bradou, filmou, publicou, descobriu documentos importantes que os ajudaram a reconquistar suas terras e os levou a ter outra visão do mundo; aos pobres da cidade, trouxe para si a esperança de uma nova vida, através da Sociedade São Vicente de Paula,

que em regime de mutirão, construía casas para a pobreza.

Era estimulante ver esse homem múltiplo discorrer sobre seus ofícios, principalmente levando-se em conta que ao seu derredor, quase não possuía interlocutores. Era um Dom Quixote que aos domingos, vestia o uniforme de trabalho e seguia com pás e picaretas tentando descobrir urnas funerárias, ou com as mesmas pás, ajudar na edificação de casas para os pobres.

Enquanto o domingo era o dia da pesquisa de campo, a semana representava tempo de exercer atividades comerciais e de elaborar seus escritos, entremeados com atendimento a aqueles que buscavam uma palavra sua.

Coração grande esse homem. Nunca o vi triste, nem chateado por atender alguém que o procurasse, mesmo se esse alguém fosse um simples pedinte; vi muitas vezes o modo como atendia o milionário e a forma como recebia o esmoler: sempre com um sorriso largo e meio apressado.

De voz forte, impostada, era bonito apreciar a leitura de um de seus textos, verificando a entonação precisa que emprestava a certas nuances das frases.

Não sei o mais admirável em Luiz, se o escritor, o pesquisador, o ilustrador, o empreendedor; talvez qualidade maior tenha sido a de saber ser amigo. Antonio Laurindo, a quem chamava afetuosamente de “adorável vate”, sempre falava muito bem do amigo, quem muitos recorriam, e ele sempre com um sorriso franco a receber fosse quem fosse.

É desse amigo, que agora deverá estar muito contente em sua

residência nova, que procuramos traçar o perfil.

Luiz de Barros Torres nasceu em um domingo da ressurreição, dia 4 de abril de 1926, na cidade alagoana de Quebrangulo, sendo o quarto dos dezessete filhos nascidos do casal Petronilo Virgínio Torres (Nilo Torres) e Dona Antonieta de Barros Torres, casados em 7 de fevereiro de 1922.

Muito criança, Luiz estuda até o segundo ano primário em sua terra natal com os professores Maria Vieira e Eduardo Trigueiros. Em seguida, estuda na capital alagoana, no Grupo Escolar Ladislau Neto, onde conclui o Curso Primário. Com o professor José da Silveira Camerino, estuda o Curso de Admissão ao Ginásio. No Seminário de Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de Maceió, estuda o curso ginásial no período de 1939 a 1943.

De volta a sua terra, começa a trabalhar, e em 30 de janeiro de 1951, contrai núpcias com Dona Terezinha de Jesus Passos, filha de Manuel Passos Lima e de Dona Maria do Amparo Passos, tradicional família palmeirense. Da união nasceram Luiz Byron, Maria Aparecida, Luiz Kleber, Luiz Kleber II, Ariadne, Sayonara e Jordana.

Sua vida pública é prenhe de trabalhos e realizações vitoriosas que tiveram por isso reconhecimento de várias gerações de nordestinos, especialmente de palmeirenses e de quebrangulenses.

No estabelecimento comercial que teve no passado a denominação de “Casa Sincera”, loja que pertencera ao escritor quebrangulense Graciliano Ramos, Torres estabeleceu a sua loja de ferragens de denominação

“Casa São Paulo”, em 1943, passando a usar o mesmo “boureau” que pertencera a Ramos, sem o tirar do lugar anterior: admiração? busca de simbiose? De uma forma ou de outra prezava e admirava infinitamente o conterrâneo.

Procurando dar vazão a sua chama literária, Torres, como inúmeros escritores brasileiros, buscou guarida nos jornais. No ano de 1947, funda com um grupo de simpatizantes, o Centro Literário Palmeirense, e em 1952 passa a colaborar no jornal palmeirense Opinião Pública que ajudou a fundar. Este foi o primeiro de uma série onde pontificou com seu espírito inquieto; assim escreveu para o *Correio Palmeirense*, *Tribuna do Sertão*, *Folha de Palmeira*, *Juventude Palmeirense* e *Jornal de Alagoas*, de Maceió. Em alguns desses periódicos assina a coluna Opinião e Chibatada, adotando vários pseudônimos, dentre os quais: Lutor, Dr. Sabe Tudo, Serrót.

Data de 1957 o período em que entra para a Sociedade São Vicente de Paula, sendo secretário de tal instituição até a sua morte. Na cidade, foi fundador e primeiro presidente da Companhia Telefônica, cargo que ocupou durante dez anos.

Por seu espírito combativo, funda em sua cidade Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) candidatando-se por esse partido ao cargo de vereador. Cria, anos depois, o chamado Movimento Renovador e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Funda, juntamente com amigos, o Lions Club, permanecendo na sociedade durante dez anos, quando ocupou os cargos de presidente, diretor social, presidente de divisão e vice-governador distrital.

É coautor do hino oficial de Palmeira, da música do Movimento Renovador e do hino do Colégio Estadual Humberto Mendes. Preocupando-se com a heráldica, foi autor das bandeiras dos municípios alagoanos: Palmeira, Igaci e Cacimbinhas.

Funda, com alguns interessados, o Museu Xucuru, de História, Artes e Costumes, ocupando durante várias etapas de sua vida os cargos de Tesoureiro. À frente dessa instituição, ficou mais entusiasmado com os trabalhos arqueológicos, o que permitiu descobrir e desenterrar 36 igaças, e ainda cachimbos, machados de pedra, fósseis de animais pré-históricos e inscrições rupestres.

Seu amor ao teatro o fez motivar e fundar o Teatro Amador de Palmeira dos Índios (Tapi), sendo seu diretor e Presidente. Dirigiu nesse período *As mãos de Eurídice* e *Morre um gato na China*, que contaram com a brilhante participação do ator palmeirense Jofre Soares, que a partir dessa prática, encontrou seu caminho para brilhar no teatro e cinema brasileiros. Essa ligação com o teatro o levou a dirigir filmes, dentre os quais *O interesse público* e *A lenda da fundação da cidade de Palmeira dos Índios*, no sistema “Super 8” de filmagens.

Uma marca muito interessante e admirável em tais filmes, é que, embora os mesmos tivessem roteiros pré-estabelecidos, o diretor, deixava aos atores a capacidade de improvisar, criar textos sendo eles próprios os autores dos mesmos. Lembro, a propósito, de um trecho do filme “*A Lenda...*”, onde um rapaz desempenha o papel de um preso. Nessa circunstância, implora ao delegado que ele entenda a sua situação; gritava e esperne-

ava: “Seu delegado...ou seu delegado...” tudo em seu universo vocabular, o que fazia o diretor se deliciar!

Antevendo a sua “passagem” para o outro mundo, escreveu e publicou uma poesia muito tocante, veja-a:

POST – MORTEN:

Quando eu deixar a vida, humildemente
Não quero que me enterrem num jazigo.
Só quero estes palmos simplesmente
Como fazem ao corpo de um mendigo.

Que o meu caixão em tudo seja igual
Ao reservado ao pobre indigente.
Não façam discurso ou ritual
Que me deixem irado e impaciente.

Se alguém chorar, que seja de verdade
Pois detesto quem chora sem razão
Choro ensaiado, sem sinceridade.

Lá na cova, curtindo a solidão
Envolvido com o pó da eternidade.
Hei de Deus, esperar o seu perdão.

O Semeador, Maceió, 13 jun. 1992, secção Letras e Artes, página

15.

(O autor faleceu no dia 24 de maio do ano corrente!)

Esse admirável trabalhador da cultura faleceu no dia 24 de maio de 1992, vitimado por edema pulmonar, no Instituto Nacional de Prevenção contra o Câncer, na cidade do Rio de Janeiro.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

1926, 4 abr. - Nasce em um sobrado na Praça da Independência, Quebrangulo.

1936, 31 dez. - O pai sofre atentado perpetrado pelo empresário da Companhia de Luz.

1937 fev. - A família fixa residência em Maceió

1938 - Matricula-se no Grupo Escolar Ladislau Neto, com a profa. Marií-nha

Presta Exame de admissão com o prof. J. Silveira Camerino.

1939, 4 fev. - Ingressa no Seminário de Nossa Senhora da Assunção, Farol, Maceió.

1940 - O pai adoentado, muda-se para Palmeira. Luiz fica no Seminário.

1943 - Luiz escreve romance sobre As Cruzadas na Idade Média, o livro é confiscado pela direção-geral do Seminário.

1944, 3 mar. - Deixa o Seminário e vai morar definitivamente em Palmeira.

1944-1945 - Passa um ano no Rio de Janeiro, onde trabalha.

1947 - Torna-se vocalista do conjunto musical “Malucos em ritmos”.

1948 - É jogador profissional do Centro Social Esportivo, de Palmeira.

1948, 27 jul. - Publica a primeira crônica, de título “O homem”, no Correio

do Nordeste, de sua terra.

1949, 27 fev. - Noiva com Terezinha de Jesus Passos, filha do Prefeito Manoel Passos Lima e Maria do Amparo Passos.

1951, 20 jan. - Casa-se com Terezinha Passos.

1952 - A pedido do Pe. Francisco Xavier de Macedo, elabora projeto para a criação de uma Diocese em Palmeira, e remete para ao Vaticano para apreciação.

1953 - Funda o Partido Democrático Cristão, sendo eleito seu presidente.

1960, 26 maio. - No salão do Aeroclube, dirige a peça Chuvas de Verão, com Jofre Soares, Darcy Souza e outros.

1960, 10 jun. - Funda o Teatro de Amador de Palmeira (Tapi).

1960, 26 out. - Dirige o monólogo As mãos de Eurídice, interpretado por Jofre Soares.

1961, 1 de jun. - Dirige a peça O Marido da Deputada, com Jofre Soares, Darcy Souza, José Delfim da Mota Branco, Cristália Lira, Margarida Ferra, além de outros.

1961, 3 ago. - Participa, na Itália, de encontro do movimento Folcolari.

1962, 10 fev. - É aprovado pelo Papa João XXIII a criação da Diocese de Palmeira.

1970, 27 nov. - Lança Procissão dos Miseráveis, seu primeiro romance.

1972 - Lança o ensaio Os Índios Xucuru-Kariri, em Palmeira.

1972, 3 set. - Passa a escrever para o jornal Luta Democrática, do Rio de Janeiro

1973, 5 dez. - Torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico de

Alagoas.

1975, 21 nov. - Lança o livro *A terra de Tilixí e Txiliá*.

1984 - Conclui o livro *Eu e o amor*, inédito.

1991 - Conclui o livro *Estou baleado, me acudam!* Inédito.

1992, 24 maio. - Falece às 23 horas no Instituto do Câncer, no Rio de Janeiro, vítima de edema pulmonar, seguido de parada cardíaca.

1992, 26 maio. - É sepultado no Cemitério São Gonçalo, em Palmeira dos Índios.

Julita Leão e suas histórias vividas

Eu sempre sonhei escrever sobre a história da minha vida. Mas, encontrava dificuldades pelo fato de não ter instrução para tanto; desisti. Tempo depois lá veio novamente a ideia. Incentivada por algumas das minhas sobrinhas (que são as filhas que não tive), resolvi escrever. Tenho apenas o 3º ano primário, daí a dificuldade de escrever um livro.

Apesar da minha idade bem avançada, pois nasci no dia 7 de dezembro de 1917, ainda guardo, bem nítidas, as recordações da minha infância. Sou a nona filha de um casal que teve 14 filhos; nove mulheres e cinco homens, mas só dez sobreviveram, foram eles: Onias, Lisbina, Rosa, Afrânio, Osíris, Manoel, Juanita, Nilda, Julita, Bete.

Meu pai era comerciante. Sua loja, de tecidos, situava-se na rua do Comércio, nº 110, em Quebrangulo, interior do agreste de Alagoas. Ele abriu essa loja, em 1901, esteve à frente dela até quatro de setembro de 1949, quando veio a falecer acometido de um enfarte do miocárdio, aos 67 anos de idade. Chamava-se João Leão Feitosa, mas era conhecido por Paizinho Leão. Por coincidência, casou com uma moça chamada Maria Amélia com o apelido de Mãezinha. A nossa família sempre foi bem unida. Nós, irmãos, como se diz geralmente: éramos um por todos e todos por um, e assim continua. Dos quatorze irmãos, restam somente quatro. Todas mulheres, todas viúvas.

Meu pai era um cidadão pacato, honesto e de respeito. Foi prefeito de Quebrangulo por três vezes. A primeira de 1919 a 1921. Da segunda

vez de 1923 a 1924 e a última de 1929 a 1930, com a revolução. Sua casa era aberta a todos, inclusive, recebia vez por outra autoridades como o governador Costa Rego, por exemplo.

Da minha infância, eu guardo boas recordações. Eu era uma menina muito impossível, danada mesmo, porém apresentava-me na pele de cordeiro. Basta dizer que eu tinha 10 anos quando fui a passeio na casa do meu irmão mais velho, que morava em Viçosa, cidade vizinha. Ele morava numa fazenda, pertinho da cidade, que pertencia ao sogro: Sr. João da Mata. Era uma fazenda de gado, mas tinha também um enorme sítio que começava no terreiro atrás da casa e ia até lá longe, com várias espécies de fruteiras.

A minha cunhada não teve filhos. O nome dela era Tercila. Era muito dengosa. Meu irmão Onias, um marido fora de série, chamava-a de Té, com todo o carinho. Ela era autoritária e se achava muito fina e educada. Eles tinham uma secretária que fazia os trabalhos da cozinha. Augusta, era o seu nome. Tinham também dois garotos que trabalhavam em casa, no jardim, e em outros afazeres eram eles: Elói e Júlio.

Minha cunhada, sentia prazer de me colocar junto com as empregadas, nos serviços da casa. Dizia ela que era para eu me tornar uma moça educada e habilidosa. Não sei porque ainda passei três meses lá. Não tinha direito de brincar, brincadeiras, só aos domingos! Era só estudar, coisa que eu odiava, achava um sofrimento na minha vida.

Um dia, ela fez uma enorme grosseria comigo, e eu jurei me vingar. Época atrasada, não havia banheiro, nem sanitário. Todos faziam suas

necessidades no penico. E eu, pobre menina, tinha que fazê-las no mato. Eles criavam porcos soltos, então eu subia numa mangueira do sítio e de lá largava a minha cagada (naquele tempo não se chamava cocô, como hoje). Embaixo da mangueira, já estavam os porcos, em número de três ou quatro, que brigavam querendo mais.

Um dia aconteceu outra grosseria bem maior. A água para o banho, era tirada de uma nascente que ficava no fim da ladeira há uns cem metros da casa. Os empregados apanhavam água e traziam para os patrões tomarem banho em casa, num quarto que ficava vizinha a casinha.

Eu tinha que descer a ladeira e tomar o meu banho na beira da cacimba. Um dia, eu chamei as filhas do vaqueiro Antônio Messias para irem comigo, pois tinha medo de ir sozinha porque existiam muitas cobras por lá. Quando terminei o banho, me lembrei que não tinha levado os chinelos. Pedi então a uma das meninas: “Cármem, vai lá em cima e pede a Tercila os meus chinelos que estão no meu quarto”. Sabe a resposta que Cármem trouxe? “D. Tercila disse que você fosse buscar, que sua empregada morreu de caganeira”. As meninas fizeram uma mangação tão grande, que eu pensei logo: “Essa não vai ficar assim. Eu preciso me vingar! Ela vai me pagar, e caro! E pagou mesmo ...”

Só estava esperando oportunidade. Um dia, ela me disse que estava doente e que só podia comer carne assada com arroz, leite, bananas fritas e café com torradas. Era a menstruação! Mas como eu ainda não entendia nada, estranhei aquela doença sem ficar na cama. Ela disse pra mim: “Augusta não está. (Augusta era a empregada). E você é quem vai

assar a carne”. Fiquei feliz. Muito feliz mesmo, pois chegou o momento da minha vingança! Ela me explicou tudo direitinho, como eu devia fazer: “coloque a grelha sobre as brasas e ponha a carne em cima e vá virando sempre”.

Não teve outra! Toda vez que eu virava a carne, dava uma cusparada sobre a mesma até a saliva ferver. Ficou bem assada. Mereceu até elogios. Na hora do almoço, eu intimamente sorria. A minha alegria era grande demais, ao vê-la comendo carne cuspada! Dias depois ela disse: “O leite vai ficar no fogo, quando ferver pode tirar a panela e colocar em cima do fogão. Naquele tempo o fogão era à lenha, e eu, na ânsia de brincar, que era raro, meti lenha no fogo para aumentar a labareda e cozinhar o leite mais depressa. A labareda subiu forte e o leite esturrou. Como eu estava brincando com uns caroços de milho e de quando em quando, caía um na panela, achei que foram os caroços que arruinaram o leite.

Em outras ocasiões, ela mandava que eu olhasse o leite para não derramar. Eu, propositadamente, jogava uns caroços de milho na panela, mas o leite nunca mais arruinou.

Minha cunhada era muito indelicada comigo. Hoje eu me pergunto: “como é que passei três meses com eles, sem nada dizer ao meu irmão?”.

Quando eu estava nessa fazenda, que tinha o nome de Bela Vista, e que tempos atrás chamavam-na Alto da Balança, recebi um presente de minha mãe: um vestido, um par de sapatos de verniz preto, por sinal muito bonito e uma linda sombrinha. Fiquei louca de alegria! O meu sonho era

possuir uma sombrinha. Todas as vezes que eu estava desocupada, corria para o quarto, calçava os sapatos, armava a sombrinha e ficava passeando pra lá pra cá, numa felicidade imensa! Mas minha felicidade e alegria era de pouca duração.

Minha cunhada parecia que adivinhava e dizia: “Jul, vá tanger as galinhas do jardim, vá encher as moringas e passe a vassoura na calçada. Quero serviço bem feito, vá espanar tal móvel...” e assim inventava tudo, para evitar que eu passeasse com a minha linda sombrinha. Nunca vi tanta falta de atenção e carinho para uma criança, pois eu tinha apenas dez anos!

Eu gostava de passear com a sombrinha, porque na minha escola, no fim do ano, haviam apresentações teatrais e jograis. E eu queria para mim uns versos que diziam assim:

“Andando assim como eu ando
Com esta bela sombrinha,
Não há ninguém que me deixe,
De julgar uma mocinha”

E tinha que me apresentar com a sombrinha armada, do jeito que eu fazia no quarto. Mas a parte que foi escolhida para mim, foram uns versinhos que diziam assim:

“Estão vendo esta moedinha?
Sabe de onde ganhei?
Do bolso da vovozinha,
Por um beijo que lhe dei.

Por um beijo ou um abraço,
Não me lembro muito bem,
Querem saber o que eu faço,
Guardo e não dou a ninguém”.

Foi esta a minha última apresentação na escola, que fiz contra vontade, pois eu só queria declamar os versos da sombrinha.

Naquela época, uma garota de dez anos era bem diferente das de hoje. Pois, até para varrer o jardim, eu era convocada. Não quero dizer que eu fosse uma santinha. Não! Era calma, boasinha, mas tinha os meus momentos de peraltice! Não havia quem dissesse que por trás da minha figura magra e calada, houvesse tantas coisas fora do comum. Tanta maldade.

Nem as empregadas da casa tinham sossego. Certa vez, uma secretária chamada Libertina, que gostava de dormir à tarde toda e que tinha o sono bem pesado, a ponto que nós crianças mexermos com ela e a mesma só fazia se virar na cama e continuava a dormir.

Um dia, eu peguei um pincel, um tubo de tinta a óleo, de cor branca, e mãos à obra! A empregada era negra. Eu peguei a tinta, pintei as costeletas, as sobancelhas e um bigode, parecia um palhaço. Aí eu pensei, “o que vou fazer para Libertina sair?” Lembrei! Como eu gostava de criar galinhas e tinha umas poucas no quintal, acordei-a dizendo: “Libertina, vai comprar dois litros de milho que as minhas galinhas estão com fome. Ela, imediatamente, levantou-se e se espreguiçou. Dei o dinheiro e corri na

frente para o corredor, onde havia um porta-chapéus com espelho, no qual ela se olhava quando tinha de sair.

Eu corri, tomei a frente do espelho, fiquei me penteando para evitar que ela fosse se olhar. Uns quinze minutos depois, ela entra em casa às gargalhadas dizendo: “Êta, menina danada! Pois não é que me mandou pra rua, com a cara pintada, só pro povo mangar deu!”. Ela tinha um gênio muito bom, tanto que nem sequer fez cara feia.

Antes dela, existiu outra empregada, era a Paulinha, pequenina, morena do cabelo crespo e trabalhava direitinho. Ela era tão pequena que para colocar as panelas no fogo, tinha que subir num cepo de madeira. O fogão de lenha era alto. Ela possuía o costume, ou defeito, de levar às escondidas à noite, quando ia pra casa, uma lata cheia de doce para o amante. Era uma lata, tamanho médio, de manteiga “gaivota”. Às vezes, era doce de mamão, outras de coco ou bananas em rodela. Um dia, combinei com Juanita, irmã mais nova que eu, para estragarmos o doce que Paulina guardava na despensa, enquanto tomava banho. Na sua ausência, nós abríamos a lata, cuspiamos dentro, escarrávamos, mexíamos com um pauzinho e colocava no mesmo cantinho. E lá ia o doce para o namorado, isso fizemos várias vezes.

Começo do ano de 1930. Acho que foi a minha última traquinagem. Foi um ano de grande seca. O rio Paraíba secou. Ficou só areia no leito do rio. As mulheres que pegavam água, faziam cacimbas, colocando barricas. Cavavam um buraco na areia e colocavam barricas e ali tornava-se uma minação.

Pela manhã e à tardinha, ficava o leito do rio cheio de gente, principalmente, mulheres para encher os potes. O rio ficava pertinho da nossa casa. Mais ou menos às duas da tarde, lá ia eu de mansinho, preparada para a minha traquinagem. Atravessava a rua, passava pelo “Beco do Mijo”, era o nome dado a esse beco pelo fato de, nos dias de feira, os matutos mijarem lá.

Eu cavava a areia ao redor da cacimba mais ou menos uns trinta centímetros de profundidade, enfiava nas paredes casca de cana e cobria com folhas; depois espalhava areia seca sobre as folhas. Ficava um serviço perfeito! Não se notava nada. Depois de tudo pronto, eu ficava na janela da cozinha de um dos meus irmãos, onde o rio passava atrás.

Aí eu ficava na expectativa, esperando ver alguém que chegasse com o seu pote de barro, para enchê-lo d'água. Quantas vezes vi meteram o pé e caírem com pote e tudo. E eu sentia uma alegria imensa. Muitas diziam: “êta fio da peste!” E eu saía de mansinho e ia pra casa com medo, mas muito feliz.

Recordar é reviver! Quantas saudades estou sentindo agora! Quantas recordações boas da minha infância! Como era bom aquele tempo, onde não existiam malícias nas crianças. As meninas brincavam de roda, adivinhações, histórias, pastoris na época natalina e muitos brinquedos inocentes.

Os meninos tinham os seus carneiros mansos, bem “arreiados” para fazerem os seus passeios na cidade. Outros jogavam com dados, que naquele tempo chamavam “bozó”. Jogavam nas calçadas e deixavam toda

riscada de carvão. Quando faziam isso na nossa calçada e o jogo estava bem animado, eu jogava uma bacia d'água e todos saíam correndo. Também jogavam bola na rua do Rosário, que ficava atrás da nossa casa. Eram brincadeiras inocentes.

A nossa vizinha, era uma senhora idosa, havia chegado de Capela (AL), com três filhos rapazes, era viúva. Abriram uma padaria que por algum tempo deu certo, depois, só causou prejuízo, então fecharam.

Na casa, havia um banheiro de chuveiro no fundo do quintal. Banheiro que ela resolveu vender banhos. Custava, cada um, 200 réis. Na semana, nós tomávamos banho no rio Paraíba, que ficava bem pertinho de casa. Aos domingos preferíamos o banho no banheiro da D. Toíinha Tolêdo.

O meu banho era bem diferente dos banhos das outras pessoas. Eu fazia assim: o banheiro tinha uma caixa grande que chamavam tanque. Não ia até o telhado da parede. Ficava, mais ou menos há uns oitenta centímetros do telhado. Havia uma escada de madeira para a gente subir, e ver se tinha água suficiente. Eu fazia assim: tirava a roupa, ficava pelada e caía no tanque e tomava meu delicioso banho. E quem chegasse depois, que tomasse o seu banho com a água usada, cheia de sabonete Dorli. Assim, fiz dezenas de vezes e ninguém nunca descobriu.

Antigamente, havia o trem de carga que saía de Quebrangulo, pela manhã de segunda-feira. Muitas pessoas negociavam levando para Maceió verduras, inhame, batata doce, ovos e outras mercadorias que eram despachadas nos domingos. Os ovos eram colocados em caixotes de tirinhas de madeira, sem nenhum amparo. Essas tirinhas ficavam a mais ou

menos uns dois centímetros uma da outra, ficando os ovos à vista.

Sabe o que eu fazia? Chamava algumas amigas, minhas irmãs mais novas e íamos à tarde para a estação ferroviária. Eu já ia preparada com uma vareta de ponta fina; chegando lá, começava a destruição. Eu era a primeira a agir: metia a vareta nos ovos, quebrava um bocado, depois tocava sineta da estação e saíamos numa correria louca. E assim fizemos várias vezes e ninguém nunca descobriu.

Eu gostava muito de criar passarinhos, de preferência rolinhas. Elas tinham dificuldades de comer, pois tínhamos que abrir o bico e colocar a comida, que era milho ralado com leite, deixado uma meia hora para inchar, pois, do contrário, a comida inchava no papo e elas morriam, não digeriam. Juanita, minha irmã, gostava de criar gatos. Em casa havia nem sei quantos gatinhos, que ela gostava de todos e os alimentava muito bem.

Certa vez, ela inventou de criar um passarinho. Não me lembro se canário ou galo de campina. Sei que, umas das vezes que ela foi dar comida, ele lhe deu uma bicorada, então ela enterrou-o vivo e foi me dizer na sala de jantar. Corri para ver se o salvava. Tirei-o da cova. Ele estava vivo, mas todo bambo. Imediatamente, coloquei-o debaixo de uma lata e comecei a bater na mesma. Com poucos minutos o bichinho melhorou, mas continuou trístico. Depois, morreu.

Eu sempre fui de querer participar de tudo. Em todas as brincadeiras, podiam contar comigo. Gostava muito de brincar de pastoril. Eu era a mestra. Naísa, uma amiga, foi morar no Rio ainda criança, era contra-

mestra. Juanita a Diana, Nilda o anjo. Existiam outras meninas que faziam parte do pastoril. Nós só dançamos nas casas das colegas ou de pessoas muito íntimas. A nossa ambição era receber notas de um mil réis, para colocar no peito pelos torcedores do azul ou encarnado. Juanita, com 8 anos, entregou um raminho de flores a seu padrinho. Nesse dia, o pastoril foi apresentado na casa dele. Entusiasmava-se pensando na notinha de um mil réis que ia ser colocada no seu peito. Que decepção, quando o padrinho lhe entregou uma moedinha de quinhentos réis, ela jogou a moedinha e saiu aos prantos para casa. Nesse dia, o pastoril parou. Parou para sempre!

Na atual praça Getúlio Vargas, onde é edificada a casa de Rosival Medeiros, um casarão, morava um casal de idosos. Pedro Cavalcante e D. Candinha, já bem velhinhos, viviam juntos da filha única, do genro e dos netos. Ele geralmente ficava na sala grande sentado numa rede. O seu apelido era Pedro Cachimbo. A janela da sala encontrava-se muito estragada; era do tipo veneziana, com as tiras quase soltas. A casa situava-se no caminho da minha escola.

Eu parava na porta, olhava pra todos os lados e, se não via ninguém, metia as mãos nas tabuinhas, de cima para baixo, que fazia um barulhão danado, e antes que chegasse alguém, eu dava no pé. Isso fiz muitas vezes, só para aperrear o velho. Meu Deus! Eu nunca vi tanta maluquice numa menina já com uns 11 anos!

Na rua do Rosário, que ficava atrás de nossa casa, havia um pequeno morro, onde fica situada a Igreja de N. S. do Rosário. Lá em cima,

pra lá da Igreja, existiam muitas casinhas simples, onde seus moradores eram pessoas simples. Também morava lá uma viúva com vários filhos pequenos. Um deles, o Alfredo, era meu colega de escola, naquela época só existiam escolas públicas. Um dia, eu estava no quintal da minha casa, quando ouvi uma voz de criança falar lá do alto. Era um dos filhos da viúva que falava assim:

- O Alfredo,
- Alfredo! Mãe tá chamando!
- Isso, gritava bem alto. Eu, do quintal respondia ôi !...
- Tornava a chamar – Alfredo, e a resposta era sempre a mesma:
- ôi ...
- Depois de muitas vezes ele gritou da lá, sem saber quem era.
- Tô falando com tu peste!

Isso para mim era uma alegria. Fazia parte da minha vida, me enchia de satisfação. Como é bom recordar! Eu vivo de recordações e saudades.

Meu pai gostava muito de folclore, principalmente reisado. Certa vez, ele contratou um para dançar lá em casa. À noite, a casa ficara tão cheia de gente que meu pai resolveu fechar a porta da frente e deixou as três janelas abertas para o povo apreciar melhor.

Reisado tem muitas figuras, como Mateus, Boi, etc. Lá pras tantas, bateram na porta com insistência: “Seu Paisinho, Seu Paisinho, deixe eu entrar, que eu sou a mulher do boi!”

Seu Paisinho não teve outra. Na sua calma habitual, abriu a porta e

disse: “Entre, senhora vaca! Foi uma gargalhada geral”.

Eu, já mocinha, numa noite de natal, depois do café saí para passear. Saí só! E pensei: “Eu hoje arranjo uma matuta para passear comigo”. Saí, logo, logo encontrei uma mocinha gorda, de cabelos grandes, pretos e lisos derramados sobre os ombros. Parei na frente e disse:

- Como vai? Há tanto tempo que não lhe via, que esqueci até o teu nome. (Eu nunca a tinha visto) Ela ficou sorridente e disse:

- Né Agostinha, mulé! Aí, convidei-a para sair comigo passeando.

Ela largou as companheiras, enfiou o braço no meu e saímos andando de barraca em barraca até a hora da missa, quando nos separamos. Ficamos amigas. Todas as vezes que ela vinha à cidade, me procurava e era a mesma alegria entre nós. E assim foi durante muito tempo. Depois ela noivou e desapareceu. Passados alguns meses, ela apareceu dizendo que tinha casado. - “Agostinha você nem me avisou ... quando foi?” - “Foi no dia da missa do vosso irmão. Quando nós fumo entrando na igreja, vocês tavam chorando que fazia gosto”.

Muito tempo depois, ela apareceu e eu perguntei:

- Agostinha, você está feliz com o seu casamento?

- Ah! D. Julita, se soubera que casamento era assim, eu nunca que tivera me casado! O homem não me deixava parar, corria, corria dele, mas não tinha jeito até que um dia houve o caso. E eu me arrependi muito. E assim viveu e morreu a inocente Agostinha!

Na rua do Triângulo, morava uma mulherzinha do povo, que a chamavam de Maria Nhambú. Não sei porque, achei de, nas minhas brigas

com as irmãs menores, chamar a Nilda de Maria Nhambú. Ela chorava, reclamava, depois ficava tudo bem. Um dia eu peguei um lápis e desenhei na parede do quarto acima da cama de Nil uma casinha com as iniciais M. N. o que queria dizer Maria Nhambú. Quando Nil viu, chorou muito e disse:

- Mamãe! Jul desenhou uma casa na parede do meu quarto, junto da minha cama e escreveu M. N.

Minha mãe: Julita, você desenhou uma casa na parede do quarto junto da cama de Nilda e escreveu Maria Nhambú?

Minha resposta: Não senhora! Eu fiz a casinha e coloquei M. N. querendo dizer. Maria Nilda. E só foi isso e por isso ficou.

O meu sonho de criança era conhecer o Joazeiro do Padre Cícero. Havia uma época do ano, que ia uma turma imensa de Quebrangulo, à pé, era gente simples que fazia essa romaria anualmente. Nunca revelei o meu desejo, porque sabia que não seria satisfeito. Eu queria mesmo era ir a pé; um grande chapéu de palha cobrindo minha cabeça, alpercatas sertanejas e um embornal cheio de comida para a viagem. Queria sentir a doçura d'aquela caminhada, sem ao menos me lembrar do cansaço que logo mais chegaria.

Na rua do Rosári, morava uma comadre de meus pais, que uma vez por ano fazia essa caminhada para visitar o meu padrinho Padre Cícero, como eles chamavam. Era uma turma grande que ia. De volta, uns 20 dias depois era uma alegria! A casa enchia de gente. Soltavam fogos e era santinho para ficarem todos satisfeitos, com as lembrancinhas trazidas do

Joazeiro. E eu conheci Joazeiro em 1979. Mas fui de carro e não a pé, como era para meu sonho de criança.

Uma vez chegou um circo em Quebrangulo. Meu pai gostava muito de assistir aos espetáculos e nos levava sempre. Eu me entusiasmei tanto que fiquei louca para ser artista de circo.

Afrânio meu irmão, que na época devia ter uns 14 anos, armou um trapézio na goiabeira do quintal de nossa casa. Comecei a treinar e até que estava me equilibrando direitinho e fazendo algumas acrobacias, me sentido, já, uma grande artista. Me animei tanto, que acertei com algumas das minhas colegas, para no domingo próximo brincarmos de circo, atrás do quintal da casa do Cel. Felino Tenório, que ficava na rua da Estação, num casarão antigo que ainda hoje existe, onde funciona a creche. Existia um cata-vento que puxava água do rio Paraíba e o cano era muito longo. Foi esse longo cano que me serviu de trapézio. Comecei a trabalhar fazendo as piroetas que eu queria, sendo muito aplaudida.

Em dado momento, escapuli e meti o nariz no cano. A festa acabou. Derramei tanto sangue, tanto que o vestido que era branco ficou vermelho, molhado de sangue. As meninas lavaram o meu vestido, sem sabão, que ficou entre amarelo e vermelho. Estenderam nas pedras do rio. Só à tardinha, fomos para casa; eu com o vestido úmido. Entrei pelo portão dos fundos e fui logo trocando de roupa. Felizmente minha mãe não notou o movimento, do contrário, iria haver pancadaria.

Como eram lindos os carnavais na minha infância! A gente saía à tarde, fantasiada, com um lança-perfume de 30 gramas e uma sacola de

confetes. E os clubes na rua, principalmente na Rua do Comércio. Ficava até à tardinha entrando nas casas para beber.

Os foliões cantavam:

O Ocidente quando sai à rua,
Arreunindo o seu pessoá,
O estandarte, tem por ordem sua
Fazer continência,
Ao clube que encontrá

Onde vai Moreninha?

Eu vou ali
Vou apanhar flores no meu jardim
Eu já colhi, já mandei levar,
O clube Moreninha
Não há outro iguá.

Este bloco ele entusiasma
Quando sai a passear,
No lugar onde nós habitamos,
Bem apreciamos nosso carnaval
Por isso nós andamos em folia,
Que é para o povo ver
Que o Cara-Dura tem adversário
Arreda povo para nós vencer.

A Moreninha vai
Vai tudo pisando em flor,
A nossa festa é boa, meu senhor
Pra Moreninha vencedor.

E é o bloco das Moreninhas
Que andar pela rua a brincar e divertir
E depois dessa festa acabada
A Moreninha pode descansar e dormir.

Morena bela dos cabelos cacheados
Os teus lindos cabelos, seduz
Os namorados, no carnaval.

Quem pode, escorrega e vai
Quem não pode, escorrega e cai
Eu subo a ladeira na carreira
As Moreninhas esse ano não vai!

Ainda hoje, nos carnavais canta-se com muito entusiasmo essa música tão linda!

Meu pai possuía uma pequena fazenda bem pertinho da cidade. Lá, por algum tempo morou minha irmã mais velha Lisbina, casada com

Oséas Vieira. Lá houve uma festinha. Era domingo. Não sei se foi aniversário. Sei que houve almoço e festa o dia todo, todas nós fomos. Ele convidou um parente idoso para a festa. Foi muito atencioso, um grande anfitrião.

Lá não existiam cadeiras de balanço, tinha sim, uma espreguiçadeira de madeira, com o assento de lona, que era segurada com dois paus roliços nas duas extremidades. Eu, na calçada, olhando para o velho, desejando que ele saísse por alguns minutos: queria fazer a minha traquinagem. Em dado momento, o velho levantou-se, falou com Oséas e saíram juntos. Acho que o velho foi mijar, pois não demoraram muito.

Na ausência deles, tirei a madeira que segurava a parte de baixo da espreguiçadeira e coloquei o pano direitinho. Quando o velho sentou foi uma queda tão grande, que senti remorso. Nunca apareceu quem fez essa maldade. Sei que a trave de segurança foi encontrada no dia seguinte, embaixo da cama do casal.

Em Quebrangulo, uma senhora cearense passou uma longa temporada. Ela era casada com um médico de nome Dr. Audálio Costa, e gostava muito de organizar festinhas, dramas com bailados infantis, etc. A renda era para as obras da Matriz.

Uma vez, houve um bailado intitulado: Os mosquitinhos. Éramos oito crianças. Todas vestidinhas de roupa preta até os pés, com asas, de um tecido transparente tinha também antenas. Foi muito bem representado e aplaudido.

As crianças possuíam uma média de idade de 5 a 7 anos. Eu era

uma delas, como também minhas duas irmãs menores. Tempos depois, a mesma senhora resolveu fazer uma nova festa. Nesta, já estávamos mais crescidas. Eu devia ter uns 10 anos. Era o “bailado das cores”. Eu é que começava a cantar. Logo que eu terminasse, uma colega continuava. Não sei porque, ela demorou a cantar e eu gritei:

- É a tua vez Mariêta!

A plateia caiu na gargalhada e nunca mais eu quis tomar parte nessas festinhas.

Entrei na escola aos sete anos de idade. Na época, toda criança só começava a estudar aos sete anos. Minha primeira professora era uma pessoa maravilhosa. Seu nome era Dona Lucila e por incrível que pareça, Dona Lucila ainda é viva e lúcida, e reside no bairro da Pajussara no Edifício Ana Maria.

Tinha por mim muita atenção e carinho, mas, essas atenções não foram muito longe, porque houve a transferência dela para a Santa Efigênia, município de Capela (AL). No ano seguinte, enfrentei outra professora. Era boa demais para me suportar, tinha que ser boa mesmo! Ela não tinha autonomia. O que ela possuía era um grande coração. Não havia como hoje classes separadas. Era uma professora para todas as classes. Uma professora ensinava a 50 crianças do primeiro ao quarto ano.

O melhor que achei foi aprender o A.B.C. Achei fácilimo soletrar. Com que entusiasmo eu dizia: bá - bé - bi - bó - bu. Soletrávamos cantando. Aí era uma barulheira danada. A meninada toda soletrando de uma só vez! Cada qual se esforçando para soletrar mais alto, com mais entusiasmo.

Depois veio a cartilha. Cartilha das Mães, não achei dificuldade: “A Ema é do Ivo”. “A Eva tem um ovo na mão”. Tudo muito fácil. Depois, lá vem o primeiro livro de Erasmo Braga. Aí tudo bem. Em seguida, a gramática portuguesa deu tudo errado, pois eu só estudava na parte mais fácil e a professora nem notava. Quando cheguei no verbo Ser, foi uma delícia! Passei mais de vinte dias na mesma lição. Decorei tudo direitinho. Chegou a vez da matemática. Foi uma merda! Estudava tanto e não aprendia nada, nada. Ainda hoje é com dificuldade que faço uma conta de dividir.

Na mesma época, Juanita minha irmã, que estudava com a mesma professora que era sua madrinha e que lhe tinha muita estima e afeição, não lhe exigia nada. Resultado: a menina já lia toda a cartilha que servia de admiração.

Um dia uma das minhas irmãs mais velhas, pegou outra cartilha e mandou que ela lesse um trecho. Coitadinha! Não disse uma só palavra. A cartilha dela era toda decorada. Aí fomos, as duas, para uma escola particular e mista. Juanita melhorou muito e eu fiquei até hoje sem saber nada!

Outra vez, um colega teve um ataque epilético. Ele tremia muito, caiu sobre o banco e ficou com o braço na parede; batia, batia o braço esticado e o dedo em riste que parecia que estava escrevendo. Eu tive um acesso de riso e os colegas também acompanharam. Não prestou. Não deu outra. Apanhei tanto de régua nas costas. Cada vez que a régua batia, eu fechava os olhos de dor. A professora era enérgica. Quem não aprendesse com ela, não aprendia com ninguém. Chamava-se Nazinha Medeiros.

Na escola de D. Linda era obrigatório cantar o Hino Nacional ou o

Hino de Alagoas, isso diariamente. Não sei porque, eu era a indicada para começar a cantar antes do recreio. Eu sentia que a minha voz não era boa e me esquivava de cantar.

A professora dizia: Você começa que tem a voz forte, e as outras acompanham.

Nesse dia eu emburrei e disse: “Não canto!”

Ela veio com a régua para me bater. “Se bater, aí é que não canto! Não estou com vontade e pronto”!

Nesse momento, chega de Maceió, um fiscal de ensino chamado “seu” Nogueira e ficou logo sabendo e disse: Começa, menina, que as outras lhe acompanham.

- Não canto!

Logo notei que a professora estava querendo pegar no meu braço para apertar, como era o seu costume. Eu dei uma carreira, fui me esconder ao lado da casinha, que tinha um corredor estreitíssimo, isolando da casa vizinha. Não sei como entrei lá, até hoje eu fico pensando nisso; e pra sair, foi mais difícil ainda. A professora, D. Linda, quando terminou a aula disse: Eu vou dizer ao compadre Paisinho o papelão que você fez na presença de “seu” Nogueira.

- Pode dizer! Eu era atrevida. Mas ela, coitada, nunca contou nada.

De outra vez, não me lembro o porquê lhe pegou na palmatória e me aplicou quatro bolos. Na casa que funcionava a escola, tinha, no fundo do quintal, uma cacimba descoberta. Não tive dúvida. Quando terminou a aula, saí de mansinho, peguei a palmatória e joguei na cacimba. Como

nesse dia muitas alunas tinham levado bolo, fiquei sem receio que a culpa ficasse pra mim.

No dia seguinte, a professora deu por falta da palmatória, todo mundo apanhou novamente, de régua, pois a palmatória estava no fundo do poço. Ninguém descobriu. Muitos dias depois a madeira inchou e à palmatória veio à tona e nisso ficou.

Eu tinha uma colega chamada Júlia. Ela era negrinha, mas não era feia. Como a mãe dela se chamava Rita, todo mundo a chamava de Júlia de Rita. E minhas irmãs menores, quando nós brigávamos, me chamavam de Júlia de Rita. Quando me tratavam assim, eu me sentia tão amargurada, tão triste, só porque ela era negra. Eu não gostava de crianças negras! Era racista, hoje não sou mais, a vida me ensinou o valor e a importância do ser negro.

Meus pais tinham muitos afilhados, sempre que os convidavam para padrinho, o futuro compadre dizia: - Para madrinha de apresentação, uma das meninas do senhor.

- Eu era sempre a indicada.

Certa vez, chegou na loja um mulato convidando para padrinho de uma menina.

Pedi para pôr o nome de Gení. Fiquei feliz porque ganhei mais uma afilhada. No domingo seguinte, seria batizado. Quando os pais chegaram com a criança, que corri para conhecer a afilhadinha, que decepção! A menina era negrinha, negrinha e isso me entristeceu demais.

Fomos fazer o batizado. Eram onze horas quando voltamos da

igreja. Meus pais convidaram os novos compadres para almoçar. Eles aceitaram o convite, mas eu não apareci para almoçar. Todos procurando por mim e eu escondida debaixo da cama dos meus pais. Só apareci quando os compadres e a afilhada foram embora. E até hoje, nunca mais vi essa afilhada. Sei que os compadres chamavam-se: Josefa e Ismael, que se mudaram para outro município.

Eu tinha onze anos. Meu pai era o Prefeito de Quebrangulo. Ele era muito honesto e certinho. Tão certinho, tão honesto que morreu pobre comerciante, como entrou na Prefeitura. Tinha um funcionário, fiscal cobrador de impostos da feira. Chamava-se João Antônio. A feira era no sábado, como hoje ainda é. Ficava na Rua do Comércio, rua em que morávamos e que ainda conservamos a nossa casa. Saí, fui andar na feira, sem dinheiro. Encontrei o tal funcionário que era amigo, compadre e da confiança do meu pai e pedi:

- Ou João, me dá 500 réis para eu comprar pitomba? Ele deu e eu saí feliz com cinco cachos de pitombas na mão, feliz da vida. Até aí, tudo bem.

À tardinha quando meu pai chega da loja, pergunta:

- Menina, você pediu dinheiro, na feira, ao compadre João Antônio?

- Pedi 500 réis.

- Não faça mais isso! Aquele dinheiro não é meu, foi arrecadado da feira, é do município, e eu tenho que repor.

Fiquei com raiva do João Antônio. Ele não devia ter dito nada. Só

500 réis! Naquele tempo o ordenado de prefeito era duzentos mil réis por mês. E não havia como hoje, a quota federal para ajudar aos municípios. E meu pai foi um prefeito que trabalhou muito.

Na gestão dele, foram construídas várias pontes, o novo prédio da Prefeitura, muitas estradas de rodagem, o açougue e colocou a luz elétrica. Tudo isso com a arrecadação municipal. Por isso, ele saiu pobre como entrou na política de 1919 a 1930. Fora comerciante de tecidos até a sua morte, em 4 de setembro de 1949.

Nas escolas havia jogos de foot-ball, (era assim que se escrevia futebol). Meu time era o do vermelho. Não me lembro do nome do instrutor. Nossa professora era D. Linda. E o time do azul era das alunas de D. Cinira, da Rua do Pernambuquinho. Quando havia jogo, era uma danação! Era tapa pra todo lado, puxões de cabelos, arrancando os laços da cabeça das colegas; era um inferno mesmo.

Eu tinha uma colega, que era muito amiga, Ana Brasil o seu nome, mas tinha como apelido Naninha. Não me lembro porque, um dia, brigamos no recreio e fomos aos tapas. Eu venci. Ela chorando disse: - Eu tenho um cunhado que trabalha com vidros e amanhã, eu vou trazer uma régua de vidro, para acabar com você.

Isso pra mim foi terrível. Foi numa quinta-feira. Na sexta, eu amanei dizendo que estava com dor de barriga, só com receio de ir à escola, me encontrar com Naninha. Na segunda-feira fui, com muito medo, mas nada aconteceu. Lá estava ela, boazinha como sempre. Esqueceu de me matar com a régua de vidro. Depois disso, ela foi morar com os pais em São

Paulo.

Meu Deus! Quanta saudade da minha infância ... Como era boa a vida de criança! Minha mãe tinha duas lavadeiras, irmãs: Rita e Adelina. Eram bem idosas. Adelina gostava muito de mim. Ela era muito gorda, bem feia, com a cara bexigosa. Todas às vezes que ela chegava lá em casa e não me via, perguntava logo:

- Cadê o alegrete da casa?

- Ela dizia sempre que quando eu não estava em casa, não havia alegria nem animação.

Existia uma viúva que passava a roupa. Não sei bem o nome dela. Sei o apelido que era Maria Boneca. Ela possuía um filho chamado José, de aproximadamente 11 anos. O apelido dele era Pichi-Linga. Esse menino apaixonou-se por minha irmã Nilda, de nove anos. Ele ia pegar a roupa que era engomada na casa dele e ficava o tempo todo com olhar fixo na porta, esperando Nildinha aparecer. Certa vez, ele cantou uma musiquinha, com certeza, dedicada a ela. Era assim:

- O teu amor mulé querida de minh'arma

- As minhas frases para este santo amô

- Eu fiquei louco e por ti apaixonado,

- Derna da hora que meus óio te avistou.

- Derna da hora qui meus óio te avistou

- Eu nunca mais tive sossego em minha vida,

- Eu só terei descanso nesta minha'arma

- Quando eu gosar do teu amô mulé querida.

- Quando eu gosar do teu amô mulé querida,
- Rezo uma prece e ofereço ao Redentor,
- Se eu contigo não cumprir a minha jura,
- Não mereço perdão por fui eu o traidor.

Ai não prestou. Nildinha chorou muito, aperriou-se demais. Dois dias após, o apaixonado mandou um presente para ela: um espelhinho, daqueles que se usam na coroa dos figurantes dos reisados e mais cem réis. Nildinha tornou a chorar e devolveu os presentes.

Tempos depois eles saíram de Quebrangulo e nunca mais tivemos notícias.

Juanita também teve um apaixonado. Era um negrinho forte, engraçado chamado Cícero de Rita, era irmão da minha colega Júlia de Rita. Naquela época, já se falava em comunismo. Juanita era uma menina muito bonita. E o negrinho sempre estava por perto. Um dia ele disse a um colega, que só queria que já chegasse o comunismo para levar Juanita com ele.

Eu é que nunca tive nenhum menino que se apaixonasse por mim. Era comprida, magra e sem graça. E assim, fiquei até os 14 anos, quando arranjei o primeiro namorado, com quem me casei muitos anos depois.

Na nossa rua, tínhamos como vizinho, o tabelião da cidade, na casa dele tinha um gato grande, bonito e mimado, só vivia na janela, sobre uma almofada. Era uma almofada em toda extensão da janela. O gato vivia ali, não sei se para ver o movimento na rua ou pela fofura da almofada.

Eu ajudava meu pai na loja; poucos comerciantes tinham empregados. Só os filhos trabalhavam com eles. Todas as vezes que eu passava e via o gato estendido sobre a almofada, eu dava um empurrão tão forte que o derrubava para o lado de dentro. Assim fiz inúmeras vezes.

Um dia, parece que o gato estava me esperando. Quando meti a mão com força, para derrubá-lo, tive uma grande surpresa. O gato deu um pulo e me deu um arranhão tão grande, que foi do braço ao pulso. Feriu mesmo. E nunca mais mexi com o infeliz. Fiquei medrosa e até hoje não gosto de gatos.

No natal de 1931, saí sozinha para passear na festa. Passei numa banca de jogo. Chamavam o jogo caipira: “quem menos joga, mais tira”. Eram somente seis números, de 1 a 6, jogava-se com um dado colocado num copinho. Naquele tempo, não chamavam dado, o nome era “bozó”, jogava-se um tostão para tirar quinhentos réis - o valor de 5 tostões. Eram três, quatro pessoas. Quem fizesse mais pontos, arrastava os níqueis. E eu lá! Em dado momento, em minha frente para um rapazinho de seus 15 anos. Bonito que só. Claro, olhos verdes, um tipo bacana para quem se achava com direito a namorar.

Não perdi tempo. Fui logo olhando pra ele, e ele pra mim. Quando terminou o jogo fui pra casa; ele não me disse nenhuma palavra. Cheguei em casa, fiquei na janela. Pouco tempo depois ele se aproxima e me entrega um embrulho, eu agradeço e entro. Era uma caixa de passas. Tamanho médio. Eu, para ninguém saber, joguei a caixa vazia fora e comi todas as passas. Comi demais. Aí ficamos namorando, só de olhares. Nisso passa-

mos um ano.

Ele era um menino muito bonito. Morava numa fazenda há seis quilômetros de Quebrangulo, “Fazenda Bonito”. Seus pais: Sebastião Teixeira Cavalcante e Felina de Cerqueira Teixeira Cavalcante. Tinha 17 filhos, Mário era o nome do meu príncipe encantado. Ele era o oitavo filho.

Em 1933, foi Mário para o Colégio Militar de Fortaleza, sem um adeus sequer. Quando vinha de férias ficava o tempo todo na fazenda. Eu fiquei sem vê-lo muito tempo. De Fortaleza ele foi para a Escola Militar do Rio de Janeiro. Depois para Porto Alegre eu esqueci, tomei outro rumo.

Comecei a namorar outros meninos. Cheguei até noivar com um médico do Recife, que era sobrinho afim, de uma tia minha, não deu certo; a distância acaba muita coisa. Arranjei outros; nada dava certo.

Quando Mário saiu de Quebrangulo, minha irmã Betinha, devia ter aproximadamente, uns cinco anos. Quando Mário voltou, para ficar definitivamente, um dia, ela saiu com uma amiga a passear, era com Carmosina Sá. Ele as viu e foi falar com a Carmó e perguntou quem era aquela mocinha.

A resposta: Irmã de Julita?

- Ele - E Julita casou? Não!

- Não? ... Será que eu vim para casar com ela?

Betinha logo que chegou em casa foi me contando e eu nem liguei. Já o tinha esquecido completamente. Um mês depois, no dia 29 de abril de 45, houve um casamento. Nós fomos. A noite houve dança. Quando fui

entrando na sala, a primeira pessoa que vi foi Mário, bonito como sempre. Ele me tirou para dançar e aí começaram as declarações de amor: dizia que nunca me esqueceu, etc. Eu cismada ... Como é que um rapaz, namora um ano com uma menina e vai embora sem lhe dizer nem sequer um adeus e quando volta muitos anos depois, diz que está apaixonado ... Não fui na conversa.

Pensei assim: “Esse cara passou tanto tempo fora e agora quer se aproveitar, pensando que eu sou como as moças do sul; não dá”. Mas ele insistiu tanto, que eu terminei aceitando o namoro. Mas não era do conhecimento do meu pai. Ficamos namorando às escondidas, até que um dia eu estava com Mário sentada num batente de um armazém, vizinho a nossa casa, quando avistei meu pai bem perto de nós. Mário disse: não se preocupe, deixe comigo; e nesse momento foi oficializado o nosso noivado.

Entre namoro e noivado foram quase cinco anos. Casamos no dia 24 de setembro de 1949. Sem festa, sem nada; fazia 20 dias que meu pai havia falecido. Mário abreviou o casamento porque eu era a última solteira e não ficava bem demorar mais para casar. Fomos morar na Fazenda “Carapateira”, vizinha a Fazenda Bonito, que também pertencia aos seus pais.

Lá eu fui muito feliz. Havia muita compreensão e muito amor. Mário foi um marido fora de série. Ele fazia tudo para me agradar; para me fazer feliz. Só me tratava como minha garota, mesmo já bem idosa, continuava garota. Mário foi tudo de bom na minha vida.

Era uma pessoa que não saía sem mim. Pra toda a parte, ele fazia questão que eu o acompanhasse. Era nas lojas, na alfaiataria, barbearia,

tudo enfim, eu tinha que estar presente, nós éramos muito unidos, por isso, talvez tínhamos um grande número de afilhados, 196.

Quando morávamos na Fazenda, na Semana Santa, a casa enchia de afilhados que nos levavam presentes: eram perus, frangos, ovos, abóboras, lata de goiabada e mais coisas que não me lembro no momento. E tinha que haver retribuição. Nós sempre estávamos prevenidos.

O que muito me agradava em Mário é que ele gostava muito da minha família e não fazia diferença dos meus sobrinhos para os dele. Tinha por Nilda Rosa, filha de Betinha que é nossa afilhada, uma estima toda especial.

Nas férias, ela ia para a fazenda e ainda bem pequena, saía com ele sozinha à cavalo, para passear no campo. Uma vez não estava longe de casa, ela veio só fazer um lanche. Antes de chegar viu três cobras; voltou imediatamente e ainda matou uma delas, duas sumiram no mato.

Ele ficou encantado com a disposição de Nilda Rosa. Só a chamava de galega. Era lourinha quando pequena e muito carinhosa. Como é belo recordar as coisas boas da vida! Pode-se chamar de renascer. Nos carnava- is, saíamos da fazenda na sexta-feira, ficávamos em Quebrangulo até a quinta-feira. Eu preparava a casa para receber minhas irmãs, cunhados e sobrinhos; e Mário tinha uma satisfação imensa em recebê-los.

Ele era um grande folião. Éramos os primeiros a chegar e os últimos a sair do Clube Monte Castelo. Foi uma existência muito feliz. Graças a Deus! Todos os meus sobrinhos, quando crianças, passavam as férias comigo na fazenda. Alexandre começou a vir dos três anos, ainda muito

pequeno. Aos cinco anos, ele foi e demorou um pouco mais. Lá comecei a lhe ensinar as primeiras letras. Ele era tão inteligente que, com pouco tempo, já lia algumas palavras. Com seis anos, ele lia tudo, tudo. Bebeth, a menorzinha, era o encanto de minha vida. Ela, com três anos, já passava dias comigo.

Uma noite, ela disse que estava com dor de dente. Eu dissolvi um melhoral infantil, com água açucarada, ela tomou e adormeceu logo. Nos dias seguintes, a mesma reclamação, passei a dar somente água açucarada e ela dormia logo. Descobri que era medo de dormir no quarto de hóspedes com a empregada. Bebeth era uma bonequinha de carne, gostava de mim e tinha muito apego. Gostava de limpar o meu penteador e arrumar tudo direitinho, parecia uma criança de mais idade.

Vieram morar em Maceió, mas nas férias, sempre estavam comigo. A minha casa era uma casa cheia; crianças não faltavam. Mário gostava de todas e tinha muita paciência com elas. Bebeth, hoje, é casada, tem três filhos: Paulo Rodrigo (nosso afilhado), Luiz Felipe e Paula. Todos me chamam de vó Jú e isso me dá muita alegria. São meus sobrinhos netos.

Um dia, Mário estava ferrando uns garrões e Ronaldo e Alexandre assistiram. No dia seguinte, eles fizeram um ferro de arame com as suas iniciais e ferraram vários sapos. Não sei porque os sapos de Ronaldo tinham a marca mais legível. Certa vez, Ronaldo com uns oito anos, estava comigo no alpendre, conversando ele disse: - Tia Jú, sei de tanta coisa, tanta, que se a senhora souber, desmaia. Achei muita graça.

Ele e Alexandre eram os caçadores. Cada um queria ser melhor

que o outro. Um dia, saíram com os atiradores. Quando voltaram, Ronaldo havia matado uma rolinha e Alexandre disse: - O que eu atirei não caiu, porque a bala pegou no bico!

Nejinha era uma meiguice fora do comum. Calma, boazinha e atenciosa. Todas às vezes que ela ia à fazenda, sempre levava uma lembrancinha e dizia: - Tia Jul, desculpe, foi muito baratinho, custou x. Eu achava linda a simplicidade dela.

Hoje, já casada, com quatro filhos e dois netinhos, é a meiguice e simplicidade em pessoa. Em nada mudou. Vera Lúcia, a quem eu chamava de Verinha. Certa vez eu estava com as duas na minha cama quando Nejinha pegou um dos travesseiros e fez dele um cavalo, montou e começou a brincar. Verinha quando viu, não gostou e disse: - Nedja você quer “botar cheiro de xixi”, no travesseiro do tio Mário?

De outra vez, noite de lua, nós fomos à Fazenda Bonito, de carro de boi, visitar os pais de Mário. No caminho, Verinha disse: - Tio Mário, pare o carro e não olhe pra trás que eu vou fazer xixi.

Era assim a Verinha, Lenilva, Albertina, Socorro, Sônia, Teresa, Célia, Simone, Silvana todas passaram em nossa casa. Quem menos ia era Beto e Adriano. Já depois de casados, iam José, Newton, Calmero, Fernando e João, mas, íam poucas vezes. Humberto foi uma ou duas vezes.

Hoje, me restam apenas as saudades bem fortes daquele tempo feliz. Recordar é reviver! Hoje, estou sentindo uma saudade tão grande! Saudade que não tem remédio pra curá-la. Sempre estou falando de Bebeth. Um dia eu estava na cadeira de balanço com ela nos braços. Come-

cei a acariciá-la e disse: - Só queria ter uma menininha dessa pra mim!

O que ela respondeu de imediato: - Quando mamãe morrer e for para o inferno, eu venho morar com você.

Estranhei a resposta, apesar de ter achado muita graça.

Dias depois fui a Quebrangulo e contei a Betinha, mãe dela. Betinha me disse que conversando com Bebeth, disse: - Toda criança que chama nome aos pais, quando morre vai para o inferno. Ela pensou que quem ia para o inferno era a mãe, ou melhor os pais.

Uma vez Juanita foi a Recife e deixou os dois filhos menores comigo, Sílvio e Luciano. Luciano, bem pequeno, levava o tempo todo a perguntar por papai. Uma das vezes eu disse: - Seu pai morreu e o urubu comeu. Ele aceitou e deixou de fazer essa pergunta, que eram constantes.

Dias depois, chega à nossa casa, um comprador de gado. Luciano estava na calçada e o senhor pensando que Luciano era nosso filho, pergunta a ele: - Onde está seu pai?

- Papai? Morreu e o urubu comeu.

Isso serviu de graça para as pessoas presentes, inclusive o boiadeiro.

Antenorsinho era um sobrinho que eu queria muito bem, quando criança ia muito à fazenda. Depois cresceu, casou e afastou-se. Mas sempre atencioso, quando me encontrava era uma alegria. Infelizmente, aos 58 anos veio a falecer, de uma cirurgia de coração que o levou para o outro

mundo. Ele era bonito, alegre, divertido e relativamente feliz, porque viveu a vida que gostava.

Sônia, sempre apegada aos pais, foi a única sobrinha que em criança não foi à fazenda. Dos sobrinhos de Mário, os que iam mais à fazenda eram: Sebastião, Joãozinho e Felino. Os outros raramente, só iam para voltar no mesmo dia.

Jackson, foi o sobrinho mais impossíveisinho que tivemos na fazenda. Ele pintava o sete, atrás de casa tem um barreiro, e ele quase sempre jogava ovos das galinhas dentro e dizia: “as galinhas estão pondo dentro do barreiro”. Metia frutas de juá dentro do carro que levava água para o banheiro e fazia muitas coisinhas de criança impossível. Mário tinha muita paciência com ele. Hoje, vejo que Jackson puxou muito a mim: calminho e impossível. Eu era assim.

Na Igreja do Rosário, fiz minha primeira comunhão no dia 29 de maio de 1929. Foi um dia de muita alegria. Quem tomava conta da Igreja era uma moça idosa, que morava só; chamava-se Maria Rosa, mas pelo fato dela tomar conta da igreja, o povo a tratava de Maria do Rosário, o que lhe proporcionava muita alegria. Ela rezava o terço no mês de maio e no mês de outubro também. Eu cantava junto com umas amigas Naysa e Nazaré Mata, os hinos de Nossa Senhora. Todas as vezes que cantávamos: “A 13 de maio, na cova da Iria, no céu aparece a Virgem Maria”. O coro: “Avé, Avé, Avé Maria ...” eu dizia assim: “a véia, a véia Maria; isso bem alto. Coisa de criança. Mas eu já era grande. Devia ter uns 11 ou 12 anos.

Gosto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ela me traz gratas

recordações. Fica no alto de um morro. E lá quando eu namorava com Mário, aos domingos à tarde, ele e eu íamos ficar na calçada da igreja, conversando e olhando para a cidade, principalmente para a Rua do Comércio, onde eu morava.

Albertina e Socorro, duas amigas, nas férias, sempre passavam dias com a gente. Eram alegres. E quando Tereza e Célia estavam, dobrava a alegria e as brincadeiras de Zenilva, minha primeira sobrinha; era alegre, era comunicativa; gostava de festas carnavais etc. Às vezes ela vinha à fazenda nas festas juninas. Nós preparávamos os festejos. Mário se encarregava de mandar fazer a fogueira com dois metros de lenha eu me encarregava de arrumar o salão de dança. O salão se enchia de moradores de lá e de outras fazendas. Zenilda dançava com todos. E eu, só dançava com Mário. Era muito divertido. Mas tudo isso acabou. Ficou somente a saudade que continuará viva no meu coração. Quando vou à fazenda me sinto felicíssima. Tenho a impressão que Mário está comigo. Dou umas voltas no quintal que é bem grande, um sitiozinho, e me sinto segura como se ele estivesse presente. Hoje tudo é saudade!

Quando eu tinha 12 anos, chegou uma nova empregada; ela era da roça, muito simples e boazinha. Não saía de casa. Gostava muito de cantar coco e embolada.

Cantava assim:

Eu peguei dei um laço na fita amarela.

Na fita amarela eu peguei dei um laço,

Peixe, piaba, tubarão das Alagoas,

E é o vinho, a genebra e o licor,
Eu convido o meu amor
Para tomar Si, para tomar, Si
Para tomar Sisi.

Sisi era o refrigerante que existia na época. Hoje, seria o rival da Coca-Cola. Guardo na lembrança as minhas colegas e amigas de infância. Muitas ainda estão vivas: Ana Brasil, mora em São Paulo; Naysa Ribeiro, no Rio; Zoraide Malta, em Vitória; Alaíde Albuquerque, em Maceió; Zeneide Medeiros, no Rio; Arlinda Fernandes, em Maceió; Ana e Lucila Almeida, em Quebrangulo; Enaura Lima, em São Paulo. E muitas outras que no momento foge da memória, Morreram: Mariêta Vieira, Anisia e Besinha Amorim. Morreu também Pureza Costa, que era boa, meiga e paciente, morreu há pouco tempo, em Maceió, deixando vários filhos e netos. Tudo eu recordo com saudade.

Estudar não era comigo. Eu tinha vontade, mas nunca demonstrei. Gostaria de estudar interna no Colégio Santíssimo Sacramento, em Maceió, mas não era pelo estudo. É que eu tinha duas primas que estudavam lá; e quando elas, de férias, voltavam para o colégio, era de trem, no domingo, às 11 horas. iam bem vestidinhas, de chapéu, bem animadas e isso me dava uma inveja danada. Era só por isso.

A escola que eu estudava em Quebrangulo, era mista. Ainda tenho vários colegas vivos, só que não moram mais na cidade. Dos meus colegas que moram em Maceió, ainda vivem Joaquim Tenório, Lídio da Cunha

Lima, José da Costa Barros, (Zeca) meu compadre, José Leão Costa, meu primo que é médico mas mora em Brasília, e vários outros que no momento fugiu da memória.

Todos os meus colegas, que estão com uma cruz antes do nome, já morreram, são eles: Nilo Monteiro, Wilson Tenório, Abílio Filomeno, Sebastião Gilo, Enéas Pereira, José Tenório, Severino Tenório. E outros que não me lembro no momento.

Eram estas as cantigas de roda que eu cantava.

O anel que tu me deste
Era fraco, e se quebrou;
O amor que tu me tinha
Era pouco se acabou.

Ó ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia troca o par.

Como eu era racista, gostava muito de uma roda que era assim:

Meu beija-flor.
Lá vem a lua saíndo,
Meu beija-flor,
Por detrás do leque, leque

Filho de branco é menino
Filho de negro é moleque.

A barquinha de Noé.
Sete anos navegou
Do balanço que ela deu
Chegou na peda tombou.

Eu tô no tombo, tô no tombo é de gemer
Do balanço que ela deu
Nunca mais descarregou.
Eu quero um sapato

Que eu só calcei tamanco,
Quero vestido branco,
Da fazenda do setim
E quero outro d'aquela fazenda cara

Para eu ir lá pro comércio
E de lá me distrair.

Hoje, minha netinha de 11 anos, pergunta: “Voíinha, você é racista? Porque eu não sou!” - “Não, minha filha, eu era, hoje eu acho que somos todos iguais”. Eu tenho um filho que é meu braço direito e hoje é tudo na

minha vida, chama-se José Leão Teixeira, mas desde pequenino que nós o chamamos de Zito ou Litinho. As minhas sobrinhas que me incentivaram e me deram coragem para rabiscar a minha história, recebam o meu amor e os meus mais profundos agradecimentos.

Ao meu filho, a minha gratidão. A Camila, minha neta, todo o meu carinho. Esquecer Mário, meu querido esposo, o homem ideal, nunca! Ele não me sai da lembrança pela sua bondade e dedicação. Eu sempre estou a dizer: “Eu amava e era amada. Disso eu tenho certeza absoluta. Foram 43 anos de convivência, paz e amor. Há quase seis anos que o perdi, mas tenho a certeza de encontrá-lo na eternidade”.

Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque

UM DOS PIONEIROS DOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS NO BRASIL É UM QUEBRANGULENSE!

Ao elaborar o posfácio à obra *Subsídio ao folk-lore brasileiro*, de 1897, o mestre Théo Brandão, por absoluta falta de provas, foi acometido de naturais vacilações em apontar a naturalidade do autor. É o nosso folclorista maior quem o coloca no lugar de destaque a que fez jus, nos termos:

“Cabe a Júlio Campina, pseudônimo de Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque, a glória de haver sido o primeiro alagoano, e um dos primeiros brasileiros, a publicar uma obra sobre o folclore de seu país. *Subsídios ao folclore brasileiro. Anedotas sobre caboclos e portugueses, lendas, contos e canções populares, etc.* Rio de Janeiro, Papelaria Mendes Marques, 1897, 82 p.(...)”

“Em ordem cronológica, pois, Júlio Campina é o primeiro alagoano e o quinto brasileiro a reunir em volume um estudo sobre o folclore(...). Aliás, foi o primeiro a usar no título de uma obra a palavra Folk-lore, visto que seus predecessores preferiram outras palavras para suas coletâneas: *Poranduba (...), Contos e Cantos populares (...), Cancioneiro e festas populares (...)*”

Das pouquíssimas informações disponíveis sobre o autor, Théo Brandão informa que, em 1883, Luiz era aluno do tradicional Colégio Bom Jesus, de Maceió, dirigido pelo professor Francisco Domingues da

Silva. Entretanto, já no ano seguinte estudava no colégio maceioense Sete de Setembro. Mais um dado a ser somado: Luiz deve ter vivido no Rio de Janeiro.

Embora não tivesse citado mais informes, Brandão aventurou-se a lançar uma hipótese, que acreditamos ser uma tese:

“Os Tenório Cavalcante de Albuquerque viveram e vivem sobretudo nos dois citados estados nordestinos (Alagoas e Pernambuco), nos municípios fronteiros de Quebrangulo, Correntes, Viçosa, Águas Belas, Palmeira dos Índios, mas migraram e migram frequentemente para outros estados, sobretudo para o Rio de Janeiro, onde deve ter vivido o autor”.

Tentando desvendar a questão, deparamo-nos nos capítulos que tratam de economia e de política de nossa obra, ROCHA, 1996, Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás, com informações que podem resolver em definitivo a problemática.

A documentação cartorial empregada na pesquisa nos dá conta de que, em 1857, Antônio de Holanda Cavalcante e sua esposa Luiza Tenório de Albuquerque, vendiam terras de sua propriedade, situadas no Riachão, a Paulo Caetano Tenório de Albuquerque. (Quebrangulo, p.174). O fato da esposa de Antônio ser Luiza, talvez possa indicar o porquê de terem colocado o nome do filho de Luiz.

Anos depois, provavelmente um dos tios de Luiz Tenório, de nome Justino Tenório Cavalcante de Albuquerque, fora eleito vereador por Quebrangulo para o quadriênio de 1881-1884 (Quebrangulo, p. 56).

Alguns anos depois, em 1888, um outro seu parente, o Capitão Sebastião Tenório Cavalcante de Albuquerque, era escolhido para o cargo de Presidente da Câmara de Vereadores de Quebrangulo. (Quebrangulo, p.58).

Por todas essas evidências parece, até prova em contrário, a naturalidade de Luiz Albuquerque ser no município de Quebrangulo.

Lilite, A Memória Histórica de Quebrangulo

Conhecemos Lilite Correia, quando já possuía filhos rapazes. Um grupo grande deles: Tadeu, Dimas, Licério, Nildinho e o pai deles, Nildo Correia, que logo recebeu divórcio. E naquela época, ser divorciado causava problemas de toda a sorte, tanto para a esposa, quanto para o marido ou o ex.

Depois que nos conhecemos, o tempo era sempre muito pouco para conversas, sobretudo a respeito de tipos e figuras da história de Quebrangulo. Vez por outra, a minha amiga estava trazendo um dado novo sobre certos personagens do passado. Que bom! Tudo era muito, muito bem-vindo. Tudo era transcrito no papel e depois se transformaria em textos e no livro, que, muito tempo depois, saiu publicado, graças à ação e aos estímulos da minha querida Professora Ana Vasconcelos, que tanto fustigou o filho, então prefeito, que fez a publicação da obra.

Falar em Lilite, sem lembrar dos carnavais de nossa terra, era nada falar! A jovem conhecia todos os blocos e clubes e suas músicas, disso muito aproveitamos, e, de forma frenética, no período da publicação, estávamos na editora em horário integral, durante vários dias, mesmo com febre de quarenta graus! Muita coisa foi feita na hora, sem ter o menor tempo para refletir. As notas trazidas por você estavam presentes a cada passo! Como poderíamos esquecer?

Ao elaborar a página AGRADECIMENTOS SINCEROS (p.5) e ao focalizar a figura de Lilite Correia, agradecemos apenas “pela datilografia

de partes dos originais, há anos passados”. Perdão, Lilite, mas eu fiz o que você não queria que eu fizesse: Não pretendia aparecer de maneira nenhuma. Por isso, e pela pressa tomada pela febre, não agradei devidamente. Registre apenas datilografia, fato mecânico, era muito pouco para o que você tanto nos ajudou, sem pretender aparecer, como inversamente deveria ter acontecido.

O livro foi publicado, entregamos pessoalmente e, você nada reclamou, daí é o que podemos entender ser você uma alma pura e livre da menor mesquinhez possível.

Passou o tempo, voltei para Maceió, nossas atividades na Universidade, não nos permitia ir sempre ao nosso PAÍS DOS QUEBRANGULOS! Tempos depois soube que você tinha feito a última viagem. Recebi a notícia, muitos meses depois. Ninguém teve a coragem de dizer logo no dia ou na semana do acontecimento fatídico, para isso afinal, existem os tais telefones!

Você, com aquele sorriso lindo, deve estar no céu dos quebrangulenses, conversando com Edmundo Saldanha, Dr. Jerônimo Lima, professor Osman Policarpo de Araújo e muitos, muitos que a você tinham como uma boa amiga e guardiã dos fatos da história de Quebrangulo.

Perdoai minha amiga e mestra! Obrigado, muito obrigado pelas lições ensinadas e aprendidas devidamente.

Filomena Goette: Uma Alemã em Quebrangulo!

Quando a Alemanha estava em lutas e preparações para uma guerra, os alemães nem supunham que essa guerra iria se constituir na chamada Primeira Guerra Mundial, que abrangeria temporalmente de 1914 a 1918.

Preocupada com o que poderia acontecer, a família de José Goette, precavida, emigrou para o Brasil, passando a residir na cidade de Curitiba, no Paraná.

Disposto a “fazer o Brasil” como se dizia na época, o trabalhador José Goette Sobrinho, laborou tanto, que passou a servir de exemplo para toda a comunidade.

Enamorou-se e casou com Dona Balbina Chaves de Brito, tendo como prova deste amor, uma filha muito bonita e muito elegante, de nome Filomena Goette, nascida na Fazenda Rio das Pedras, naquele município.

Em reconhecimento aos trabalhos de José Goette, a comunidade o elegeu para o cargo de conselheiro, correspondente ao de vereador, nesse mister político tanto trabalhou que em reconhecimento aos esforços despendidos, seu nome foi doado a uma Rua em Curitiba, e, em Santa Cecília, tem uma praça com o seu digno nome. O Museu de Curitiba guarda os espólios do digno lutador.

A jovem Filomena, ao visitar Alagoas, esteve em Quebrangulo e apaixonou-se por José Tenório Ávila, primo do Cel. Lourencinho, (Louren-

ço Tenório de Cerqueira Cavalcante), que foi prefeito de Quebrangulo de 1926-1927 e 1936-1938. E para conseguir o sustento da família, resolveu abrir um hotel no ano de 1938, esse chamado de Hotel Familiar, situado na Rua da Estação ou, como se diz oficialmente, Rua Cícero de Góis Monteiro. E Rua da Estação da Rede Ferroviária do Nordeste, precisamente ali, onde desceriam os possíveis hóspedes.

Claro que não era o primeiro de Quebrangulo, outros existiram antes, no entanto, este era o melhor e mais bem asseado que já existiu. E, como nas cidades do interior, o prenome da pessoa, muitas vezes está ligado a sua profissão, passaram a chamar o proprietário de Zezé do Hotel, já que o seu prenome era José.

Filomena, de pele alvíssima, muito bonita, ao mesmo tempo em que era bela, era trabalhadora, ao ponto de nunca estar parada, sempre estava dirigindo os empregados, pois não gostava de receber reclamações dos hóspedes.

A "alemãzinha", como todos os estrangeiros que chegam a residir no Brasil e também, por extensão, os filhos desses estrangeiros dada a dificuldade da fala em língua portuguesa no Brasil, ter muitos empecilhos para os que vêm de fora, falam um português "atravessado", que todos os nativos conseguem descobrir, bastam poucos segundos de conversa.

Ao chamar a sua filha Nilma, a que mais permaneceu com a mãe, Filomena dizia um acentuado NILIIMA..., VENHA CÁ!. Falando de forma até muito graciosa, que todos achavam muito engraçado.

O amor do casal é demonstrado através dos inúmeros filhos que

possuíram: oito, ao todo, eram os seguintes, pela ordem de nascimento: Nivaldo, nascido em Santa Catarina; Neli; Nerí; Nilma; Nerivaldo; Noeli e Neila. No ano de 1938, nasceu Neide, mas a menina faleceu contando três meses de idade.

O CONHECIMENTO POPULAR

4

Lá vem Zé Miúdo!

Parece ser impossível existir nos dias de hoje gente tão alegre e tão solícita quanto Seu Zé Miúdo. Sujeito alto, de tez escura, muito forte, brincalhão ao extremo. Era esse o Zé Miúdo de Quebrangulo. Gente muito fina.

Zé Miúdo pra cá, Zé Miúdo pra lá. E ele todo solícito, carregando a pesada bolsa tira-colo dos Correios, a entregar as tão esperadas correspondências. Mas o seu nome verdadeiro nem chegava perto de ser Zé Miúdo, era José Antonio de Lima e nascera no aprazível povoado do Poxim, Coruripe-AL, no ano de 1902.

Já rapaz, decidiu sair de sua terra para enfrentar a vida. Resolveu então ir vender coco-da-baía na cidade de Quebrangulo. Foi, vendeu, gostou, ficou. De vendedor de coco, passou a trabalhar na empresa elétrica do famosíssimo Coronel Felino. À noite, trabalhava na empresa elétrica e, como era muito trabalhador, quis também dar duro durante o dia no ofício de carroceiro. Logo chegou a possuir seis carroças. Sua vida rotineira era carregar sacos de algodão para a estação ferroviária.

Verificando sua disposição para os trabalhos, o gerente dos Correios e Telégrafos pergunta a ele e a outros que estavam por perto, quem gostaria de trabalhar nos Correios. Na verdade, o ofício consistia em transportar malas dos Correios de Quebrangulo para os Correios de Palmeira dos Índios, distante cerca de cinco léguas dali. O trabalho era feito ao lombo de burros e cavalos.

Ernesto Cavachão, o futuro coveiro de Quebrangulo que estava ali presente, afirmou que nunca poderia aceitar tal encargo, pois tinha medo de Lampião e o seu bando; Zé Miúdo, afoito, aceitou a parada e começou a tanger cerca de seis burros com pesadas malas para Palmeira dos Índios, de onde seguiam para o sertão alagoano. Os amigos sempre o preveniam a respeito de um possível encontro com o bando de Lampião, mas ele desconversava, brincava. Na verdade, embora todos falassem que Lampião estava em Rua Nova, povoado de Quebrangulo, Miúdo nunca, em tempo algum, chegou a avistar tais facínoras. E, é bom lembrar, que o nosso herói transportou as tais malas durante trinta e cinco anos.

Sendo funcionário iniciante da Empresa dos Correios, um dia, indo à cidade de Viçosa (AL), município próximo, passa em certa rua, vê uma menina bem bonita. Ele para. Olha. Fica embevecido e acerta casamento, voltando à cidade apenas no dia das núpcias, com sua doce e futura esposa Luzia Madalena de Lima, nascida em Viçosa, na Rua Gurganema.

Do casamento feliz surgiram os seguintes filhos: Luiz de Lima; Maria de Lourdes Lima; Maria Madalena de Lima, carinhosamente chamada de “Miúda”; José Lima Filho; João Lima Sobrinho; Manoel Luiz Sobrinho.

Quando os amigos e conhecidos o avistavam, lá no começo da rua, já gritavam: “Eita, lá vem Zé Miúdo!” Era uma alegria enorme!

Hoje, Miúdo transporta as malas no céu e Jesus está muito bem servido, pois seu funcionário é verdadeiramente bom trabalhador. Ao seu lado, Dona Luzia, sempre atendida, olha e aplaude: Ou Miúdo...

Dona Glória

Dona Glória era uma senhora muito forte, morena, trabalhadora, casada com o “Seu” Senhor; o casal possuía três filhos: Genário, José Correia e Sônia. Glória era zeladora do Grupo Escolar Desembargador Tenório, onde trabalhava “feito mouro”, e além de tudo isso, fazia deliciosas cocadas para vender aos alunos, que disputavam a pau!

À tarde, sentava na calçada do grupo, quase em frente a sua casa e normalmente ia ler folhetos de cordel para a delícia das crianças. Na leitura, dava uma vivência, interpretação e entonação toda especial, sem falar na vivência dos gestos que completavam a descrição lida, a ponto de fazer chorar algumas das crianças que se emocionavam de vez. “Mariazinha a menina que morreu numa furna medonha”, era um desses folhetos em que, na interpretação, chorava bastante e não era choro teatral, apenas era coisa sentida mesmo.

“A louca do jardim” era outro folheto, onde a gesticulação era muito intensa, para o riso ou a tristeza daqueles que a estavam ouvindo.

Depois de muitos anos de vivência em Quebrangulo, Dona Glória e a família foram morar em Palmeira dos Índios. Genário e José são bancários; Sônia casou e possui lindos filhos.

Salve o Nêgo Duda!

Ele tem nome de batismo pomposo, cheio de balangandãs, Maximino, Maximiniano, etc., etc. mas todos o conhecem apenas como NÊGO DUDA. É Nêgo Duda pra cá, é Nêgo Duda pra lá, e haja uma grande admiração de todos perante as suas artes, as suas invencionices malucas, coisas mesmo de artista dos bons; daqueles que merecem todos os nossos aplausos.

Mas, como vou dizer agora quem é o Nêgo Duda? Danou-se! Sei lá! Conheci o cara na adolescência, fazendo tantas estripulias que não devo dizer e nem sei o que pensar, o que falar; o Gaspar Bitu que o diga!

O cara é artista plástico, músico, toca “vialejo”. É... na nossa terra não se fala em realejo, é vialejo, mesmo, e não se fala mais nisso. Ah! Mas se você quer uma prova disso, é só por pra tocar o CD do Gaspar “Versos, vialejos e quebranguladas”. Recife: Estúdio Batuka, 2005, que tem até o José Maria Tenório Rocha, este que escreve, cantando, na faixa 8, o Hino das Moreninhas. Viu só que doideira? É que se aproveitando de uma farra feita no Jardim Brasil, Olinda, em 1977, há portanto 35 anos (em 2012!), em casa de sua mãe, da queridinha mãe dele, Dona Lalinha, com todo o mundo cantando, eu também cantei e, numa traição dos diabos, o peste estava gravando tudo em uma fita cassete. Você entendeu só a baixaria?

Nossa voz, na década de setenta, que nem lembrávamos, percebemos a grande traição ouvindo o CD que tem “um tudo” e Quebrangulo, e eu cantando “Moreninha vencedô”... percebeu o saudosismo?

E porque falamos em tudo isso ao lembrar o nosso amigo Duda? É que ele é o grande parceiro do Gaspar nessa empreitada, inclusive tendo o prazer de gravar composições suas e de ser fotografado no encarte, com roupa cheia de CDs...coisas do Duda!

Dançar Carnaval, fantasiar-se de personagens os mais malucos possíveis, jogar conversa fora, coisa de você palestrar três, quatro horas sem cansar, ou repetir anedotas ou fatos verdadeiramente reais da terrinha, diz ele:

“Quem pensar que o cara está estragado pela idade, comete crasso erro. Ele está inteiroço, sempre pronto para novas empreitadas; agora quer gravar mais um CD! Como dizia a humorista Dercy Gonçalves: “por dentro, graças a Deus, tudo bem, por fora, é a poluição que estraga, mas que no frigrir dos ovos, tá tudo muito bem! E por isso, chova arroz!”

O Boi de Zé Lica

Ao enxergar, de cima do palco da Artnor, do Shopping Iguatemi. Maceió, cerca de dez mil pessoas que aplaudiam, teve vontade de dar um pulo, com Boi de Carnaval e tudo, encima da multidão. Esse é Zé de Lica, que do alto de seus oitenta e três anos, no ano de 2000, festejava alegremente como se fosse um astro de rock.

Já chegou, já chegou,

Já chegou meu boi agora!

Quem quiser que eu dance, eu danço

Se não quer, eu vou embora.

Boi brabo, boi manso
O rio cheio é quem faz remanso
Boi brabo, boi manso.
O rio cheio é quem faz remanso.

Esta era uma das canções entoadas há mais de quarenta anos pelo festeiro José Domingos de Oliveira, conhecido como Zé de Lica, nome herdado de sua mãe Lica Mossoró. José nasceu no ano de 1920, no Sítio Velhama, em Palmeira dos Índios (AL), tendo por pai o agricultor Antonio Domingos de Oliveira e a mãe Dona Lica, que nascera no povoado Rua Nova, Quebrangulo.

Contando cerca de treze anos em 1933, começou a fazer o Boi de Carnaval, aqui chamado simplesmente de Bumba-meu-boi. Saía o Zé “Montado” no boi de armação, com um pequeno conjunto musical formado por sanfona, pandeiro, triângulo e tambaque; tinha até ganzá grande, feito com folhas de flandres; e um grupo sempre crescente que ia se aglomerando atraído pelo som, pela dança e pela cachaçada resultante. Cerca de setenta a oitenta pessoas, era no dizer de Zé: “mulher sem marido, filho sem pai, tudo me acompanhando”.

A “invenção” dos treze anos foi boa. Repetiu nos anos seguintes e não mais parou de sair dançando por toda a cidade. Os sanfoneiros, de quem nunca esquece, enumera: Odilon, Zé Panga, Sebastião Tã Tã e Justo, este cantava sempre:

Tirou de rom!

Tirou de rá!

Sei que morro velho.

E não aprendo a tocar!

E todos os ouvintes gritavam, quase em uníssono: “Muda Justo...”, para a tristeza do sanfoneiro que se achava o bom da tocata. Mas o inquieto do Zé não apenas brincava de boi, dançava nos blocos carnavalescos Ciganinha, do velho Benê, e no Caradura, de Vicente do Quebra-queixo, lembra saudoso do trecho de cançoneta:

Caradura, vamos embora

Que nesta rua ninguém brinca.

Vamos procurar outro lugar.

Pra brincar o carnaval.

Dentre os brincantes, lembra de Mané Rola, da rua Pernambuquinho, que mestrava as Chaleirinhas; Chico Rola, Francisco Menezes e Mazinho. O velho Benê, também tomava conta das Negas da Costa e cantava com o grupo:

A Ciganinha tem a obrigação

A todos clubes ela é de salvar,

Meus senhores e senhoras.

Isso é festa de carnaval.

Quá, quá, quá...

Lica é casado com Maria Rosa da Conceição e tem dois filhos já casados: Maria Lídia e José Domingos de Oliveira Filho.

Falando a respeito de boi, informa que o mesmo possui armação de madeira e cabeça de boi legítimo; “pesa cerca de quarenta e seis quilos, antes já fora mais pesado, mas é que com o tempo, né? Imagine-se carregar um boi com esse peso e dançar desde manhã até à tarde, movido a álcool”.

O boi já possibilitou ao Zé muitas alegrias, uma delas é ter se apresentado em Arcoverde (PE), Maribondo, São Miguel dos Campos, Maceió. Quase todos os prefeitos de Quebrangulo o ajudaram, merecendo destaque para Lourencinho, Tomazinho, Aloísio Góis, Gama e Expedito.

E olhe a cabra que te morde,
Ô meu senhor São Bento,
E tanto morde, como mata
Ô meu senhor São Bento.

Essa é mais uma das cançonetas entoadas pelo grupo do boi, sob a liderança do Zé, que, com os indefectíveis óculos escuros, comanda a massa.

A Marujada de João Honório

Em Alagoas, três autos náuticos se apresentam: Fandango, Chegança e Marujada. O Fandango é a representação das viagens transoceânicas entre Portugal e o Brasil, em meio a um enredo que conta peripécias dessas viagens como fome, falta de água potável e lutas entre os tripulantes devido a demora da chegada em terra firme. Dentre essas histórias contadas fala-se de sete anos e um dia, que passaram navegando, sem chegar ao destino.

A Chegança também conta tais peripécias, mas há um diferencial que é a chegada dos Mouros, Muçulmanos e as lutas entre eles e os cristãos católicos, maioria absoluta no navio.

A Marujada é uma espécie de síntese dos dois autos e outros dramas de viagens nos mares e a felicidade da chegada em terra firme.

Falar em Marujada ou nos outros dois autos é pensarmos estar navegando dentro de um navio; mas só no período inicial das Marujadas, em Quebrangulo (1912), pois sabemos que as Marujadas foram até o ano de 1947. E só em tal período inicial é que foram construídos os barcos, depois a prática desapareceu e o palco ficou sendo o próprio chão.

Tal desaparecimento talvez tenha sido devido ao processo custoso da edificação do navio, que era verdadeiramente um barco grande, construído com madeira e barro com muitos detalhes, onde os personagens subiam e desciam indo até a popa, para observar as “terras” além do horizonte. Tais barcos eram construídos em frente à antiga padaria de

Pedro Lima.

Os participantes trajavam-se com roupa azul marinho, semelhante aos marinheiros da Marinha do Brasil.

A formação em 1912: os mestres e organizadores eram: João Honório de Carvalho, comerciante; prefeito de Quebrangulo de 1921 a 1922, sendo considerado um grande administrador e Edmundo Saldanha, músico, pirotécnico, animador de festas, principalmente de carnavais. Era o homem dos sete instrumentos.

Os Personagens:

Mestre, José Mariano; General, José de Águida; Guarda Marinha, Israel Saldanha e Narciso Medeiros; Piloto, José Tenório; Padre, Júlio Cláudio de Lima; Pandeiristas, Hermenegildo Pedrosa e Artur Portela; Marinheiros: Senhorzinho Belizário, Odilon Tenório e Antonio Barros.

Mestre Paulo Gouveia

Quem era aquele moreno presepeiro que dançava muito e contava piadas simples, das mais ingênuas possíveis.

Aquele era o Paulo, de quem todos gostavam, apreciando as suas brincadeiras. O rapaz nasceu no dia 23 de junho de 1920, sendo filho de João Gouveia, funcionário da Prefeitura Municipal de Quebrangulo, tendo por ofício a arte de ser lixeiro. A mãe era Maria Du Virgem, de profissão doméstica; portanto, o rapaz era sobrinho da famosíssima Zefa Du Virgem, dançadora das Moreninhas.

Para Gouveia, a Nega da Costa começou a ser dançada dez anos antes de seu nascimento e teria iniciado no bairro do Triângulo. A função era formada por negros velhos que vinham de fora, de outros municípios, eram normalmente trabalhadores rurais e seus pais tinham nascido na África.

O primeiro mestre teria sido um negro agricultor que Paulo não conseguiu lembrar de seu nome. Os antigos dançadores que ainda estavam em sua memória eram: Bené, Duza, Zé Preto, Paulo, Natalício Pedreiro (conhecido como “bebão”). Desde o início, ao dançar, pintavam o corpo com tinta preta, chamada popularmente como “tisma de panela”.

Mas o brincante lembra que começou a dançar em 1930, dois anos depois, o Bené Preto tornava-se mestre e dançava de Pai Velho. Devido a trabalhos pesados, Paulo deixa de dançar entre 1938-39, mas de fato, existiu um deixa e volta, deixa e volta. Em 1965-66 deixou defini-

tivamente, porque sendo carpinteiro, tinha que trabalhar em firmas que não admitiam faltas, ademais todos sabiam que os participantes bebiam e faziam tolices que Paulo não suportava.

ALGUMAS CANÇONETAS QUE LEMBRA:

Tanta laranja madura
Tanto limão pelo chão;

Tantas mocinhas bonitas
E tanto rapaz bestalhão!

Atirei na proa de uma jangada,
A bala passou raspando (...)
E eu bem tranquilinho
Vendendo azeite às canadas.

Canadas de cachaça ou azeite. Aguardente vendida em ancoretas, pequenos barris.

Católico ferrenho, Paulo diz que a brincadeira da Nega da Costa não tem nada a ver com candomblé; é outra cousa, é só brincadeira mesmo. Lembra que nos cânticos aparece o termo macaíba que, para ele, é um tipo de fruto que veio de lá da África.

Outro termo encontrado nos textos cantados é Guabiraba, o termo é derivado do tupi wa'bi ou gwabi, que significa comida + rab signi-

ficando felpuda, peluda. Variação guabiroba, nome de diversas árvores de frutas comestíveis, da família das mirtáceas.

Desde o início da brincadeira com todos os participantes na sede, um deles socava no pilão, com a mão-de-pilão, imitando o pisar do café ou milho; os negros, ao som que era feito, dançavam formando rodas. Outro instrumento era o maracá cheio de pedrinhas ou chumbo, tendo fitas multicores amarradas. Lembra Paulo: era só cuíca e maracá. Com a evolução usaram pandeiro e até zabumba.

A Macaíba da Negra da Costa

Indo a feira semanal que acontece bem perto da Universidade Federal de Pernambuco, aos sábados, começamos a comprar o que necessitávamos para passar a semana. Seleccionamos aqui, procuramos ali, até que sentimos alguém chegar perto de nós e dizer “Macaíba freguês? Não quer macaíba?”

Não sei se respondemos direito; o que é certo é que ficamos atônitos ao ver, pela primeira vez, o fruto tão cantado pelas Negras da Costa de nosso município, Quebrangulo (AL)

O vendedor deve ter ficado muito admirado ao perceber a nossa reação! Pelo menos não fizemos feio: compramos um bocado dos frutos e, cada vez que olhávamos, o comerciante perguntava: “Está achando pequeno, não é? É chuva!”. Não sei se respondemos de forma natural. Respondido ou não, fomos embora pensando na grande descoberta!

Sempre estive em nossa cabeça verificar o que significa MACAÍBA. Mestre Paulo Gouveia, da Negra da Costa, dizia que era uma fruta, sem especificar gosto ou sabor, mas que deveria ter de seis a oito centímetros e que seguramente vinha da África. Era só o que sabia. E ficava sempre em nosso pensamento, a lembrança da quadrinha cantada no folgado.

“Negra da Costa,
Que vem ver?
Apanhar macaíba
Prá vender.”

O texto é sempre recorrente, assim, quando líamos escritos sobre a Nega da Costa de Palmeira dos Índios (AL) nos surpreendíamos com a informação sobre João Macaíba, proprietário de restaurante na Praça da Independência, em Palmeira, na década de setenta do século passado.

Nos anos dois mil e dezesseis e dois mil e dezessete, constatamos a presença do jogador de futebol muito popular, de nome PAULINHO MACAÍBA, apelido ou sobrenome do craque do Itabaiana Futebol Clube, de Itabaiana (SE).

Mestre Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o dicionarista alagoano que muito nos orgulha, informa que Macaíba, com a variação Macaúba, é também conhecido como coco-de-catarro; e Macaúbas, lembramos ser a denominação de um município da Bahia, terra natal do folclorista Ático Vilas Boas da Mota.

Antônio Houaiss, o dicionarista, nos assevera que Macaíba (acrocoxia aculeata) tem etimologia tupi: Makáíwa, denominação de palmeira, também conhecida como coco-de-catarro.

Pegando o fruto, descasca-o com faca amolada, dá uma mordida e passa a sentir o gosto adocicado que tem a polpa; depois passa a quebrar o coco para deliciar-se com o conteúdo branquíssimo da amêndoa; é semelhante a outros tipos de cocos existentes no Nordeste, de formas e tamanhos variados.

Negras da Costa, uma Bibliografia

Laurindo, Antônio

977. Negras da Costa, bloco carnavalesco da antiguidade palmeirense. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 12 jul.

ROCHA, José Maria Tenório. VASCONCELOS, Pedro Teixeira de.

1975. **Sobrevivência da lúdica folclórica em Alagoas**. Maceió, DAC/ Senec.

1976. Negras da Costa de Quebrangulo, um folguedo carnavalesco alagoano. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 14 abr.

1977. **Folclore brasileiro Alagoas**. Rio de Janeiro, MEC/ Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

1978. **Folguedos populares de Alagoas**. Maceió, DAC/SENEC.

1979. **Folguedos carnavalescos de Alagoas**. Maceió, DAC/SENEC.

1980. **Iniciação ao folclore**. Maceió, DAC/SENEC, 2 vols. Mim.

1984. **Folguedos e danças de Alagoas (sistematização e classificação)**. Maceió, DAC/SENEC.

1987 . **Folguedos, danças e artesanato**. Maceió, Secretaria de Cultura/ Caixa Econômica Federal de Alagoas.

1988. Folguedos de aculturação africana em Alagoas. **Novidade**, 4(10):12, Maceió, abril/maio.

1990. Vendo, participando e entrando na folia. Os folguedos carnavalescos ainda vivem. IN: **É tempo de folclore**, n.2, Maceió, Secretaria de Cultura.

1995. **Folguedos e danças de Alagoas.** Maceió, Secretaria de Cultura de Alagoas/ Diretoria de Folclore e Cultura Popular.

1996. **Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás.** Quebrangulo, Prefeitura Municipal de Quebrangulo.

Manoel do Açúcar e Dona Anália

Quase em frente ao Grupo Escolar Desembargador Tenório, reside o Manoel do Açúcar, moreno forte, carrancudo, fumador de cigarro de corda; sempre estando a fazer repreensões a um ou outro dos rebentos. Nunca soubemos a razão de seu nome ou apelido; teria sido vendedor de açúcar, ou trabalhara em usina de açúcar? Por enquanto não temos resposta.

É que o casal Manoel do Açúcar e Dona Anália possuía onze filhos, bonitos, brincalhões e namoradores. Muitas vezes esses filhos casavam, iam residir em outros municípios e depois de algum tempo, como o bom filho, voltava à casa do pai! Eita! família da gota de boa! Eis algumas impressões de juventude; sujeitas a revisões urgentes! Quem eram os filhos?

GENINHA - Morena forte, prá lá de bonita, dente de ouro, de olhar de derrubar avião. (Seria Eugênia?);

EUNICE (Nice) - Alta, alva, esguia, elegante feito comissária de bordo;

TOTINHA - Forte, bonita, mãe de não sei quantos filhos; todos bonitos;

CIDE (Alcides?) - Muito forte, firme trabalhadora e de humor bem pronunciado;

SÁLVIA - Era o grande amor de Araní, que por ela, praticou ações como as de Romeu e Julieta; família é fogo!

DILMA - De tamanho “mignon”, muitíssimo elegante. Era a declamadora preferida do Dr. Jerônimo Lima; declamava bonito e com uma maneira bem artística que só ela saberia fazer. Desempenhou bem o papel de Verônica em procissões de Semana Santa;

SOCORRO - Morena forte, muito bonita, tão bonita que conquistou o coração do exigente professor Sebastião da Silva Lima, do Ginásio;

DEUSA - Muito séria, trabalhadora, morena, índia;

GRAÇA - A eterna criança de todas: meiga, trabalhadora, sempre de bom humor; cantora;

DJALMA - Forte, fazia o papel de namorado, conquistador, terminou casando com uma competente advogada em Cajueiro (AL);

TÁCITO - O caçula, branco, adorado e adulado pelas irmãs.

Imagine-se essas nove moças desfilando em uma procissão de Dia de Ano, tendo o prazer de estarem todas vestidas de “nylon americano”, era uma grande novidade na época; era o que elas falavam antes, durante e depois: uma verdadeira mostra, com direito ao despeite de suas conhecidas que trajavam roupas simples!

Dona Anália sempre de bem com a vida, estava constantemente na “venda” de Comadre Neném, para tomar um gole de vinho, pois estava passando uma gastura... Tomava uma talagada de vinho, para depois ficar mais bem disposta para os trabalhos.

Anália era uma onda! Vez por outra estava a dizer que preferia ter um filho, do que extrair um dente! Teve onze filhos...

Onde e como estarão hoje as meninas de Manoel do Açúcar?

Bila, a Oráculo de Quebrangulo

De estatura miúda, sempre curvada, com aparências de pessoa não limpa, de olhar penetrante, denso, insinuante. Assim era Bila. Nunca ninguém soubera seu verdadeiro prenome, ou nome, era apenas e simplesmente Bila. A adivinha, que morava em uma casinha recuada, na Rua do Comércio, lá no final, quase na Rua da Cachoeira, Quebrangulo (AL)

Quando qualquer pessoa tinha dúvidas a respeito de algum fato sério ou mesmo acontecimentos banais, ia procurar a Sibila, a oráculo, e ela prestimosa, invocando o espírito de Maria Aparecida, que ninguém sabia quem era, dava uma resposta convincente!

Grande alegria sentíamos ao passar de ano, fato previsto por Maria Aparecida. Bila ficava satisfeita. Quase chegava a rir, coisa que ela nunca fazia! O seu semblante horrendo, se iluminava, dando a perceber que a felicidade dominava a si, alegrando a todos.

Talvez pelo fato de quem mais a procurasse fossem estudantes de muito pouca idade, ninguém estava preocupado com o bem-estar da oráculo, que tanto benefícios prestava a todos. Nunca perguntávamos onde Bila conseguiria alimentos, ou dinheiro para outras necessidades.

A casa em que morava era pequena, com apenas três compartimentos mal cuidados e sujos, causando má impressão em quem a visitasse. As próprias roupas da Sibila eram sujas, desalinhadas ou davam essa impressão.

Saído do pequeno burgo quebrangulense, voltando vez por outra, nunca mais lembramos de perguntar pela oráculo.

Onde andaré Bila, fora de nossa imaginação forte?

Dona Maria do Aprígio

Dona Maria era uma senhora que sofria das faculdades mentais. Volta e meia, saía pelas principais ruas da cidade com uma bengala e um balaio na cabeça, cheinho de trastes imprestáveis, a cantarolar musiquetas desconexas, que retratavam um pouco aquilo que ela vivenciava, escutava, sentia; assim como reclamava do casamento de seu filho, dizia:

“Gás, gás óleo, gasolina, Maristela morreu na linha..”

Comentando tristemente o casamento do filho, cantava, fazendo acintes a sua nora:

Ela se casou

E se arrependeu - bis

Larga Maristela

E vem morar mais eu!

A cançoneta é uma adaptação da peça de Reisado alagoano, cantada nas décadas de cinquenta, do século XX, que dizia:

Ela casou ontem

E já se arrependeu

Deixa teu marido

E vem morar com eu!

A informação é de Lindinalvo Ignácio da Silva, de Maceió, líder dos trabalhadores da Saúde em Alagoas. No início de sua vida trabalhou como guarda sanitário das Endemias Rurais em todo o Estado de Alagoas, e tem uma memória muito boa para acontecimentos desse porte. A infor-

mação é de fevereiro de 2013!

Criticando de um certo senhor, que mancava da perna, dizia:

“Ou seu Florindo / Passo de urubu / Passo de urubu”

Ao cantar, imitava a pessoa e seus gestos. Algumas vezes anunciava a exibição de filmes no cinema:

Trabalha negrada / Para acabar cedo / Hoje tem Tom Xis /.

Tom Xis era a corruptela do nome do ator Tom Mix.

Água na Rodagem

Há vinte e tantos anos passados, moças, rapazes, meninos e meninas, eram muitos! Cerca de trinta e cinco a quarenta pessoas, seguiam, cada uma com sua vasilha na mão; iam buscar araçá, uma frutinha amarela, com um ou um e meio centímetro de diâmetro, que nascia nas matas distantes da cidade, uma ou duas léguas, na rodovia que: liga Quebrangulo a Palmeira dos Índios.

Não confundir com araçás de outros Estados que são grandes, do tamanho de um limão pequeno e possui o sabor completamente diferente.

A rapaziada seguia em meio ao contar de piadas, historinhas chistosas, disse-me-disse e risos, mais risos; era uma festa só! Saíam às 14h. e voltavam quase às 18h, sorrindo, felizes.

Chegando na mata, catavam, comia; aquele que comesse muito, ah! Ficava com uma indigestão danada, a ponto de ter que ir procurar o farmacêutico para se cuidar.

Nessa mesma rodovia, mesmo antes de passar o asfalto, a Prefeitura mandava passar o trator, ficava a estrada como se estivesse asfaltada e, com o grande calor do verão, a terra planeada soltava um vapor que as pessoas começaram a pensar ser água quente. Aquilo tornou-se um fenômeno. Olhe a água na rodagem! Eu vou é passar para ver se lava os meus pés! Ah! Passei mas não lavou nada! Mentira, eu vou passar! Passava no meio da “água”... nada feito!

Cada um queria constatar o fenômeno; depois que verificassem que era simples vapor, terminava assim o mistério. Acabou o mito...

Carestia

Entre as décadas de sessenta/setenta do século XX, surgiu na cidade de Quebrangulo um indivíduo moreno claro, de estatura mediana, que vivia e passava a noite na Praça Desembargador Tenório, dormindo ao relento.

Calmo, sem maltratar pessoa alguma, sem trocar palavras com ninguém; apenas gostava de beber água, fosse água potável ou a imprópria água do rio Paraíba. A sede era enorme! Apiedadas com a situação do rapaz, senhoras preparavam um prato de comida, davam a ele, que recebia agradecido, comia e ficava quieto, mas de imediato, tinha que procurar um lugar para satisfazer as suas necessidades fisiológicas; é que de tanto beber cachaça, em sua pouca vida, na época, lembro, tinha entre vinte e cinco ou trinta anos! A cachaça destruíra seu fígado e estômago, e tudo o que comia, de imediato teria que por para fora!

As pessoas da cidade, condoídas, procuravam levar uma palavra de conforto, mas o jovem apenas fazia uma espécie de ar de riso, mas um riso muito triste. Tantas dores que sentia, o obrigava às vezes a correr, jogar-se no rio e ficar em pé no centro das águas, como a querer que elas resolvessem, como em um passe de mágica, o seu problema de saúde.

Nunca se ouviu falar de seu verdadeiro nome, nem se falar de sua família, de seus parentes. Certa vez falaram que um famoso locutor de nome Vaneuso, que possuía realmente uma voz abençoada, dizia ser seu parente, mas tudo parecia indicar ser apenas uma forma de brincar com o

jovem.

Passou o tempo. Sem que se soubesse, o jovem Carestia desapareceu para todo o sempre! Ninguém falou sobre enterro, apenas falou-se em desaparecimento, como a dizer encantamento. Adeus Carestia. Deus cuide de você!

Os Abecês de Guacheba e de João Cego

ABCs são versos que se iniciam com as letras do alfabeto; em alguns aparecem o til como letra. Em geral são escritos em quadras, mas os mais modernos são compostos em sextilhas de rimas simples assim como xaxaxa, ou outros tipos de arrumações poéticas.

O gênero é muito antigo, assim, em 393, Santo Agostinho compunha abecês. Na época do Renascimento, o gênero popularizou-se: na Espanha, Lope de Veja escreveu ABC, em Portugal, Luiz de Camões também compôs versos no gênero.

No Brasil os Abecês versam temas de cangaceiros, bois, batalhas, biografias de santos, assim como o ABC de Nossa Senhora e o de Lucas da Feira, na Bahia.

Em março de 1972, quando fazíamos pesquisas em Quebrangulo, encontramos na feira com “Seu” João Cego, que apesar de ser pernambucano de Brejo da Madre, desde pequenino vive em Quebrangulo. João Cego, 72 anos (em 1976!) era cantador, sem tocar nenhum instrumento musical, apenas cantava, com voz fanha e monótona, dentre outros o ABC DA POBREZA, dizendo ser de sua autoria, mas acreditamos que seja uma cantoria nordestina, cujo autor foi despersonalizado, como é a autoria das boas músicas tradicionais folclóricas.

A Pobreza neste mundo
Lamenta os trabalhos seus
Peço por caridade

Que também lamente os meus
Só me resta uma esperança
O pobre é filho de Deus

B Bem sei que a riqueza
É o ouro, a prata e o cobre
A pompa e a fantasia
A honra, brasão nobre
Se é de ser odiado
Mas antes, quero ser pobre

C coitado de todo aquele
Que por ter moeda forte
Cheio de orgulho, soberba
Sem pensar na sua sorte
Qual será o seu resultado
Quando Deus mandar a morte.

D devemos amar a Deus
E abandonar a avareza
Adorar com fé mais pura
O autor da natureza
Ao mesmo tempo sabemos
Que no céu não vai riqueza

Eu não falo da pobreza
Porque dela sou irmão
Inda que ela me atrase
Eu reconheço a razão
Porque são heranças minhas
Desde a culpa de Adão.

Feliz do pobre que sofre
Seus males com paciência
Que tenha resignação
Perseverança e prudência
Quem vence as dificuldades
De Deus tem a preferência

Grandeza em cima da terra
Vacila a qualquer momento
E como uma nuvem azulada
Que anda a favor do vento
Neste mundo de prazeres
No outro, terrível sofrimento

Homem pobre não é nada
E não fala por ninguém
Quando o mal persegue o homem

Ele não fala com ninguém
Segundo o rifão antigo
Na terra vale o que tem.

Ira-se o pobre na terra
Perde a gulória e esperança
Que talvez únicas coisas
que tem por sua herança
ou depois ta arrependido
pra que tanta vingança.

Já disse o que sabia
Sobre o que sofre a pobreza
Um honra o filho de Deus
Não se lembra da riqueza
Terá um tesouro no céu
Para que ter mais grandeza.

Kalendário de cristão ABC correto e puro
Conselheiro da pobreza
Caminho certo e seguro
Guiando quem vive errado
E quilariando o futuro

Louvemos a Deus em ser pobre
De muita boa vontade
Uns trabalham pela fé
E outros pela caridade
Quem caminha atrás de Deus
Chega mais cedo ou mais tarde.

Maria já foi muito pobre
Jesus nada possuía
Seus tormentos dolorosos
Com paciência sentia
Triunfante e glorioso
Lá no alto céu subiu.

Ninguém fala da pobreza
Que fala contra a razão
Se Deus quisesse, bem dava
Acada pobre um milhão
Mas ficava embaraçado
Acaminho da salvação.

Os trabalhos mais horríveis
Que é para o homem sofrer
Pensar em causas justas

Lutar para não vencer
Quem luta a favor de Deus
É muito raro perder.

Pilatos foi grande homem
Herodes foi coroadado
Com o espelho bem claro
Para quem vive enganado
Mas nós todos sabemos
Qual foi o seu resultado.

Quando eu me maldigo
Porque me vejo arrasado
No mesmo instante imagino
São muitos no meu estado
Reparto a crise para todos
Por isto estou consolado.

Rico será todo aquele
Que tem bom comportamento
Que ama o rico divino
E guarda seus mandamentos
Este mundo desprezo
No outro acho aposento.

Se quiseres ser feliz
Neste mundo universal
Ame a Deus e a pobreza
Fugindo sempre do mal
Terá preferência
No reino celestial.

Todo mundo não é rico
Egoísta e poderoso
Porque enche esse mundo
De avarento e orgulhoso
Ficava para o futuro
O tempo mais perigoso.

Um monarca aqui na terra
De pobreza não tem dó
Tem mais isto um Salomão
Um duque, capitão-mor
Com a morte reduzida
Em cinza, poeira e pó.

Vê-se uma árvore bem vestida
De folha muito arvada
Com pouco vê-se despida

Pela luz do céu trilhada
Por aí já se conhece
Que a riqueza não é nada.

Xadrez grosseiro, mal feito
Que vive os pobres vendido
São José, vós sois tão pobre
Atendei nosso gemido
Que na presença de Deus
Sejamos favorecidos.

Zombará deste ABC
Feito, escrito por mim
Se houver cristão na terra
Que concorre e ache ruim
Ou nascer a de satanás
Ou procedeu de Caim

O ABC DO GUACHEBA

Guacheba era um tipo popular quebrangulense, tomador de cachaça do tipo singular. Todos os sábados, lá vinha o Guacheba, bêbado com um sapo na mão, querendo entregar, para que todos pegassem e admirassem o espécime. Outros dias aparecia com uma cobra enrolada no braço e depois de apresentar a todos, entrava com ela em um bueiro,

um canal cilíndrico que servia de esgoto para as águas pluviais; morada de sapos, cobras, gias e o diabo a quatro.

O homem passava o dia todo no bueiro. Morreu! Pobrezinho! Diziam todos, mas depois de algumas horas surgia o vulto do em movimentos da esquerda para a direita e a cantar abecês.

Era muito normal Guacheba entrar na venda, mercearia, pedir um trago e começar a recitar abecês, para tanto, mandava que alguém ditasse as letras que ele recitava a estrofe. O ABC do Gato e o ABC da Tripa eram os mais declamados.

Guacheba nasceu, viveu e morreu em Quebrangulo, morreu no ano de 1972. Deixou por herança apenas os abecês e as suas maluquices.

Inocência Pedro da Silva, 72 anos (em 1976!), agricultor e genro de Guacheba, prestou informações, mas dos Abecês só sabia de algumas estrofes do ABC do Gato:

A avia em Dois Riachos
Um gato Maracajá
Que devia consciência
Aos criado do lugar.
Disse um dos criado
Com pesar no coração
Se eu num der fim esse gato
Vendo minhas criação
Qu'eu não posso andar no mundo
Trabalhando para o cão.

B Bonzei do povo dez anos

Fui um cabra regalo

Só comia carne fresca

Fui um cabra regalo

Mas tudo isto eu paguei

No gume do facão.

Do ABC do Gato, apenas duas estrofes pude colher. Incêncio informa que seu sogro havia aprendido o ABC de um folheto, mas nunca conseguimos tal folheto com esse título, ou com o conteúdo exposto. O ABC Da Tripa é mais completo, pelo menos sete estrofes foi declamada pelo informante.

A avia nas Alagoas

Uma tal Juana Fateira

Num tenho ciência certa

Se era casada ou solteira

Sei que tinha um menino

Esse tinha por continuo

Vender tripa na feira.

B batizou-se por André

Tripa foi seu apelido

Por ser um dos empregos

Que tinha exigido

Como diz o antigo rifão
Pela sua profissão
Cada um é conhecido.

C Criou-se no Mundau
Na mesma povoação
A mãe mandou ensiná
Aprendeu com prontidão
Ler, escrever e contá
Consta que nesse lugá
Tripa foi sacristão.

D Dizem que foi nesse tempo
Que André se preveniu
Com a imagem e oração
No patuá conseguiu
Com três filhas dominá
Somente para fazer má
Como de fato serviu.

E É certo que a oração
Não serve para ofender
Serve quem ela tiver
Com ela se fortalecer

Não faz como Tripa fazia
Cuidando que não morria
Matou gente até morrer. (...)

L levaram a notícia dele
Na pedra o Capitão Basto
Com dez soldado escuído
Para ver se havia gasto
A orde expressa tomou
O delegado voltou
Que estava acostumado. (...) O

T tenho tido por notícia
Quem tem cem mil réis a dar
Qualquer pessoa
Que pru Tripa te chamar
Nessa mesma ocasião
Viram tripa com rife na mão
De dentro da mata pulá (...)

Seu Bilu, Mestre Ferreiro

Alto, magro, sumamente cordato, educado e conversador; assim é a figura do mestre Bilu. Ferreiro dos melhores, afeito às novidades que apareciam no ofício e sempre pondo para funcionar o fole; o tal fole, que era muito grande e soltava muitas fagulhas avermelhadas, que a depender de quem estava pondo para funcionar, o que provocava era medo em quem aparecesse na sede da tenda. Especialmente digno de observação, era o pavor que acometia nas crianças.

Cheio de filhos, alguns que estudavam no Colégio Ágnis Eskini, do Recife. É que o nosso ferreiro era pastor evangélico presbiteriano. Além dos filhos que iam se agregando e se estabelecendo no Recife, em Quebrangulo só ficava a filha Ginath, nossa colega e companheira do curso ginásial, que se tornava para o casal, uma espécie de guardiã.

Muito séria, Ginath em certos momentos tornava-se brincalhona. Trabalhava na Defesa Sanitária Animal e aos sábados e domingos, estava sempre nos cultos, participando ativamente.

Gostávamos de, vez por outra, ir tirar um dedo de prosa com seu Bilu, afinal, ele tinha muitas boas histórias para contar! Eram histórias líricas, nunca sensuais ou impróprias, mas em todas elas havia um humorismo sadio que dava para fazer rir e rir muito.

A senhora esposa do mestre era boníssima, gostava de conversar conosco e, muitas vezes, de aconselhar nas pequenas travessuras que fazíamos em criança. Diferente de outras senhoras da Rua do Beco, atual

15 de Novembro, trajava-se com roupas diferentes, discretas e enormemente compridas; nas formas de conversar notavam-se traços vindos diretamente de sua religião, ditos como forma de conduzir bem toda a nossa vida.

Linete, uma das filhas, ao chegar à casa, vinda do Recife, para passar férias, enchia o lar de alegria, barulheira; era uma verdadeira transformação que alegrava sumamente os pais.

Veza por outra íamos assistir aos cultos, por nos dar muito bem e achar muito bonito os rituais praticados. Os cânticos, alguns deles eram os maravilhosos “Spirituals” dos negros americanos, cantados com um sentimento tão grande que verdadeiramente chegavam até Deus que os abençoava!

Muitas das pregações, seguidas de exemplos e conselhos tinham a finalidade de que a vida se transformasse em uma seriação de dias bem vividos, sem os necessários arrependimentos constrangedores.

Ainda hoje fico a lembrar e tentar ouvir o som forte da marreta batendo no grosso ferro, provocando um som semelhante ao estalido de um pássaro chamado popularmente de ferreiro, a denominação possivelmente era devido ao estalido enormemente forte que provocava o seu canto.

Dona Filó e seus Bolinhos Maravilhosos!

Desde criança gostamos de feiras, especialmente da feira semanal dos sábados em meu Quebrangulo. Mas não gostava de feira para fazer compras e levar para casa o fardo pesado. Não.

Feira para mim sempre foi o espaço onde procurávamos saber o que estavam vendendo de guloseimas, especialmente dos bolinhos e das cocadas baianas! Ah! Que maravilha! Mas a minha tia Mariquinha também fazia cocadas de goiaba, leite, banana; eram coisas de doido! E lá empregávamos todo o nosso pouco dinheirinho!

Na feira também buscávamos saber o que estavam oferecendo de pequenos espetáculos como o de Pedro Chumbrega, velho cego que soltava palavrões enquanto tocava no seu berimbau, ou seria Marimbau? Do doido Augusto que fazia apostas “para ver” quem come mais...até sair sangue puro da boca. Meu pai brigava com ele e o obrigava a parar!

Mas o que lembro com enorme prazer, coisa de lambar os beijos, eram os bolinhos de dona Filomena, morena forte de cabelos brancos, sorriso bonito e cativante, mas muito, muito séria. Era mãe do Mário Soldado que era muito sisudo e não queria conversa com ninguém.

Na sexta-feira à tarde, subíamos a ladeira da Treze de Julho, a que chamavam Rua da Palha, íamos para a casa de dona Filó, onde ficávamos maravilhados vendo a boleira trabalhando a todo o vapor. O que eu mais gostava de ver, admirar, eram os jacarezinhos de massa que saíam das mãos de fada, prontos para ir ao forno e logo em seguida para a boca dos

fregueses!

Além dos jacarezinhos e outros bichinhos, a boleira se transmudava em doceira, para fazer as maravilhas dos doces de mamão verde, doces de figo, de goiaba, de leite e muitos outros tipos e formas que a gente começa a pensar e a querer babar de tanto prazer nas lembranças.

Aos sábados, na Rua do Comércio, em uma tolda muito limpa, muito bem forrada, bem esticada, expunha as delícias que a todos fazia admirar.

Penso que no céu, Dona Filó está fazendo bolos e doces para São Pedro. Ele apressado diz: “ou Filó, que demora é essa...traz logo!”.

A Dona do Cinema, o Pum e as Crianças

Sabendo que os filhos casados, que residiam em município vizinho, iriam passar o final de semana em sua casa, a esposa do proprietário do cinema da Quebrangulo, que infelizmente não guardamos o seu nome, pensou: o que fazer para eles, cada um deles gosta de uma alimentação completamente diferente, e ... ah! Já sei, vou fazer uma sururuzada, um caldeirão de sururu, com muito leite de coco, muito cheiro verde; um pirão molinho, daqueles! Todos irão dizer: “acertou de vez mamãe!”.

No domingo, a casa cheia de filhos e netos fervilhava, muita correria, anarquia, gritos, alegria total. A mulher eufórica, na cozinha, trabalhava arduamente e dava ordens expressa à secretária.

Só um detalhe ela não lembrou: havia apenas um cinema na cidade, e ainda não existiam esses horrores de televisão em cada casa; logo, sábado e domingo eram dias de casa cheia no cinema. Era muita gente que chegava cedo para conseguir um bom lugar.

O almoço ficou pronto. Todos almoçaram bem, ficaram fartos e elogiaram o almoço. “Que beleza! Nunca mais tinha comido um almoço tão bom!”.

A dona da casa começou a sentir um problema. - “Não, não era nada não! Não haveria de ser nada. Apenas eu comi demais e fiquei assim. Vou tomar uma dose de remédio para o fígado e tudo vai ficar bem!”.

Tomou o medicamento. Passou o tempo.

Ih! Já é hora de ir para o cinema. O marido apressado já está lá

xingando.

Ao sair de casa, soltou um pum danado. “Eita mau cheiro da peste!”. Disse. No meio do caminho, outro pum. “Ou diabo”. É preciso tomar providências. Ao chegar ao cinema, bem próximo da casa, o marido estava dando os arremates, para começar a venda dos ingressos. Ela, a proprietária, ficaria sentada na entrada da sala de exposições, para receber os ingressos.

“E agora? Ah! Não tem nada não”. Olhou ao seu redor e viu dois garotos aparentemente muito pobres, que estavam ali para ver se alguém se apiedava e pagava as suas entradas.

“Ou meninos, venham cá!”. - Falava imperiosa a proprietária. “- Olhe, por hoje eu vou deixar vocês assistirem ao filme, sem pagar; mas vejam bem, se vocês saírem de perto de mim, ponho vocês pra fora e rápido!” “- Não, não senhora! A gente não vai sair daqui!”. - Quem iria deixar de assistir, de graça, o faroeste? Ochente!

Começa a projeção e a barriga da mulher dói que é uma beleza! Ela pensou: “Tudo bem. Os meninos estão aí, e se eu soltar um pum, eu ralho forte com eles e todo mundo vai pensar que foram eles, coisa de menino de rua mesmo!”.

A estratégia é a seguinte: Quando o mocinho for dar um tiro, não tem outra: é um tiro de lá e outro de cá! Mas a proprietária, infelizmente, tinha assistido ao filme antes, para observar as marcações tão necessárias.

Começou a película. Em dois minutos, o mocinho trotando a cava-

lo, vê um perigoso bandido, e muito devagar, lentamente, tira o rifle da bainha, que estava presa à sela e prepara o tiro. Mas que chato. O bandido rapidamente se esconde na pedra. Devagar o mocinho põe o rifle no lugar e sai trotando ligeiro.

Não demorou, logo viu outro bandido. “- É agora que ele vai atirar”, pensou a proprietária. “Pronto”, disse ela. “É agora”. Que nada, o gangster vendo um rio caudaloso, sentindo aquele calor desértico, joga-se com toda a força. Toma banho com roupa e tudo. O mocinho perde a mira, põe o rifle na bainha.

Sai trotando rápido. “Ora vejam só, outro bandido!” “- Mas que facilidade!”. Pensou a proprietária. Rápido o mocinho desembainha o rifle e se apronta para atirar. Ao colocar o dedo no gatilho, o bandido, rapidamente, joga-se feliz em um galho de uma árvore frondosa, desaparecendo. Mais uma vez o tiro não sai, mas o pum da proprietária sai célere. Ela quase não esperava e nem mais aguentava a espera, para disfarçar, ralha forte com os meninos: “-Vejam só, a gente bota essas pestes para assistir ao filme de graça e veja o que eles fazem. Meu Deus, Como podem ser tão mal agradecidos?”.

- Não dona. Não foi a gente não, dona. Deve ter sido outra pessoa. Não foi a gente não!

- Ora, foram vocês mesmo. Nunca mais deixo vocês assistirem de graça.

- Não foi a gente não, por Deus do céu, dona!

Os meninos, sem perceber a situação, olhavam um para o outro,

enquanto a proprietária pensa: “E se vier outro?”. - Olha firme para os meninos e diz: “Eu devia botar vocês para fora. Mas vou deixar vocês aí mesmo. Quero ver se vocês fazem uma peste desta outra vez”.

Os garotos, pensando em perder a vez no outro domingo, tristes, diziam mais uma vez: “Não foi a gente não dona...”. Enquanto a proprietária, muito séria e irritada, dizia: “Eu sei...Eu sei...”.

Flandileiro na Praça

Um grande dente de ouro, constituía o seu charme; um dos poucos que possuía. Era branco, magro, usava terno completo aos sábados, o dia de feira semanal da cidade; convém lembrar que o terno era surrado, daqueles que só se usam em terras frias, como São Paulo e Porto Alegre.

Nos dias de feira, saía de casa normalmente às 15 horas, para sentar no banco do obelisco da Praça da Independência, centro de Quebrangulo, um dos únicos da cidade. Sentava e começava a observar a retirada do povo de municípios vizinhos que ali apareciam, também os que moravam em sítios e fazendas próximas que voltavam para casa, tendo antes a obrigação moral de, antes de se retirar, tomar uma generosa lapada da branquinha!

Nosso personagem era flandileiro de profissão, funileiro como popularmente se dizia, não admitia muitas conversas, talvez por não demonstrar a desconhecidos, o seu defeito físico que odiava: a fala fina; fala de soprano, como fora dito por brincadeira.

Ali, sentado no banco do obelisco, mãos no joelho, não aparecia nenhuma mulher, namorada; em verdade, não tinha namorada; amigas, só para um dedo de conversa de ano em ano, não que não apreciasse o sexo oposto, mas não era bom falar muito, pois as moças poderiam descobrir o seu ponto fraco e passariam a fazer brincadeiras incômodas.

Veza em quando, aparecia um gaiato para tirar graças consigo. Irritado e muito insatisfeito, dizia firmemente: “Eu não gosto de brincade-

ira, aliás na praça!” O advérbio, aliás, poderia ser francamente substituído pelo termo especialmente ou principalmente, era decerto o que mais fazia os gaiatos ficarem rindo bastante, fazendo o jovem ficar vermelho de raiva.

Tudo isto era muito incômodo, não era de se gostar, aliás, na praça...

João Três Dias

O rapaz tinha saído da adolescência há pouco tempo e acalentava um grande sonho: conhecer a capital, Maceió, ver como seria grande, desenvolvida; admirar as praias, tomar um banho de mar e nadar muito. Muito, até cansar.

Filho de um pequeno agricultor e fogueteiro pobre, nem pensava em ter dinheiro para pagar a passagem de trem e a hospedagem em uma pequena pensão. Mas, como sonhar não faz mal, sempre estava pensando em fazer essa grande viagem. Como deveria ser maravilhosa uma viagem assim!...

Passou o tempo e sem esperar, chegou uma moça bonita para passar as férias em Quebrangulo. Sabe de onde era a tal moça? De Maceió! João quando soube ficou a sonhar e sonhar muito.

De repente, a moça falou com ele. Desconfiado, ele perguntou: “Tá falando comigo?”

- É sim, um rapaz bonito não pode viver triste, escondido, tem que falar e muito!

- E você de onde é?

- Sou de Maceió, você já conhece, não?

- Ah! Quem me dera. Nunca saí daqui não, não tenho dinheiro para viajar, então eu vou ficando, ficando.

- Mas você já conhece o mar, não é?

- Nada. Nunca vi! Eu queria muito conhecer, mas nunca pude.

- Então agora pode. Daqui a uma semana eu vou voltar para casa. Você poderia ir comigo, passava lá o Carnaval, depois viria embora.

- Sei não, meu pai não ia deixar. Para isso, teria que ter dinheiro e ele não me dá.

- Vou falar com ele e ele vai deixar!

- Não, não fale com ele, ele vai brigar comigo.

- Que nada. Vou falar com ele agora, quer ver?

A moça pretextando fazer a felicidade do rapaz, falou com seu genitor, ele ficou muito reticente, mas depois de muita conversa, resolveu aceitar. O João iria a Maceió, finalmente, graças à ação de Marina.

Passam-se os dias, a moça voltou para casa e ficou a esperar a ida de João. No Sábado de Carnaval, ele embarcou e seguiu rumo à aventura. Ao entrar no vagão, começou a admirar as poltronas, sentou em uma delas e passou a fazer planos; é quando, de repente, sai de um quartinho, um senhor que diz para um amigo:

- Agora estou aliviado! Que bom!

João pensou: "ali deve ser a privada, quando eu tiver vontade, vou lá!".

O trem deu um grande apito e partiu. O rapaz seguiu admirando a paisagem. Era muito bonita. Muitas fazendas, bois, casinhas, o rio; tudo muito novo para ele.

Depois de longas horas, chega à estação ferroviária de Maceió e logo encontra Marina, ela muito sorridente e ele meio acanhado. A moça não parava de falar, querendo agradecer ao visitante.

- Você vai gostar muito de Maceió, vai assistir ao Carnaval, vai no mínimo entrar no Frevo; todo mundo entra e dança pra valer.

João olhava de um lado para o outro, querendo compreender tudo o que via. Tudo muito novo e bonito.

Tomaram o ônibus, foram para casa da moça. Chegaram. Ela apresentou a casa toda: aqui você vai dormir, aqui é a sala de refeições, ali é o banheiro, ali o sanitário. João ficou sem compreender: como pode alguém estar almoçando e outro ir satisfazer as necessidades fisiológicas? E o mau cheiro que causa?

- Eu não vou usar o sanitário! Deus me livre, ficar usando e o mau cheiro reinando!

Essa é a razão de todo o mal querer a cidade: vontade de voltar depressa para sua casa em Quebrangulo.

Chegou a hora do almoço. Marina disse:

- Olha aqui, este almoço eu fiz especialmente para você.

João comeu devagar. Comeu saboreando, mas preocupado com o que poderia acontecer. À tarde foram apreciar o Carnaval. O Frevo rolava solto, João começou a sentir vontade de ir ao “Toilette”, mas onde? O que fazer? Tenho de esperar. Começa a se apertar, apertar.

Ficou tarde, voltaram para casa. João procurando resolver a questão; a jovem perguntava se ele estava gostando do Carnaval. Ele respondia meio lacônico.

- Estou gostando muito!

Chega a hora do jantar. “O que fazer? Aperto daqui, aperto dali, e

nada!”. Termina o jantar e não sabe o que fazer. Vai deitar. “Como dormir?” A vontade de ir ao banheiro aumenta cada vez.

No outro dia o café da manhã com cuscuz e carne. Ele quase não comeu. “Como é possível comer nessa situação?”.

Em frente à casa da hóspede existia um Grupo Escolar muito grande, lá existiam árvores, lá ele poderia se satisfazer; mas a vontade era cortada pela vergonha de alguém o pegar satisfazendo as necessidades. E ele saía andando, se apertando. Era muita dor!

Logo a hospedeira o chamou para o almoço. Era um tormento. “Como comer com a barriga cheia, apertando?”.

Saíram para o Carnaval, João se apertava todo, ficava sem jeito. Nada o faria rir ou pelo menos ficar satisfeito. A dor apertou, chegou ao ponto máximo, ele disse que não aguentava mais, a saudade estava o matando! Queria ir embora! Pegou a sua pouca roupa e junto com Marina foram à estação. Compra a passagem e ele entra no trem.

Primeira providência: foi ao banheiro, passou lá um tempão; ficou aliviado. Que maravilha!

- Agora quero ir ao Carnaval, ir à praia...

Quando pensava nisso, o trem apitou e partiu. Nada mais poderia ser feito!

Ao contar para os amigos mais íntimos a aventura, recebeu o triste apelido de João Três Dias...

Vaneuso, de Quebrangulo para o Mundo!

Magro, alto, de cor branca, (o branco brasileiro!), algumas vezes bem vestido, bom tomador de cervejas e o importante, muito importante mesmo, não era com todos que falava. “Ora, já se viu locutor de rádio falar com todo pé-rapado?”

Dizia ser primo do Alípio Jatobá, farmacêutico e que viera para Quebrangulo, procedente de Garanhuns, ou do Recife, nunca se definiu bem se de uma ou outra cidade.

Sentia ser muito bonito e atrair as garotas e moças casadoiras da cidade, mas parece que com nenhuma delas ficou, começou mesmo a namorar com uma certa mulher totalmente desconhecida e com ela viveu casado alguns anos.

Todo o tempo ficava a reclamar da falta de rádio na cidade. Ora, dizia: “Uma cidade boa desse porte, poderia ter uma rádio, pois já tem um locutor este que vos fala, e não faz vergonha a ninguém, é só pegar o microfone e dizer: ‘Nossa rádio, de Quebrangulo para o mundo!’” A voz nasalada, empostada, fazia a todos admirar.

Passou o tempo, Vaneuso foi embora, desapareceu. No céu, certamente estará irradiando jogos de futebol e dando parabéns aqueles que aniversariam, casam...

“Locutor Vaneuso, de Quebrangulo para o mundo!” Era o que sempre dizia.

EDUCAÇÃO E CULTURA

5

Ginásio de Quebrangulo

Este é o nome do Ginásio da cidade, sonho dos quebrangulenses, que foi realizado pelo Pe. Moisés Vieira dos Anjos.

O estabelecimento foi fundado em 1950 e eleita sua diretoria, mas não foi possível o seu funcionamento, por deficiência de professores. Em 1953, foi feita nova verificação no processo de criação do ginásio, estando na gestão da Inspectora Seccional do Ensino Médio em Alagoas, a Profa. Paula Moacyr Oeste, mas na verificação, foi dado parecer desfavorável ao funcionamento.

Em 10 de setembro de 1957, era feita nova fundação do estabelecimento, tendo como diretor o Pe. Moisés Vieira dos Anjos e vice-diretor Dr. Sebastião Teixeira, secretária Serafina de Freitas Veloso. Corpo Docente: Português, Dr. Luis dos Santos Leal; Latim, Pe. Moisés Vieira de Araújo; Francês Dr. Sebastião Teixeira; Matemática, Pe. Henricus Joannes Jozephus Raaymakers; Geografia, Benjamim Pires da Silva; História, Dr. Abelardo Luna Duarte; Desenho, Josefa Lópes Soares; Trabalhos Manuais, Antonia Bezerra dos Santos, que depois ensinou Geografia; nesta disciplina tivemos ainda a Profa. Gleide Moreira de Almeida; e ainda tivemos Prof. Osman Policarpo de Araújo e Renato Américo Araújo.

O Ginásio recebe autorização de funcionamento por processo de número 2141, de 22 de outubro de 1957, e começa a funcionar no ano seguinte, com curso noturno, subvencionado pela então Campanha Nacional de Educandários Gratuitos.

Com a presença da Inspetora Federal do Ensino Secundário, Profa. Djanira Souza da Silveira, foram feitos os Exames de Admissão, sendo aprovados 21 candidatos, dos 23 inscritos. As aulas começaram no dia 1º de março de 1958, contando com 23 alunos, pois existiam dois deles, transferidos.

Em 1961, o Ginásio entregava à sociedade os novos formandos, a festa da primeira turma de concluintes foi um acontecimento marcante. A entrega de certificados foi feita no dia 17 de dezembro, com um programa festivo, tendo a égide do paraninfo da turma o Dr. José Rosalvo Costa.

Os concluintes foram: Marly Figueiredo, Maria Elizabeth Viana, Maria Gláucia Lima, Maria de Aquino Barros, Maria Luiz Medeiros, Iris Alves, Josefa Neide Costa, Robson Tenório, José Correia Filho e José Barbosa de Barros.

A formatura da terceira turma aconteceu no ano de 1963, sendo o diretor do Ginásio Dr. Jerônimo da Cunha Lima e professores: Sebastião da Silva Lima, Pe. Moisés Vieira dos Anjos, Osman Araújo, Rubens Eliziário, Dr. Romeu Teixeira, Irajá Brandão, José Soares Filho, Dr. Abelardo Luna, Renato Américo Araújo, Maria Solange Lima. Gleide Moreira de Almeida, Juarez F. Silva, Edvaldo Almeida, Antonia B. Barros.

Concluintes: Expedito Vasconcelos (orador), Rodrigo Tenório de Cerqueira, José Tenório Costa, Cecília Carlos Lucas (oradora) Yelva Tenório Cavalcante, Maria das Graças Vieira, José Maria Tenório Rocha, Yara Tenório de Cerqueira, Expedito Laurindo Cabral, José Barbosa da Silva, Tadeu Sibaldo Assunção, José Solon de Magalhães, Eurico Lopes de

Andrade, Miva Oliveira Cavalcante, José Tenório de Holanda, Angelita Gomes da Silva, Marinalva Barros da Silva.

A colação de Grau e o baile à sociedade local, no Club Monte Castelo, aconteceram no dia 22 de dezembro de 1963. Paranimou a formatura, o deputado estadual Claudenor Pereira Lima e o patrono foi o estimado Pe. Moisés Vieira dos Anjos.

Centro Educacional Graciliano Ramos é o novo nome do antigo Ginásio de Quebrangulo; a nova denominação foi sugerida pelo então senador Luiz Cavalcante. O batismo oficial e o ato inaugural foi feito no dia 6 de novembro de 1978, em meio a festas, onde a esposa de Graciliano, Dona Heloísa, discursou agradecendo a homenagem.

Mudou de nome, mudou de prédio. O Ginásio que antes funcionava nas dependências do Grupo Escolar Desembargador Tenório, passou a funcionar, a partir daquela data, no Edifício Senador Luiz Cavalcante, prédio da antiga Sanbra, situado na Av. Major Cícero de Góis Monteiro, a pitoresca Rua da Estação.

O novo prédio foi adquirido graças ao empenho do seu diretor, o dinâmico Antonio de Oliveira Santos, que contou para a aquisição do prédio, com verbas federais do Ministério da Educação e Cultura, através do empenho do senador Luiz Cavalcante do jornalista Albérico Cordeiro e da substancial ajuda da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, setor Alagoas, e sobretudo pelo forte empenho da Prefeitura Municipal de Quebrangulo, na pessoa do prefeito José Aloísio de Góis, que reconstruiu todo o prédio, adaptado a nova função, tendo a orientação do enge-

nheiro Ednardo Quintiliano Cabral.

A nova casa de ensino foi dotada de oito salas de aula, amplas, auditório, salões para recreação e dependências para administração.

Na inauguração festiva do Centro, a Banda Marcial do Graciliano Ramos saudou as autoridades presentes, o vice-governador Antônio Amaral, o senador Luiz Cavalcante, o prefeito José Aloísio de Góis. Jornalista José Alves Damasceno, representando a direção da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, setor Alagoas, tendo como titular Dr. Jorge Assunção e do padre Pedro Oliveira, vigário local, além do concurso de inúmeras pessoas da comunidade.

PLENO funcionamento do Ginásio de Quebrangulo, Gazeta de Alagoas, 9 mar. 1958:3.

Salve Zezé Menande! Salve!

Esguia, alta, branca, dócil, cabelos curtos; sumamente educada, prestativa, atenciosa, some-se a isso, um sorriso cálido, simples e cativante. Assim é a nossa Zezé Menande, melhor dizendo, professora Maria José Menande.

Estudou no velho Ginásio de Quebrangulo, atual Colégio Graciliano Ramos, e ao se formar, foi indicada, talvez pelo notável Prof. Osman Policarpo de Araújo, para lecionar a disciplina Língua Portuguesa, pois o professor Osman já se encontrava muito cansado naquela época.

Logo que começou a ensinar, sentiu que era necessário fazer um curso de aperfeiçoamento. Dirigiu-se então a Maceió, onde fez um Curso de Especialização em Didática do Ensino do Primeiro Grau, chamado na época Curso de Suficiência, ficando hospedada no hotel de Dona Alcina na Rua Boa Vista, centro da cidade. Desse tempo, guarda interessantes recordações e doces saudades!

Zezé, por ter perdido logo cedo os seus pais, foi criada pela “Madrinha Antônia”, criatura adorável, sumamente trabalhadora e católica, tendo por prova material, em um dos quartos da sua casa, um altar bastante grande que foi edificado por ela mesma; é ali onde faz orações novenas e terços rezados com toda a contrição possível.

Aluna assídua, estudiosa e exemplar, aluna modelo para qualquer tipo de estudante. Zezé tinha um costume salutar, o de ao estar na aula de Língua Portuguesa, ao final, chegava até ao birô, para pedir uma ou outra

explicação complementar ao professor, desse ato, demorava alguns minutos, o que as colegas não gostavam. Era como se ela quisesse uma aula particular, sem pagar tais aulas, diziam certas colegas. Malhações de certas meninas do ginásio!

Lembramos de Zezé na época do ginásio, com uma farda impecável: blusa cor cáqui de mangas compridas, com gravata azul marinho, saia plissada, também azul marinho; a farda não possuía nenhum pequeno amasso que fosse.

Terminamos o curso ginásial no ano de 1963 e não sei por que a amiga Zezé não terminou conosco. Certamente teria terminado um ano depois, não sei bem. O que sei é que tendo eu saído de Quebrangulo para trabalhar em Maceió, ao voltar em férias, jamais esqueci de fazer uma visita a professora modelar.

Penso em Zezé nos desfiles escolares, ela garbosamente levando o pavilhão nacional, com toda a elegância possível, enquanto eu tocava surdo na banda. Quantas saudades! - Você lembra, Zezé, da Eva Figueiredo desfilando lindamente vestida de baliza? Era um verdadeiro show! E nós íamos dando suporte para o seu sucesso!

Com lágrimas nos olhos, penso nesse tempo. Faz tanto tempo que não vejo a querida Zezé. As saudades estão aumentando cada vez mais. Até quando?

O Teatro em Quebrangulo

Sempre em cidades do interior, aparecem pessoas com dotes para vivenciar espetáculos e encenações teatrais, chamadas invariavelmente de DRAMAS; o que movimenta bastante a vida da cidade, normalmente sem grandes novidades.

Foram poucos os quebrangulenses que se dedicaram às artes cênicas em geral, porque preferem algo mais rentável.

De 1915 a 1916, temos notícias de um grupo de jovens que participaram de dramatizações. Ao se falar em animação naquelas décadas, um nome é obrigatoriamente citado EDMUNDO SALDANHA! Era este mesmo baluarte que dirigia os dramas e peças teatrais em seu tempo.

Dos participantes vale lembrar de Ludgero Laurindo, Odilon Castro, Jerônimo Lima, Miguel Laurindo, Costa Guedes, Ernesto Teixeira, Nicodemos, José Soares, Américo, Jovelina Saldanha, além de outros.

O local das exibições dos dramas era no atual Mercado Municipal e das peças encenadas, uma apenas temos conhecimento, é Condenado à morte.

Afora esse tempo, tivemos a figura do Prof. Trigueiros que dava recitais de piano, acompanhado de moças que cantavam lindas canções.

Na década de vinte, precisamente em 1922, os alunos do educandário Imaculada Conceição encenaram a peça Angústias de um coração materno, com muito sucesso.

Em dias mais atuais tivemos a presença marcante de Dona Maria

Antônia e do famosíssimo professor Osman Policarpo de Araújo, que organizava dramas, sempre em benefício do desenvolvimento educacional dos quebrangulenses.

Odilon Figueiredo, juntamente com Severino de Andrade Bitu, fez teatro em Quebrangulo, na década de cinquenta / sessenta. O diretor era Odilon e uma das peças encenadas foi Ester, um drama sacro.

As atrizes eram Marly Figueiredo, filha de Odilon, Luzinete e Bahia, sobrinhas do Pe. Moisés dos Anjos, Grináuria (a Rainha Ester). O grupo também se apresentou no município vizinho de Paulo Jacinto.

No início da década de sessenta, o município recebeu a cantora Leureny Barbosa, procedente da cidade de Paulo Jacinto, que se tornaria aluna do Ginásio de Quebrangulo e movimentaria a cidade, ela e seus irmãos Zeca e Fleury, fazendo shows de música popular, alguns deles sendo verdadeiramente uma peça teatral, dada a colocação da cantora em cena e, das coreografias e indumentárias que se apresentavam, assim como naquele memorável show no qual apresentava-se como a La Violeta, criada por Sarita Montiel. No Espetáculo Plácido Domingo e Paloma San Basílio, em concerto, observa-se bem o que era apresentado por Leureny, com o apoio de Seu Novo e Dona Zefinha, os seus queridos pais.

Dona das Dores, futura esposa do notável professor e advogado Dr. João Teixeira, fez teatro na cidade, na década de sessenta, com um grupo composto por Inês Passos, Creusa Maia e Cícera. As peças eram apresentadas no cinema, na rua Cícero de Góis Monteiro, chamada popularmente de Rua da Estação.

Tempos depois, tivemos a encenação de uma peça teatral, onde o prof. Antônio de Oliveira Santos, o diretor do Ginásio de Quebrangulo, fez o protagonista e na hora da encenação do crime, esqueceu do revólver e ficou alguns minutos a pedir a arma, sem ninguém saber o que ele queria.

Teatro mesmo, víamos em Quebrangulo, no espaço do Cinema Ideal, quando o mesmo era usado por saltimbancos, pessoas que iam de cidade em cidade, como na Idade Média apresentar números de chicote, cortando pedaços de jornais, charutos, etc, ou ainda o verdadeiro teatro, apresentado por Jofre Soares, de Palmeira dos Índios, apresentando, de Pedro Bloch, Morre um gato na China. A apresentação foi um delírio para os quebrangulenses.

Cantor Kara Véia e suas Raízes em Quebrangulo: Quando a Arte se Transmuda em Tragédia!

No ano de 1973, o lar do Sr. José Petrúcio de Lima, na cidade de Chã Preta (AL) estava em festa. É que nascia a criança que na pia batismal receberia o prenome Edvaldo; Edvaldo José de Lima seria seu nome completo.

Os companheiros de infância, logo arranjaram um apelido para a criança: devido ao menino ser portador de ares de adulto, colocaram a antonomásia de Cara Véia, às vezes esse apelido era grafado Kara Véia, como nos discos.

Contando quatro anos de idade, a infelicidade bate à sua porta: morre sua genitora. A tristeza é tão grande que mesmo adulto o rapaz não se refez e isto é contado na música Filho sem sorte:

Quando eu tinha quatro anos
Minha mãe adoeceu,
Papai fez todos os esforços
Comprou remédio e lhe deu.
Pra minha infelicidade,
Eu fiquei na orfandade;
Não teve jeito, morreu (...)

Desde cedo, o menino, em sua cidadezinha, começou a admirar aquilo que estava bem ao seu redor: o trabalho valoroso dos vaqueiros e suas ações nas vaquejadas e pegas-de-boi nas derrubadas dos novinhos; igualmente admirava os cânticos das sonoras toadas de vaquejada, que depois seria um dos mais legítimos representantes, tomando a responsabili-

dade de ser um dos cantores e compositores a animar as vaquejadas, tão comuns em sua terra e em sua região.

Novas e seguras informações obtidas em Quebrangulo, asseguram que Kara Véia nasceu em Barra Nova, localidade situada na propriedade rural Dois Braços, pertencente ao município de Quebrangulo.

O pai de Kara Véia, Sr. José Petrucio de Lima, teria sido vaqueiro de Né Holanda; levava leite de Barra Nova para a fábrica de Alfredinho, filho de Expedito Medeiros Costa, que fora ex-prefeito de Quebrangulo. Depois de trabalhar longos anos no município, o pai foi residir em Chã Preta (AL), município bem próximo a presumível terra de origem.

Em entrevista ao Secretário de Cultura de Rosário do Catete (SE), constante no site: <http://www.infonet.com.br>, datado de 13 de junho de 2003, diz Edvaldo: “São quinze anos de estrada, cantando sozinho, mais quatro anos de carreira com o restante do grupo”.

Logo, o compositor /cantor inicia sua vida artística em carreira solo no ano de 1988, e com o grupo formado por cerca de vinte e duas pessoas composto por músicos, dançarinos e o pessoal de apoio, no ano de 1999, fazendo shows em vários estados do Nordeste, principalmente em Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Bahia ou, como por diversas vezes e com enorme sucesso em Aracaju e em Rosário do Catete, como no ano de 2003; na capital sergipana seu show foi concorrido, reunindo cerca de cinco mil pessoas que o aplaudiam.

No mesmo ano, Kara Véia brilhou no Espace Maceió, com o seu “melhor do forró romântico” através de canções como “Foi você”, “Filho sem sorte” e “Mulher ingrata e fingida”. No mesmo local de apresentações, o

“vaqueiro alagoano” já se apresentou ao lado de bandas como “Raça Negra” e “Noda de caju”, sempre fazendo bonito, como fez no I Circuito Alagoano de Forró.

Várias vezes o nosso cantor fez abertura de shows para artistas famosos como Alceu Valença, Elba Ramalho, Frank Aguiar, Gilberto Gil e Dominginhos.

A observação constante na labuta dos vaqueiros o conduziu as temáticas de suas composições: a vida de peões e boiadeiros e também a temas de amor não correspondidos, ou como classificam alguns “forró cancionista, estilo vaquejada”, como aquele de título Lamento de um vaqueiro:

“Está vendo aquela menina

Encostada na esquina?

Você nunca imagina

Qual é a sua profissão.

Saiu da casa dos pais,

Agora não volta mais,

Se vende por dez reais

Pra pagar sua pensão.

Se você quiser voltar

Pro nosso velho lugar,

Eu posso te perdoar

Sem mágoa no coração;

Minhas mãos são calejadas

Do cabo de uma enxada,

Mas tenho uma vida honrada
Feito qualquer cidadão.”

Logo que se torna cantor famoso, fica assediado por inúmeras fãs, que o desejam namorar, ou pelo menos ter uma aventura temporária. Uma dessas tietes fisga o coração e Kara Véia fica com Carleane, que passa a ser sua companheira e com quem tem um filho nascido no ano 2002.

O ninho de amor do cantor e Carleane era um apartamento de número 303, do Bloco 8B, no Conjunto Rui Palmeira, bairro da Serraria, Maceió. A mulher sempre falava que o companheiro tinha muitos ciúmes dela e sempre estava passando por dificuldades financeiras.

No dia 27 de março de 2004, um sábado, estando em seu apartamento juntamente com o seu pai, disse ao genitor que fosse ao andar térreo, para olhar um presente que havia comprado para ele; antes pedira papel e caneta. O pai entregou o que pedira e ouviu do filho:

- Desça que eu vou tomar um banho.

O pai ao descer, ficou muito satisfeito ao ver o carro zero quilômetros que recebera, em seguida, ouviu dois tiros, que suspeitou partira do apartamento do filho. Sobee. Ao chegar no apartamento, percebe que tudo estava consumado: o filho estava morto. Dera um tiro na cabeça com um revólver Taurus, calibre oito milímetros, que transfixou a cabeça. O segundo tiro foi resultante da queda da arma.

Ao fazer as primeiras investigações, o delegado Waldor Coimbra ouviu dos vizinhos que ele não se encontrava só no apartamento.

Carleane informou ao delegado que o cantor estava deprimido e

passava dificuldades financeiras e que o marido dissera adeus ao pai.

O enterro, processado no domingo, dia 28 de março, foi realizado em sua terra natal - Chã Preta - situada a 102 quilômetros de Maceió, e teve a participação de centenas de pessoas. Ouviu-se muito choro e depoimentos emocionados, faixas e cartazes de fãs e amigos que se despediam, cantando e lembrando de seu maior sucesso, a música "Foi você":

"Foi você quem me fez sonhar
Como eu sonhei (...)
Tu és a razão
Deste meu viver (...)"

CD Kara Véia, A Cara Metade das vaquejadas. CD Polydisc 482.278, Fx 6- Foi Você.

Heleno Rafael (e sua esposa) da "HR Produções", proprietários de uma grande loja de discos na Av. Moreira Lima, 592, Centro, Maceió, desde o início da carreira de Kara Véia, foi seu empresário, enfrentando todas as dificuldades do início, e seguiu até o fim da trajetória.

Com a morte do cantor, "ARRYPIADO" (Edeildo de Lima), seu irmão, persegue a carreira abortada tão cedo, já tendo gravado dois CDs, contando ainda com os préstimos do mesmo empresário.

Na noite de quarta-feira, dia 25 de julho de 2007, no São João prolongado da Prefeitura de Sergipe, na Atalaia, o cantor do conjunto musical de forró, vez por outra gritava: "Estamos aí, Kara Véia!"

No DVD "Danielzinho da Banda Forrozão Quarto de Milha - a máquina quente de fazer forró" (Dinho Produções SE) DVD gravado no dia

25 de dezembro de 2004, na cidade de Capela, o Tributo a Kara Véia é feito com a execução da música Filho sem Sorte, criada por Kara Véia. O compositor quebrangulense Mano Walter, (José Walter Tenório Cavalcante) no CD “Mano Walter, o fenômeno das vaquejadas. Cavalos ciumento”. Disco A E 002000, HR Produções, Maceió, s.d., traz na faixa 2, a Toada de vaquejada de título Homenagem a Kara Véia (Mano Walter –R. Ferreira), que entre outros versos diz:

“Está cantando no céu
E recebeu o troféu
O perdão do grande pai”

As músicas de Kara Véia já foram gravadas por Toca do Vale, Furró Ferro na Boneca, Furró Sacode, Gaviões do Furró, Danielzinho da Banda Quarto de Milha, Viola e muitos outros que não conseguimos compulsar.

Notícia auspiciosa surge no dia primeiro de julho de 2005, através do site <http://asn.interjornal.com.br>:

“Chã Preta. Na abertura dos festejos de inverno do Vale do Paraíba que acontece neste sábado, fãs do cantor Kara Véia, coordenados por Víctor Canuto Teixeira e Felipe Vasconcelos, fazem o lançamento do bloco “Foi Você”, com oito horas de shows em percurso musical pelas ruas da cidade, das 15 às 23 horas. Trio elétrico e Banda Bora-Bora, cantor Arrypiado e convidados animarão o evento. Camisas e abadás serão distribuídas”.

DISCOGRAFIA

Infelizmente, os discos de Kara Véia, como os de diversos cantores,

não possuem datas, dificultando toda e qualquer tentativa de cronologia que se pretenda fazer; em se tratando de discos pirata, a situação piora ainda mais, pois até na xerox da capa, nada se pode ler, tão ruim é a sua qualidade.

Kara Véia gravou apenas três CDs e de forma um tanto doméstica, gravou um DVD, na cidade de Girau do Ponciano (AL), que por aí se espria em forma de DVD pirata de baixa qualidade. Aliás, a quantidade de discos do cantor que aparece de forma pirata, são os denominados “grandes sucessos”, isto é, dos três CDs gravados, fazem uma seleção ou coletânea de músicas, do terceiro CD, junto com o primeiro, mais o segundo, prensam uma quantia grande e ficam a vender, à vontade, como se fosse uma variedade de discos gravadas pelo cantor.

1- *Cara véia & Carlos Cavalcante. Pé de umbuzeiro*. Gogó da Ema Discos, Maceió, CD 199.008.420. s.d. Participação especial de Perreca.

Conteúdo

1 - Valeu o boi - Carlos Cavalcante. 2 - Minha solidão - idem. 3 - De braços abertos - Cara Véia. 4 - Sonho colorido - idem. 5 - Peão de vaquejada - idem. 6 - Somos campeões - idem. 7 - Pé de umbuzeiro - idem. 8 - Liga para mim - idem. 9 - Velhos passados - idem. 10 - Mundo cão - idem. 11 - Lourinha linda - idem. 12 - Patrimônio do Vaqueiro - Carlos Cavalcante - Cara Véia. 13 - Saudades do meu sertão. 14 - Melhor peão do mundo - Cara Véia.

2 - *Cara Véia & Perreca. Os Caras- metade das vaquejadas*. CD Estúdio Conchas, Maceió, 199.009.394. s.d. Todas as músicas são de autoria de Cara Véia.

Conteúdo

1 - Vaqueiro bom. 2 - Foi você. 3 - Parque Antonio Rouco. 4 - Casamento de vaqueiro. 5 - Estrelas da manhã. 6 - Eu essa noite. 7 - Canções de vaqueiro. 8 - Fim de semana. 9 - Cadê o beijo?. 10 - Meu cavalo. 11 - Delirar de amor. 12 - Te dei amor, te dei carinho. 13 - Vaqueiro bom. 14 - Sol de verão.

2 - *Kara Véia. A cara metade das vaquejadas*. CD Polydisc 482.878, Gravação Somax, Recife, s.d. (2003?)

Conteúdo

1 - Filho sem sorte. Heleno Gino - Ivone Leão. 2 - Vaqueiro violeiro - Carlos Vilela. 3 - Eu e você - Kara Véia. 4 - Boi de carro - João Caetano. 5 - Lamento de um vaqueiro - Zélia Santti. 6 - Foi você - Kara Véia. 7 - Amor perdido - João Caetano. 8 - Tiraram meu sossego - Kara Véia. 9 - Destino traiçoeiro - Idem. 10 - Agora é minha vez - Idem. 11 - Sua ingratidão - João Caetano. 12 - Princesa dos Montes. 13 - Mulher ingrata e fingida - Chico Alves. 14 - Paixão de boiadeiro - Chris Soares.

Mano Walter, Compositor, Cantor, Engenheiro: O Fenômeno das Vaquejadas!

Mano Walter, José Walter Tenório Lopes, nasceu em 13 de julho de 1981, em Quebrangulo. A mãe, Elineusa Tenório Cerqueira, sempre foi uma apreciadora da boa música, gostava de cantar em casa e na paróquia Bom Jesus dos Pobres e também de compor e fazer paródias musicais para a terceira idade. Não só a mãe, mas toda a família é musical. Neném Caetano, sua tia em segundo grau, cantava muito bem e tocava sanfona; Vavá Machado, o festejado cantor de toadas de vaquejadas nordestinas é primo de sua avó paterna.

O pai, pecuarista, vaqueiro de profissão, Djalma Lopes da Silva, estava sempre a levar o filho as vaquejadas. A infância de Walter foi no campo junto com seus dois irmãos, o caçula Diogo e o mais velho Itamar. O rapaz estudou o curso primário em Quebrangulo, o curso técnico em Edificações, em Palmeira dos Índios (AL) e o curso de Engenharia Agrícola no Cesmac, Maceió, onde também fez curso de pós-graduação em Segurança do Trabalho.

O contato mais efetivo com música aconteceu na Escola Técnica em Palmeiras dos Índios - AL. Incentivado pelos pais e por amigos gravou seu primeiro CD, "Cavalo Ciumento". O foco nos estudos não o afastou da música. Pelo contrário, foi neste período, 2005, que montou sua primeira banda de forró.

Em 2014, Mano Walter ganhou destaque no nordeste com a música "Playboy Fazendeiro", mas foi em 2015 com "Balada do Vaqueiro" que a

carreira deu uma guinada. Esta canção foi a mais tocada nas bandas de forró, incluindo Aviões e Wesley Safadão. Renomados nomes da música sertaneja também incluíram o hit em seus repertórios.

O primeiro DVD foi gravado em abril de 2016, "Mano Walter – Ao Vivo em Maceió". No repertório foram 20 canções inéditas e a participação de Marília Mendonça, na faixa "O Que Houve?", atingindo mais de 407 milhões de visualizações. Outro marco na carreira de Mano foi "Não Deixo Não", que elevou seu nome em nível nacional e se manteve no TOP 100 da Billboard Brasil, sendo destaque como um dos principais vídeos brasileiros no YouTube, tornando o cantor o segundo mais visto no segmento forró.

Em 2018, Mano Walter assina contrato com a gravadora Som Livre e lança seu mais novo projeto, o álbum intitulado: "Mano Walter – Sem Rótulos", com participações especiais, como a dupla, Henrique e Juliano, Maíara e Maraísa, Xanddy Harmonia e Thierry. O clipe "Juramento do Dedinho", viralizou e se tornou um dos maiores sucessos do ano. Para fechar o ano de conquistas, o cantor apostou na gravação DVD intitulado: Mano Walter - Ao Vivo em São Paulo, no Credicard Hall.

Amigos que o cantor ganhou ao longo de sua trajetória, como Jorge (da dupla Jorge e Mateus), Claudia Leitte, César Menotti e Fabiano, Xand, Maíara e Maraísa e Gustavo Mioto dividiram o palco em participações com Mano Walter. O novo DVD lhe rendeu frutos e, em 2019, o vaqueiro foi parar no Grammy Latino. Indicado pela primeira vez, Mano concorreu na categoria "Melhor Álbum de Música Sertaneja".

Mano Walter se consolidou como Rei do Forró no YouTube e em apenas uma faixa, “Não Deixo Não”, ultrapassou a marca de 448 milhões de visualizações. Com o feito, o cantor bateu um recorde histórico e se tornou o cantor número 1 do segmento na plataforma de vídeos, onde acumula quase 2 bilhões de visualizações em seu canal.

Para o ano de 2020, Mano apostou nos singles e lançou verdadeiros hits. Com as parcerias, Mano agregou diversos estilos à sua música. “Simplesmente Mano”, “Tô Disponível”, “Misturou” com participação de Léo Santana, “Carnaval do Vaqueiro”, “Avião de Papel” com pianista clássica Juliana D’Agostini, e “Matuto de Verdade” e “Tropecei”, com participação de Wesley Safadão.

Ainda, “Me Diz como é Que Faz” com participação de Raí Saia Rodada, “Deu Medo” com Márcia Felipe e “Chorona” com Paula Fernandes. Todas essas faixas estão no álbum “Histórias”.

Mano Walter segue consolidando sua música de norte a sul do país com mais de 1 milhão de ouvintes mensais na principal plataforma de áudio. Em duas semanas de lançamento do single “Descendo e Trabalhando”, sucesso garantido, Mano Walter alcança 1,1 milhão de views no YouTube e mais de 500 mil plays no Spotify.

Não à toa, a capa do último álbum lançado reflete esse espírito, do vaqueiro que leva no coração sua cultura e a paixão por suas raízes, mas que com muita fé e trabalho ganhou a cidade grande. Sempre com novos projetos, o cantor busca cada vez mais um repertório diversificado, abrangendo do sertão a capital, prometendo agradar a todos os públicos.

O cantor mantém os vínculos com a sua terra natal, Quebrangulo, onde tem a sua fazenda e para onde vai sempre que tem um tempinho disponível. É lá que a inspiração aflora!

DISCOGRAFIA:

1º CD - MANO WALTER O FENÔMENO DAS VAQUEJADAS, 1992.

2º CD - MANO WALTER O FENÔMENO DA VAQUEJADA. CAVALOCUIUMENTO, 1993.

3º CD - MANO WALTER O FENÔMENO DAS VAQUEJADAS. E A PANCADA É DIFERENTE. 2009.

DVD - MANO WALTER: CRIAÇÃO DE RAPARIGAS. S.I.

Vandete José e Dija

De tamanho diminuto, meiga, tenra, educadíssima, ótima conversa; assim é Vandete Ferro, minha parente próxima, para o meu maior prazer! Com o seu maravilhoso toque de bandolim, ao executar, principalmente chorinhos, era de fazer a todos ficarem boquiabertos.

“Delicado”, “Brasileirinho”, e “Pedacinho do céu”, todos de autoria do exímio mestre Valdir Azevedo, eram a sua especialidade; tocou, deixa a comunidade enternecida, enlevada.

Vandete fazia par com seus irmãos José e Djalma, este a quem todos chamam de Dija. Que violão! Era mais que maravilhoso!

De Quebrangulo foram morar em Tanque D'Arca e depois, infelizmente, nos perdemos de vista.

Não sei como esse trio não “apareceu” e fez nome nesse Brasil! Por aí você pode verificar quantos artistas muito bons estão escondidos à procura de um descobridor; um caça talento!

ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE

6

Padre Moisés Dos Anjos

Amaro da Rocha Guedes

Pudesse eu voltar à minha infância
E ser o menino coroinha
Que agitava o turíbulo
Nas novenas do mês de maio
Na matriz do Senhor
Bom Jesus dos Pobres
Na minha doce e pequena Quebrangulo.
No altar os ensinamentos
Do Arquiteto do Universo
E as pregações memoráveis
Do nosso Padre Moisés,
Homem de Deus e apóstolo dedicado,
Angelical nos atos e nas ações.
Mais que um sacerdote
Foi sinônimo de santidade.
Levou o Corpo Eucarístico
Aos sôfregos por Deus,
No final de suas vidas.
Por mais brumaceiro que estivesse o tempo
E mais escura que fosse a noite,
Não se negava nunca de
Levar a extrema-unção

Aos moribundos que dela necessitavam.
E se pela vida assim passou,
Enobrecendo o seu sacerdócio,
Enriquecendo a todos, com sua palavra,
Os seus sermões, tal qual Francisco
De Assis,
No campo celestial agora vive
Repousando, docemente, entre os arcanjos.
O fiel, justo e sereno Padre Moisés dos Anjos.

João Sacristão

O próprio apelido demonstra as ligações com a religiosidade. João, de feição branca, de tamanho pequeno, sempre alegre, de alegria contagiante, residia tão próximo a matriz, que, com um pulo, já estava dentro da igreja, como estava acostumado a dizer.

Fora seminarista, mas não conseguiu ser ordenado padre, e isso o tornou, uma espécie de sacristão ou como se chama atualmente de diácono. Tinha verdadeira paixão pelos atos eclesiais e os atos litúrgicos; sempre estava a oferecer seus préstimos quando era chamado. Não apenas ajudava nos atos litúrgicos, fazia a caridade a pessoas que nem conhecia, chegou até a criar várias moças e rapazes, que não tinham condições de viver por si; a família não tinha rendimentos que dessem para colocar na escola, ou coisa que o valha.

O sacristão era casado com Dona Isabel, criatura boníssima e muito religiosa. João trabalhava no Serviço de Endemias Rurais, entidade que chegou a ter a sigla SUCAM.

Natalício Medeiros e Dona Conceição

O Casal Natalício Medeiros e Dona Conceição de Araújo Medeiros, forma um capítulo inesquecível do Espiritismo Kardecista, em Quebrangulo.

Os irmãos Natalício, Tancredo, Estelita, Linduarte e Gumercindo formavam a prole do Sr. Bertoldo Medeiros, que possivelmente inoculou o vírus da caridade e do amor a Deus, e o casal tornou-se espírita de fato, e com sua ação substituía médicos e enfermeiros e vivia constantemente recebendo pessoas, ora para reuniões, ora para fazer “encanamento de braços” e de costelas quebradas.

A liderança de Natalício o levou a condição de representar o seu povo na Câmara Municipal, ficou pois sendo vereador durante sete ou oito legislaturas, o que fazia a todos reconhecer nele apenas aquele que visava o bem, a caridade, sem procurar nada em troca.

Rosival Medeiros e Gení eram os sobrinhos queridos que estavam sempre a admirar.

MESTRE GRACILIANO -
DE QUEBRANGULO PARA O MUNDO!

7

Mestre Graciliano – De Quebrangulo para o Mundo

“Sem dúvida, somos bichos de espécies diferentes. Faço um livro, gasto meses a espremer os miolos, compondo, eliminando, consertando, fico a remoer cada frase com paciência de boi, e consumo muito tempo para entender isso, o duplo do tempo necessário a você. É inacreditável!”
GRACILIANO RAMOS.

Qual pessoa não ficaria satisfeita, honrada, feliz, por ter por cidade natal, a terra onde nasceu o maior escritor do Brasil, conhecido, divulgado e estudado em quase todos os países do mundo?

Qual pessoa não se sentiria obsequiada por ter em sua família um parente que constitui a glória da literatura brasileira e um dos expoentes da literatura universal?

É assim que nos sentimos, detentores desse sentimento de orgulho e por isso, cada vez mais, somos levados a procurar as verdadeiras raízes desse bem querer e quase que obrigatoriamente, ter pretensões de estar buscando um pouco do conhecimento e das ideias desse homem que, mercê de seu trabalho intelectual, tornou-se um ser mítico, é dessa obra que tanto se orgulha o Brasil e o mundo.

Estamos a nos referir ao mais internacional dos escritores brasileiros, aquele que a incompreensão de uma sociedade preconceituosa, o levou à condição de indesejado, para depois chorar e cantar as suas glórias em prosa e verso.

Aliás, a condição de se levar ao extremo ridículo aquele que se transforma em indivíduo trabalhador incansável que consegue se tornar,

pelo desmedido esforço genial, parece ser própria de todos aqueles que em vida não receberam a menor consideração, para serem depois ovacionados, pois o tempo e o estudo crítico de suas obras, obriga os homens a se curvarem e a adotar a posição daqueles que dizem sim: agora aceitamos, gostamos e louvamos, aquele que no passado foi tão crucificado, tão incompreendido por todos.

Assim parece ser a louvável posição da obra musical do compositor popular carioca Nelson Cavaquinho que, em inspirada composição musical nos diz:

“...Me dê as flores em vida,
O carinho, a mão amiga
Para aliviar meus ais;
E depois que eu me tornar saudade,
Quero preces e nada mais...”

CONHECENDO GRACILIANO RAMOS

Você conhece a obra ou pelo menos um livro de Graciliano Ramos? Ah! Sim! Na escola leu textos de sua famosíssima obra *Vidas Secas*? Sim, já é um bom começo para apresentações, mesmo aquelas não formais. Lendo tais textos, você certamente percebeu que a leitura de sua escrita é diferente de leituras em obras de outros autores brasileiros ou estrangeiros.

Você achou a linguagem das obras lidas seca, dura, áspera, simples, corriqueira? Pois é, a linguagem é verdadeiramente o retrato de sua personalidade que certamente foi formada em sua casa, em meio a um pai repressivo e duro e uma mãe não tão amável, como se pretende seja uma

genitora.

Em sua obra *Infância*, você facilmente vai descobrir as dificuldades de uma criança que tinha que se comportar como adulto. Medo. Desejo de expressão sufocada tornam a criança, depois o adulto, muito introvertida e isso concorreu para que tivesse, graças à força errada da vivência, uma linguagem árida, enxuta, destituída de artifícios embelezadores, não românticos: um realismo completamente cheio de previsões claras; ausência de conteúdos onde o leitor pudesse ir formando opiniões condizentes com o mágico, o belo, ausência de conteúdos melodramáticos ou de enredos hollywoodianos, que levem os leitores a um universo irreal ou absolutamente fictício, pois a proposta é o conteúdo realista claro, simples, direto, como é simples a vida dos pobres, indefesos e deserdados da sorte.

É preciso sempre se levar em conta que o nosso romancista é integrante da geração de trinta do romance brasileiro; mas embora pertencesse ao grupo de escritores regionalistas, o seu regionalismo não ficou preso às amarras de esquemas estabelecidos, sempre buscou outros motivos que o levasse à universalidade. A arte de escrever, reescrever, rasgar, cortar, repensar, rever, parecem ser marcas dessa busca.

O desejo da eterna busca de um texto mais enxuto, sem sombra do menor excesso, contribuiu para a afirmação de um estado desesperado de autocrítica tão forte, ao ponto de escrever, por exemplo, um conto e depois entender que seria necessário ir cortando frases, ideias, parágrafos; cortar, cortar, para só muito tempo depois ficar pronta a obra.

A pergunta sobre sua condição de ser escritor e se sentir bem com a sua escrita, o fez dizer: “Entre ser literato medíocre ou deputado insignifi-

cante, prefiro continuar na literatura e na mediocridade. E digo isso sem falsa modéstia. Não considero minha literatura insignificante: ela é apenas medíocre e, por conseguinte, mais ou menos aceitável”. In: MELO, Luiz Gustavo (2012).

Ou até, quando o tradutor argentino Raúl Navarro, em 1937, pediu-lhe um Curriculum-Vitae bastante sumário para ser exposto junto a um conto de sua autoria, disse:

“Os dados biográficos é que não posso arranjar, porque não tenho biografia. Nunca fui literato, até pouco tempo vivia na roça e negociava. Por infelicidade, virei prefeito no interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram. Veja o senhor como essas coisas aparentemente inofensivas inutilizam um cidadão. Depois que redigi esses infames relatórios, os jornais e o governo resolveram não me deixar em paz. Houve uma série de desastres, mudanças, intrigas, cargos públicos, hospital, coisas piores e três romances fabricados em situações horríveis”. - Caetés, publicado em 1933, S. Bernardo, em 1934, e Angústia em 1936.

“Evidentemente, isso não dá para uma biografia. Que hei de fazer? Eu devia enfeitar-me com algumas mentiras, mas talvez, seja melhor deixá-las para romances”.

Se você, verdadeiramente conhece, já leu ou até mesmo assistiu ao filme *Vidas Secas*, do cinegrafista Nelson Pereira dos Santos, (de 1964), verifique que a obra escrita está atualmente em honrosa 122ª edição, em língua portuguesa e, pelo sim, pelo não, é necessário saber da bibliografia geral desse escritor, para que você se sinta na condição de, ao menos pelo título, sentir-se atraído por uma ou outra obra e, desta vez, leia, estude-a,

assim você vai ver como se sentirá melhor, muito melhor consigo mesmo.

BIBLIOGRAFIA:

Um ou outro dado pode estar incompleto! A data que aparece depois do título do livro, é o ano de sua primeira edição.

CAETÉS - 1933. 32ª ed. 2012. Portugal, 1965.

SÃO BERNARDO - 1934. 94ª ed. 2013. Portugal, 1957. Alemanha, 1960.

ANGÚSTIA - 1936. 66ª ed. 2010. Uruguai, 1944.

VIDAS SECAS - 1938. 122ª ed. 2013. Buenos Aires, 1947, 1958. Varsóvia, 1950. Praga, 1959.

BRANDÃO ENTRE O MARE O AMOR - São Paulo, 1942.

HISTÓRIAS DE ALEXANDRE - Rio de Janeiro, 1944. 7ª ed. 2011.

A TERRA DOS MENINOS PELADOS - Globo, Porto Alegre, 1939.

INFÂNCIA - (Memórias) 1945. 46ª ed. 2011. Buenos Aires, 1948. Paris, 1956.

HISTÓRIAS INCOMPLETAS - Rio de Janeiro, 1946.

DOIS DEDOS - 1945.

INSÔNIA - 1947. 31ª ed. 2013. Portugal, 1962.

7 HISTÓRIAS VERDADEIRAS - Rio de Janeiro, 1951.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE - Rio de Janeiro, 1953. 45ª ed. 2011. Portugal, 1970. **VIAGEM** - Rio de Janeiro, 1954. 21ª ed. 2007.

HISTÓRIAS AGRESTES - 1954. Rio de Janeiro.

CONTOS ESCOLHIDOS - 1960. São Paulo.

LINHAS TORTAS - 1960. 21ª ed. 2005.

VIVENTES DE ALAGOAS - 1960. 19ª ed. 2007.

ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS - 1962. São Paulo. 55ª ed. 2011.

CARTAS - 1980. 8ª ed. 2011.

CARTAS DE AMOR A HELOISA - Rio de Janeiro, 3ª ed. 1993.

O ESTRIBO DE PRATA - Rio de Janeiro, 5ª ed. 2012.

GARRANCHOS, TEXTOS INÉDITOS DE GRACILIANO RAMOS - Org. Tiago Mio Salla. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2012.

A editora detentora da obra é a Record, Rio de Janeiro / São Paulo.

As obras do autor foram traduzidas em: francês, inglês, italiano, sueco, dinamarquês, catalão, russo, polonês, tcheco, alemão, espanhol, esperanto, húngaro, romeno, búlgaro, turco, holandês, flamengo e finlandês.

O literato amazonense Milton Hatoum, aficionado na obra de Graciliano Ramos, perguntado em que situação a escrita do autor inovou o romance brasileiro, afirmou: “A inovação reside não apenas na linguagem, mas no modo de juntar vários problemas numa única narrativa. A dicção e o tom dos narradores, o ritmo da frase, as descrições breves e nada gratuitas, as palavras exatas para expressar sentimentos e situações, tudo isso é muito elaborado (...)”

“O legado - continua - está na obra de rara qualidade ética e estética. E há também o legado ético do cidadão, jornalista, político, professor e militante. Não escondeu o que pensava e pagou caro por isso. Não buscou honrarias nem prestígio e não acreditava no mérito”.

GRACILIANO RAMOS CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

Embora tivesse negado, em 1937, ao tradutor argentino Raul Navarro um Curriculum-Vitae sumário, aqui, com a substancial ajuda da pesquisa do historiador alagoano Moacir Medeiros de Sant'Ana, seu biógrafo, usaremos dados da publicação de título Graciliano Ramos (Cronologia de Graciliano Ramos - 1973).

Anexo a esta tal Cronologia biográfica, iremos nos debruçar brevemente sobre suas duas obras-primas Infância e Vidas Secas, e o fazemos exatamente com esses dois livros, em busca de algum conteúdo que espelhe possíveis quebranguladas adquiridas em sua tão pouca vivência no município de origem.

ACRONOLOGIA

27 out. 1892 - o futuro escritor nasce na cidade de Quebrangulo (AL). É o filho primogênito de Sebastião Ramos de Oliveira e Dona Amélia Ferro Ramos que concebeu dezesseis filhos. O casal residia na Rua Getúlio Vargas, vizinho à prefeitura municipal. Ainda hoje existe a casa, embora muito descaracterizada.

23 jun. 1895 - A família segue para a Fazenda Pintadinho, em Buíque, sertão de Pernambuco.

Novembro de 1899 - Estão de viagem para Viçosa (AL)

24 jun. 1904 - Publica-se o jornal O Dilúculo onde, no primeiro número Graciliano edita o conto "O Pequeno Pedinte".

1905 - Graciliano segue para Maceió, onde vai estudar no Colégio do Prof. Agnelo Barbosa.

1 fev. 1906 - Em Viçosa, publica-se o jornal Echo Viçosense, onde Mário Venâncio era um dos redatores.

1906 - Edita na Revista O Malho soneto sob o pseudônimo de Feliciano de Oliveira.

10 fev.1909 - Expõe no Jornal de Alagoas o soneto Céptico, sob o pseudônimo de Almeida Carlos.

1909-1915 - Publica artigos em O Malho, com pseudônimo Soeiro Lobato e S. Almeida Cunha.

27 out. 1910- Passa a residir em Palmeira dos Índios (AL)

1911 - Edita textos no jornal Correio de Maceió, sob pseudônimo Soeiro Lobato.

1914 – 1915 - No Rio de Janeiro, torna-se revisor dos jornais Correio da Manhã, A Tarde, O Século. Faz colaboração no jornal Paraíba do Sul, do Rio de Janeiro e no Jornal de Alagoas, de Maceió, usando a assinatura R.O. (Ramos de Oliveira).

SET.1915 - Vai a Palmeira dos Índios, onde três de seus irmãos e um sobrinho morrem atacados pela peste bubônica.

21 out.1915 - Casa-se com Maria Augusta de Barros, em Palmeira.

30 abr.1917 - Negocia por conta própria na Loja Sincera, em Palmeira. 23 nov.1920 - Falece a esposa, deixando quatro filhos.

30 jan.1921 - Depois de cinco anos sem nada publicar, faz publicações em O Índio, jornal semanário de Palmeira dos Índios. Passa a colaborar sistematicamente com pseudônimos como J. Calixto, Anastácio Anacleto, Lambda, J. C.

1925 - Inicia a redação de Caetés seu primeiro livro publicado.

7 out.1927 - Eleito prefeito de Palmeira dos Índios.

16 fev.1928 - Casa-se com Heloísa Medeiros.

1928 - Termina Caetés.

10 jan. 1929 - Envia relatórios ao governador Álvaro Paes, são os tais relatórios que o editor Schmidt supõe que seu autor tenha romances prontos.

10 abr.1930 - Renuncia ao mandato. Muda-se para Maceió, onde publica artigos no Jornal de Alagoas, sob pseudônimo de Lúcio Guedes.

31 maio 1930 - Torna-se diretor da Imprensa Oficial de Alagoas.

26 dez.1931 - Pede demissão do cargo de diretor.

1 jan.1932 - Volta a Palmeira, onde escreve 19 capítulos de São Bernardo.

Abril de 1932 - Interna-se na Santa Casa de Misericórdia de Maceió, onde faz cirurgia.

25 maio 1932 - Recebe alta do hospital. Depois volta a Palmeira dos Índios.

18 jan.1933 - Nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas.

1933 - Torna-se redator do Jornal de Alagoas. É publicada sua primeira obra, Caetés, pelo editor Schmidt.

18 nov.1934 - Falece seu pai, em Palmeira dos Índios.

1934 - Publica-se o romance São Bernardo

13 mar. 1936 - Preso por motivos políticos, segue para o Rio de Janeiro, via Recife.

Ago.1936 - É publicada sua obra Angústia, que recebe da Revista Acadêmica o prêmio Lima Barreto.

3 jan.1937 - Sai da prisão, onde se encontrava sem processo regular.

Mai de 1937 - A Revista Acadêmica publica número especial em sua homenagem.

1937 - Recebe prêmio de Literatura Infantil, do Ministério da Educação, com a obra A terra dos meninos pelados.

1938 - É publicada a obra Vidas Secas pela José Olympio.

Agosto de 1939 - Nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário, no Rio de Janeiro.

1939 - A Livraria Globo, de Porto Alegre, publica A terra dos meninos pelados, literatura infantil.

1940 - Traduz Memórias de um negro, do estudioso norte-americano Booker T. Washington. Editado pela Cia. Editora Nacional.

27 out.1942 - Recebe o Prêmio Felipe de Oliveira, pelo conjunto de sua obra.

- É publicada pela Livraria Martins o livro Brandão, entre o mar e o amor em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz.

1944 - Publica-se a edição uruguaia de Angústia, a primeira obra traduzida.

- A Editora Leitura, Rio de Janeiro, publica as Histórias de Alexandre.

1945 - É publicada pela José Olympio a obra Infância.

1946 - É editada a obra Histórias Incompletas, pela Livraria Globo, de Porto Alegre. Consta da obra: Um conto (Dois dedos); Luciana; Três capí-

tulos de Vidas Secas e quatro de Infância.

1947 - Sai publicada a obra *Insônia*, pela Livraria José Olympio. Publica-se na Argentina a primeira tradução de *Vidas Secas*.

1950 - Traduz o romance *A Peste*, de Albert Camus. É lançada nesse ano pela José Olympio.

31 maio 1951 - É eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores.

21 abr.1952- Viaja à Rússia e à Tchecoslováquia; visita ainda Portugal e França.

13 set.1952 - Muito doente, segue a Buenos Aires, sendo operado sem esperanças.

5 out.1952 - Regressa ao Rio de Janeiro, desenganado pelos médicos.

27 out.1952 - Um grupo de amigos festeja os seus 60 anos no salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A sessão é presidida por Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras. Falam na ocasião: Miécio Tati, José Lins do Rego, Jorge Amado, Jorge de Lima, Haroldo Bruno e Peregrino Júnior. Clarita Ramos, sua filha, agradece; seu pai está muito doente.

26 jan.1953 - Interna-se na Casa de Saúde e Maternidade São Vitor, na Praia de Botafogo, Rio de Janeiro.

20 mar.1953 - Falece às 5h35 da manhã. É sexta-feira.

1953 - Em edição póstuma são publicadas as *Memórias do Cárcere* em 4 vols.

1954 - A Livraria Moderna publica Viagem.

- Em Portugal é publicado São Bernardo.

1962 - A Livraria Martins publica Linhas Tortas, Viventes das Alagoas e Alexandre e outros heróis.

- Em Portugal publica-se Insônia, crônicas.

- Vidas Secas recebe o prêmio Fundação William Faulkner, em Virgínia (EUA).

1963 - É feita a Exposição retrospectiva da obra de G.Ramos em Curitiba. Exposição G. Ramos na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, em 20 de maio.

1965 - Sai publicado em Portugal o romance Caetés.

1970 - Publica-se em Portugal as Memórias do Cárcere.

1972 - O aniversário de 80 anos é muito comemorado e noticiado no país.

1973 - Sai editado em Maceió Graciliano Ramos, achegas bibliográficas, de autoria do historiador Moacir Medeiros de Sant'ana.

1992 - Publica-se em Maceió Graciliano Ramos, vida e obra, de autoria do historiador Moacir Medeiros de Sant'ana.

2012 - Festejam-se os 120 anos do nascimento de G.R.

2013- Celebram-se os 60 anos da morte do romancista.

- É publicada a obra Caetés 80 anos. Edição comemorativa. Org. Elizabeth Ramos e Edwin Torralbo. Rio de Janeiro: Record.

- É o Grande Homenageado da Flip 2013 - Feira Literária Internacional de Paraty. Evento de 3 a 7 de julho. A feira teve abertura com a confe-

rência de Nilton Hatoum, escritor amazonense, autor de *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos*(2000), *Um solitário à espreita* (2013). O tema da conferência é: “Graciliano Ramos: aspereza do mundo e concisão de linguagem”.

“Esse homem seco e difícil, seco de carnes, econômico em sua literatura da qual eliminou qualquer gordura, cuja amizade era moeda de câmbio alto, reservado para alguns, que começou a escrever já maduro e que morreu cedo, em plena força criadora, esse Graciliano Ramos do interior de Alagoas, com algo de senhor feudal e de cangaceiro rei vingador, foi um dos homens mais doces e ternos que conheço, dos mais fiéis aos seus amigos —a lealdade era sua virtude fundamental”.

Jorge Amado, escritor. Salvador BA

AS OBRAS

INFÂNCIA: AUTOBIOGRAFIA OU RETRATO AMPLIADO DE TODAS AS CRIANÇAS?

Valorizando ao extremo a obra *Infância*, o crítico literário Octávio de Faria, assim afirma: “Se *Infância* me parece ser o livro mais importante de Graciliano Ramos - não o melhor, que certamente é *Angústia* - é que só vejo um caminho seguro para a compreensão do fenômeno literário chamado Graciliano Ramos, a criação levando ao criador e o criador levando à criança, ao menino que existiu nele e nunca morreu inteiramente”. FARIA (1977: 257)

Infância é, indubitavelmente, sua obra de memórias, a tradução nua e crua de sua vida de criança, igual a de inúmeras do Nordeste e tam-

bém do Brasil de seu tempo que, malgrado a chamada evolução social, ainda teima-se em fazer dos filhos o saco de pancadas, o provedor daquilo que constantemente falta em casa: a alimentação do dia-a-dia. Aquele que deveria defender a família em casos de brigas e desafetos.

Um companheiro de trabalho nosso, numa antiga farmácia de Maceió, todos os anos engravidava a esposa para com o dinheiro recebido pelo nascimento do filho, pudesse trocar a bicicleta, seu único meio de transporte para ir ao trabalho e também para carregar água pela madrugada, e vendê-la pelas portas nas casas de seu bairro, o populoso Vergel do Lago, de Maceió.

Os filhos menores e também os adolescentes ajudavam o pai na busca de água, - gênero muito difícil nos arrabaldes de Maceió da época, que chegava muito tarde às torneiras. Quando os filhos não queriam ajudar, levavam surras e espancamentos.

Ao nascerem meninas, elas já possuíam um emprego reservado: seriam domésticas em casas de gente de classe média; o dinheiro recebido, seria entregue em casa para a compra de víveres alimentícios e medicamentos que faziam tanta falta!

Se acontecesse de uma delas ser prostituída pelo filho do patrão, isto não constituiria muito constrangimento para a família; se por acaso a jovem resolvesse praticar o aborto, dependeria apenas dela e dos conselhos recebidos das colegas que, possivelmente haviam praticado fato idêntico.

Filhos homens iriam pegar “carrego” na feira do mercado público também em outros afazeres. O dinheiro para ir ao cinema ou para namorar

era o que “sobrava” da entrega em casa. Esse dinheirinho teria que ser muito bem escondido; se o pai visse a “fortuna”, o rapaz levava uma boa surra, e entregava a fêria! Escolas, só quando o rapaz resolvesse estudar à noite; afinal, na visão do pai, escola era perca de tempo!

O pai de Graciliano embrutecido, que maltratava física e psicologicamente a criança; a mãe carrancuda que nunca fazia um sorriso, essas situações são explicadas por Marilí Ramos, irmã do escritor, desta maneira:

“Meu pai, homem da cidade, saído da parentela abastada de Viçosa, desambientado no sertão, foi mal sucedido na roça. Com família nova (que depois somaria 16 filhos e mais) duas irmãs solteiras, uma viúva e duas sobrinhas, viu-se em apertos econômicos. Querendo desobrigar-se do dever, é natural que se mostrasse constrangido, amargurado, ríspido mesmo (...).

“E a criança, coitadinha, criada sem colegas (...) e (rico) de imaginação, carregou nas tintas quando apresentou o drama que viveu, que chorou”. RAMOS, Marili (1979: 61)

No capítulo “um cinturão”, de Infância, assim lê-se:

“Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando da cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me e colocaram-me em panos molhados com água e sal (...).

“Não guardei ódio à minha mãe: o culpado era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago”.

“Quando desapareceu um cinto e o pai postou-se profundamente irritado, foi levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no

chão, a cara enferrujada (...). Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual (...). Débil e ignorante, incapaz de conversa ou defesa, fui encolher-me num canto, para lá dos caixões verdes. (...). Meu pai me descobriu acorado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. (...). Imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremedeira infeliz”.

Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar”. RAMOS, Graciliano (1977: 31-33)
Capítulo: Um cinturão.

Para quem, como minha Vó Dondon (Amália Tenório Ferro) achava Graciliano, seu primo, sumamente antipático, entendia que nós deveríamos seguir seu exemplo: ela, só falou em ele duas vezes na vida, para nunca mais; a explicação da antipatia sentida por todos, têm aí as suas raízes, raízes essas que fortalecem quando o menino fala do processo de ensino, nos termos:

“Meu pai tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou - e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. (...). À tarde pegava o côvado, levava-me para a sala de visitas - e a lição era tempestuosa (...) (o côvado era) um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos (...). A lembrança do côvado me arregalava os olhos. Mas ia-me pouco a pouco entorpecendo, a cabeça inclinava-se, os braços esmoreciam. (...) (Surgiam) preguiça, desespero, vontade de acabar-me. (...). Sozinho não me embaraçava, (com as letras), mas na presença do meu pai emudecia. (...) Impossível contentá-lo. E o côvado me batia nas mãos. (...) As pobres mãos inchavam, as palmas

vermelhas, arroxeadas, os dedos grandes mal se movendo, latejavam (...). Julgo que estive meio louco (...). RAMOS, Graciliano. (1977:104-106) Capítulo: Leitura.

Não apenas Graciliano fora “agraciado” com as aulas primárias e os “bolos”, isto é a ação da professora batendo nas mãos das crianças com a palmatória, instrumento de madeira grossa, próprio para bater forte. Este que aqui escreve, também recebeu desses prêmios, que marcam profundamente o sistema de ensino e a situação psicossocial do futuro estudante e estudioso. Tudo isso sendo altamente incentivado pelos pais, como fórmula eficiente de aprendizagem.

Infelizmente, a única parte da obra que faz referência direta ao município de Quebrangulo, sua terra, é quando descreve a mudança na viagem para Viçosa, é a passagem pela casa do poeta popular Cordeiro Manso, nos termos:

“Uma caminhada extensa, dezenas de léguas. Eu ia de garupa, escanchado num travesseiro, agarrando-me no paletó de José Leonardo para equilibrar-me, em posição muito incômoda. (...) As virilhas suadas ardiavam-me, o chouto do animal sacolejava-me, revolviam-me as tripas, deslocavam-me os ossos. (...) Descansamos uma tarde em casa do poeta popular Cordeiro Manso. Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”. RAMOS, (1977: 165) Capítulo: Mudança.

Em verdade, o menino passa apenas três anos em Quebrangulo e não é possível pretender que a criança, que vivia fechada em casa, tivesse conhecimento da cultura quebrangulense; de fato, Viçosa e Palmeira dos índios é que, verdadeiramente, ajudaram a formar o seu universo cultural.

Para aqueles que pensam ser a obra *Infância* criação puramente ficcional, juntem-se as ideias de Graciliano, às informações de Marilí Ramos, sua irmã e verão que a descrição da obra, é certamente verdade, infelizmente.

VIDAS SECAS

A obra graciliânica mais aceita e querida pelo público é sem dúvida, *Vidas Secas*, a prova dessa afirmação é a 122ª edição em língua portuguesa.

De que trataria a obra? Depois de uma leitura cuidadosa, chega-se à conclusão que o mestre pretendeu fazer uma espécie de painel do que é verdadeiramente uma parte do Nordeste do Brasil, tão mal compreendido pelos indivíduos do sudeste e do sul do país.

A ideia de um Nordeste seco, com terra rachada e paisagem absolutamente composta por palmas, xique-xique e mandacarus e mais árvores outras, secas, retorcidas e terra vermelha espalhando poeira, não corresponde a uma verdade total; diversas e inúmeras partes do Nordeste mercê da altitude, da hidrografia e do clima frio, que acontece a partir das 16/17 horas, permite que a terra permaneça verde e viçosa.

Mestre Graça optou por essa parte do Nordeste seco, de clima tórrido, sem água, com estações de verão muito longas e secas, sem permitir uma situação onde os indivíduos possam cuidar das roças e dos animais durante todo o tempo, para que eles possam garantir o sustento.

A obra é tão verossímil que diversos são os estudiosos brasileiros que asseguram que aprenderam sociologia, antropologia e história, não

pelos livros dessas ciências, mas foi em *Vidas Secas*, que compreenderam o que é o Brasil; um país sem máscaras que, passa ano e entra ano e, a melhoria social parece não ter chegado, senão para uma classe de pessoas que ocupam cargos de mando.

A afirmação se estriba em visitas que se fazem às periferias, aos povoados e sítios do interior, onde com facilidade, percebem-se as marcas da Idade Média que teimam em persistir; o noticiário brasileiro sensacionalista é farto, basta ligar nos órgãos de comunicação de massa e ficar admirando perplexo o que ocorre e o que é mostrado em diversas partes do país.

O retrato ampliado dessa situação de seca é formado por uma família de retirantes muito pobres, desorientados, sem atinar para onde ir, para viver a vida ou fazer de conta que vive, sem ter que passar muitas necessidades.

Fabiano, o vaqueiro, Sinhá Vitória, a esposa e o “cérebro” da família, os dois filhos menores e a cachorra baleia, que é considerada membro da família, a ela, todos têm uma estima, como se fosse um ser humano.

Os retirantes, sem ter do que se valer para ir vivendo, saem do lugar onde moravam para a procura de uma terra onde possam trabalhar para viver, mas tal chão parece não ser encontrado. Nas palavras de Ramos:

“Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. RAMOS (1977:9) Capítulo: Mudança.

“Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele levantasse. Como não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo”. (...) RAMOS (1977: 9-10) Capítulo: Mudança.

Depois de muito andar, muito exaustos chegaram onde desejavam: “Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado finara e os moradores tinham fugido” (...) RAMOS (1977:13).

“Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava todo ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo”.

“Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano ficou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares. Os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas de frente erguidas, vigiando, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e

talvez o couro”. RAMOS(1977:14-15) Capítulo: Mudança.

“Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. (...)”

“Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra que estavam com sede. (...) Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento para não derramar a água salobra. (...)”

“Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. (...). Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.” RAMOS(1977:16). Capítulo: Mudança.

“Fabiano (...) apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoadada. E com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitou-o, entregara-lhe as marcas do ferro.

“Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali”. RAMOS (1977:20) Capítulo: Fabiano.

Na condição de vaqueiro, com autoconfiança e algum dinheiro no bolso, vai à feira tentar comprar aquilo que foi recomendado por Sinhá Vitória; e ele, sempre reclamando de tudo, tudo estava muito caro.

Tomou uma cachaça e saiu a andar. Aparece o soldado amarelo que pisa em seu pé e ele ao reclamar, vai preso e apanha. Cai de joelhos e “repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em

seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere”. (...) RAMOS (1977:32) Capítulo: Cadeia.

“Safado, mofino, escarro de gente”. (RAMOS (1977:34). É a expressão máxima daquele que sem ter a quem apelar, diz enfaticamente, para justificar: “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita”. Idem: 35.

A reprimenda da mulher pelos acontecimentos da feira, não tardaram a aparecer: “Aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula.

Sinhá Vitória ofendia-se gravemente com a comparação (...). Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos e faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. RAMOS (1977: 43). Capítulo: Sinhá Vitória.

Capítulo que enternece a todos é Baleia, o personagem era como gente, mais que isso, uma pessoa da família, que além de brincar com os meninos, já matara a fome da família trazendo um animalzinho, fazendo assim o seu papel familiar. Mas tem um tempo em que está doente e não pode mais continuar a viver com o sofrimento, a doença é incurável e é necessário que seja sacrificada.

Constrangido, Fabiano pega a espingarda e viu que a hora era aquela, ela não mais poderia sofrer.

“Ao chegar às catingueiras modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia que

se pôs a latir desesperadamente”. RAMOS (1977: 93). Capítulo: Baleia.

A concepção de Fabiano perante contas e juros é completamente incompreensível. Quem poderia adivinhar, deslindar toda essa coisa difícil era Sinhá Vitória. Feitas as contas, o que foi dito pela mulher, não se encaixava com aquilo que o fazendeiro falava: então “o patrão zangou-se, repeliu com insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar outro serviço noutra fazenda. Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não”. RAMOS (1977:99). Capítulo: Contas.

Tem uma hora que é preciso ir procurar trabalho em outros nortes, ali já não dá para viver, é necessário fugir enquanto é tempo, ademais nunca iria pagar a conta devida ao patrão. “Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido”. RAMOS (1977:123) Capítulo: Fuga.

“As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente, e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era.” (...)

“Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles, dois velhinhos acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia”. Ramos (1977:134). Capítulo: Fuga.

“Embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias da humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever”.

Prof. Antonio Cândido, crítico literário. São Paulo, Universidade de São Paulo-USP.

UM PREFEITO ESCRITOR! ...

O poeta e escritor Augusto Frederico Schmidt que fundou, no Rio de Janeiro, a Livraria Católica, depois tornada Livraria Shmidt Editora, procurava no início da década de trinta novos escritores para lançar no mercado editorial.

Nesse interim, teve conhecimento de um certo prefeito de um dos municípios de Alagoas, enviara ao Governo do Estado, uns relatórios que bastava uma primeira leitura, para se perceber que só poderia ter sido escrito por alguém que tivesse pendores literários aguçados.

Assim, não sem dificuldades, chegou até ao prefeito e tentou conhecer as suas possíveis obras inéditas. Depois de marchas e contramarchas, publicou Caetés, com o qual Graciliano fez estreia no mundo dos livros. A partir daí, não mais parou de publicar e de ser muito bem aceito.

OSTAIS RELATÓRIOS

Quando em 1937, o tradutor argentino Raul Navarro solicitou a Graciliano um Curriculum-vitae bastante mínimo; entre outras coisas respondeu mestre Graça:

“Por infelicidade, virei prefeito no interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram (...). Depois que redigi esses infames relatórios, os jornais e o governo resolveram não me deixar em paz. Houve uma série de desastres, mudanças, intrigas, cargos públicos, hospital, coisas pio-

res e três romances fabricados em situações horríveis. (...). E o que existia nesses Relatórios que tanto impressionou a aqueles que os leram?”

A seguir, pinçamos alguns textos onde o escritor em meio à linguagem áspera, ironias e quase sarcasmos, descrevia a situação do município do qual era chefe do executivo.

A respeito da situação social e administrativa do município escreveu: “Pensava uns que tudo ia bem nas mãos de Nosso Senhor, que administrava melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro”. Relatório 1, p.162.

“Havia em Palmeira inúmeros prefeitos os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do município tinha a sua administração particular, com prefeitos coronéis e prefeitos inspetores de quarteirões. Os fiscais, esses resolviam questões de polícia e advogavam”. Relatório 1, p.161.

LIMPEZA PÚBLICA E ESTRADAS

“Houve lamúrias e reclamações por se haver mexido no cisco precisamente guardado em fundos de quintais, lamúrias, reclamações e ameaças porque mandei matar algumas centenas de cães vagabundos; lamúrias, reclamações, ameaças, guinchos, berros e coices dos fazendeiros que criavam bichos nas praças”. Relatório 1, p.165.

“Convenho em que o dinheiro do povo poderia ser mais útil se estivesse nas mãos, ou nos bolsos, de outro menos incompetente do que eu; em todo o caso transformando-o em pedra, cal, cimento, etc. sempre procedo melhor que se o distribuisse com os meus parentes, que necessitam, coitados”. Relatório 1, p.168.

“Devo dizer que não pertencço ao banco nem tenho lá interesse de nenhuma espécie. A Prefeitura ganhou: livrou-se de um tesoureiro, que apenas serviria para assinar as folhas e embolsar o ordenado, pois no interior os tesoureiros não fazem outras coisa”. Relatório 1, p.168.

“Constava a existência de um código municipal, coisa inatingível e obscura. Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo, convenci-me de que o código era uma espécie de lobisomem”. Relatório 1, p.169.

ILUMINAÇÃO

“A Prefeitura foi intrujada quando, em 1920, aqui se firmou um contato para fornecimento de luz. Apesar de ser o negócio referente à claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um bluff. Pagamos até a luz que a lua nos dá”. Relatório 2, p.178.

VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

“Possuímos uma teia de aranha de veredas muito pitorescas, que se torcem em curvas caprichosas, sobem montes e descem vales de maneira incrível. O caminho que vai a Quebrangulo, por exemplo, original produto de engenharia tupi, tem lugares que só podem ser transitados por automóvel Ford e por lagartixa. Sempre me pareceu lamentável desperdício consertar semelhante porcaria”. Relatório 2, p.180.

PRODUÇÃO

“Estabeleci feiras em várias aldeias(...). Canafístula era um chiqueiro, Encontrei lá o ano passado mais de cem porcos misturados com gente. Nunca vi tanto porco. Desapareceram. E a povoação está quase limpa”. Relatório 2, p.182.

RELATÓRIO 1

Estado de Alagoas. Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios. Relatório ao Governo do Estado de Alagoas. Imprensa Oficial, Maceió, 1929, pp. 159-170.

RELATÓRIO 2

Estado de Alagoas. 2º Relatório ao Sr. Governador Álvaro Paes, pelo Prefeito do município de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos. Maceió, Imprensa Oficial 1930, pp.177-185.

A mostra do material encontrado nos Relatórios sinaliza sim ao poeta - editor Schmidt; de fato, a linguagem de feição concisa, com pouco uso de adjetivos em um tom altamente irônico e quase sarcástico. De construção singular, não encontrável em relatórios administrativos, que normalmente buscam ser precisos, com escrita bastante simples; diríamos até com um estilo próximo ao científico.

Muitas vezes, sem medir a menor das consequências, chega a ferir duramente a sensibilidade de antagonistas; mas isso é quase o que é próprio ou a marca do novel escritor, aliás todo aquele que lê pela primeira vez seus textos, começa a entender que diferentemente de escritores parnasianos e românticos, por exemplo, entende que a linguagem literária deve ser aquela quase próxima ao discurso coloquial, mantendo claramente as necessárias distâncias entre uma e a outra.

Sua descrição é bastante densa quando trata da observação da terra e o faz sem o menor retoque. Chega quase a se entristecer, por isso passa a denunciar sem a menor compaixão; é firme, direto, fiel, sem querer piedade ou provocação de melindres. O que poderia valer seria a compre-

ensão em busca de uma drástica solução para os problemas duramente estabelecidos pelo poder.

Os relatórios estão, a cada passo, a demonstrar claramente que no mínimo, encontramos alguém de verdade e muita coragem sempre pronto a nos surpreender a cada lauda. Tocado pela dura responsabilidade, ao invés de entregar a escrita a secretários, resolve assumir a qualidade de político, no sentido mais desejável: aquele que traz a marca de alguém que pretende realizar, transformar, modernizar, dando demonstração clara de como deve ser quem lidera e deveria fazer, modificar, melhorar para deixar claro que é assim que se administra.

UMA LEITURA DESCOMPROMISSADA
NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

8

Introdução

Durante muito tempo tivemos grande vontade de empreender uma leitura geral na obra do escritor Graciliano Ramos. Mas fazer com vagar, sem nenhum compromisso que não fosse apenas o de admirar sobejamente obras e ideias ali expendidas.

Esse modo de conceber a empreitada teria duas vertentes: a primeira, a de conhecer com certa profundidade a escrita do mestre, procurando entender os seus parâmetros e uma possível evolução no mesmo; a segunda, essa leitura, nos ajudaria a tomar outros rumos na nossa forma de escrita e também, a condição de melhor conseguir nova forma de conceber o desejado.

Como realizar o empreendimento se a bibliografia do mestre é muito vasta? Através de uma revisão bibliográfica, teríamos uma ordem lógica de publicação das obras, então, através de tal ordem, iríamos fazendo as leituras descobertas, começaríamos primeiro com as onze obras listadas pela coleção da editora Record, depois acrescentaríamos à relação os livros: Cartas e Garranchos, este que aglutina pequenos textos que se encontravam dispersos, isto é publicados em jornais e revistas de difícil circulação; assim procedendo pensaríamos ter estudado quase toda a sua obra.

A prova que faríamos, de fato, as tais leituras, seria uma espécie de síntese, mas bem à vontade, onde tomaríamos notas de impressões que iríamos tendo, dos conteúdos discutidos e também uma ou outra

visão a respeito das ideias do autor. Tais notas em forma de resumos, nos proporcionariam ter ideia de conjunto dos temas apresentados.

E por que Graciliano Ramos e não José Lins do Rego, Josué de Castro, Jorge Amado ou Raquel de Queiroz? Simplesmente porque a sua escrita nos enche da mais legítima nordestinidade e é aceita por um grandioso número de leitores, que sabendo de sua história e de suas posições político-sociais nos enche de admiração; ademais, Ramos é nosso conterrâneo e até porque temos a honra de ser seu primo, mesmo em terceiro grau, o que nos deixa sumamente feliz.

Quem não tinha a mesma felicidade era a minha vó Amália Cavalcante de Albuquerque, chamada carinhosamente de Mãe Dondon.

Quando perguntávamos sobre Graciliano, Mãe Dondon dizia calmamente - "Não sei quem é; não conheço. - Mas mãe, ele é seu primo legítimo! - Vi uma vez, ou duas, nunca mais o encontrei! Tou cansada de dizer: só conheço, só gosto de gente que gosta de mim; quem não gosta, desconheço, quero distância".

Em verdade, esse modo de ser da minha avó, tinha uma explicação simples; vejamos: Ao torrar café no fogão à lenha, ficava com muito calor, um calor infernal! Certo dia, ao fazer tal prática, começou a chover, e ela correu para tirar uma roupas do varal, pois estavam enxutas. O corpo quente encontrando a frieza da chuva, não deu outra, ficou com paralisia facial, o queixo entortou! A partir desse dia, não queria ver ninguém, não queria encarar ninguém, pois para ela, as pessoas iriam fazer gozação.

Ficou para todo o sempre, recolhida; até aos filhos, ela não gostava

va de encarar, nem de ser encarada. O cachimbo, era seu único companheiro de todas as horas! Como vivia triste e infeliz a minha avó!

A OBRA GRACILIÂNICA

1 - Caetés 2 - São Bernardo 3 - Angústia 4 - Vidas secas 5 - Infância 6 - Insônia

7 - Memórias do Cárcere 8 - Viagens 9 - Linhas tortas 10 - Viventes das Alagoas 11 - Alexandre e outros heróis 12 - Cartas 13 - Garranchos...

1- CAETÉS

RAMOS, Graciliano. Caetés. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, Martins, 1976.

Romance ambientado em Palmeira dos Índios(AL)

O personagem central é Luísa, senhora casada que secretamente se apaixona por um jovem contador, que trabalha com seu marido, Adrião Teixeira. O passatempo de Adrião é todas as quintas-feiras e domingos fazer chás em casa, onde convida as pessoas mais chegadas.

João Valério é o contador apaixonado que, se fosse correspondido, moveria céus e terras. É escritor, e pretende escrever um romance sobre os índios Caeté.

Dona Engrácia, senhora idosa; o Neves; Nicolau Varejão este é o trio que tece todos os mexericos do seu enredo.

Padre Atanásio, o vigário do município, é também o diretor do jornal “Semana”, o noticiário do município, por isso vive sempre intensa

vida social.

Sabedor através de fofoca que Valério dera um beijo em sua mulher, Adrião comete suicídio!

O amor de Valério por Luísa verdadeiramente não acontece, os dois, depois da morte de Adrião, ficam completamente separados.

O título Caetés justifica-se devido ao João Valério pretender escrever um romance a respeito dos índios que habitavam em Alagoas. Mas, como escrever um romance com base na história que foi pervivente no século XVI, quando o pretense autor não sabe nada a respeito dos índios e nem pretende estudar a realidade deles! Tenta fazer o romance com base na vivência antiga, com o conhecimento da sociedade atual. Tenta entrevistar as pessoas, mas descobre rápido que a tarefa é das mais impossíveis. Então deixa a temática para uma próxima vez...

Para Wilson Martins, em "Graciliano Ramos, o cristo e o grande inquisidor!" em Ramos (1976:223) "Caetés (...) é (...) romance dos mais interessantes do Brasil e um livro que de forma nenhuma desmente o vigor e a capacidade de criação de Graciliano Ramos. A hostilidade com que o autor encara o seu primeiro livro deve ser tida, portanto, como uma injustiça, ainda que represente um atentado de espírito crítico que poucos romancistas demonstraram possuir entre nós. (...)

Um livro sincero, isto é, um livro onde esse homem "Tão prevenido e mesmo tão desconfiado", como disse o poeta Augusto Frederico Schmidt, "entremostrou um pouco de si mesmo e deixou escapar mais simpatia humana do que a que comumente se permite".

2 - SÃO BERNARDO

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 35 edição. Rio de Janeiro: Record, 1980.

A obra tem por cenário Viçosa (AL) terra natal do personagem Paulo Honório, que trabalhou em inúmeros afazeres durante sua vida, foi até guia de cego! Trabalhou também na enxada, o que lhe trouxe perspectivas para conhecer a agricultura. Trabalhou com Salustiano Padilha, proprietário da Fazenda São Bernardo, que ultimamente não ligava mais para os trabalhos agrícolas. Morreu sem alcançar o que mais queria na vida: ver o filho médico!

Com a morte do pai, Luís Padilha, o filho, que só gostava de farras, deixou a propriedade na miséria. Honório compra a fazenda e passa a trabalhar tentando refazer a miséria que deixaram...

Em uma viagem de trem a Maceió, Honório conheceu Dona Glória, depois de muita conversa ela falou da sobrinha e filha de criação, a professora Madalena, que Honório conheceu as duas, quando visitou o juiz Magalhães.

Paulo casa com Madalena, e por ter tido uma vida muito, muito difícil, Madalena tenta ajudar o marido a tocar a fazenda, e como fosse muito trabalhadora, o marido não gostava que ela tomasse a iniciativa.

A vida em comum: Paulo, Madalena e Dona Glória. Muitas dificuldades de relacionamentos, tanto que Madalena comete suicídio. Paulo Honório começa a fazer um exame de consciência, chegando a verificar seus péssimos procedimentos; mas já era tarde.

São Bernardo foi radiofonizado e apresentado pela Rede Globo, em 1946. Tornou-se filme em 1973, denominado **São Bernardo**, dirigido por Leon Hirszman, com Othon Bastos, Isabel Ribeiro, Nildo Parente, Vanda Lacerda, Mário Lago, Jofre Soares, Rodolfo Arena. 110 min. Globo Vídeo.

3 - ANGÚSTIA

RAMOS, Graciliano. Angústia. 18 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1978.

Ambientado em Maceió, principalmente no centro da capital alagoana.

Luís, o personagem principal, é jornalista e funcionário público estadual, vivendo numa situação de difícil falta de dinheiro. É radicalmente apaixonado por Mariana, moça muito bonita, bem feita de corpo e elegante. Admirada por todos, mas de família muito pobre e é sua vizinha.

Em princípio ela o ignora, depois passa a ser sua namorada e finalmente, trai o namorado com um jovem rico de nome Julião Tavares, que se arvorava em ser almofadinha e afeito a tirar a virgindade de moças pobres.

Julião chega a engravidar Mariana e, por ele não pretender casar nem aceitar filhos, Mariana pratica o aborto.

Luís tanto fez que levou Julião a tortura, mas no final, não se sabe se ele morreu, nem se Luís foi preso.

Todo o romance tem um especial apoio da linguagem popular das Alagoas, a terra do autor.

4 - VIDAS SECAS

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

Para o crítico literário Álvaro Lins, em “Valores e misérias das vidas secas” (Ramos, 1977:135-167) o romance (ou a Novela!) é “o mais brasileiro dos livros do Sr. Graciliano Ramos”.

Em *Vidas Secas*, diferentemente de outras das suas obras, ‘Quem narra a história não é um personagem, mas o próprio romancista’, que viveu observando de perto a seca, a fome, a miséria.

O homem seco, duro, realista que todos falam, em *Vidas Secas* é sentimental e quase dócil; verdadeiramente sente a dureza que cerca os personagens: Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos que não recebem nomes e Baleia, que é como se fosse uma pessoa da família.

Diferentemente de outras de suas obras, *Vidas Secas* é composta de 13 capítulos, que receberam títulos; cada capítulo é sumamente independente, com princípio, meio e fim; é isso que certo crítico literário entendeu que a obra é um *romance desmontável* ou obra composta de contos independentes, neste caso o leitor poderia ler o livro e em vez de fazer a ordem de leitura que está estabelecida, poderia fazer à seu bel prazer, e tudo ficaria de acordo com o *espírito da obra*.

Existiria um momento mais dramático do que quando Fabiano tenta matar a cachorra Baleia, e como ficaram tristes os seus olhos, próximo a morte...

O segundo momento é quando Fabiano encontra, na caatinga

com o soldado amarelo que o prendeu e o surrou. Era a hora da desforra. Mas como o soldado tremesse horrivelmente de medo, e como o soldado fosse para Fabiano a imagem do governo, e com governo não se brinca, portanto, mesmo com a facilidade de matar o inimigo, em nome da família e da vida triste que levam, resolve que o melhor seria deixar o soldado ir embora livre, mesmo que, sentindo-se livre, tivesse expressado um ar de superioridade!

Vidas secas foi filmado em 1963, sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, com: Átila Iório, Maria Ribeiro, Jofre Soares, Orlando Macedo. 103 min. Manchete Vídeo. O cenário foi à área das secas em Alagoas: Palmeira dos Índios, Minador do Negrão e regiões vizinhas.

5 - INFÂNCIA

RAMOS, Graciliano. Infância. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

Octávio de Faria, em “Graciliano Ramos e o sentido do humano”, (posfácio de Infância), o crítico literário entende que essa obra, é o “livro mais importante de Graciliano Ramos”.

Para mim constitui uma obra infinitamente autobiográfica, densa e muito, muito sentida, vez que o autor descreve, com fartura de detalhes, todo o sofrimento da criança que não teve infância tranquila e feliz; de fato, sua infância tem a marca indelével de filho de pais rígidos, que não suportavam nenhum deslize do garoto de quatro a cinco anos que quando cometia algum deslize, ou errava nas leituras, aí o **cinto** reinava.

Não queremos dizer que sua vida na infância teria sido como a da

“criança infeliz”, um dos capítulos desta obra. Não! Se quisessem diferenciá-la diriam que “essa criança era infeliz”; o menino foi tão maltratado que enveredou para o caminho da criminalidade aos 15 anos de idade.

O menino Graciliano, soube dar a volta por cima, e a literatura foi, sem dúvida, o intuito de melhoria.

Nos 39 capítulos de *Infância*, chama-nos atenção dois desses capítulos: “Mário Venâncio”, o jornalista, escritor e poeta que o estimulara tanto, ao ponto do rapaz escrever e publicar um texto de título “O pequeno pedinte” (sintomático, não?) no jornal O Dilúculo, criado por ele e por um primo. Era seu primeiro texto publicado! O segundo tem o título “Laura”, onde descreve as dificuldades de um menino de doze anos vir a se apaixonar perdido e platonicamente. Que sofrimento!

As dificuldades de leitura e interpretação, na fase inicial, talvez tenha marcado enormemente sua vida, ao ponto de torná-lo um escritor que verdadeiramente poderia ser chamado de “self made man”, por construir obra única, e essa “unicidade” de escrita o faz ser verdadeiramente único e modelar; assim visto não apenas por seus conterrâneos, nem só por escritores de todo o Brasil, mas em quase todos os países do mundo. A tradução de sua obra e a crítica favorável, diz da benignidade e da excelência.

6 - INSÔNIA

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/ Martins, 1976.

Entre os contos modernistas surgidos no século XX, Graciliano

destaca-se, sem sombra de dúvidas, produzindo espécimes que, às vezes chegaram à assemelhar-se à crônicas e com uma base ou visão histórica, ao ponto do leitor dizer que tal ficção é menos ficção e o conhecimento histórico se faz tão presente, que chega-se a admirar. Claro que alguns de tais contos como “O relógio do hospital” e “Paulo”, são tão cheios de autenticidade que melhor seria pensar: acertadamente são autobiográficos, pois os detalhes são tão singulares que só puderam ser criados pela verdadeira vivência do fato.

Em *Insônia*, dois contos nos chamam atenção e são tão reais, ou foram completamente criados a partir da vivência, uma vivência eivada de preconceitos e dissabores crus. Os contos a que me refiro são: “A prisão de J. Carmo Gomes” e “Dois dedos”.

Em “A prisão...” o autor discorre a respeito do medo, da ojeriza, do horror ao comunismo. O que seria feito de nós se o comunismo tomasse conta do Brasil? Pergunta Dona Aurora, que se preocupa não apenas com uma mudança estrutural da política, mas com os bens pertencentes a cada um. E as igrejas, como ficariam? Ah! O medo! Medo também de serem tomadas casas, objetos de Arte, joias; e se os revoltosos resolvessem atacar as donzelas. Ah! Que problema! ...

O pensamento de Dona Aurora era semelhante ao das senhoras e até aos homens que não pretendiam, ao morrer, ir para o inferno.

Com referência a “Dois dedos”, analisa-se a questão do amigo e colega de classe que é eleito governador! O amigo pobre pretende ir dar um abraço no antigo colega, e desejar-lhe boa sorte, mas ao chegar perto

da sala do governador, ele está tão atarefado que nem se liga que, quem está ali para ser atendido era o antigo amigo. Este chateia-se, dá meia volta e vai embora, entristecido.

Filmes: roteiros realizados a partir do livro *Insônia*

Um ladrão - média metragem, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. O filme tem base nos contos homônimos de Graciliano Ramos, inseridos em *Insônia*. Narra o período em que Graciliano esteve preso em 1936. Foi apresentado como abertura do Festival de Cannes, em 1984, recebendo prêmios da crítica internacional. Recebeu ainda outros prêmios nacionais e estrangeiros.

Guenzo (1981-82) - longa em 16mm. Direção do realizador alagoano Joaquim Alves. Livre adaptação do conto "A prisão de J. Carmo Gomes", de Graciliano Ramos, constante na obra *Insônia*.

Elenco: Ronaldo de Andrade, Anilda Leão, Josias Mamede, Isaac Bezerra, Edite Camelo, Franklin Martins, Roger Ayres, Graça Cabral, Luciana Braga, Maria Malta, Darlan, Marcelo Brandão, Alexandre Pereira.

7 - MEMÓRIAS DO CÁRCERE

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1977. 2 vols.

Obra verdadeiramente escrita com os recursos da memória, embora *Memória do Cárcere* não constitua uma autobiografia, mas como disse Nelson Werneck Sodré, o autor traça o retrato de uma época sumamente conturbada. Nesse período, o fato de alguém influente não gostar

de si, mas que sabia que lia e pensava, por pouco era tachado de comunista, assim em 13 de março de 1936, nosso escritor Graça foi preso e seguiu para o Rio de Janeiro, passando por Recife. Dalí segue em navio para o Rio de Janeiro, onde passa alguns meses em prisão da capital e depois é levado para Ilha Grande, terrível prisão onde fica até 3 de janeiro de 1937, mesmo sem ter processo regular.

Nessa prisão do Rio de Janeiro, na capital, entrou em contatos diretos com Nise Silveira, Olga Benário Prestes e a jornalista Eneida.

Das três intelectuais, a que mais conversou foi com Nise, pois ele era bastante introspectivo e era a Dra. Nise quem puxava a conversa e o chamava para jogar damas.

A obra trata, de fato, das impressões vividas na prisão, o dia a dia, a falta de tudo para uma vivência digna, embora estivesse na prisão. É interessante que o muito que escreveu na prisão foi extraviado, nada foi aproveitado, o que é uma lástima. Tudo é verdadeiramente memória que se divide em: 1 - Viagem; 2 - Pavilhão dos primários; 3 - Colônia correcional; 4 - Casa de correção.

É a mais densa e valiosa de suas obras, possui 2 vols. E 681 páginas; imagine se possuísse o último capítulo!

Ao sair da prisão tem ideia da construção do livro, mas, como estivesse muito doente, sabia que talvez o livro não ficasse pronto. De fato, a obra ficou incompleta, faltou o último capítulo, onde deveria tratar da “saída da prisão”, da liberdade. E é interessante que mesmo doente, quando tinha escrito a metade da obra, surgiu uma viagem, que fez com muito

prazer, mesmo doente foi a URSS e a Tchecoslováquia, na volta, apronta o livro “Viagens” e termina as “Memórias do Cárcere”; logo depois, morre-ria.

Memória do Cárcere, o filme (1984)

“O cárcere em meu filme é uma metáfora da sociedade brasileira”.

Direção e roteiro: Nelson Pereira dos Santos; fotografia: José Medeiros e Antônio Luiz Soares. Elenco: Carlos Vereza, Glória Pires, Jofre Soares, José Dumont, Nildo Parente, Wilson Grei, Tonico Pereira, Ney Sant Anna, Marcos Palmeira, Anilda Neves Leão, Chico Santos.

Produção Regina Filmes, L. C. Barreto, Embrafilme, Sagres, Prefeitura do Rio de Janeiro.

8 - VIAGEM (TCHECOSLOVÁQUIA-URSS)

RAMOS, Graciliano. Viagem: Tcheco-Eslováquia-URSS. Obra póstuma. 10ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1980.

Graciliano não gostava de viagens, era um indivíduo caseiro, aquele que vai do trabalho para casa e de casa para o trabalho. Falar em viagem para si era coisa de - Vamos mudar de conversa? - Não gostava de deslocamentos, principalmente, aqueles que tivessem que ser feito em aviões, a cisma maior é que morrera um amigo em viagem aérea e ele ficou com a eterna cisma.

Falar em viagem é lembrar que sendo Presidente da União de Escritores Brasileiros, e tendo que ir presidir uma reunião em Porto Alegre, foi, mas de automóvel, uma viagem que durou nove dias...

Como o escritor precisava viajar pelo exterior, para propagar seus livros, ou em termos simples, aparecer; os amigos inventaram uma viagem à União Soviética, passando pela Tchecoslováquia.

Resistiu o quanto pode, inventou mil desculpas para não ir: indisposição, falta de dinheiro, falava pessimamente francês e inglês, tudo isso para desistência, mas tudo foi em vão, e de junho a outubro de 1952, estava o homem tentando se entender com as mil línguas da União Soviética. Que dificuldade, até mesmo para os russos, vezes aconteceu que teve de recorrer a três intérpretes para entender um fato que necessitava saber urgentemente.

Já que resolvera, mesmo a contragosto, seguir viagem, decidiu, mesmo que ninguém tivesse encomendado um livro, um roteiro, impressões de viagem, pretendeu colher informações de cenas, fatos, pessoas “notas colhidas às pressas (para) num mês tornar o sonho realidade”.

Para isso “guardo impressões, algumas nítidas, que pretendo juntar, fazendo o possível para não cair no exagero”, por isso “não pretendi contar loas ao governo soviético (...)”

Sem querer fazer um roteiro turístico, pois mesmo que desejasse, o tempo era muito curto, pois “não seria possível rabiscar uma página sobre todas as grandezas vista de fora”.

Viagem é como está dito na lista de suas obras: são “impressões” a respeito de dois países antiquíssimos e enormemente grandes, para se ter uma visão global e completa, mas como está dito, em que pese as dificuldades das línguas, o escritor deu suas impressões, e como são importantes!

9 - LINHAS TORTAS. OBRA PÓSTUMA

RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas: Obra póstuma. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, São Paulo: Martins, 1977.

Diferentemente de outras de suas obras, Linhas Tortas constitui-se da reunião de escritos publicados em periódicos diversos e com datas variadas.

Os organizadores da obra, compulsaram artigos publicados desde a década de dez do século XX, até a década de quarenta, tendo também um deles sido publicado na década de cinquenta. Normalmente, os textos foram publicados no Jornal de Alagoas, de Maceió, O Índio de Palmeira dos Índios e Paraíba do Sul, publicado na cidade de Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro. Alguns dos textos não são datados.

Como se trata da reunião de textos variados, e que sendo obra póstuma, o autor em vida, certamente não teria feito nenhuma seleção dos mesmos, então a obra reúne uma temática muito variada, sem a sistematização e equiparação dos textos, o que nos permite dizer que pelo enquadramento, trata-se realmente de obra jornalística absolutamente séria e consequente no qual o autor dos textos, é na maioria deles, crítico literário sério, aquele que tem compromisso com a literatura, e o que diz, não tem medo de dizer seu nome.

Claro que, em se tratando de reunião de textos variados na temática e no tempo de composição, uns são melhor pensados, e consequentemente outros não são tão excelentes, o que vem demonstrar que, verdadeiramente é uma reunião de escritos que não foram elaborados para uma

obra, mas foram feitos servindo a uma época histórica!

Normalmente, pensa-se no mestre Graça, apenas naquela condição de ser aquele que enxerga o mundo sem perceber, o quanto possa existir de bons sonhos em nossa existência. Ledo engano, no texto “A última noite de natal” (pp. 222-224). O autor despe-se de uma couraça muito pesada, para lembrar de momentos em que se pode vislumbrar o mundo, onde o sonho pode acontecer sem máscaras. Ao ler o tal texto, pode se supor que o mesmo seria de autoria de outro autor mais alegre, mais feliz enfim.

Nos textos reunidos, é capaz do leitor se encontrar com uma temática tão variada e de tendência diversa que quem sabe, teria sido escrita por um antropólogo ou sociólogo, assim quando discute a respeito da presença de Lampião e seus sequazes, atacando Palmeira dos Índios(AL) p.204; sobre a seca (p.132); a respeito dos amigos do povo, ou de políticos que se dizem amigos (p. 260). Sobre o fator econômico no romance brasileiro (p. 253-259), onde sem querer nos dá uma lição de bem escrever, ou de como estudar um romance ou um conto.

Também chama atenção para o nordestino, que cercado por colonizadores, sentem-se diminuídos, com vergonha de sua origem (p.130). Enfim, transcreve citação de autor português (anônimo) que fala sobre inspiração/transpiração na composição da obra literária, que pode nos despertar para novas e boas ideias (p.274).

Embora os textos sejam de pequeno tamanho, quase todos são densos, enxutos e trazem muitas polêmicas que dá o que pensar e pensar muito, pensar grande!

10 - VIVENTES DAS ALAGOAS, QUADROS E COSTUMES DO NORDESTE

RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas, quadros e costumes do Nordeste*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, São Paulo: Martins, 1976.

Na obra nota-se a tendência do autor em dar prestígio aos tipos populares, talvez para justificar o título; assim aparecem, por exemplo, Dona Maria Amália (pp. 27-30) e Domingos Barbosa (pp. 83-86) com impressões que chega até ao humor.

O cangaço é tema que explora com acerto, a defender até certa tese, ao garantir que Lampião nasceu em todos os Estados do Nordeste! Claro que defende Lampião como uma espécie de protesto, ou de grupos que se juntam para defender suas aspirações; aspirações essas motivadas normalmente pelo fator econômico.

Nos aspectos sociais mais gerais, discorre sobre festas tradicionais como Carnaval e Natal. Jogo de bicho, habitações, professores improvisados, também aparecem Casamentos e Teatro. Outro tema que discorre muito à vontade é a respeito da poesia popular, assim como em Desafios, Inácio da Catingueira e Romano e finalmente Raimundo Pelado, onde discorre sobre Pacífico Pacato Cordeiro Manso, natural de Quebrangulo, de quem diz ser poeta “quase parnasiano”.

Sendo obra que iria tratar de *Viventes das Alagoas*, era de se esperar que tratasse mais diretamente de seu Estado e também da terra onde nasceu - Quebrangulo - dela não há nenhum texto, apenas faz alguma referência quando trata de Cordeiro Manso.

11 - ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS

RAMOS, Graciliano. Alexandre e outros heróis, 14ª ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1977.

A obra Alexandre e outros heróis é composta por três livros que são: Alexandre e outros heróis, A terra dos meninos pelados e Pequena história da República.

Ao começar a leitura de Alexandre e outros heróis, lembramos rapidamente de dois acontecimentos interessantes que ocorreram no Brasil. O primeiro na televisão, na TV Globo, no programa “Chico Anísio Show”, era o quadro onde aparecia o personagem Coronel Pantaleão e sua esposa Terta.

Pantaleão mentia demais, igualmente Alexandre do livro; tudo o que contava, acrescentava mil vezes a informação e depois que contava, chamava Dona Terta para confirmar; ela, como boa esposa, confirmava e às vezes até aumentava um pouco. E é interessante que no capítulo “A doença de Alexandre”, aparece o personagem Sinhá Terta, que é, no texto, uma reza-deira.

Ora, a Terta do quadro de Chico Anísio é a mesma Cesária do texto; então a obra de Graciliano, auxiliou a Chico a se inspirar e fazer o seu espetáculo, sempre muito interessante. O fato nos faz lembrar do Jocko, de Maceió

- Jocko, conta aí uma mentira pra gente!

- Ah! Não posso, porque estou indo passar uma lista para conseguir dinheiro para enterrar minha mãe!

- Eram os jovens estudantes maceioenses, galhofeiros, que queri-

am gozar com as mentiras de Jocê. Quando ele falou que estava a arrecadar dinheiro para o enterro, os rapazes ficaram tristes e foram pedir dinheiro para ajudá-lo. Horas depois, voltaram a encontrar Jocê e lhes entregaram a quantia arrecadada. O homem agradeceu e os rapazes foram embora tristes.

À tarde, os rapazes passando pelo Bar do Chopp viram Jocê bebendo, muito à vontade. Os jovens foram lá e disseram: - Mas Jocê, sua mãe enterrada e você aí bebendo. Que história é essa?

“Ora, vocês pediram que eu contasse uma mentira, eu contei!”. Os rapazes ficaram irritados e saíram falando mal do homem.

Jocê era um senhor que nas décadas de 50-70, do século XX, vivia a contar mentiras no centro de Maceió. Era uma alegria! Todos ao encontrá-lo diziam sempre: - Ou Jocê, conta uma das boas...

Jocê ficou sendo sinônimo de mentiroso e isso acontece em inúmeras comunidades do Brasil; é sempre um personagem que alegra a todos trazendo risadas as comunidades. O Jocê é uma espécie de Alexandre do texto graciliânico, e assim como o personagem do quadro de Chico, irritava-se quando alguém duvidava de suas histórias.

Luiz Barroso Filho, em sua obra *Panorama da cultura popular em Alagoas*, traça o perfil bem humorado desse personagem. Ver: Barroso Filho, Luiz. *Panorama da cultura popular em Alagoas*. Maceió: Edição do autor, 2010, pp.125-127.

Das 14 histórias de Alexandre, a que mais me chama a atenção é “O marquês de jaqueira”, é quando o marquês, ou seja o sofá, posto em

casa, na sala, depois de um tempo, a madeira de que é feito, renasce, transforma-se em jaqueira, quatro ao todo, e dá boas jacas, que se não forem tiradas, apodrecem. - É verdade, Cesária? - É sim...

Das dez obras lidas até agora, esta é a primeira onde o autor, tido como sisudo, fechado, passa a escrever em tom humorístico, descrevendo as brincadeiras de um tipo de humor sadio, cheio de muita graça.

A Rede Globo de Televisão apresentou no dia 18 de dezembro de 2013 o especial “Alexandre e outros heróis”, com base no texto de Graciliano. Dele disse o diretor Luiz Fernando Carvalho: “A narrativa literária é uma verve encantadora, leve, sutil, lírica e ao mesmo tempo cômica”.

O especial contou com a participação de Ney Latorraca (Alexandre), Lucy Pereira (Cesária) e outros atores: Marcélia Cartaxo, Marcelo Serado, Flávio Rocha, Flávio Bauraqui.

ATERRA DOS MENINOS PELADOS

Raimundo era um menino que se sentia rejeitado por ter um olho azul e outro preto e por ser careca, ou pelado. Todos os jovens da comunidade riam muito dele, por isso seu desejo era ir para uma terra onde as pessoas gostassem dele e o aceitassem.

O desgosto pela situação de ser rejeitado o faz sair de casa, andar, andar até chegar na Terra de Tatipirum, onde as plantas falavam e as pessoas eram iguais aí, com um olho preto e outro azul, e diferentemente de sua terra, ele fora muito bem aceito.

Nessa terra todos eram irmãos, todos procuravam se ajudar e até o

rio se abria para o menino atravessar. Nesse mundo maravilhoso, até as aranhas falam e tecem roupas, como a que deu a Raimundo, que perguntado de onde vinha, ele inventou o nome Cambacará para sua terra. Na nova terra, encontrou a Princesa Caralêmpia, que não era princesa verdadeira, mas brincava de ser princesa.

Depois de um tempo, volta para casa, para fazer um dever de geografia. Todos os novos amigos, ficavam perguntando se ele iria voltar, ele ficava sem saber o que responder.

A viagem feita por Raimundo a uma terra desconhecida, onde todos são iguais e se gostavam e se aceitavam, fez com que o menino imaginasse que era possível a existência de uma terra onde todos fossem amigos, onde não existissem preconceitos, no lugar dele, reinaria a amizade e o respeito a todos.

Este livro tornou-se minissérie da Rede Globo de Televisão e apresentado no domingo dia 4 de janeiro de 2004. A trilha sonora contou com músicas de Paulinho Mosca, Skank, Banda Penélope, Lenine, Gabriel o Pensador, Os Detonautas e Fernanda Abreu.

O autor do texto “Meninos Pelados”, da Gazeta de Alagoas” é anônimo, mas que desconfio tenha sido escrita pelo jornalista, professor e crítico de cinema maceioense Elinaldo Barros, que fala de Graciliano e seu traço lúdico, terno, “voador” e ainda citando o “lado onírico” do mestre.

O texto “A terra dos meninos pelados”, de Graciliano Ramos, é uma ode a obra e as possibilidades da psiquiatra alagoana Nise da Silveira, que passou toda a vida cuidando de doentes mentais, em uma época em que

eram chamados de *alienados*, que por sua vez teriam que ter as cabeças raspadas, daí os meninos sem pelos.

In: Anônimo. Meninos Pelados. Gazeta de Alagoas, Maceió, 4 jan. 2004. Cad. B:3.

PEQUENA HISTÓRIA DA REPÚBLICA

O texto Pequena História da República permite perceber que estamos lendo um texto não escrito por um historiador e sim, por um escritor, um romancista, também jornalista, mas não afeito às análises de textos historiográficos, por isso a descrição trata da visão dos acontecimentos a luz da visão político-militarista, onde os fatos não são analisados à luz de uma história social, por exemplo.

Na qualidade de escritor-jornalista, tenta apreciar os fatos históricos, à luz de uma visão onde os acontecimentos possam ser vistos com um certo humor sendo afastado da aridez contida na história oficial, que trata os fatos dando relevo àqueles que estão próximos aos vultos importantes que estão a dominar a política, ao poder dominante, em última análise.

Esse tom, de certa forma crítico, dado a certos fatos da República, tem aparências de análise acre, outras vezes quase o preconceito toma conta da descrição.

Para Osman Lins, “A história da República, de Graciliano Ramos, é exatamente uma espécie de resposta, desabusada e ferina, às muitas outras histórias - todas, decerto, convencionais”. Lins (1977:194). “Graciliano (...) toma a direção contrária. Não o move qualquer compromisso ou preocupa-

ção de enobrecer os fatos evocados. Sua visão é exata, fiel, desencantada e talvez mesmo cáustica. Há no texto, muitos exemplos disto”. Lins (1977:185).

LINS, Osman. O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado. Posfácio a RAMOS, Graciliano. Alexandre e outros heróis. 14 ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins 1977, pp.175-187.

12 - CARTAS

RAMOS, Graciliano. Cartas. Rio de Janeiro: Record, (1980).

Se bem que todos os intelectuais introjetaram a ideia de ser Graciliano horrivelmente fechado, não admitindo sequer simples brincadeiras, é nas Cartas escritas para a sua esposa Heloísa Ramos, seu pai, sua mãe e algumas pessoas amigas que verdadeiramente se abria deixando fazer sentir todas as alegrias, tristezas, angústias, aspirações, mil e um problemas que supúnhamos os escritores nem se preocupavam com tais fatos meramente rotineiros.

Preocupações com doenças, educação dos filhos, falta de dinheiro, procura de jornais e revistas que aceitassem seus escritos; textos de um escritor novato, porque na fase de procura de locais para publicação de artigos, que lhe rendesse dinheiro, coincide com a época em que apenas havia publicado Caetés, São Bernardo e Angústia. Depois é que se tornou conhecido e muito, muito procurado.

O homem de Vidas Secas era garantia de publicações muito bem aceitas, pois nesse tempo editores, escritores, jornalistas já o tratavam como mestre.

Mas, para que a publicização das cartas, instrumento altamente particular?

Verificando as dificuldades de escritores, estudantes, jornalistas em busca de dados mais ou menos íntimos dos escritores, Heloisa entendeu que, só depois de vinte anos, como queria Graciliano, ela resolvesse dar publicidade; e exatamente 26 anos depois da morte do mestre Graça, daria publicidade as ideias particulares e familiares.

Agora, quem pretendesse escrever biografias ou outros textos, iria examinar as cartas, elas poderiam trazer algumas luzes, ser um guia para seus escritos.

Particularmente, chamou-me atenção o amor incontido e despedido por “Ló”, deixando muito claro nas missivas, também as dificuldades de publicação, isto é, o jogo que envolve o precisar publicar para obter dinheiro para ir vivendo. Veja-se o desejo das editoras de ganhar muito dinheiro às custas dos textos dos escritores. Infelizmente, esse desejo ainda acontece, fartamente.

As angústias passadas pelas cartas, nos enche de raiva, por entender não serem coisas fabricadas, mas uma realidade nua e crua, é necessário para resolvê-las, “matar um leão por dia”

13 - GARRANCHOS

MIO SALLA, Thiago. Garranchos, Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Afeito a leituras de Graciliano Ramos, Thiago Mio Salla, doutor pela USP, conseguiu reunir 81 textos inéditos em livros, textos que foram escri-

tos em diversas épocas pelo mestre. Algumas obras são pequenas em tamanho, mas não em importância e significados implícitos, que se encontravam dispersos em jornais e revistas de várias partes do Brasil e agora expõe-se ao grande público, para o seu exame e deleite.

O autor divide a obra em textos de: Anos 1910, Anos 1920, Anos 1930 ainda em Maceió, depois da saída do cárcere e entrada no Partido Comunista Brasileiro.

De todo esse acervo descoberto, para nós a importância maior recai em - Um romancista do Nordeste (pp.133-137) e O romance do Nordeste (pp.138-142) ambos os textos foram concebidos para ir de encontro ao crítico Prudente de Moraes Neto que escrevera não existir romancistas no Nordeste, Graciliano como num rompante, prova que a assertiva estava errada pois no Nordeste encontramos, além de outros: Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Amando Fontes, e outros; e nós acrescentamos Graciliano Ramos que mesmo nessa década de trinta, já se tornava conhecido, reconhecido pela crítica e pelo público, como o romancista, acrescentasse escritor dos melhores!

Terminamos repetindo o que dissera Graciliano Ramos sobre a posição do escritor, aquele que elabora todo um trabalho de criação, sempre de forma solitária; é sempre ele, e ele só quem cria as suas maravilhas para que outros possam avaliar, aceitar ou rejeitar a obra feita. Mas é bom que se repita constantemente que a criação solitária sempre é digna de exame, onde o analista para ser fiel, possa entender o momento de criação e as razões da obra criada.

PRAZER EM CONHECER: PACÍFICO
PACATO CORDEIRO MANSO

9

Apresentação

Desde quando ouvimos falar em Cordeiro Manso, como poeta da nossa terra, intuímos que muita gente do município saberia, ou pelo menos ouvira falar dele. Ledo engano. Poucos, muito poucos foram os quebrangulenses que ao ouvirem falar do poeta, fizera como a professora Hosana Vieira: abriu um sorriso terno, enorme. Ficou felicíssima e o que é melhor, recitou poesias e mais poesias do poeta conterrâneo. Com que entusiasmo falava nele!

No geral, o povo de Quebrangulo esqueceu, ou nunca ouviu falar desse poeta e de sua obra tão significativa. Se fizermos um levantamento criterioso de pessoas que lembram ou tivessem ouvido falar em Cordeiro, ficaremos muito decepcionados, assim, aqueles que lembraram ou souberam informações sobre o poeta em termos quantitativos, é uma verdadeira decepção! No entanto, contamos com ótimas informações do escritor Luiz B. Torres, da professora Hosana Vieira, do proprietário de terras e ex-prefeito Thomaz Tenório de Holanda, Lilite Correia, funcionária pública, Gastão Laurindo de Cerqueira, estudante; Mário Veiga proprietário agrícola; José Tenório de Albuquerque, funcionário público aposentado; e Pedro e João de Cerqueira Barros.

Fazendo pesquisas em jornais alagoanos, para a confecção da História de Quebrangulo, descobrimos rápido, que Cordeiro Manso publicara poesias em jornais variados do Estado de Alagoas.

Com informações conseguidas com quebrangulenses na cidade e

na capital alagoana, somadas às informações encontradas em jornais, elaboramos, durante o ano de 1973-1974, um ensaio sobre o poeta o qual concorremos, em 1974, ao Concurso de Monografias do Departamento de Assuntos Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, conseguindo o primeiro prêmio. No mesmo ano, recebemos o Prêmio Othon Bezerra de Melo, da Academia Alagoana de Letras, com o livro inédito *Cordeiro Manso, grande poeta menor*, o livro fora depois publicado pelo Departamento de Assuntos Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em 1975. Do mesmo tema publicamos ainda *Pacífico Pacato Cordeiro Manso*, micro monografia; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976, 4 p. por reconhecimento do amigo, o etnógrafo Mário Souto Maior.

O mestre Théo Brandão, o folclorista José Aloísio Vilela, os historiadores Félix Lima Júnior e Moacir Medeiros de Sant'ana ofereceram boas pistas e subsídios dos mais valorosos. Mas, como fizera acertadamente o mestre Vilela, por ocasião do concurso, apontando a necessidade de novos estudos sobre o poeta e sua obra; tão acertadamente falara, que mesmo depois da publicação do livro, muitas foram as descobertas das “novas” poesias de Cordeiro, tanto que aqui está uma boa mostra; e não só isto, temos certeza absoluta que muitas informações ainda estão para serem coletadas como, por exemplo, o material existente na Casa de Rui Barbosa e da Biblioteca Nacional, ambas, no Rio de Janeiro.

Se quiséssemos contar quando começamos a pesquisas sobre Cordeiro, de fato, não sabemos, mas acreditamos que iniciamos cerca de 1970 e até hoje, continuamos a procurar pessoas, verificar em jornais e

livros, sempre em busca de um dia termos uma biografia e análise da obra de Cordeiro Manso bem completa. Não descansaremos enquanto não conseguirmos o objetivo.

Na segunda edição da obra, optamos para arrumar o material na seguinte estrutura: Apresentamos a biografia e a bibliografia do poeta, para em seguida trabalhar o material concebendo cada “novo” folheto e a análise dele, como se fosse um capítulo independente; assim temos: A minha infância; Casamento e Mortalha; A seca no Ceará, Um folheto sem capa; Desafios, pejejas no cordel; Minhas saudações.

Constitui outra parte bastante diversa, porquanto, tratam-se de poesias publicadas em jornais, que motivaram os aspectos a que denominamos *Outras inspirações recorrentes*, dela fazendo parte: a história, a religião, o humor e o amor.

Por fim, dois últimos capítulos formados por Meu Último Livro e por Despedidas e Adeus, terminando por estampar o autógrafa do poeta que julgávamos ser impossível de conseguir.

Em última análise, acreditamos pela vivência desta pesquisa que os materiais que poderíamos encontrar a partir de agora, deveriam indubitavelmente, se enquadrar no esquema proposto, ou no mínimo, um ou outro ponto, poderíamos acrescentar para dar motivo a termos verdadeiramente toda a obra do poeta a ser estudada, lida, admirada.

Há quarenta e três anos que perseguimos, buscamos ofegantemente e acreditamos, de certo, que este é o caminho para o encontro de informes que desvendem definitivamente aquilo que pretendemos saber,

para a glória da cultura quebrangulense e da cultura brasileira.

MEU ÚLTIMO LIVRO

MANSO, Cordeiro. Meu último livro. Produções do poeta alagoano Pacífico Cordeiro Manso. Maceió: Papelaria Vênus, Jaraguá, 1927. 60 p.(?). (O meu endereço: Agência do Correio da Levada, Maceió).

O meu encontro com este folheto tem uma história muito interessante, que aqui relato de forma rápida.

Certa noite estávamos ministrando aula de Folclore Brasileiro, no Centro de Estudos de Maceió (CESMAC), no curso de Educação Artística, quando uma aluna, de supetão, foi entrando e dizendo: “Como o senhor fala tanto nessas coisas velhas, nesses folhetos, a minha avó, fazendo uma arrumação em casa, ia jogando fora estes aqui; então, mais que depressa, tomei das mãos dela e ai estão. Se quiser é todo seu!”

Quando ela me entregou a mão cheia de folhetos de cordel, o primeiro deles era Meu último livro. O susto foi tão grande, que penso que nem agradei a moça! Logo esse folheto que eu pensava jamais por os olhos nele!

Essa prática quer demonstrar mais uma vez a pouca importância dada às coisas populares, por isso, mais uma vez é bom que se diga: como é difícil e às vezes impossível trabalhar com a memória cultural no Brasil! E se a aluna não tivesse salvado tais folhetos, onde eles estariam?

CONTEÚDO DA OBRA

“Duas palavras aos leitores”

Numa espécie de prefácio ou apresentação ao livro, diz tristemente:

“Já estou (...) velho e suportando as doenças que me chegam com o tempo. Nunca deixei (...) dessa fraca lira cantar o céu formoso de Alagoas, apesar dos profundos desgostos e provações que tenho sentido no caminho da vida”.

“Uma (...) força misteriosas inspirou-me e me arrastou (para) escrever este livro a que dei o nome de Meu último livro, porque realmente este é o ponto final da minha vida de obscuro poeta. É uma despedida, leitores, que vos faço, pois que dentro em pouco mergulharei no túmulo da terra e do esquecimento”.

Maceió, 15-1-1928.

Observe-se que a publicação do folheto é datada de 1927!

A OBRA

1 - CAMINHO DO DESTINO

Poesia composta por oito estrofes de cinco versos, com o esquema de rimas: o 1º verso é branco, o 2º rima com o 5º; o 3º rima com o 4º.

Discorre sobre sua biografia, uma delas nos chama a atenção:

“O meu título de poeta,
É por demais pequenino,
Não tenho literatura,
Não posso fazer figura
Num soneto alexandrino”.

2 - A MINHATERRA

Poesia de 13 estrofes de cinco versos, com o esquema de rimas: o 1º verso é branco, o 2º rima com o 5º; o 3º rima com o 4º.

Descreve as belezas de Maceió, cita ainda a importância e a beleza de outros municípios situados no interior de Alagoas, especialmente os do sertão, para falar a respeito de suas desditas:

“Já velho, pois festejei
Os meus sessenta e três anos,
Já estou no final da vida,
Já sou uma barca perdida
Nos mares do desengano”

3 - O CRAVO BRANCO

Contém seis estrofes de seis versos e o esquema de rimas xaxaxa.

Exalta a importância e a beleza do cravo; chega a dizer ser a flor mais bonita das flores brasileiras:

“Quando sopra a fresca brisa
Sobre as ramas do craveiro.
Os cravos ficam vaidosos
N'um encanto verdadeiro;
Chamo o cravo rei das flores
Do terreno brasileiro”.

4 - DOU TUDO PELAMULHER

Poesia composta por 14 estrofes de seis versos com esquema de rimas xaxaxa.

Exalta ângulos variados a figura da mulher, sobretudo a brasileira; desse querer bem diz:

“Dou tudo pela mulher
Disse uma vez, digo cem,
Eu, pela mulher morena
Deixo tudo e sigo além...
Pois preciso cantar
A gente que quero bem”

Esta poesia foi publicada no Gutenberg, Maceió, em 299 mar 1914 e 14 mar 1910, com modificações em sua estrutura; também foi inserido em Cordeiro Manso grande poeta..., pp. 121-122.

5 - JURAMENTO DE AMOR

A poesia é uma declaração de amor das mais firmes, belas e altamente comprometedoras, aparece em forma de mote para ser glosado. O mote é:

“Corisco do céu me parta,
Me reduza em cinza e pó;
A luz divina me falte
Se não te venero só”.

A glosa segue a estrutura poética das glosas comuns.

6 - O TRABALHO

A poesia discorre sobre a importância do trabalho para o ser humano. Para nós o destaque é a primeira estrofe, ei-la:

“O trabalho é rigoroso
Amarga mais do que fel;
Mas, o fruto do trabalho
É tão doce quanto o mel:
O trabalho tem essências
Quanto as flores do vergel”.

Como foi visto, é formada por seis estrofes de seis versos, a famosa sextilha no esquema xaxaxa. Foi publicada, com modificações em sua estrutura em Gutenberg, Maceió, 6 abr.1910.

7 - TARDE PIASTE

Discute sobre asneiras e tolices que cometemos no dia a dia, que poderiam ser evitadas; se não se evita, às vezes aparecem consequências constrangedoras. Para nós o destaque é:

“Muitas vezes faz-se o bem
Para ser-se bom cristão.
Mas, quem recebe o favor
Julga ser obrigação;

Em paga do benefício
Nos oferta a ingratidão”.

É poesia composta por seis estrofes de seis versos, mas estrutura poética do xaxaxa.

8 - 13 DE MAIO

Trata da libertação dos escravos e o papel imorredouro da Princesa Isabel.

O destaque é para a última estrofe da poesia:

“A data treze de maio
É de grande valor que tem,
Entende-se muito além.
Serenando o desagravo,
Agora no nosso país
Garanto que não se diz
Aquele nome infeliz
Aquele palavra - escravo.

É poesia composta por cinco estrofes de oito versos, de formação: o 1º verso é branco; o 2º rima com o 3º; o 4º rima com o 8º; o 5º, o 6º e o 7º rimam entre si.

9 - TENDO DE LADO MARIA

Exalta a importância da grande mãe Maria Santíssima; o destaque é:

“Inda que um pedante mouro
Degolasse o meu pescoço
Quebrasse-me osso por osso,
Tirasse-me o próprio couro;
De Maria meu bom tesouro
Jamais me esqueceria,
Conheço bem a valia.
Desde meu gênio sultão
Seria valente Sanção
Tendo de lado Maria”

Como se pode observar, trata-se de uma glosa de um mote de apenas um verso, dito no próprio texto, ao encerrar a estrofe: Tendo de lado Maria.

Possui como as glosas comuns quatro estrofes de dez versos e o esquema de rimas: o 1º verso é branco; o 2º rima com o 3º; o 4º rima com o 5º; o 6º rima com o 7º e o 10º; o 8º rima com o 9º.

10 - SAUDADES DE SENHÁ(SIC)

“Minha saudosa esposa Idalina Ethelina Cordeiro Manso. Falecida em Viçosa, Estado de Alagoas, em 11 de fevereiro de 1911”.

Toda demonstração de um amor sentido e vivido com intensidade está aqui, vejamos:

“Por vezes quando sonhando,
Ver-te perto de mim
Zelando o nosso jardim,
Acordo em prantos sentidos!
Do peito arranco gemidos
Capazes de dar-me frio!”

A poesia se estrutura em 10 estrofes de seis versos, com o seguinte esquema de rimas o 1º verso é branco, o 2º rima com o 3º e o 6º; o 4º rima com o 5º.

11 - NO CEMITÉRIO

É glosa do seguinte mote:

“Vezes vou ao cemitério
N’uma tristeza sem fim,
Visitar meu bom anjinho
Que a morte roubou de mim”.

Como as glosas comuns, possui 4 estrofes de 10 versos, terminando com cada um dos versos dados. A estrutura dos versos é a seguinte: o 1º rima com o 4º e o 5º; o 2º com o 3º, o 6º com o 7º e o 10º e o 8º Com o 9º.

12 - RECORDAÇÃO DE LUA DE MEL

Evoca o puro amor, tido com a sua inesquecida esposa e pede para que o venha buscar para o espaço onde está. O destaque é:

“Vem Senhá, vem minha esposa,
Já estou bem perto da lousa
Vem buscar-me no vergel,
Fui contigo ao espaço
Teu braço, junto ao meu braço
Lembrando a boda de mel”

É poesia composta de dez estrofes de seis versos com o seguinte esquema de rimas: o 1º e o 2º rimam entre si; o 3º rima com o 6º, e o 4º rima com o 5º verso.

13 - MEU GALO NÃO CANTA MAIS

O autor conta suas peripécias, fazendo um paralelo entre o ontem e o hoje. A poesia está publicada em Cordeiro Manso, grande poeta..., pp.53-54, com modificações

Glosa o mote: Meu galo não canta mais. É glosa de apenas um verso. Possui 6 estrofes de 10 versos, com o seguinte esquema de rimas: o 1º verso rima com o 4º e o 5º, o 2º com o 3º, o 6º com o 7º e o 10º e o 8º com o 9º.

14 - UM CASAMENTO INFELIZ

Em verdade, o segundo casamento de Cordeiro foi um dos mais

infelizes; casou com uma louca, tanto que o casamento nem teve consumação. Em Cordeiro Manso grande poeta...é publicada a poesia na p. 148.

É glosa de um mote de um verso “Um casamento infeliz. Como glosa, possui quatro estrofes de dez versos, com o esquema de rimas: o 1o verso rima com o 4 e o 5º; o 2o com o 3º; o 6o com o 7º e o 10º e o 8º com o 9º.

15 - DESGOSTO

A temática é tratada em “Um casamento infeliz”, tem em “Desgosto” uma continuidade, ou uma resposta, como era dito em relação a música popular, especialmente nas chamadas de músicas bregas, desta forma: saía publicada uma música de amor, daquelas chamadas de músicas de dor de cotovelo, e fazia muito sucesso; o autor querendo a continuidade compunha outra música que era a resposta daquela.

No caso da poesia o autor glosa o mote:

“Já que me destes desgosto,
Desgosto seja o teu fim,
Não penses que vou morrer
Por quem não morre por mim!”

A glosa possui quatro estrofes e o esquema de rimas igual a anterior.

16 - O VARREDOR DE RUA

A poesia discorre sobre as desditas do varredor de rua, inclusive desta para o seu sofrimento, que pede ao santo Deus clemência e melho-

rias de vidas. Tem a estrutura de um típico soneto, no esquema de rimas 4,4 x 3,3.

17 - SETAS

Discorre sobre o sofrimento causado pela má sina. É um típico soneto.

18 - DESPEDIDA

O poeta se despede da amada com sentida saudade. Trata-se de soneto.

19 - OLHOS

Trata-se de poesia discutindo o valor dos olhares, pois “Dos olhos nascem o encanto”. Trata-se de soneto.

20 - MADAME VIL

Discorre a respeito de mulheres que fingidas, torcem o valor do amor. Trata-se de soneto.

21 - SORTE GRANDE

Trata-se de mulheres volúveis, pois assim sendo é “melhor não tê-las” e “Quem perdeu a falsa, - tirou a sorte grande”. É um típico soneto.

22 - MULHER INGRATA

Compara a vida da mulher volúvel, que desdenha do homem que a ama; um dia ela, quem sabe, acabará no leito de um hospital. É um típico soneto.

23 - MULHER BONITA

O autor descreve os sofrimentos que passou por cantar o amor às mulheres bonitas, quase sempre volúveis; como diz o autor: “Na mulher

bonita só se vê traição”. É um típico soneto.

24 - A GALINHA E O OVO

Discorre sobre quem nasceu primeiro: a galinha ou o ovo? É soneto.

SECÇÃO ESPÍRITA. (São Lucas, cap. 18-4-22)

25 - OS MANDAMENTOS DE JESUS

Trata da necessidade imperiosa de se praticar os mandamentos da Lei de Deus. É poesia composta de 10 estrofes de seis versos, com o seguinte esquema de rimas: o 1º verso rima com o 2º; o 3º com o 6º; o 4º com o 5º.

26 - DASTREVASALUZ

Trata-se de conselhos de como se viver bem sócio-religiosamente. É poema escrito em 14 estrofes de cinco versos, com esquema de rimas: o 1º verso é branco; o 2º rima com o 5º e o 3º com o 4º.

27 - SÃO JOÃO, CAP.3, NÓ E OVENTO

Discute principalmente a questão da morte e da reencarnação. A poesia possui 16 estrofes de seis versos, no esquema de rimas: o 1º verso rima com o 2º; o 3º com o 6º; o 4º rima com o 5º.

28 - JESUS E O PAPA

Trata do problema da reencarnação e da necessidade da autori-

dade papai. O poema é composto de 20 estrofes de quatro versos com de rimas desta forma: o 1º verso rima com o 4º e o 2º com o 3º.

29 - MOTE:

“Pai, filho e Espírito Santo
Sendo um só Deus verdadeiro,
Desejo achar quem me diga
Qual dos três nasceu primeiro”

Trata a respeito da Santíssima Trindade, procurando saber quem nasceu primeiro e concluiu:” É crime se perguntar/ Qual dos três nasceu primeiro”.

O texto foi publicado em Cordeiro Manso, grande poeta..., pp.189-190.

A glosa segue a estrutura das glosas costumeiras: quatro estrofes de 10 versos com esquema de rima: o 1º verso rima com o 4º e o 5º; o 2º com o 3º; o 6º com o 7º e o 10º; o 8º com o 9º.

30 - MOTE:

“A vinte e cinco de dezembro
Nasceu Jesus verdadeiro,
Pelos reis foi visitado
Na data seis de janeiro”.

Discorre sobre o nascimento de Jesus e acredita que foi Simeão o primeiro a ver Jesus nascido, A estrutura de rimas é igual as outras glosas: quatro estrofes de dez versos.

O texto foi publicado em Cordeiro Manso, grande poeta..., pp.188-189.

31 - NOSSOS FILHOS E FILHAS PROFETIZARÃO

O autor propõe mudanças sociais para que todos alcancem a salvação. Poema composto por 10 estrofes de 4 versos, com esquema de rimas: o 1º rima com o 3º, e o 2º com o 4º.

32 - CONCEIÇÃO DE JESUS

Disserta sobre Nossa Senhora, como a mãe de Jesus, nossa mãe. Trata-se de soneto.

33 - HINO ESPÍRITA

Trata das bondades criadas por Deus a serviço dos homens. Trata-se de poema de 16 estrofes de 4 versos, com estrutura rítmica comum, o 1º e o 3º são brancos e o 2º rima com o 4º verso.

34 - AMORTE

Hino com apenas uma estrofe de seis versos, com esquema de rimas da sextilha comum com a estrutura xaxaxa, os outros versos são brancos.

Possivelmente o poema está incompleto; como conceber um hino de apenas uma estrofe? O folheto também está incompleto, não teria apenas 60 páginas!

DESPEDIDAS E ADEUS

MANSO, Cordeiro. Despedidas e adeus. O derradeiro livro. Maceió: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1929, 93 p.(?) Capa com foto do autor.

A grande descoberta desta pesquisa foi o feliz encontro com dois dos folhetos de Cordeiro Manso: Despedidas e adeus. O derradeiro livro e Meu último livro para nós, o conteúdo de cada um deles, seria uma espécie de síntese de sua obra, ou o retrato fiel de seu pensamento em relação a sociedade em que estava agregado.

O primeiro desses folhetos nos foi emprestado pelo saudoso folclorista viçosense José Aloísio Vilela. A obra está incompleta, pois da página 26, passa a página 93; no princípio pensávamos ser erro de paginação, depois verificamos, juntamente com o mestre Théo Brandão, que tratava-se de falta de páginas, pois da página 25, onde começa o poema “Louros a Portugal”, passa a página 26, onde continua o final do poema “Elogio a Aracaju”, que transcrevemos no livro Cordeiro Manso, grande poeta menor às páginas 174-175.

Contém o folheto a poesia título, da página 2 a 14, com 51 estrofes em sextilhas; “o passado e o presente”, da página 14 a 18; “Recorda-

ções do passado”, da página 18 a 20; “Hontem, hoje e amanhã” (sic), da página 21 a 22; “O Brasil”, da página 23 a 25; “Louros a Portugal”, da página 25 a (?) e “Elogio a Aracaju”, da página(?) a 93, onde termina o folheto.

Fragmentos de “Despedidas e adeus”, publicamos no livro Cordeiro Manso, grande poeta menor, encontrados em vários trabalhos sobre o poeta. Assim, a estrofe 4, Ver Cordeiro Manso, grande poeta... p.26; a estrofe 30, idem, p.26; a estrofe 46, idem, idem, p.18.

“O passado e o presente” publicado na Gazeta de Notícias, edição de 14 dez.1906, e estampada em Cordeiro Manso, grande poeta... às páginas 115-116, contém 13 estrofes, bastante modificadas da poesia de igual teor publicada em Despedidas e adeus, com 20 estrofes.

As poesias “Recordação do passado” e “Hontem, hoje e amanhã” (sic), ao que nos parece não foi publicada nos jornais alagoanos. A poesia intitulada “O Brasil”, publicada em Cordeiro Manso, grande poeta... à página 112, é completamente diferente de “O Brasil”, estampado em “Despedidas e adeus”.

“Louros a Portugal”, era para nós desconhecida e “Elogio a Aracaju”, publicada em nosso livro as páginas 174-175, aparece também em Despedidas e adeus, apenas as duas últimas estrofes, por estar o folheto incompleto e difere na forma, da poesia estampada no livro citado.

CONTEÚDO DO FOLHETO

1 - DESPEDIDAS E ADEUS

Contrário ao mestre Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, que anunciou

em diversas ocasiões, a sua aposentadoria da sanfona, e mesmo depois de ter feito a sua “despedida”, pressionado pelos fãs, voltava a pôr a sanfona para funcionar, mas sempre dizendo ser a última vez que tocava, o que verdadeiramente nunca foi, para a alegria de seus incontáveis fãs, dentre eles, este que escreve!

Despedidas e adeus. O derradeiro livro, de certo cumpriu aquilo que fora estampado no subtítulo; de fato, foi o “Derradeiro livro”, porque depois de 1929, ano do lançamento desse folheto, nunca mais publicou nem folheto nem poesias em jornais. Ao que tudo quer indicar estava o poeta verdadeiramente doente, alquebrado, pois morria em 1931; passara dois anos sem nada ter publicado! Também o seu folheto *Meu último livro* de 1927, não foi o último livro, o último, de fato, foi *Despedidas e adeus!*

Mais uma contradição na vida do poeta, pois o folheto daria perspectivas para ser feita a última publicação que fora, de verdade, o *Despedidas e adeus*.

A poesia título deste folheto, oferecida “Ao povo e ao mundo” é formada por 51 estrofes, compostas por sextilhas, com a estrutura poética XAXAXA, isto é, o 2º, o 4º e o 6º versos rimam entre si e o 1º, o 3º e o 5º versos são brancos.

Na poesia, o autor se despede de todos os municípios de seu Estado, fazendo de cada um deles um rápido perfil caracterizador; depois desses elementos marcantes, passa a atacar a igreja católica e a elogiar o espiritismo, pois para si só ele conta a verdade sobre a vida das pessoas,

assim na estrofe 9, desfaz do papel dos padres, nos termos: “Os irmãos padres/ Na falsa crença da cruz.”; na estrofe 12 faz a declaração: “Não quero por minha morte/ De Roma o mais leve traço”. E uma advertência: “Não sou católico romano/ Para os luzeiros eu avanço.”

O tom dado ao folheto constitui, de fato, uma despedida saudosa, aquela em que o autor e leitor esperam que a morte deixe o poeta ficar na terra mais um dia, mais outro dia, mais outro, se pudesse, até o infinito...

2 - O PASSADO E O PRESENTE

Formada por vinte estrofes, a poesia é composta por estrofes de cinco versos, com a estrutura de rimas desta maneira: o 1º verso é branco, o 2º rima com o 5º, e o 3º rima com o 4º.

Traça um perfil do passado, comparando com a modernidade, tendo, como era de se esperar, uma visão pessimista dessa marcha da sociedade.

3 - RECORDAÇÃO DO PASSADO

A poesia é composta por nove estrofes, na estrutura de sextilha, com o 2º rimando com o 4º e o 6º; o 1º, o 3º e o 5º são brancos.

Relembra o passado, lamentando o presente, onde “velho e tropeçando...julgo-me um caso perdido”, e depois de ter visitado várias capitais brasileiras, “vim morrer em minha pátria, / Dou tudo por Alagoas”.

4 - HONTEM, HOJE E AMANHÃ (SIC)

Poesia composta por onze estrofes de quatro versos, com estru-

tura poética: o 1º verso rima com o 4º e o 2º rima com o 3º.

A temática tratada é a comparação entre o passado e o presente, sempre na perspectiva pessimista que não dá possibilidades de se ter uma visão otimista que garanta melhorias aos dias presentes.

5 - O BRASIL

É poesia composta por dez estrofes de seis versos, de rimas completamente diferente do xaxaxa, nesta poesia a formação poética é: o 1º e o 2º versos, rimam entre si; o 3º rima com o 6º; o 4º rima com o 5º.

Exalta o Brasil vendo-o na perspectiva das riquezas produzidas em diversos setores importantes, terminando por elogiar o fruto do abacaxi, de quem diz ser “Tão doce que rasga o seio / Vertendo essência de mel”.

6 - LOUROS A PORTUGAL

A poesia possui oito estrofes de cinco versos, essa quintilha tem a rima assim montada: o 1º verso é branco, o 2º rima com o 5º e o 3º rima com o 4º.

Trata principalmente da descoberta do Brasil, percebendo o acontecimento como justo, de uma luz espiritual que iluminou o navegante Cabral.

7 - ELOGIO A ARACAJU

Infelizmente, apenas duas últimas estrofes do poema aparecem

no folheto; as estrofes em forma de sextilha que restaram, estão descrevendo as riquezas de Aracaju; exorta a figura do governador Grancho Cardoso, “que vestiu quem era nu”.

A segunda estrofe, de sextilha no folheto, passa a ser uma quadri-nha na publicação inserida em Cordeiro Manso, grande poeta..., que conserva o pensamento, mas apenas publica três versos constantes da publicação do folheto, são o 1º, o 5º e o 6º versos.

CORDEIRO MANSO, BIOGRAFIA

Aquele que tentar estabelecer a avaliação de uma obra literária de autor consagrado por seus pares, pelos críticos literários e pelo grande público, irá perceber que não é tarefa fácil realizar, imagine-se verificar o que autoridades em literatura seja popular ou erudita, disseram, avaliaram ou fizeram juízo de uma obra do universo popular, da normalmente chamada de Literatura de Cordel, sobretudo pelo tempo de escrita, divulgação, circulação; enfim, do tempo que o autor levou para construir a sua obra.

Cordeiro Manso trabalhou a sua poesia aproximadamente de 1909/1910 a 1929/1930, do século XX, e embora tivesse nascido em uma fazenda situada em um município pobre e distante - Quebrangulo - tentou espalhar a sua obra por quase todos os municípios do Estado de Alagoas e também de Sergipe, depois saiu de sua terra e seguiu para o Sudeste e Sul do país, sempre a propagar o conteúdo e a temática de sua

escrita.

Nesse ir e vir e propagar os seus folhetos, espalhou-os ao ponto de tornar-se conhecido de figuras exponenciais; primeiro da figura internacional, seu conterrâneo, de nome Graciliano Ramos, (A) depois um literato, pesquisador e musicólogo, que embora paulista, fora também de todo o Brasil; referimo-nos ao grande Mário de Andrade. (B)

Outros estudiosos chegaram a avaliar a sua obra, estamos a lembrar do competente pesquisador de cultura popular, de nome Sebastião Nunes Batista, (C) também do folc-etnólogo alagoano, com fama internacional, de nome Théo Brandão. (D) Ainda pretendemos nos referir a outros dois pesquisadores, que embora tivessem conseguido fama com seus livros, não entenderam, de fato, o espírito do grande poeta Pacífico Pacato Cordeiro Manso, que embora reconhecendo a sua “pouca literatura”, Graciliano chegou a o consagrar como poeta de escola parnasiana! Uma glória para o matuto de Quebrangulo, que se especializou em cantar a mulher e a elogiar poderosos e grandes homens de seu Estado, como forma de, com eles, conseguir o sustento para si, e para sua família.

Os dois pesquisadores confiaram na palavra de folhetistas que usaram o recurso de colocarem os seus nomes em obras de outros, roubando a autoria das obras, como forma de ganhar notoriedade e fama, estamos falando dos estudiosos Antonio Barroso Pontes (E) e de F. Coutinho Filho, (F) autor do livro *Violas e Repentes*.

(A) - Graciliano Ramos (Quebrangulo, 1892- Rio de Janeiro, 1953) no capítulo Dr. Pelado, contido em sua obra *Viventes das Alagoas* (1976) a

respeito de Cordeiro Manso, diz que o poeta “pensava pouco e devagar. Redigia com dificuldade umas coisinhas meio certas e horríveis, publicadas em folhetos magros (...)”

Continua: “A safra do adversário (de Pelado, o Cordeiro!) era chinfrim, (no entanto) talvez ainda hoje exista, copiada e emendada”. A acidez conhecida da escrita do mestre, o permite, no entanto afirmar que o poeta Cordeiro era “quase parnasiano”. Grifo nosso.

Na informação de Théo Brandão em “Um poeta e curandeiro do Nordeste”, *Jornal de Alagoas*, Maceió, 24 set.1950, Supl. Lit: 1, Raimundo Pelado, poeta popular e cantador cearense, viveu na década de 10, em Viçosa (AL), onde exerceu o ofício de curandeiro.

(B) - Da produção de Cordeiro, conhecida por Mário de Andrade, São Paulo, SP (1893-1945) o mesmo fica entusiasmado, exultante, contente por estar diante de uma obra significativa, assim, depois da leitura do folheto “A discussão do poeta Cordeiro Manso e Raimundo Pelado”, Maceió, 1914, diz o estudioso: “Isto é estupendo, ora que ideia...” e conclui afirmando: “Muito bom”.

Na poesia “O que desejo”, encontra-o “delicioso pelo emprego de associações”. Da obra “Tendo de lado Maria”, exalta dizendo: “Delicioso”. Em “Dedo de Deus”, surge nota de Andrade, que se expressa igualmente: “Delicioso”.

Enfim, é o estudioso consagrado quem traça a importância do poeta, sem preconceitos ou máscaras.

(C) - O estudioso paraibano Sebastião Nunes Batista, grande

conhecedor da literatura de cordel, tendo inclusive alguns parentes próximos cordelistas, faleceu em 1982, na cidade de Laranjeiras (SE), no VII Encontro Cultural de Laranjeiras, quando iríamos apresentar comunicação a respeito da poética na Literatura de Cordel. Estávamos sentados em cadeiras próximas, quando de repente ele cai, para trás, e morre de forma fulminante! A partir daí o Encontro terminou!

Do poeta Cordeiro Manso, informa que o vate era um dos melhores do Nordeste.

(D) - Théo Brandão (Viçosa,1907- Maceió, 1982), tinha um apreço, muito grande a poesia popular, ao ponto de escrever textos resultantes de profundas pesquisas sobre o tema, onde procurava perceber as formas da interpenetração entre a poesia popular e a poesia erudita, como fez, por exemplo, trabalhando a imagem poética glosada pelo violeiro alagoano-pernambucano Manoel Neném: “As águas do rio da vida / Faz barra no mar da morte”, (sic)

A respeito de Cordeiro Manso, sempre levou em grande consideração a sua obra, ao ponto de não apenas publicar dois estudos, que são: BRANDÃO, Théo. Cordeiro Manso. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 28 set. 1952, Supl. Lit.:1 e Alagoas na poesia popular. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 31 maio 1956. Supl.Lit.: 1. Também a estimular a estudiosos e a estudantes a fazerem pesquisas sobre o poeta, como procedeu conosco, e o resultado foi a pesquisa publicada; In: ROCHA, José Maria Tenório. Cordeiro Manso, grande poeta menor, Maceió: Departamento de Assuntos Culturais – MEC/ SENEAC,1975.

Para Théo Brandão, Cordeiro, pela temática poética empregada em sua vasta obra, diferenciava-se dos poetas populares do Nordeste, pois sua poesia situava-se muito bem em zona fronteira entre o popular e o erudito. Dizia entusiasmado o poeta: “Bem quisera muita gente/ Fazer versos como eu faço”.

(E) - Antonio Barroso Pontes, em seu livro *Cangaceirismo do Nordeste*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1973 p. 73 traz capítulo referente a cantadores e repentistas, aponto o nome de Cordeiro Manso, entre os diversos violeiros, dele dizendo:

“Um dos melhores cantadores da região, (1) que continua aplaudido, (2) chama-se Pacífico Pacato Cordeiro Manso, natural de Palmeira dos Índios (3) Estado de Alagoas.

Pelo número de crimes que lhe são imputados, (4) resulta uma rara contradição: não é pacífico, não é pacato, não é aquele cordeiro, nem tampouco manso... E ainda uma controvérsia em sua vida, já que a arma da profissão é a viola, (5) deixa uma conclusão de autêntica violação da lei”.

(1) - Cordeiro nunca foi cantador, mas simples poeta popular, folhetista de cordel, dos melhores do Nordeste. Aquele que faz poesia em casa, sossegado, depois faz várias revisões ele próprio, ou outra pessoa, para depois mandar publicar e vender.

(2) - O poeta faleceu em 9 de maio de 1931, em Maceió, portanto, como ser aplaudido, a não ser quando é lembrado por uma ou outra pessoa que o conheceu, e cada vez fica mais difícil pela temporalidade; ou

ainda por pesquisadores atentos a fatos importantes da cultura brasileira.

(3) - Era natural do município alagoano de Quebrangulo, tendo vindo à luz na Fazenda Pimenteira.

(4) - Há mais de 45 anos que pesquisamos sobre o homem e a obra; durante todo esse tempo, nunca ouvimos dizer que Cordeiro tivesse cometido qualquer deslize, muito menos, crime!

(5) - A viola nunca foi sua companheira, o poeta nasceu para escrever versos, declamar, não cantar, muito menos sendo acompanhado de viola!

(F) - F. Coutinho Filho em sua obra *Violas e Repentes*, Recife: Saraiva, 1953, p. 45 entra em contradições a todo o instante, por exemplo, é ele mesmo quem informa que João Martins de Athayde não canta, isto é não toca viola para acompanhar-se, apenas glosa, faz versos; é como dizia pejorativamente o violeiro Manoel Neném “é poeta versista”, aquele que simplesmente escreve! Não canta!

O próprio Athayde propõe um mote: “Cordeiro é bom glosador!” que seria uma crítica feroz a Cordeiro Manso, que segundo diz Coutinho Filho: é “um medíocre metido a fazer glosas depreciando os verdadeiros glosadores”.

Athayde na glosa, arrasa com Cordeiro, é como se estivessem em uma peleja, uma porfia, um desafio, tendo como inspiração, os acordes de uma viola.

Ora, como foi informado pelo próprio Coutinho Filho Athayde não canta, nem mesmo se acompanha de viola, faz versos tranquilamente

e os expõe em papel, para ser publicado e em seguida vendido; igual prática acontecia com Cordeiro Manso que, sem ser violeiro, ou até mesmo pandeirista, não fazia desafios, apenas glosas, pacientemente feitos em casa, e nem por isso deixa de ser poeta ou glosador aceito pela comunidade, e a razão está na propaganda e na venda de sua produção poética.

Coutinho está propositadamente deixando de entender as práticas de ganhar dinheiro! Há anos atrás, os lutadores de boxe, sem ter como conseguir verbas para sua sobrevivência, faziam contratos com um adversário e acordava: - Hoje eu venço, você perde; na próxima luta, semana que vem, eu perco e você vence, e a torcida vai sempre esperar aquele que será melhor na contenda; enquanto isso torce, paga ingresso, faz apostas; os lutadores que publicamente "brigam" entre si, por trás das câmeras, fazem a divisão do "bicho", que proximamente será maior!

Então, certos desafios de folhetos são apócrifos, apenas fórmulas de ganhar dinheiro entre os poetas, também!

Outro problema sério, aliás seríssimo para os estudos, que muitas das vezes chega a confundir até pesquisadores honestos, é a problemática da posse e do uso dos folhetos pelos editores, que algumas vezes retocam, recriar, acrescentam, modificam, criam aquilo que pode beneficiar a si próprios, em busca de numerário e de notoriedade.

É necessário lembrar que João Martins de Athayde (1880-1959), editor de folhetos nas décadas de vinte a cinquenta do século XX, teve a felicidade de comprar os direitos das obras de Leandro Gomes de Barros (19 nov.1865- 4 mar. 1918). Em 1950 "passou" ou vendeu os seus direitos

ao poeta alagoano, de Palmeira dos Índios, José Bernardo da Silva (2 nov.1901-18 out.1972) estabelecido em Juazeiro do Norte, que depois passa a propriedade às suas filhas.

Athayde, ao imprimir os folhetos resultantes do espólio de Leandro, suprimia o nome dos autores e até os acrósticos; algumas vezes é possível perceber-se as adulterações. José Bernardo da Silva fez, igualmente; publicou “A grande surra que levou Cordeiro Manso, de João Athayde, por desafiá-lo”, 16 p. E outra: Peleja de João Athayde com Raimundo Pelado, 16 p.

Força é lembrar que a prática foi realizada por Athayde, não por Leandro. Ver, por exemplo ALMEIDA & ALVES SOBRINHO (1978).

Dada a distância temporal que nos separa do poeta, o nome Cordeiro Manso na atualidade é quase desconhecido pelos alagoanos, mesmo os quebrangulenses, conterrâneos seu, não tiveram o prazer de sentir a sua poesia brejeira em toda a maturidade, pois é necessário considerar que ainda hoje, aquele tipo de poesia é por demais esquecida propositadamente, pela maioria das pessoas que a consideram “coisa vulgar” e reles; segundo, porque lutando pela subsistência sua e dos seus, teve que se afastar para a cidade de Viçosa (AL) e depois para a capital alagoana. Dalí seguindo para várias partes do Brasil, assim como ao Sudeste e ao Sul; depois vindo para a capital alagoana onde teve o fim dos seus dias.

Alguns quebrangulenses dos mais antigos, ficam satisfeitiíssimos quando falamos nas potencialidades literárias do escritor popular e dão as suas opiniões, as mais eloquentes, que procuramos condensar nesta

pequena biografia.

Pacífico Pacato Cordeiro Manso era o nome pelo qual todos os conheciam, nasceu na fazenda Pimenteira, perto da Fazenda Boa Vista, no município de Quebrangulo, no dia 17 de junho de 1865, sendo filho de José Alves da Silva, pernambucano de nascimento e de Dona Josefa Marcolina Cordeiro Manso, também daquele estado.

A criança recém-nascida, foi levada a povoação da Passagem, lugarejo pertencente ao município de Quebrangulo, e aí recebeu o nome de Pacífico da Silva. Sua vida pretérita é por demais desconhecida, sabemos apenas que passou a infância e mocidade em sua terra, e fora carreiro dos agropecuaristas da família Holanda, segundo informa a fotógrafa e artista plástica Lourdes Holanda.

Diferente das pessoas de sua terra, Cordeiro possuía aspectos físicos muito interessantes pois era de estatura alta, magro, alvo; nunca estava calado, sempre estava procurando entabolar conversações para oferecer seus livrinhos, que saía a vender montado à cavalo pelos sítios e fazendas afora.

Pacífico da Silva teve seu nome modificado para Pacífico Pacato Cordeiro Manso, porque sendo ele de prenome Pacífico, e sua mãe de sobrenome Cordeiro Manso, deveria ser complementado por um adjetivo que traduzisse paz, daí a sugestão de Pacato, que completaria a mansidão; a mudança de sobrenome foi feita por sugestão de Natalício Cambolim, um dos políticos de Quebrangulo, muito valorizado em toda as Alagoas e pelo Nordeste do Brasil, ao ponto de ter sido Embaixador do Brasil na

Espanha, na época do governo Euclides Malta.

Pacífico era semianalfabeto e quando fazia seus versos, levava para serem corrigidos pelo professor quebrangulense Pedro Leandro, depois de revisado o texto, mandava imprimir e saía a vender de porta em porta. Em cada recanto que chegava, apeava-se do cavalo e “proseava” à vontade.

Cordeiro tinha consciência de ser um bom poeta, ou pelo menos um dos melhores do Estado de Alagoas, o que demonstra o fato é o poema “Ponto Final”, no qual diz:

“Sou o menor dos poetas
Mas digo por onde passo,
Bem quisera muita gente
Fazer versos como eu faço”

Graciliano Ramos em seu livro *Infância*, no capítulo *Mudança* comentando a viagem de sua família de Buique (PE) para Viçosa (AL), diz: “Descansamos uma tarde, em casa do poeta popular Cordeiro Manso. Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”. Por informação oral, sabemos que antigamente para ir de Quebrangulo a Viçosa, teria ou poder-se-ia passar pela Fazenda Pimenteira, pois não existiam estradas como nos dias atuais, os viajores faziam os seus próprios caminhos.

Como fazem quase todos os rapazes do interior, o poeta gostava de troçar com velhos e doentes mentais, assim é que em uma *Semana San-*

ta, juntou-se a uma turma de rapazes para serrar o velho Gila (Jerônimo de Moura Cavalcante). Esse costume de “serrar velho” em Semana Santa era tradicional nas cidades do interior e, consistia em trocar com velhos, fazendo-se um inventário de seus pertences, chorar ou fazer que chora; o costume sempre traz confusões dos diabos.

O velho Gila era esposo de uma fateira chamada Biluca e, por ocasião do Serra Velho, a velha entrava no inventário. Cordeiro versejou:

“Em todas as minhas agonias
Não me esquecerei Gila
Deixo dependurado
Dois ovos na mochila”.

Não é preciso dizer que os rapazes tomaram conta dos versos e repetiam sempre tal refrão. O velho ficou tão bravo que quis matar o autor dos versos, onde se encontrava Gila, estava praguejando contra o malfeitor.

Talvez Testamento de Judas, que acima transcrevemos uns versos, tenha sido o primeiro poema da lavra do poeta.

Em 1890, casou-se civilmente, em Quebrangulo, com Idalina Ethelinda Cordeiro Manso, Dona Sinhá, como ele chamava, enviuvando em 11 de fevereiro de 1911, quando residia na cidade de Viçosa.

Naquela cidade morou “talvez uns quatorze meses” contraiu dívidas sem ter como saldar; no seu folheto Despedida de Viçosa, diz:

“A quem devo dinheiro
Faça favor desculpar.
Não posso satisfazer
Morando neste lugar...”

Também em Viçosa, perdeu sua esposa “idolatrada”, e do acontecimento faz referência:

“Adeus sublime Viçosa,
Venho pedir-te agora e já
Zelar no teu cemitério,
Os restantes de Sinhá.
Que em mil novecentos e onze
Perdi meu rico maná”

Sobre a morte de Dona Idalina, notícia A Tribuna, jornal de Maceió, o fato ocorrido verdadeiramente em 11 de fevereiro de 1911.

Viúvo, resolveu deixar a Princesa das Matas, trazendo seus quatro filhos: uma moça e três rapazes para Maceió, onde passou a residir. Morou na rua do Alecrim (Barão de Maceió) e também no bairro do Farol, isto diz em poesia:

“Vou morar em Maceió
Na rua do Alecrim
As ordens dos meus amigos
Como quem dá um festim”.

Chegando a Maceió, pediu emprego a Euclides Malta, que era o governador do Estado, e pessoa que ele já havia elogiado muito em suas poesias que mandava de Viçosa para ser publicada em A Tribuna; chefe do governo disse: “Os Tenórios são tão ricos, poderiam te ajudar”, o poeta respondeu em versos:

“Tenório tem mais de cem
Tudo de boca aberta,
Esperando que nela acerte
Tudo que vai e vem.
A fome está tirana
De Quebrangulo a Dois Braços
Que um adiante chupa cana
E outro chupa bagaço”.

Por questão de sobrevivência o oportunismo tomava conta de sua obra. Elogio vai, elogio vem, ele sempre conseguindo “se safar”, escrevia um poema elogiando a alguém “de posição” e depois arranjava um jeito de ir cobrar o elogio.

Em 1912, aderiu com armas e bagagem a chamada de Soberania Popular e aos democratas, chefiados por Fernandes Lima, querendo derubar a oligarquia Maltina e a conseqüente ascensão de Clodoaldo da Fonseca. Em outras ocasiões, havia elogiado Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Lima Cavalcante e outras figuras.

Em Maceió, foi empregado no Asilo Leopoldina, pelo governador

Clodoaldo da Fonseca, que o transferiu, depois, para o serviço de Saúde Pública. Do governo de Clodoaldo, diz:

“Do bom governo
Clodoaldo Recebi favores mil
Um médico aconselhou-me
Outro clima mais gentil
Visitei outros Estados
Do belo sul do Brasil”.

Cordeiro Manso, que enviudara em Viçosa, em Maceió, celebra o segundo enlace matrimonial, só que desta vez, a infelicidade bateu à sua porta. A noiva era doente das faculdades mentais e na noite do casamento, a esposa abandonou o lar e nunca mais se juntou; em uma das suas poesias comenta:

“Sarna, sarampo, sezão
Dor de cabeça e dor de dente,
Uma febre intermitente
E um panarício na mão.
Um tumor no coração

E uma espinha no nariz
Todo corpo em cicatriz
Dar-se aos tormentos do cristão
Pior que tudo isto
É um casamento infeliz”.

De Maceió segue para Penedo onde passa uns tempos. Naquela cidade existia um jornal chamado O Apóstolo. Cujo diretor era Cônego Lobo, padre austero e sisudo. No jornal, Cordeiro escreveu vários poemas, porém a composição de sua lavra que deu muito o que falar, foi: “Noé, barca e dilúvio, soneto céptico que deu lugar a uma discussão tremenda do Cordeiro com o Lobo!

“Creio (para fazer favor) que existiu Noé
Que fizesse a barca? Pode ser, vá lá.
Que houvesse o dilúvio? Tudo isto vá,
E que a barca nadasse na cruel maré...

Que é mentira eu vos digo já
É que Noé andasse pelos países a pé,
Prendendo casais de tigres e jacaré
Toda casta de bicho, fosse boa ou má...”

O vigário conservador, constatando este desacato à religião católica, ficou com ódio, ao ponto de não só revidar a poesia, mas tomar satisfação pessoal com o autor do feito.

Em outubro de 1917, foi atacado de congestão e a conselho médico, deixou Maceió e foi ao Sudeste e Sul do Brasil, estando no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, precisamente a 22 de janeiro, perdia a mãe que faleceu em Maceió. A genitora contava 84 anos de idade, como seu pai havia falecido em 1886, a família ficava redu-

zida a Cordeiro e seus quatro filhos.

Em novembro de 1927, depois de dez anos de ausência de Alagoas, faz seu regresso, mais velho e mais doente, com sessenta e cinco anos, e escreve o Meu último livro que mandou imprimir, vendendo depois a amigos e benfeitores em troca de auxílio.

E de fato, estava o poeta muito necessitado, mas ainda forte e resistente, ao ponto de sair viajando pelos municípios alagoanos, vendendo o seu Último Livro, que de fato, não seria sua última produção!

Estando em Penedo (AL), em junho de 1928, viajou a 10 de julho, a Propriá e disse o jornal A Semana, de Penedo, em 13 de junho de 1928, nos dá conta, desejando ao “distinto colaborador Boa Viagem”.

Em 1º de julho de 1928:2, afirma A Semana: “Em dias da semana passada seguiu de Penedo, rio acima (...) o poeta Cordeiro. Seu itinerário é ir direto a Pedra (Delmiro Gouveia atual), voltando, visitando Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, São Braz, regressando a Penedo.

Já em 8 de julho de 1928: 2, diz A Semana “De Propriá regressou a Penedo onde vem residir em nosso meio...”

Continuando a propaganda de seu livro, segue, de Penedo, segundo A Semana Penedo, 5 set.1928: 2, - com destino a Propriá e dali, por via férrea, visitará cidades sergipanas indo até Aracaju.

Somente nos inícios de dezembro, volta “o velho Xexéu alagoano”, da cidade de São Miguel. Chega muito satisfeito pela grande acolhida dos patrícios miguelenses. A Semana, Penedo, 5 dez.1928: 2.

Sua neta, Gerôncia da Silva Corrêa, em carta datada de Brasília.

28 de novembro de 1977, comentando sobre o seu avô materno, o poeta Cordeiro, informa que o mesmo teve apenas quatro filhos, sendo uma filha, a sua mãe e três filhos que residem no Rio de Janeiro, e por sua vez, tiveram 17 netos.

Gerôncia acredita que o tempo de afastamento da terra não foi tão somente por questão de doença, mas por não ter gostado do casamento da filha, sua mãe.

No Rio de Janeiro, passou vários anos hospedado em casa dos filhos e viajando pelo sul do Brasil e por Minas Gerais.

A filha dele, que Gerôncia omitiu o seu nome, teve cinco filhos, residiu muito tempo em Maceió, e depois da morte do esposo, João Pereira da Silva, foi residir no Rio de Janeiro. Em 25 de agosto de 1977, estando residindo em Brasília, falecia, deixando Gerôncia muito desolada!

Os folhetos do poeta de Quebrangulo, são pura literatura de cordel, foi vendido na Feira do Passarinho, de Maceió, e no interior do Estado. A Feira do Passarinho naquela época funcionava na Praça João Capistrano, nos fundos do Mercado Municipal, onde se encontra edificada a atual Secretaria da Educação, ali existia uma série de tamarindos frondosos, embaixo dos quais ficavam os vendedores de folheto a propagar, cantando os versos dos poetas anônimos, que eram impressos em papel do tipo jornal.

Ao adoecer, Cordeiro passa a fazer ataques à religião católica que abandonara e faz grandes campanhas em prol do espiritismo, que passara a frequentar no Centro Discípulos de Jesus, à Rua Dias Cabral, 176, em

Maceió, onde foi medicado por um clínico do espaço, por intermédio de conhecida médium de nome Algemira Leite. Trata-se também com o espírito de um médico pernambucano, o Dr. Tranquilino Leite, falecido em 1922, que receitou Peitoral de Cambará medicamento que tomou seis vidros, conforme a prescrição; o resultado foi a cura milagrosa! Ele diz do espiritismo e da sanidade:

“Aos esmoleres fiz distribuição
Seguindo os conselhos de D. Algemira
Asma já não tenho, nem a congestão.
Salve o espiritismo, que não tem mentiras
Agradeço o curativo ao poder de Deus.
A Eurípedes Tenório, alma conselheira”

Cordeiro continua sua “evangelização” nos livros, atacando cada vez mais a religião católica e o protestantismo, e vez por outra, tratava de outros assuntos, como aderiu ao Cordão Verde-Amarelo, do “Por-que-me - Ufanismo” chefiado pelo Conde Afonso Celso. Escreve o soneto Brasil, de exaltação à pátria, soneto que é uma afirmação de fé num Brasil grandioso e que trará sempre aos seus filhos um futuro promissor.

Doente e sem ter como conseguir dinheiro para o sustento seu e de seus familiares, como fizera antes, Cordeiro agradece através do “Manifesto de gratidão” - (Jornal de Alagoas, Maceió, 24 maio 1914: 3) - agradece a todos aqueles que ajudaram monetariamente: ou, como ele mesmo se expressa:

“Apesar de ainda acamado, venho pelas colunas do Jornal de Alagoas dar ao bom povo alagoano (meus patrícios) algumas notícias a meu respeito.

Fará um ano que ando doente e um prático examinou-me, aconselhando-me a ir beber o ar do sertão como lenitivo a minha salvação, dizendo que meu mal se não fosse à tuberculose, seria uma bronquite aguda.

Dispunha-me a seguir viagem, quando agravou-se o meu mal a ponto de prostrar-me ao leito de dores durante 30 dias, passando quase que esse tempo, virando-me pelas mãos dos outros e sem sentidos. É quando, por minha felicidade, os jornais da capital noticiaram o meu estado melindroso.

Com a notícia, o Exmo. Sr. Governador mandou um médico especial examinar-me no meu leito, pondo a farmácia do Estado a minha disposição. O distinto médico, Exmo. Sr. Dr. Maciel Pinheiro examinou-me com toda a delicadeza e esmero, chegando a evidenciar-me ser meu incômodo grave; mas, nada de bronquite e tuberculose como se dizia.

Entrei em uso de remédios e já vou obtendo melhoras, embora que muito abatido e fraco, vou começando a sentir o cheiro da convalescença. Tendo na qualidade de pequeno poeta alagoano, cantor da pátria e da mulher, apelando para os sentimentos nobres dos seus patrícios, pedindo-lhes um auxílio peculiar, para ânimo meu e de numeroso grupo de moças que o céu confiou de mim.

“Acho-me muito doente
Gemendo em cima da cama,
A vida murchando a rama,
O corpo, todo dormente;
O peito ardendo quente
Qual Silva Jardim de então
De braços com o vulcão;
Sem ouvir quanto tinir,
É tempo de me acudir
Quem tiver bom coração.
Maceió, 23 maio de 1914
O poeta Cordeiro
Manso Rua Vieira Perdigão, N.º. 6”

A bibliografia do poeta era bastante numerosa, mas os folhetos não foram preservados, infelizmente. A Tribuna ofereceu um livro cujo título era Suspiros, o autor vende seus exemplares por qualquer donativo, diz o jornal.

Além de publicar folhetos, escreveu para A Tribuna, jornal do partido do governo, e em O Combatente, jornal de oposição, que circulou em Maceió entre 1914 e 1915.

Publicou um livro de título Poesias agrestes ao correr da pena, era encadernado e foi vendido muito caro, por cinco mil réis aproximadamente. A revista O Malho, do Rio de Janeiro, revista séria, publicou Meu galo

não canta mais, de sua autoria.

Por informação do poeta popular e cordelista José Martins dos Santos, que aliás, foi quem comprou os livros e materiais impressos e inéditos de Cordeiro Manso a sua segunda mulher. O informante lembra do nome de três folhetos que encontrou no espólio: Casamento e Mortalha ou Afonso Durval, O caminho de minha casa, neste o poeta faz comentários para os futuros visitantes que desejem ir até a sua residência, se for com boa vontade e coração limpo, nada acontece, mas se for com má intenção, má vontade terá uma série de empecilho a atrapalhar o mesmo; o terceiro folheto é O forte alagoano do qual Martins nada lembra de seu teor.

Temos notícia, por carta enviada ao mestre Théo Brandão pelo estudioso Moacir Palmeira que pertence aos arquivos da Biblioteca Nacional, na secção Periódicos e Folhetos, livrinhos de Cordeiro Manso que são Seca no Ceará; Desafios; Versos.

No folheto Tiroteio de Maceió, o poeta anuncia um livro com o título Revoltas.

Nas páginas do Jornal de Alagoas, Maceió, 26 abr.1912: 1, encontramos a notícia: “Pelo gazeteiro Cícero Nascimento foi ontem oferecido um exemplar da Revolta de Maceió, interessante versalhada do popular vate Pacífico Pacato Cordeiro Manso”.

Outro folheto anunciado em outro poema: As vítimas do amor, encontrado no poema Ao Joãozinho. Poesia que obteve grande sucesso e enorme repercussão foi Plantei cravos, nasceu (sic) rosas, um poema

quase parnasiano. Segundo uma conterrânea de Cordeiro, as moças de Quebrangulo ao ouvir o poeta declamar, ficavam extasiadas!

A Sociedade Providência Alagoana, entidade da qual pertenceu desde 1915, registra a morte do poeta a 9 de maio de 1931. Sobre seu passamento somente o jornal A Notícia, de Maceió registrou:

“Cordeiro Manso, faleceu nesta cidade, depois de uma vida laboriosa e cheia de privações... teve o fim que em regra geral, tem todos os poetas, viveu do verso e para o verso, e morreu sonhando com os versos...”

Antes de morrer, despede-se em poesia de todo o Estado de Alagoas, não esquecendo nenhum dos trinta e cinco municípios, afora povoações vilas que lhe deram guarida. Despede-se dos bacharéis, médicos, jornais, dos centros espíritas, até do prédio em construção para auxílio dos desamparados.

“Adeus Estado de Alagoas
Quebrangulo, onde nasci
Na fazenda Pimenteira
Eu vi a luz nos sorrir.
Adeus mundo, adeus poesia
Nada mais quero de ti.

Adeus cruel Piassabussu
Terra de mulher bonita
O lar de Maria Vilela

Nasceu para fazer fita...
Que todos sejam felizes
Assim seja, Deus permita”

Em comentário sobre Cordeiro Manso, no livro *Viventes das Alagoas*, no capítulo *Dr. Pelado*, Graciliano comenta que o poeta “redigia com dificuldades umas coisinhas meio certas e horríveis, publicadas em folhetos magros que Raimundo Pelado (cantador de Viçosa), xingava em excesso, pois desdenhava da letra de forma e confiava na memória dos homens”. Assevera, no entanto, o romancista conterrâneo, que Cordeiro era “quase parnasiano”.

Os estudiosos que procurem compreender o valor daquele que entregou sua vida a encantar a todos com os “versinhos”, e fez dessa profissão vocação confessa.

Para nós, resta o consolo de saber que muitos que o compreenderam e admiram, reconhecem que é necessário o colocar na verdadeira antologia de poetas alagoanos.

CORDEIRO É TROVADOR, POETA POPULAR E NÃO VIOLEIRO!

PÁGINA DE SAUDADE

10

Quem de nós não teve a infelicidade de ter um ente querido ceifado pela cruel morte?

Quem de nós não passou momentos apertados, tresloucados, por sentir a angústia causada pela saída de um parente e pensou a dura realidade de nunca mais poder ver, conversar, conviver?

Quem de nós não pensou que seria melhor a nossa morte, no lugar da morte daquele que tanto bem nos fez?

Quem de nós não pediu a Deus para adiar a partida de alguém que prezamos, e suplicamos com tanta força, que supúnhamos que iria acontecer o adiamento?

Sendo a morte prática que atinge a todos, sem distinção de classe, cor, sexo; verdade inexorável, mas que vem com a certeza absoluta de a todos atingir; o que fazer para minorar o pesar?

Triste, muito triste é estar em uma cidade pequena e muito calma, como Quebrangulo, e de repente ouvir o sino da matriz a tocar os plangentes sinais de finados, lembrando a todos os habitantes que morreu um irmão, que merece ser acompanhado no enterro e sobretudo muitas rezas; para que Deus consinta de o levar para um bom lugar, o lugar dos justos, o lugar onde um dia os parentes se encontrarão para viver a vida eterna e esquecer as agruras passadas na vida terrena.

A página de saudade que aqui estampamos, tem a finalidade de lembrar dos nossos e de outros que, dada a amizade, a admiração, o bem querer, sentimos muito sua ida, ao fazer a grande viagem. Quantos mereceriam estar aqui? Afinal, não se trata de obra seletiva; a seleção é o bem

querer, o amor, o respeito, a admiração que nutríamos por alguém, que escolhido por Deus, partiu antes de nós.

O grande problema é que gostaríamos de fazer o registro do pesar, acompanhado de algo sólido e esclarecedor, algum feito, alguma obra de importância praticada em vida, que beneficiou a alguém, ou a comunidade, e por força desse benefício a comunidade nunca esqueceu nem irá esquecer, apesar de sempre dizermos que a memória do brasileiro é sempre falha, mas por força das ações praticadas por algumas pessoas, a prática foi sendo transmitida a uma pessoa ou outra, que sem querer modificar os acontecimentos.

Fechar os olhos, tentar reviver. Sonhar, tendo algo de concreto a relembrar é essa a finalidade desta página, que sem querer, será sempre lacunosa por falta da memória comunitária que infelizmente é fato.

Sonhemos, pois...

Lourenço Lima

Lourenço de Barros Lima, branco, magro, de estatura mediana, cortês, comerciante, trabalhando com gêneros de secos e molhados. É filho de Tertuliano Coelho de Barros Lima, nascido em Quebrangulo, no ano de 1861, e falecido no dia 20 de novembro de 1935. Sua mãe, Dona Francisca de Barros Lima, chamada pelos filhos de Mãe Chiquinha, nascida em Quebrangulo, no ano de 1849, e falecida na mesma cidade, em 4 de abril de 1935.

Nasceu Lourenço, em 8 de janeiro de 1884, e faleceu em 26 de maio de 1968. Tinha como irmãos: Pedro Lima, Paulo Lima, José Maria, Antonio e Manuelzinho, alto “que só um coqueiro”, na feliz expressão do cronista Amaro da Rocha Guedes, no livro *Águas de Paraíba*. Era chamado popularmente Lourenço Terto, devido ao prenome do pai. Casou-se com Dona Dalva de Passos Lima, com quem tivera os seguintes filhos:

Geraldo Passos Lima, pecuarista de fino trato no passado tocara bombardino e clarinete. Casado com a professora e líder de classe no magistério Ana Maria Vasconcelos;

Paulo Passos Lima, comerciante e pecuarista, casado com a notável e eficiente professora Clotilde de Barros Lima;

Inês Passos Lima, casada com o comerciante e depois pecuarista Rosival Medeiros, com quem teve oito filhos;

Raimundo Passos Lima, engenheiro civil;

Terezinha Passos Lima, funcionária pública;

Tertuliano de Passos Lima, sacerdote e grande orador sacro, nascido em 1º de maio de 1926 e falecido na cidade de Maceió (AL) em 28 de novembro de 2002. No livro: Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás! Publicamos sua obra inédita sobre a história de Quebrangulo.

Em cerca de 1994, a neta de Lourenço Lima, a arquiteta genial Rosanúbia, (filha de Geraldo e Ana Vasconcelos) montou um Minisshopping no centro de Quebrangulo, no local onde existiu a antiga casa de Comércio de Lourenço Lima. Ficou uma edificação moderna! Na cheia que devastou Quebrangulo, em 8 de junho de 2010, o shopping foi derrubado pela ação deletéria das águas; e assim a arte de Rosanúbia, infelizmente desapareceu!

Pedro Barros de Lima

Pedro Lima de estatura mediana, branco, magro, comerciante na Rua do Comércio, em Quebrangulo, com o ramo de padaria e também secos e molhados.

Filho de Tertuliano Coelho de Barros Lima, nascido em Quebrangulo no ano de 1893 e falecido em 04 de janeiro de 1966; sua genitora Francisca de Barros Lima (Mãe Chiquinha) nascida em Quebrangulo, em 1849 e falecida em 4 de abril de 1935.

Pedro Lima tinha como irmãos: José Maria, Manoel, Maria Madalena, João, Lourenço, Antônio, Paulo, Maria das Mercês, Maria José (Bila) e Maria das Graças (Cabocla).

Casou-se com Dona Maria José de Lima, do casamento nasceram os seguintes filhos:

Clotilde de Barros Lima, Professora eficiente, casada com Paulo Lima;

José de Barros Lima, foi tabelião, proprietário de terras, era o homem dos mil instrumentos.

Pedro de Barros Lima Filho, chamado popularmente de Liminha; é engenheiro civil;

Maria Berthilde de Barros Lima, médica em João Pessoa (PB);

Maria Leônia de Lima, freira das Religiosas do Santíssimo Sacramento. Nunca vimos pessoa tão terna, tão gentil.

Catharina de Sena de Barros Lima, professora.

A respeito da personalidade de Pedro Lima, sentenciou Amaro Guedes, no livro *Águas do Paraíba*: “Pedro Lima não ultrapassou nunca a barreira daquilo que sempre foi. Morreu pobre sem conseguir subir os degraus da fortuna, mas, teve forças para galgar o alto de uma grande escada que foi a glória de ser bom enquanto estava na terra. (...) O comércio para ele foi um sacerdócio. Amava o seu estabelecimento, as suas prateleiras, os seus enormes balaios de pães, que serviam, também para saciar a fome de quase todos os pedintes de Quebrangulo.

Geraldo Passos Lima

Geraldo nasceu em Quebrangulo no dia 10 de dezembro de 1927, filho de Lourenço Lima e Dona Dalva Passos Lima, e faleceu na mesma cidade em 1º de outubro de 2007.

Pecuarista de muito trabalho, muito suor e muito sucesso. Religioso, católico ao extremo, casou com a professora Ana Maria de Vasconcelos, com quem viveu durante cinquenta anos e tiveram os seguintes filhos:

Marcelo, proprietário de terras e pecuarista;

Rosanúbia, arquiteta e artista plástica;

Ana Luiza, cirurgiã dentista e professora;

Cristina Lúcia, pecuarista;

Luciane, dentista

Dalva Amélia, serventuária da Justiça.

Em um folheto, distribuído na missa de sétimo dia a esposa Ana publicou o sentido e maravilhoso texto:

“Geraldo, meu amor!

Sinto que parte de mim se foi. Oro, peço a Deus conforto, sobriedade, serenidade para reafirmar meus passos e conseguir pôr em prática seus ensinamentos; de coragem, garra e luta.

Foram 50 (cinquenta) anos de amor, de alegria, de dificuldade, mas de muitos encantos; planos que se concretizaram no decorrer de nossas vidas. Mas tudo foi rápido, a vida foi passageira!

Não posso esmorecer. Os nossos filhos, nossas joias preciosas, precisam mais do que nunca do meu apoio, do meu comando, não vou fraquejar, por você!!!

Como professora, consolo-me em saber que esta lição só será concluída, um dia, quando todos estivermos reunidos na eterna morada do pai, a qual fostes privilegiado por ter sido por Ele escolhido. 'Você sempre foi e sempre será meu eterno amor'.

Sua Naninha”.

"Querido Papai,

O céu está bem mais alegre com tua presença, os santos e os anjos estavam precisando de alguém muito especial para entusiasamá-los, intercederam a Deus, e ele procurando na terra, te encontrou.

Quebrangulo acordou sem aquela gargalhada diária, que alegrava a todos. Mas a sua pessoa jamais será esquecida... O marido insuperável, o pai protetor, o sogro amigo e sincero, o avô amável, o bisavô brincalhão, o amigo que todos queriam ter, e o seu jargão que a cada dia reafirmava e, hoje, o compreendemos e sabemos ser verdadeiro 'Vida velha passageira' (Geraldo Passos Lima).

Saudade de tua esposa, filho (as), netos(a), bisnetos, irmãos (ãs), cunhados (as), sobrinhos (as), genros, nora, familiares, parentes e amigos”.

Geraldo Passos Lima, foi homenageado pelos Quebrangulenses com o nome do Conjunto Habitacional que serviu para atender as famílias desabrigadas pela enchente de 2010.

Rosival Medeiros

Rosival, filho de Gumerindo Medeiros e Dona Ana Júlia Medeiros, nasceu em Quebrangulo, no ano de 1923, e faleceu em 22 de agosto de 2007, aos 84 anos de idade.

O comerciante e pecuarista era casado com a Sra. Inês Passos Lima, a quem chamava amorosamente de Neizinha, e ela em troca o chamava de Rose.

Do casamento nasceram os seguintes filhos: Eduardo Jorge, Fernando José, Suzana, Margareth, Silvia, Silvio, Paulo André e Marcos Vinicius.

Com exceção dos domingos, feriados e dias santos de guarda, Rosival estava o dia inteiro em sua loja de secos e molhados que funcionava no térreo do prédio de um andar, um dos únicos de Quebrangulo, situado na Praça da Independência. O comerciante, circunspecto, sério, mas amável, sempre estava disposto a receber as pessoas, mesmo aquelas que apenas queriam bater um papo, passar o tempo. Ele ouvia, participava muito bem da conversa.

Apesar de sério, sisudo, nunca ouvimos dizer que o comerciante o tratasse mal ou que falara mal de alguém. Um gentleman, um homem no sentido mais puro do termo!

Rosival Medeiros foi homenageado emprestando seu nome para denominar uma das Unidades Básicas de Saúde da cidade de Quebrangulo.

Maria José de Barros Lima

Chamada popularmente de Mazé pelos amigos mais íntimos. Maria José, que por sua ação de guarda dos preciosos documentos da história de Quebrangulo, já foi chamada, com muito entusiasmo, de Guardiã da História!

Mazé é filha de Edmundo Ramires Saldanha e de Dona Rosa Maria dos Prazeres, e foi criada como filha por sua irmã Dona Jovelina Saldanha da Cunha Lima e o seu marido, Dr. Jerônimo da Cunha Lima.

Maria José nasceu em Quebrangulo, (* 29/11/1941 + 15/12/2003). Bem moça, casa-se com José de Barros Lima, (* 31/12/1934 + 30/01/1980), filho do comerciante Pedro de Barros Lima e de Dona Maria José de Lima.

No início de sua vida conjugal, trabalhou como costureira e, aos 28 anos de idade em virtude de sua aprovação em concurso público, foi nomeada, em caráter efetivo para exercer o cargo de Tabeliã e Escrivã do Único Ofício da Comarca de Quebrangulo, exercendo com amor e dedicação durante 34 anos.

Do casamento, nasceram os filhos Alexandre César de Barros Lima (Engenheiro) e Queops Quefren de Barros Lima (Tabeliã).

Seu marido, José de Barros Lima, era homem criativo. Foi tabelião substituto, pecuarista na Fazenda Carangueja, possuiu fábrica de queijos; trabalhou amadoristicamente com encadernação de livros e com marcenaria. Destacou-se como organizador do carnaval, chegando a fazer, com

Antenor Fernandes Filho e amigos, uma escola de samba, que depois de desfilar no centro da cidade, seguia para o Clube Monte Castelo.

Maria José sempre defendeu a educação e o aperfeiçoamento como uma ferramenta de construção do indivíduo, colaborando na educação de crianças e adolescentes, chegando a exercer o cargo de presidente da Associação Pedra Talhada Reflorestamento e Educação, no período de 1998 a 2002, quando juntamente com a ambientalista Anita Studer e a Associação Nordeste, construiu um centro para crianças carentes, onde meninos eram escolarizados e seguiram formação profissional.

Tornou-se uma agente multiplicadora, dos programas de informação e educação ambiental, quando em janeiro de 1988, a Associação “Nordesta” lançou o projeto de reflorestamento denominado “Arco-Íris”. Maria José, juntamente com seus filhos Alexandre e Queops, foram os pioneiros, cedendo uma área de sua propriedade, as margens da barragem da Carangueja, para ser reflorestada. Foi uma maneira que encontrou para sensibilizar outros proprietários e os jovens da cidade para os problemas ambientais e a necessidade de preservar a Reserva da Pedra Talhada.

Encerrou suas atividades na Associação de Pedra Talhada, no ano de 2002, quando foi festejado o plantio da milionésima árvore.

UMA PRINCESINHA EM QUEBRANGULO

11

Bem mocinha, menina mesmo, ela foi designada para ensinar as primeiras letras no Grupo Escolar de Quebrangulo; embora fosse natural da cidade de Viçosa, bem perto da sua nova cidade, não a conhecia bem.

Na primeira semana de ensino, faltaram às aulas três alunos; desconfiada, disse a algumas professoras que iria em cada casa observar o que estava acontecendo. - Não vá não, você não conhece essas pessoas! - Eu vou, mesmo agora é que eu vou! E foi. Ao chegar às casas pobrezinhas, sentiu um aperto no coração, mas entrou em cada casa, perguntando se era ali que morava o aluno tal. Espantadas, as mães não sabiam o que dizer, como se comportar.

A professora insistiu e elas disseram que os filhos não foram para a aula, um deles por falta de farda, os dois outros, por não ter podido comprar o sapato. - Pois agora vão se aprontar, para sair comigo! Nós vamos comprar tudo hoje, amanhã quero vê-los na classe. Trêmulas, chorosas, as mães junto aos filhos foram seguindo a professora que, como prometera comprou tudo o que estavam precisando.

No outro dia, estavam os três alunos prontos para responder

- Presente professora! Ela feliz, olhava os garotos satisfeitos.

Passa o tempo e essa professora continuava a sua batalha pelo bom ensino, e ao saber que alguma coisa material estava ocorrendo, ela corria para ajudar. Assim quando a mãe de um dos alunos estava doente, sem poder comprar os medicamentos, ela ficava ansiosa para terminar a aula e ir lá, ver a tal mãe!

Sabendo que a professorinha agia dessa maneira, um rapaz, tam-

bém muito jovem, admirando suas ações de verdadeira assistente social, procurou chegar perto, conversar; de conversa em conversa passam a namorar e posteriormente casar; seu nome: Geraldo!

O casamento foi verdadeiramente uma união muito sólida, preñhe de felicidade duradoura e a prova disso são os filhos, verdadeiros tesouros, educados com todo o amor e o respeito do casal; respeito que era vivido dia a dia sustentado pelo sentimento católico que marcava cada passo.

Um desses filhos é um administrador que sabe como governar um município, a prova disso são as administrações para as quais fora eleito. Seu nome: Marcelo.

Uma marca do desejo incontido dessa princesa, foi a vontade firme de desejar que a terra adotiva e amada fosse dotada de uma história. A princesa tanto fez que o seu filho, mesmo com alguns problemas financeiros no município, publicou a história que é a ela verdadeiramente dedicada.

Agora essa princesinha completa noventa anos de idade! Que maravilha! A Deus rogamos que possa conceder a nossa professora, muitos e muitos anos de vida para a glória de sua família, dos seus ex-alunos, dentre os quais este que escreve, e do povo amado de Quebrangulo.

Parabéns professora Ana Vasconcelos! Deus te abençoe!

Posfácio

Prezados leitores, atendendo solicitação do autor, nosso conterrâneo José Maria Tenório Rocha, dispomo-nos a fazer neste livro, uma complementação de informações referentes ao que aconteceu em período posterior à pesquisa, com relação à reconstrução da área urbana, nas nossas administrações, depois da devastadora cheia de 2010.

Aproveitando a ocasião, relatamos também dados históricos sobre os monumentos citados, com a intenção de contribuir com o nosso pesquisador, quebrangulense que muito vem promovendo o conhecimento e valorização do nosso Município, através de suas publicações.

O RIO PARAÍBA

A ponte do trem, a mais alta, a ponte de Seu Lourenço, a intermediária e a Ponte Nova.

O inverno iniciava em meados de março para abril. O rio ia ganhando força, até ter toda sua calha cheia, na vazão máxima. Este era o grande dia. O dia em que os rapazes mais velhos demonstravam toda a sua coragem subindo no parapeito da ponte, demorava um pouco naquela posição, como a esperar que todos os espectadores pudessem assistir ao seu feito. Suavemente, deixava-se cair do parapeito e mergulhava naquele turbilhão de águas. Nós, as crianças, ficávamos todos a observar aquele ato de coragem e a torcer para que os nossos heróis pudessem

chegar a uma das margens sem dificuldade.

O mais incrível era ver aqueles que mergulhavam para poder passar pela Laje da Ponte Nova, sem ser atingido por suas vigas. Neste ponto, nós corríamos de um lado para o outro para ter a certeza que o tento fora realizado com sucesso. Os mais audaciosos pulavam da Ponte de Ferro, a mais alta, e passavam por baixo das lajes das pontes seguintes até que na altura da rua da Cachoeira alcançasse uma das margens para retornar a terra firme.

Como criança deste grupo, sempre prometi a mim mesmo que um dia ainda iria também realizar aquele feito. Pular nas águas do Paraíba, dominar as suas ondas e poder retornar à terra firme. Um dia, eu irei também ser o herói das crianças da minha cidade.

O destino não me permitiu que realizasse este feito, no entanto, me reservou uma missão toda especial, a de reconstruir a nossa cidade, destruída pela força das águas do Paraíba e Quebrangulinho, não como o herói que tanto almejei como criança, mas como cidadão que tem suas raízes plantadas nesta Terra e que nutre um amor indescritível por ela.

Marcelo Lima

20/12/2010

O MONTE CASTELO

O Monte Castelo... Era como todos nós chamávamos o nosso querido ponto de encontro. Já o conheci na sua versão moderna, projeto do arquiteto quebrangulense Jerônimo Lima.

A sua fundação se deu no Bar Central, tendo o Dr. Fernando Figueira liderado todo o processo. O jovem médico vindo do Recife, não admitia a juventude quebrangulense não ter um local para os seus encontros para as suas festas.

Na época, as festas ocorriam nas casas de algumas pessoas mais abastardas.

Conta-se que “a farra continuava noite a dentro no Bar Central, na Rua do Comércio, e a discussão acalorada, o tema era a criação de um clube na cidade”. Dr. Fernando junto com alguns amigos defendiam que era possível criar um clube social com pelo menos 30 sócios fundadores. Os mais céticos não acreditavam na possibilidade daquela ideia vir a se tornar realidade, aquele tema já havia sido discutido por várias vezes e tudo continuava como antes.

E assim, o comerciante Hercílio Laurindo provocou: “A casa da cabeça da ponte do rio Quebrangulinho, do construtor Zé Horácio, está à venda, é perfeita para um clube, basta algumas adaptações”.

Zé Horácio, que se encontrava no local, informou o valor, e todos naquele momento, olhavam para o jovem médico, com pouco mais que vinte e cinco anos de idade, aguardando uma solução.

Dr Fernando propôs: “Vamos fazer uma relação com o nome de 30

pessoas que possam fazer parte deste projeto e arcar com este valor”.

Os nomes foram surgindo, poucos estavam presentes, a maioria encontravam-se no sossego dos seus lares. Logo reiniciou a discussão, quando Antenor Fernandes falou: "São 30 pessoas, aqui temos 10 que topam a parada, os outros estão em casa. Quero ver quem vai conseguir convencer o restante deste povo a fazer esta doação."

E logo apareceu:

- Eu Antenor! Farei agora mesmo vinte bilhetes para pedir este valor como empréstimo em meu nome; vocês se encarregam de bater a porta destas pessoas com o bilhete e trazer este recurso aqui para o Bar, falou mais uma vez Dr Fernando Figueira.

Era uma época em que as pessoas guardavam suas economias em casa. No bilhete, Dr. Fernando dizia que iria precisar daquela soma imediatamente e comprometia-se em pagar o empréstimo no dia seguinte. Solicitava que por bondade o credor fosse até a sua casa para receber o dinheiro de volta. O horário combinado era às 20 horas do dia seguinte.

O plano foi executado com todo êxito. Todos os emissários voltaram com o recurso solicitado em mãos. Tudo foi depositado no cofre do Bar Central.

No dia seguinte, a sociedade quebrangulense estava reunida na casa do jovem médico.

Dr. Fernando explica a razão do pedido de empréstimo, faz a exposição do projeto e conclui: “Quebrangulo já pode ter o seu clube social, o recurso para isto já está disponível, quem concordar basta assinar a ata de fundação que está sendo preparada pelo Dr. Jerônimo, tabelião da cidade.

Para aqueles que não concordar devolveremos o dinheiro”.

Primeiro veio o silêncio, ninguém discordou, em seguida, em uma grande euforia, foi comemorado o feito. Agora era decidir o nome para o clube de Quebrangulo.

O ano era 1945, a segunda grande guerra estava em seus momentos finais. A toda hora chegava notícia pelo rádio, da atuação da Força Expedicionária Brasileira.

Naquela mesma noite, quando alguns discutiam qual o nome seria batizado o novo clube, Jefferson Maynard pede silêncio para ouvir a última notícia do front da Itália, onde as forças brasileiras lutavam bravamente há mais de três meses.

- A força expedicionária brasileira é vitoriosa na batalha de Monte Castelo, na Itália.

Todos voltaram a comemorar com a notícia da vitória do Brasil e naquela euforia batizaram o nosso querido clube com o pomposo nome de Monte Castelo, que todos nós guardamos com carinho em nossas lembranças. Os jogos de baralho e gamão para os mais velhos, os torneios de ping-pong dos mais jovens, os seus carnavais onde tiveram início muitos namoros e casamentos.

O clube foi inaugurado em 22 de abril de 1946 e prestou relevantes serviços a nossa cidade até a enchente de 2010.

*Está é uma homenagem, romanceada aos fundadores do Clube
Monte Castelo.

Marcelo Lima - 10 dez 2010

O TEATRO EM QUEBRANGULO

Em 2012, em um grande projeto de recuperação e restauração dos prédios da antiga estação ferroviária de Quebrangulo, pertencentes anteriormente a REFESA, a administração municipal adaptou o prédio central para servir como restaurante e museu, e os armazéns transformados na Biblioteca Graciliano Ramos e no Cine Teatro Victoria. Este novo espaço, com capacidade para 120 pessoas, destinado ao teatro, impulsionou a criação de grupos voltados para a arte cênica.

Em 2015, surgiram dois grupos formados basicamente por estudantes e pais de alunos; neste período esteve em atividade o grupo teatral formado por adolescentes, chamado Oficina de Ideias, organizado pelo estudante Luiz David dos Santos Lima, da Escola professora Mirta Correia Costa. A Oficina iniciou suas atividades em 2015 e encerrou em meados de 2017, com uma pequena apresentação no Dia das Mães, na referida escola, produzindo também de forma autoral as seguintes peças teatrais: Mãe e Amor, Cuidado com a Dengue, Mães dessa Terra, o Caso Araceli, A escolha 1 a escolha 2.

Neste mesmo período, 2015, iniciava seu trabalho o Grupo Teatral Shalom e Vida, criado e dirigido por Gerson Tenório de Araújo. O grupo iniciou com crianças e adolescentes do nosso município, que teve de início "O Nascimento de Jesus" como a primeira peça. Em 2016, o grupo estreou com peças autorais como "O Nordeste" e "Ninguém explica Deus" (escritas por Gerson Tenório).

Em 2017, estreia com a peça: O Santo e a Porca (obra de Ariano Suassuna), a mesma peça teatral fez sua primeira participação no Festival Estudantil de Teatro de Alagoas (FETA) organizado pela SATEAL (Sindicato dos artistas de Alagoas), com a qual o grupo se apresentou no Teatro Deodoro em Maceió e foi premiado como: Melhor peça teatral, categoria adulto, Melhor Direção, Melhor Atriz (Gilmara Rodrigues), Melhor Ator (Raul Felício), Melhor Sonoplastia (Wesley Ferreira), Melhor Figurino, Melhor Cenário, Melhor Roteiro.

Em 2018, participamos mais uma vez do FETA, com a peça "O Pequeno Príncipe" (Obra de Antoine de Saint-Exupéry), na qual ganhamos os seguintes prêmios: Melhor Espetáculo categoria infantil, Melhor Cenário, Melhor Ator revelação (Nairo Sampaio), Melhor Atriz coadjuvante (Anylara Pereira), Melhor Ator coadjuvante (Raul Felício), melhor sonoplastia (Wesley Ferreira).

Em 2019, participamos do FETA, e garantimos mais uma vez com a peça "Meu Pé de Laranja Lima (Obra de José Mauro de Vasconcelos) os seguintes prêmios: Melhor Ator (Evandro Lima), Melhor Atriz (Anylara Pereira) Melhor Iluminação, Melhor Sonoplastia, Melhor Figurino, Melhor Roteiro.

Marcelo Lima

10 de dezembro de 2021

PALÁCIO VICTORIA

O Palácio recebeu esta denominação após a sua aquisição pela administração municipal, para servir como sede do poder executivo, em 2012. Victoria era a denominação do município no início do século XX. A nova ocupação só ocorreu após a reforma do prédio, em 16 de março de 2021.

Durante a restauração foi encontrada, após a remoção de camadas de tintas, na sala principal e nos corredores, vários afrescos do artista plástico quebrangulense, H. Wanderley datado de 1927.

O Palácio foi construído em 1923, por ordem do Coronel Felino Tenório de Albuquerque e de sua esposa Josefa Tenório de Albuquerque. O construtor responsável pela edificação foi o José Horácio, responsável também pelo prédio da Prefeitura, em 1922, pelo Banco Agrícola de Quebrangulo, (atual Secretaria de Agricultura do Município) pelo monumento a Pedro I e tantas outras obras importantes de nossa cidade.

Em 28 de agosto de 1940, Paulo Jacinto Tenório Netto e sua mulher Iracema Tenório de Albuquerque recebe por herança o Palácio. Anos depois é vendido para o Cel Lourenço Tenório de Cerqueira Cavalcante (Cel. Lourencinho) e sua mulher Eulina Tenório de Albuquerque em 5 de Julho de 1948.

Em 3 de Janeiro de 1955 é vendido para o agropecuarista Luiz de Barros Silva e sua esposa Iracema Borges Barros.

Após as enchentes de 2010, na nossa administração municipal,

são adquiridos 100 hectares da propriedade Bento de Barros para a construção de conjuntos residenciais que viessem atender aos desabrigados, vítimas da grande cheia. A sede da fazenda, o chamado Palácio, entrou na negociação, em 2012.

Somente em 16 de março de 2021, após ser restaurado, o Palácio Victoria passa a ser a sede do Poder Executivo, quando retornamos ao comando do município, novamente como prefeito.

Marcelo Lima

10 de dezembro de 2021

DOCUMENTÁRIO
FOTOGRAFICO



Da esq. p/a Dra. Dona Nazinha, Roberval Fernandes, Marina Machado (sua esposa), IVL Maria Tenório Castro, Arlinda Fernandes, Joanita Leão, Antenor Fernandes



Da esq. p/ a dir. Arlindo, Dona Cícera Tenório de Albuquerque, Cícero Fernandes, Maria Tenório Castro, Antenor. Fernandes, Pedro Fernandes de Albuquerque,]Dona Nazinha Fernandes.



Ana Maria Vasconcelos Lima e Geraldo Lima



Rosival, Medeiros e sua esposa Inês Passos Lima



Natalício Medeiros, espírita kardecista e um dos grandes benfeitores da comunidade de Quebrangulo.



Josefa Ramires Saldanha



Jovelina Saldanha da Cunha Lima



João Gomes de França e Quitéria Tenório de França



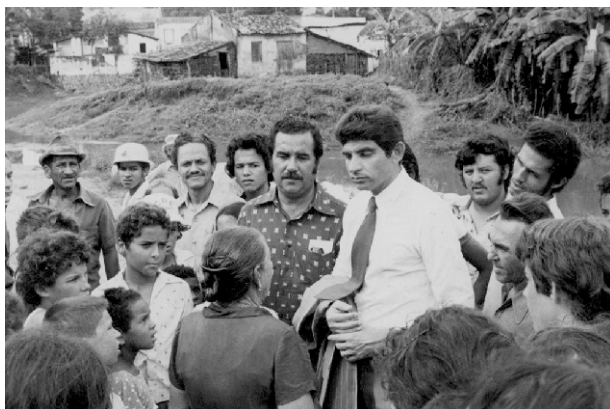
Dr. Frederico Maia e esposa



Lourenço de Barros Lima e sua esposa Dalva Passos Lima



Coronel Sebastião Teixeira esposa Felina Laurindo Teixeira e filhos - Fazenda Bonito



Visita do governador Divaldo Suruagy, recebido pelo prefeito José Aloísio de Góis, vereador Prof Antônio de Oliveira e comerciante Geraldo Passos Lima



Pedro de Barros e sua esposa Maria José de Lima



Maria José de Barros Lima e seu esposo José de Barros Lima



Paço Municipal (1922)



Praça da Independência (1923)



Rua do Comércio (1922)



Rua João Pessoa e Igreja Matriz (1938)



Prédio da Indústria Algodoeira Sombra, atual Secretaria de Educação (1940)



Trecho da praça Cícero de Góis Monteiro - vendo- se a estação Great Western



Vista parcial de Quebrangulo (1925)



Igreja Nossa Senhora do Rosário



Marcelo Lima e sua esposa Andrea Maia



Visita do governador Teotônio Vilela e senador Benedito de Lira durante a tragédia das enchentes de 2010

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO REBELO PEREIRA TORRES

ÁLBUM do Centenário de (Viçosa) 13 out. 1831-13 out 1931.

Viçosa Tipografia Viçosense (1931)

Relação completa dos membros dos dois primeiros Conselhos Gerais da Província das Alagoas(...) **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas**, vol.2, 1927, pp. 80-124.

SÁ, Eloi Brandão. **Velhos Caminhos de Viçosa**. Maceió: Departamentos de Assuntos Culturais / Secretaria de Educação e Cultura, 1976

TENÓRIO CAVALCANTI

CAVALCANTI, Sandra **Tenório.Tenório, meu pai**. São Paulo: Global Editora, 1986.

CAVALCANTI, Tenório. **Memórias de Tenório Cavalcanti, segundo narrativa de Arlindo Silva**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954.

FORTES, Do Carmo Cavalcanti. **Tenório, o homem e o mito**. 2º ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

REZENDE, Sérgio. **O homem da capa preta**. Vídeo VHS Bra 1986.

-----**Guia de Vídeo e DVD 2001**. São Paulo Nova Cultural, 2001:335.

-----**DVD Videolar**. Paramount Pictures, São Paulo, 2005.

ROCHA, José Maria Tenório. **Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás!**. Quebrangulo: Prefeitura Municipal de Quebrangulo, 1986.

MANUEL FIEL FILHO - UM DOS MÁRTIRES DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Brasil nunca mais. 6ª. ed. Petrópolis:Vozes, 1985, pp.92-93.

COUTO, Ronaldo Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil 1969-1985.Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

DA. TEREZA chora e recorda sua esperança na justiça. Recorte s.d.; s.ind.

ESTRANGULADO, operário teve morte no Dói.Recorte s.d; s.ind.

JUIZ CULPA União no caso Fiel Filho.Recorte s.d.; s.ind.

JUIZ FEDERAL sentencia que o governo indeniza a família de Manuel Fiel Filho(...)Recorte s.d; s.ind.

LUPPI. Carlos Alberto. Juiz condena União no caso de Fiel Filho. Recorte s.d.; s.ind.

TEREZA FIEL GANHOU.Esperou 21 anos.Jornal do Comércio,- Recife, 15 jun.1997.

TEREZA E CLARICE.A indenização da viúva Fiel Filho e a história da primeira sentença do caso Herzog. Isto é. n.1446, São Paulo, 18 jan.1997:14.

CD. VERSOS, Vialejos e Quebranguladas. Recife: Gravadora Estúdio Batuka, 2005.

ENTREVISTA A Tereza de Lourdes Martins Fiel e Márcia Fiel. 5 p. dat.; s.d.; s.ind.

LUIZ TENÓRIO CAVALCANTE

BRANDÃO, Théo. Posfácio a CAMPINA, Júlio. **Subsídio ao folclore brasileiro. Anedotas sobre caboclos e portugueses: lendas, contos e canções populares**, etc. Maceió, Museu Théo Brandão, UFAL, 1977, pp. 83-88.

Rocha, José Maria Tenório. **Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás**. Quebrangulo, Prefeitura Municipal de Quebrangulo, 1996.

**CANTOR KARA VÉIA E SUAS RAÍZES EM QUEBRANGULO:
QUANDO A ARTE SE TRANSMUDA EM TRAGÉDIA**

Festa de ritmo quente. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 15 fev. 2003. Cad.B:1.

Karavéia cometeu suicídio, diz a polícia. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 30 mar. 2004:1.

Polícia confirma que cantor Kara Véia praticou suicídio. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 30 mar. 2004. Cad.B: 10.

MESTRE GRACILIANO: DE QUEBRANGULO PARA O MUNDO!

CASTRO, Dácio Antonio de. **Roteiro de leitura: Vidas Secas de Graciliano**. São Paulo: Ática, 1997.

FARIA, Octávio de. Graciliano Ramos e o sentido do humano. Posfácio, In: **Infância**. Rio de Janeiro: 12ª ed, Record, 1977, pp. 255-269.

FOLGAÇA. Zaqueu. O ano de Graciliano Ramos. **Almanaque Sara-**

iva, jul. 2013, pp.20-21.

MELO, Luis Gustavo. Graça antes do mito. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 28 out. 2012, Cad.B:6.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça- uma biografia**. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas. Quadros e costumes do Nordeste**. Rio de Janeiro: 6ª ed. Record/ Martins, 1976

-----**Vidas Secas**. Rio de Janeiro: 37ª ed, Record, 1977.

-----**Infância**. Rio de Janeiro: 12ª ed, Record, 1977.

RAMOS, Marilí. **Graciliano Ramos**. Maceió: Edição da autora, 1979.

RAMOS, Elizabeth. TORRALBO, Edwin. (Org.) **Caetés 80 anos. Edição Comemorativa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

SANT ´ANA, Moacir Medeiros de. **Graciliano Ramos (Cronologia de Graciliano Ramos)**. Maceió: Governo do Estado, 1972. S,n,t., s.d. 4 p.(1972?)

----**Graciliano Ramos, achegas bibliográficas**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas- SENECA, 1973.

----**Graciliano Ramos: Vida e obra**. Maceió: Secretaria da Comunicação Social, 1992.

----**A face oculta de Graciliano Ramos. Os oitenta anos de um inquérito literário**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1992.

SILVEIRA, Paulo de Castro. **Graciliano Ramos: nascimento, vida, glória e morte**. Maceió: Fundação Teatro Deodoro, 1982.

VIANA, Vivina de Assis. **Graciliano Ramos, Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

PRAZER EM CONHECER: PACÍFICO PACATO CORDEIRO MANSO.

(1) PONTES, Antonio Barroso. *Cangaceirismo do Nordeste*. 3a ed. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1973.

(2) VALENTE, Waldemar. João Martins de Athayde. *Revista Pernambucana de Folclore*. Recife, ago.1976.

(3) Pacífico Pacato Cordeiro Manso, o poeta repentista de Quebrangulo. *Tribuna do sertão, Palmeira dos Índios*, 25 a 31 ago.1997:16.

(4) PELADO, Raimundo. *Aconselhando*. In: ROCHA, José Maria Tenório. *Cordeiro Manso, grande poeta menor*. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais/ SENEAC, 1975.

(4.1) Idem, idem.

(4.2) RAMOS, Graciliano. *Dr. Pelado* In: *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro, Record, 1977.

(5) *Informação de Gabriel de Azevedo, poeta popular*. Fazenda Inhamuns, União dos Palmares (AL) dez. 1972.

(6) *Informação de Manoel Firmino de Vasconcelos. Proprietário de terras, Viçosa (AL)*. out. 1975.

(7) *Informação de Luiz Cordeiro, poeta*. Maceió, jan. 1976.

(8) *Doação de poema escrito pelo poeta Cordeiro Manso a Marilí*

Ramos; a escritora nos ofertou a poesia. Paulo Jacinto, nov.1974.

(9) Informação de Pajeu, poeta popular. Fazenda Coruripe, Palmeira dos Índios, dez. 1975.

(10) MANSO, Cordeiro. Poema “O Dia”, In: O Dia, Maceió 21 abr.1915: 3.

(11) Informação de Mário Veiga, Proprietário de terras; Paulo Jacinto (AL.), nov. 1974.

(12) MANSO, Cordeiro. Política. IN: O Dia, Maceió, 12 mar. 1915.

(13) Informação do estudante universitário Homero Cavalcante. Maceió, 1975.

(14) Informação de João de Oliveira Lima, poeta e agricultor, Arapiraca, dez. 1975. Anexo:



Theotônio Vilela Brandão - Autor do Brasão e Bandeira de Quebrangulo